DIÁRIO DA REPÚBLICA

2.ª série
N.º 160
19-08-2026

CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

Património Cultural, IP

Anúncio n.º 202/2026

Sumário: Consulta pública para efeitos de inscrição da «Feira da Golegã» no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

Consulta Pública para efeitos de inscrição da «Feira da Golegã» no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

No cumprimento do estabelecido no Artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto, o Património Cultural, Instituto Público, vem por este meio divulgar o início do processo de consulta pública sobre o projeto de decisão de inscrição da «Feira da Golegã» no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

Nos termos do n.º 2 do Artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto, a presente consulta pública terá a duração de 30 dias.

Os elementos constantes do processo de inventariação da «Feira da Golegã» encontram-se disponíveis para consulta na página eletrónica do Património Cultural, I. P. http://www.patrimoniocultural.gov.pt [Salvaguarda/Consultar/Consultas Públicas/2026].

Os interessados em consultar presencialmente o processo «Feira da Golegã», poderão fazê-lo no arquivo da Divisão de Cadastro, Inventário e Classificação, na seguinte morada: Palácio Nacional da Ajuda, Largo da Ajuda (Ala Norte), 1349-021 Lisboa.

As observações em sede da presente consulta pública poderão ser enviadas para o email: inpci@patrimoniocultural.gov.pt. Podem igualmente, em alternativa, ser endereçadas, em correio registado, ao Património Cultural, I. P., para o seguinte endereço: Divisão de Cadastro, Inventário e Classificação. Palácio Nacional da Ajuda (Ala Norte), 1349-021 Lisboa.

Nos termos do disposto no n.º 1 do Artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de junho, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto, o Património Cultural, I. P., decide sobre o pedido de inventariação da «Feira da Golegã» no prazo de 120 dias após a conclusão do período da presente consulta pública.

13 de agosto de 2026. — O Presidente do Conselho Diretivo, João Soalheiro.

320033223

Pedido de Inventariação

Feira da Golegã

Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

(de acordo com a portaria nº196/2010, de 9 de abril e o Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto)

ANEXO I

I. Identificação……..…2

II. Documentação……..49

III. Direitos associados……..53

IV. Património associado……53

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos

2. Categoria: Festividades cíclicas

3. Denominação: Feira da Golegã

4. Outras denominações: Feira de São Martinho, Feira Nacional do Cavalo (FNC), Feira Internacional do Cavalo Lusitano (FICL)

5. Contexto tipológico:

Trata-se de uma manifestação cultural de natureza equestre. Entre todas as manifestações equestres nacionais, a Feira da Golegã, é a mais antiga, a mais representativa, a mais participada e a mais emblemática. Não existe, em Portugal, outro acontecimento semelhante que tenha no centro a figura daquele que é, para muitos, o mais belo animal do mundo, o cavalo. A Feira da Golegã é Feira de São Martinho desde 1571, Feira Nacional do Cavalo (FNC) desde 1972 e Feira Internacional do Cavalo Lusitano (FICL) desde 1999.

6. Contexto de produção:

6.1. Contexto social:

6.1.1. Comunidade(s):

Em termos gerais, considera-se que os indivíduos que visitam a Feira da Golegã não constituem, por si, uma comunidade. Nem tão pouco os habitantes da vila, os quais vivem a Feira de diferentes formas dissimulando-se entre o enorme número de visitantes. Contudo, em termos específicos, é possível considerar uma comunidade - a comunidade equestre - da qual fazem parte cavaleiros, amazonas, condutores de carros de cavalos, criadores, artesãos, artistas e amantes da arte equestre. Esta comunidade não está vinculada a um território, mas sim ao seu elo de ligação, que é o cavalo. A comunidade equestre é protagonista da Feira da Golegã e o cavalo, a razão maior da sua existência.

6.1.2. Grupo(s):

Para caracterizar o contexto social relativo a esta manifestação identificam-se quatro grupos: 1. Cavaleiros, amazonas, condutores de carros de cavalos e criadores; 2. Atletas e participantes em competições e provas desportivas ou eventos culturais; 3. Artesãos, Expositores e outros profissionais; 4. Visitantes / Público. Em cada grupo há indivíduos das mais diversas origens, nacional e estrangeira, homens e mulheres, de todas as idades e de todas as classes sociais. É, como tal, uma manifestação amplamente inclusiva.

1. Cavaleiros, amazonas, condutores de carros de cavalos e criadores

É neste grupo que se encontra praticamente toda a comunidade equestre. É, por isso, o grupo que reúne os principais protagonistas da festa, aqueles para quem a Feira da Golegã é obrigatória e imperdível.

Como todos os outros, é um grupo heterógeno e muito diversificado relativamente à origem dos indivíduos. Vêm de vários pontos do país, de norte a sul, e do estrangeiro, das mais variadas proveniências - Espanha, França, Bélgica, Inglaterra, Suíça, Suécia, Itália, Brasil, etc. Os cavaleiros são homens e mulheres, crianças, jovens e adultos. A inclusão é máxima. Acompanham-se dos cavalos, os quais são igualmente protagonistas. É a dupla cavalo-cavaleiro que constitui o ex-libris da Feira.

Há um grupo de indivíduos que são da Golegã. São os representantes locais da comunidade equestre e alguns são dinamizadores da Feira, integrando as organizações locais. Contudo, a maioria dos indivíduos vem de fora, de povoações vizinhas ou de outras um pouco mais distantes, mas muitos vêm de mais longe, do Alentejo ou do Norte do país e mesmo do Algarve. Muitos vêm, como referido, do estrangeiro. Grande parte instala-se na Golegã durante os dias da Feira, sendo que o seu alojamento é assegurado de várias formas: em casa própria (ou segunda casa), casa de família, casa de amigos, estabelecimentos hoteleiros, empreendimentos de turismo rural, alojamentos locais ou em casas privadas de aluguer. Quando acompanhados dos cavalos, a logística de alojamento implica o acautelamento de boxes ou baias para acolher os animais que pode ser, ou não, na casa onde se alojam.

Neste grupo encontram-se dos mais antigos e experientes cavaleiros, aos mais novos e inexperientes; daqueles que procuram o negócio e a transação, àqueles que procuram apenas exibição e desfrute.

Embora circulem por toda a vila da Golegã é no Largo do Arneiro que a dupla cavalo-cavaleiro se apresenta, circulando em torno da manga que envolve o Picadeiro Central. O visitante menos informado não identifica os cavaleiros mas, em contrapartida, os mais

conhecedores, por norma os próprios elementos da comunidade equestre, identificam não só o cavaleiro, e eventualmente a família a que pertence, como podem, inclusive, identificar o cavalo e a coudelaria. Entre os participantes há muitos entendidos.

Como referido, há cavaleiros muito experientes que elevam a arte equestre ao mais alto nível na sua passagem pela Feira da Golegã. São profissionais ou amadores, sendo difícil distinguir. Das centenas de cavaleiros que circulam pela Feira, bem trajados e com os cavalos aparelhados e ajaezados a rigor, há efetivamente os que são profissionais da arte equestre e que ali se encontram nesse papel exibindo as melhores montadas para fins de negócio, ou seja, destinado à comercialização de equinos. Os amadores procuram apenas diversão, convívio e alguma notoriedade que a presença na Feira lhes possa trazer, entre pares. Por norma os amadores tem a equitação com hobby e são proprietários dos cavalos o que nem sempre acontece com os profissionais que podem ser trabalhadores por conta de outrem.

Entre os cavaleiros, há um grupo feminino que se destaca. São as amazonas cuja designação, em termos gerais, serve para identificar uma mulher que monta a cavalo mas que, neste caso específico, designa a mulher que pratica a "monte à amazona". Neste tipo de equitação a mulher monta com as duas pernas sob a lateral esquerda do cavalo combinando precisão, elegância, equilíbrio e solidez. Monta, para isso, numa sela adequada e enverga um traje apropriado. Este tipo de monte, não é exclusiva de Portugal e reproduz um tempo em que não era próprio de uma senhora montar com uma perna de cada lado da sela, como se designa vulgarmente "escarranchada". Há um grupo específico de mulheres que continua a perpetuar esta forma especial de montar a cavalo, contribuindo para a difusão do conhecimento e da técnica de geração em geração e é frequente vê-las por ocasião da Feira.

Os carros de cavalos, veículos de tração animal, são igualmente parte integrante da Feira da Golegã e os seus condutores integram este grupo. Há três tipos de veículos de tração animal a circular na Feira: Clássicos, Réplicas e Maratonas. Atualmente os Clássicos e Réplicas circulam menos considerando a intenção, por parte dos proprietários, de os preservar. Muitos são, de facto, carros antigos, ditos de coleção, com elevado valor histórico, os quais os proprietários cuidam com a máxima estima. Representam a Atrelagem de Tradição em Portugal e, na Feira, surgem em excelente estado de conservação impressionando o público. Os veículos tipo Maratona são atualmente os mais frequentes. São de fabrico recente, têm rodas de borracha que lhes confere robustez, e são adquiridos por indivíduos que apreciam a Atrelagem como hobby, para fins de lazer e/ou para efeitos de competição. Note-se que a Atrelagem é uma modalidade que acrescenta à dupla homem-cavalo, o carro. Neste sentido, pode-se considerar que os seus proprietários constituem um grupo muito específico de indivíduos, cujos interesses associam a paixão pelo cavalo, à paixão pelo carro e,

consequentemente, pela modalidade. Permite ainda que pessoas que, por razões físicas têm dificuldade em montar, utilizem o cavalo de forma mais acessível.

Embora existam competições de Atrelagem, que constam do Programa da Feira, muitos carros de cavalos circulam para fins de exibição. Transportam família, amigos e conhecidos, em momentos de pura diversão e lazer. São deslocados para a Golegã e vêm de todo o país, do Minho ao Algarve, sendo poucos aqueles que vêm pelos próprios meios, ou seja, da própria Golegã e povoações vizinhas. A existência e utilização dos carros de cavalos obedece a regras próprias definidas no Regulamento da FNC, o qual determina as regras de admissão, circulação e conduta.

Fazem parte deste grupo os criadores de cavalos. Muitos são também cavaleiros, amazonas, condutores ou proprietários de carros de cavalos. Existe, de facto, uma ligação entre todos os indivíduos deste grupo uma vez que pertencem à referida comunidade equestre e podem, na sua assunção, assumir diferentes papéis.

Os criadores são proprietários de coudelarias onde se criam cavalos para diversos fins, nomeadamente desportivos, do Ensino aos Obstáculos, até à Tauromaquia. A excelência do trabalho desenvolvido no âmbito da criação cavalar e os elevados patamares atingidos no desenvolvimento e apuramento das raças equinas nacionais resulta de uma combinação perfeita entre o desenvolvimento do conhecimento científico, nomeadamente zootécnico, e a paixão e dedicação dos criadores. Grande parte das coudelarias portuguesas cria cavalos da raça Lusitana, mas também de outras raças portuguesas, nomeadamente garranos e sorraias. Em menor número criam-se outras raças com studbook próprio reconhecido pelas entidades competentes que, na Feira da Golegã, marcam presença para participar em concursos vários desde Anglo-luso, Cruzado Português, Luso-Warmblood e Português de Desporto.

As coudelarias representam a verdadeira essência da tradição equestre dada a sua longevidade. Das mais antigas conta-se a Coudelaria da Casa Cadaval surgida em 1648 - ligada ao cavaleiro e Estribeiro-Mor do reino, D. Jaime Alvares Pereira de Mello (1684-1749) - que é considerada como uma das mais antigas coudelarias da Península Ibérica. Entregues a conceituados treinadores e cavaleiros, os cavalos da Casa Cadaval têm-se destacado, tanto em Portugal como no estrangeiro, com grande sucesso em concursos de Modelos e Andamentos, nas disciplinas de Atrelagem (sagrando-se Campeões do Mundo), Equitação de Trabalho e Dressage. A Coudelaria, sedeada em Muge, marca presença na Feira da Golegã com pavilhão próprio e, tal como outras, participando em diversas provas equestres. Em 2024 distinguiu-se no Concurso de Modelos e Andamentos onde se destacaram dois cavalos da Casa, o Rijo CC que alcançou o 2º lugar com Medalha de Ouro na Classe de 3 anos e o

Oboé CC, montado pelo cavaleiro olímpico Claúdio Castilla, que conquistou também o 2º lugar com Medalha de Ouro na categoria de 5 anos ou mais.

Longeva e muito prestigiada é também a Coudelaria Veiga, sedeada na Quinta da Broa, na Azinhaga, concelho da Golegã. Esta Quinta está na família desde 1830 e desde então que ali se criam cavalos. É o centro nevrálgico de um vasto conjunto de explorações agrícolas dispersas pelos concelhos da Golegã, Chamusca, Rio Maior e Santarém. A Coudelaria conta, ao longo do seu historial, com centenas de cavalos famosos no toureiro, muitos na disciplina de Obstáculos e mais recentemente, distinguidos no Ensino, dado o trabalho impulsionado e desenvolvido pela mais nova geração familiar, representada por Manuel Borba Veiga.

Também a Coudelaria Assunção Coimbra merece destaque pelos seus mais de cem anos de existência e pela relevância que tem na história da Feira de São Martinho. Nos meados do século XX, era das poucas coudelarias que se apresentavam em pavilhão próprio, sucedendo às primogénitas Veiga e Andrade. A sede da Coudelaria situa-se atualmente no centro da Golegã, em pleno palco da Feira Nacional do Cavalo.

A Coudelaria Coimbra de Castro Canelas é outra referência sendo propriedade da família que detém a Quinta de Santo António, na Golegã. Os seus proprietários são elementos importantíssimos da comunidade equestre, destacando-se o seu papel de relevo na história da Feira, que se mantem até à atualidade.

Pela sua antiguidade e pela ligação histórica à Feira de São Martinho destaca-se a Coudelaria Ervideira cuja criação, em 1888, se deve a José Perdigão Rosado de Carvalho, Visconde de Ervideira e 1º Conde de Ervideira, que atribuiu à sua Coudelaria a designação do título nobiliárquico de família. Criação cavalar já existiria há muito, mas a data de fundação oficial é marcada a partir da altura em que todos os animais nascidos na Casa passaram a ser devidamente registados, o que permitiu comprovar uma genealogia contínua, desde a data de fundação até aos dias de hoje. Tal feito permite aos seus proprietários, a família Cabral, aventarem ser a coudelaria privada com identidade mais antiga de cavalos Lusitanos do mundo. Uma das mais respeitadas e conceituadas coudelarias em Portugal e na Península Ibérica, goza de enorme reconhecimento a nível internacional.

De enorme reconhecimento, nacional e internacional, granjeia igualmente a Coudelaria Ortigão Costa. Fundada em 1963 por Luís Jorge Ortigão Costa e sedeada na Quinta da Fonte do Pinheiro, em Azambuja, é atualmente uma das mais prestigiadas coudelarias portuguesas e, na Feira da Golegã, uma das mais apreciadas. O seu pavilhão causa impacto no público pelo requinte e, sobretudo, por exibir exemplares da sua elite de cavalos pretos dotados de extraordinária beleza e elegância. Os cavalos OC, portadores de uma qualidade e beleza ímpar, são na Golegã, figuras de topo.

São mais de uma centena as coudelarias existentes em Portugal, das quais cerca de trinta estão estabelecidas em pavilhão próprio, na Feira da Golegã. Muitas não possuem mas fazem-se igualmente representar na Feira. De todas poder-se-ia falar. Contudo, e pela sua importância histórica, destaca-se por fim a Coudelaria de Alter. Propriedade do Estado português é a casa-mãe do cavalo Puro-sangue Lusitano. Criada em 1748 é considerada, por muitos, a coudelaria mais antiga do mundo a funcionar ininterruptamente no assento originário. A decisão de criar uma Coudelaria Real deve-se ao rei D. João V que logrou ser grande aficionado aos cavalos e que adere à cultura da época promovendo a equitação clássica como um dos maiores luxos da sua corte, decalcando a moda europeia, à semelhança de outras casas reais que sobrevalorizavam a equitação académica criando as suas próprias coudelarias e academias equestres. Embora o seu mentor tenha sido D. João V, o mérito da sua instalação e estruturação viria a ser atribuído ao sucessor, o rei D. José I. Os cavalos Alter vão brilhar no último quartel do século XVIII na Picaria Real, academia equestre da corte portuguesa. Atualmente cabe à Escola Portuguesa de Arte Equestre (EPAE) a missão de conservar e promover o cavalo Lusitano Alter Real, o qual a EPAE utiliza em exclusivo, seguindo e preservando o modelo do que foi a Picaria Real. A história mais recente dá conta da gestão, pela Parques de Sintra, da EPAE e da Coudelaria de Alter pela Companhia das Lezírias. Desde o final dos anos 90 do século XX que a Coudelaria de Alter possui pavilhão próprio na Feira da Golegã. Um acordo estabelecido entre o então Serviço Nacional Coudélico, que a tutelava à época, e a Câmara da Golegã, permite manter o pavilhão inamovível no Largo do Arneiro, ao contrário da grande maioria que se monta e desmonta apenas por ocasião da Feira. Neste pavilhão a Companhia das Lezírias mostra, para gáudio dos visitantes, os cavalos Alter-Real promovendo também outros produtos desta que é a maior exploração agropecuária e florestal em Portugal.

*

Por fim, neste grupo integram-se também os Romeiros de São Martinho, de que se falará adiante. Atualmente contabilizam-se mais de trezentos Romeiros pertencentes à "Irmandade dos Romeiros de São Martinho - Cavaleiros da Tradição de Portugal", pensada e fundada por elementos da comunidade equestre que se auto intitulam, *um grupo de eternos enamorados da Golegã, defensores intransigentes dos valores tradicionais de Portugal e apaixonados dos nossos cavalos* (CLARA, 2008).

2. Atletas e participantes em competições e provas desportivas ou eventos culturais

Neste grupo encontram-se também elementos da comunidade equestre, mas não só. Consideram-se todos aqueles que são atletas e/ou participantes em competições e provas

desportivas e também outros indivíduos que estão implicados na programação cultural da Feira da Golegã.

No que respeita às competições e provas desportivas, estas são uma componente essencial do Programa da Feira. Todos os dias, à exceção da primeira segunda-feira, existem eventos de natureza desportiva e competitiva. Desde Concursos de Saltos de Obstáculos, Concursos de Endurance, Provas de Ensino, Provas de Maneabilidade, Provas de Velocidade (Equitação de Trabalho), Provas de competição de Atrelagem, e outras, que decorrem entre o Largo do Arneiro e o Hippos Golegã – Centro de Alto Rendimento, mas também numa ou outra Quinta particular onde se realizam as provas de campo. Há grupos específicos de participantes em cada modalidade, os quais podem ser amadores ou profissionais. Os profissionais competem para alcançar resultados e os amadores, embora possam comungar dos mesmos objetivos, encaram a sua participação mais na perspetiva do lazer e do seu entretenimento.

Entre os atletas e participantes em competições e provas desportivas há que destacar um grupo específico de indivíduos. Trata-se dos campinos, figuras emblemáticas do Ribatejo, que marcam presença na Feira da Golegã ao serviço de algumas Casas Agrícolas, desempenhando funções de apoio aos cavalos, ou apenas funções representativas. Consideramo-los neste grupo pois participam em provas especificamente organizadas num dia que, muito recentemente, lhes foi dedicado. Participam em representação das Casas Agrícolas, em provas de destreza, perícia e condução de cabrestos. Há ainda lugar à atribuição de um prémio de carreira a um campino previamente designado.

Neste grupo consideramos também os indivíduos que, podendo não ser da comunidade equestre, estão de algum modo envolvidos na vertente cultural da Feira da Golegã. São, por exemplo, autores de livros que são lançados durante a Feira, artistas que expõe as suas obras em exposições temporárias organizadas para esta ocasião, indivíduos que são homenageados, professores académicos ou investigadores que dão, por exemplo, uma aula pública ou que participam num Encontro científico que decorre nestes dias. Consideram-se também os indivíduos que integram espetáculos culturais de natureza equestre, que todos os anos constam do Programa da Feira.

3. Artesãos, Expositores e outros profissionais

Em termos históricos a Feira de São Martinho sempre esteve associada, para além dos cavalos, ao comércio, sendo o ponto de encontro daqueles que, não sendo da comunidade equestre, procuravam divertir-se e abastecer-se na Feira subsequente que iniciava após o Dia de São Martinho e se estendia até ao final do mês de novembro. Atualmente a atividade

comercial mantém-se fortíssima durante a Feira e, por esse motivo, considera-se que este é um grupo específico que deve ser autonomizado e devidamente caracterizado.

As bancas e os expositores distribuem-se pelas imediações do Largo do Arneiro, existindo algumas infraestruturas de apoio ao comércio montadas pela Câmara Municipal. Aqui se encontra para venda todo o tipo de material equestre, para cavalos e cavaleiros. Muitos destes produtos são industrializados e comercializadas por fabricantes ou revendedores, mas existe ainda um considerável número de artesãos que procura dar a conhecer o seu trabalho, seja de natureza equestre ou não (roupa, bijuterias, brinquedos, etc.). Entre artesãos e expositores encontram-se os que se dedicam ao comércio de comidas e bebidas que é muito atrativo nos dias da Feira.

Este é um grupo bastante heterogéneo no que respeita à sua caracterização. Há pequenos artesãos, há representantes de marcas, há proprietários de estabelecimentos comerciais, há quem se dedique ao comércio de luxo, nomeadamente no que respeita a traje e acessórios, há comércio de brinquedos, quinquilharias, vendedores ambulantes, vendedores de comida e, ou não fosse esta a Feira de São Martinho, os afamados vendedores de castanhas assadas, as quais dão à Feira um aroma e um ambiente especial. De referir também os ferradores, cujo ofício é imprescindível à atividade equestre.

Tal como sucede com os restantes grupos, é difícil caracterizar a proveniência dos indivíduos. São mais os artesãos e expositores que vêm de fora, do que os locais. Vêm também do estrangeiro, nomeadamente de Espanha, os que se dedicam à comercialização de topo o tipo de produtos equestres, não só para cavalos mas também para cavaleiros, incluindo roupas e acessórios.

Os habitantes locais dedicam-se sobretudo aos negócios de alimentação, sendo bastante comum transformarem-se espaços devolutos ou garagens de prédios habitacionais, em espaços temporários de restauração. Alguns goleganenses veem na Feira uma fonte de rendimento que se reverte numa grande ajuda à economia familiar. Para além dos negócios de restauração e aluguer de espaços para fins comerciais, recorrem ao aluguer de casas e quartos que responde às necessidades da procura, proporcionando algum conforto financeiro às famílias locais.

4. Visitantes / Público

Por último, o grupo dos visitantes é um grupo importante no que a esta Feira diz respeito. Sendo esta uma Feira bastante concorrida, incluem-se neste grupo milhares de pessoas. Os

visitantes são o grande público de todos os eventos programados, incluindo, do desfile de cavaleiros e amazonas que decorre em permanência na manga da Feira.

É um grupo muito heterogéneo. Homens e mulheres de todas as idades, crianças e adolescentes, jovens e adultos visitam a Feira da Golegã ao longo dos dias em que ela decorre. Há os que a visitam apenas num único dia, outros frequentam-na mais do que um dia e há quem esteja presente desde o início ao fim, o que sucede essencialmente com os membros da comunidade equestre. Os que visitam a Feira dia a dia vêm das redondezas, dos concelhos a norte da Golegã, Torres Novas, Alcanena, Entroncamento, Barquinha, Constância, Tomar, Abrantes, mas também para sul, do concelho vizinho da Chamusca, Almeirim, Alpiarça e da capital do distrito, Santarém. Há visitantes que se deslocam de mais longe, da zona de Benavente, Vila Franca de Xira, Azambuja, até da margem sul do Tejo, Moita, Montijo, Alcochete e muitos vêm de Lisboa. Mais longe ainda, vêm do Alentejo e da região norte, por exemplo, do Alto Minho, da zona de Viana do Castelo e Ponte Lima.

Há diferentes motivações para se visitar a Feira da Golegã embora haja um denominador comum, que é o entusiamo pela cultura equestre e pelo ambiente que se gera em torno, o que, para muitos, é único e imperdível. Há também uma relação entre a Feira da Golegã e o universo tauromáquico dado que, em muitos dos concelhos ribatejanos supramencionados, se realizam festas populares, de natureza semelhante, isto é, festas de rua, muito ligadas às tradições locais e à ruralidade onde o elemento central não é o cavalo, mas sim o toiro. São as chamadas tauromaquias populares das quais a Feira da Golegã se diferencia, não apenas porque exalta o cavalo e a arte equestre, mas também porque é a única que decorre no período de outono/inverno, sendo que as outras festas e feiras ribatejanas são festas de verão. De todo o modo, as pessoas circulam entre elas e a Feira da Golegã inscreve-se nesse roteiro como sendo a última festa ribatejana do calendário e, para os amantes da arte equestre, a mais desejada de todas.

Há uma vertente de convívio e lazer que é muito apreciada pelos visitantes. Os que têm a ligação ao meio equestre gozam da oportunidade de estar com a família e amigos, e de desfrutar da proximidade com os cavalos. O ambiente é sempre festivo, seja no exterior, nas vias públicas, seja dentro de portas. Os visitantes que não têm relação com o meio equestre desfrutam da Feira de outra forma, observando os ambientes, assistindo aos eventos programados, desfrutando da restauração e convivendo entre si.

A Feira de São Martinho, na Golegã, é dos eventos mais concorridos da região do Ribatejo. Como referido, os visitantes vêm dos mais variados pontos do país mas muitos vêm propositadamente do estrangeiro. Interessam-se por cavalos e, em consequência, pela Feira, pela qual se sentem, amiúde, deslumbrados. Note-se, a título de exemplo, que a Associação

Portuguesa de Criadores do Cavalo Lusitano (APSL) conta atualmente com vinte Associações congéneres espalhadas pelo mundo - África do Sul e Namíbia, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Colômbia, Dinamarca, Espanha, EUA, Equador, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, México, Noruega, República Checa, Suécia, Suíça - e com nascimentos registados em trinta e um países, Argentina, Áustria, Canadá, Rússia, Tailândia, China, entre outros. Significa que, neste momento, o cavalo Lusitano é um grande embaixador português em todo o mundo, e significa também que em todos estes países existem indivíduos apaixonados pelo cavalo Lusitano e que, através dele, encontram a Feira da Golegã. Este é um dos motivos pelos quais a Feira é, desde 1999, Feira Internacional do Cavalo Lusitano e é também um dos motivos que justifica o aumento exponencial do número de estrangeiros na Feira.

> Eu venho à Feira da Golegã no mínimo há 20 anos, talvez até mais. Eu vim porque quis conhecer a Golegã porque é uma coisa mística, muito muito falada no Brasil. Em 2009-2010 fui Presidente da ABPSL [Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano]. Nessa altura eu vim resolver um problema de registos e assinamos até um protocolo aqui na Golegã. Em cerca de um mês eu consegui, com o Veiga Maltez, geminar uma cidade próxima da minha fazenda que se chama Águas de Lindóia, com a Golegã. A minha simpatia pela Golegã já era grande e aí ficou maior ainda. (…) Praticamente todos os anos eu venho. E geralmente fico de 10 a 15 dias. Eu adoro a Feira. (…) tenho muitos amigos, a grande maioria dos criadores eu conheço por isso eu me sinto muito bem aqui. (Geraldo Lefosse, 07.11.2024)

Consideram-se estes indivíduos no grupo de visitantes porque habitualmente vêm em turismo. No entanto, poder-se-iam também integrar no primeiro grupo onde se enquadra a comunidade equestre à qual na realidade também pertencem, ainda que num sentido mais alargado. Grande parte destes indivíduos monta a cavalo ou tem ligação regular com cavalos. Na Golegã estão mais para ver, embora muitos consigam, através de amigos, a oportunidade de montar a cavalo, o que os deixa radiantes. Os estrangeiros são também clientes do comércio, naturalmente da restauração mas, com muita proeminência, de vestuário e artigos equestres. Muitos aproveitam a estadia na Golegã para conhecer a Coudelaria de Alter.

> Durante a Feira recebemos, em Alter vários grupos de visitantes que vêm precisamente da Golegã. (…) São grupos pequenos de pessoas que fazem turismo equestre e querem conhecer o berço do cavalo Lusitano. Por norma marcam as visitas entre terça a sexta-feira para assistirem à saída da eguada, que acontece por volta das 15h30 e que é o momento em que as éguas partem para a pastagem onde vão passar a noite. As éguas muitas vezes estão acompanhadas pelos poldros e é muito bonito de ver. Os estrangeiros adoram. E adoram também ver o maneio diário dos animais. É sempre um dia muito agradável para eles. (…) Não fazemos divulgação, ou pelo menos, diferente daquela que é hábito. As pessoas tomam conhecimento porque falam umas com as outras, é uma informação que corre entre eles. Há

muitos estrangeiros que vêm há muitos anos, inclusive alguns já têm casa cá, e passam a palavra aos outros. (Inês Beirão Correia, 07.11.2024)

6.1.3. Indivíduo(s):

À exceção do grupo dos visitantes que aqui consideramos, pela sua dimensão, como um grupo anónimo, é possível nomear alguns indivíduos dos diferentes grupos sociais que, ao longo das mais recentes gerações têm, ou tiveram, uma relação intrínseca com a Feira.

Começamos por identificar algumas famílias da própria Golegã cuja ligação com a Feira é incontornável e ancestral. Desde logo a família Veiga. Goleganenses, lavradores, criadores de cavalos Lusitanos e também ganadeiros, constituem uma das mais ilustres famílias locais, cujas origens remontam ao século XIX. Manuel de Castro Tavares Veiga é o atual proprietário da Casa Veiga, sedeada na Quinta da Broa. A sua mãe, D. Maria Amélia Coimbra de Castro Veiga, é a matriarca da família.

Devido à sua atividade coudélica os Veiga estão, desde sempre, relacionados com a Feira. Foram das primeiras famílias a erguer um pavilhão, ainda na primeira metade do século XX, mantendo praticamente ininterrupta essa tradição até aos dias de hoje. No pavilhão mostram os seus prestigiados cavalos e recebem família, amigos e clientes. Os convívios em privado estendem-se para a casa contígua que a família possui, em pleno Largo do Arneiro. Atualmente na sua sexta geração, a família goza de enorme prestígio entre os seus pares. O casal Manuel e Assunção Veiga são o rosto dessa notoriedade. Uma nova geração de filhos e netos assegura a continuidade familiar. É possível ver a família Veiga em conjunto, ou os seus elementos em separado, a circular a cavalo pela manga da Feira, rigorosamente bem trajados e os seus cavalos rigorosamente bem apresentados. Por vezes circulam em carro de cavalos exibindo os belos exemplares que possuem. Participam amiúde em concursos e provas desportivas. A presença da família Veiga na manga da Feira ou no Picadeiro Central causa aparato e suscita, entre o público, curiosidade e agrado. Na edição de 2023, foi-lhes prestada homenagem pela celebração dos duzentos anos da fundação da Coudelaria. Destaca-se o valioso contributo na promoção, valorização e dignificação da Feira Nacional do Cavalo, de cuja organização Manuel Veiga integra há várias décadas, na sequência do que os seus antecessores já haviam feito, à sua época.

Entre as famílias da Golegã destaca-se igualmente a família Castro Canelas cuja matriarca é a Senhora D. Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas. Um dos filhos, José de Castro Canelas, tem dado um contributo inestimável à Feira Nacional do Cavalo, herdando do pai, o falecido Eng. José António Jorge Canelas, o compromisso com a promoção e dignificação da Feira da Golegã, da qual é Diretor desde 1989. Do seu curriculum constam igualmente os

cargos de Diretor e Presidente, durante treze anos, da Associação Portuguesa de Atrelagem (APA) com a qual a Feira tem vindo a estabelecer profícuas pontes. Unida por laços de parentesco com a família Veiga, a família Castro Canelas mantém um lastro histórico de relação com a Feira da Golegã que continua a ser alimentado pelas novas gerações que estimam e propagam esta herança cultural.

Incontornável também é a família Veiga Maltez cujos representantes são, na atualidade, José e João Veiga Maltez, proprietários da Coudelaria homónima e duas figuras locais de enorme relevo. Destacamos José Veiga Maltez, médico, autarca e uma das figuras emblemáticas da Golegã. Começou a montar a cavalo aos 3-4 anos de idade na Quinta do Salvador, onde a família ainda mantém a sua sede. Licenciou-se em Medicina, e destacou-se como Presidente da Câmara Municipal da Golegã, cargo que ocupou entre 1997 e 2013 e depois novamente entre 2017 e 2021. Estas funções reforçam o atavismo familiar sendo que o bisavô Manuel Tavares Veiga, havia sido o primeiro Presidente da Câmara Municipal da Golegã da I República, em 1910, assim como o tio materno, Carlos Veiga, presidiu à Câmara da Golegã desde 1971 e até à Revolução de abril de 1974. José Veiga Maltez foi o terceiro elemento da família a assumir tais funções comandando a autarquia no final do século XX e na transição para o século XXI. Foi Presidente da Feira Nacional do Cavalo (por inerência de cargo), e mantém atualmente a presidência da Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas (APCRS) e da Associação Nacional de Turismo Equestre (ANTE).

Com José Veiga Maltez a Golegã passou a ser reconhecida como a Capital do Cavalo. Como autarca dotou a vila de importantes infraestruturas equestres, de que são exemplo o Picadeiro Coberto, que resultou da iniciativa privada dos criadores, o Centro de Alto Rendimento de Portugal para Desportos Equestres (Hippos Golegã) e o Equuspolis. Sob a sua Presidência da Feira Nacional do Cavalo surgiram a Expoégua (1998), a Feira Internacional do Cavalo Lusitano (1999) e a Romaria de São Martinho (2002). Foi no seu mandato que a Equitação foi introduzida como complemento curricular das escolas do concelho da Golegã.

A família Sommer de Andrade é outra família incontornável e tem um duplo papel na história da Feira da Golegã. Por um lado, antes do 25 de abril de 1974, por ser detentora de uma das maiores casas agrícolas da região, cujo quartel-general estava instalado na sumptuosa e longeva Quinta da Cardiga. Na Feira montavam o seu próprio pavilhão o que demonstra a sua importância considerando que eram escassas as famílias que, nos anos 40 e 50 do século XX, o faziam. Na Cardiga, os Sommer de Andrade recebiam, por esta ocasião, imensos convidados, desde políticos aos afamados cavaleiros tauromáquicos que se deslocavam à Golegã para realizar os seus negócios de cavalos, para gáudio dos visitantes que não perdiam a oportunidade de os ver em público. No pós 25 de abril destaca-se a figura de Fernando

Sommer de Andrade. Filho do respeitadíssimo Dr. Ruy d'Andrade, o Eng. Fernando Sommer foi dono e senhor de grande cultura zootécnica e equestre, criador, exímio cavaleiro, tendo dedicado a sua vida à lavoura, à escrita, às artes e desempenhado várias funções diretivas em diversas associações equestres, algumas das quais que ajudou a fundar. A Feira da Golegã deve-lhe muito, nomeadamente a sua reorganização e relançamento após um conturbado período de agitação política em consequência da Revolução de abril de 1974. Fernando Sommer de Andrade foi responsável, juntamente com o Presidente da Câmara Municipal da Golegã, José Melancia Godinho, e João Costa Ferreira, então diretor do Serviço Nacional Coudélico, por fazer renascer a Feira em finais dos anos 70, inícios da década de 80 do século XX. Deste inolvidável contributo prestado nasce uma Feira da Golegã renovada, modernizada, que ganha, sobretudo a partir dos anos 90, uma enorme pujança ultrapassando o prestígio de outrora, à época mais enfraquecido.

É por esta ocasião que a família Palha monta pela primeira vez o seu pavilhão na Golegã, embora há muitas décadas que a Feira gozava da sua conceituada presença. Sediados na Quinta das Areias, em Vila Franca de Xira, estabelecem com a Feira enorme proximidade da qual desfrutam em pleno. A filha do tão afamado lavrador e ganadeiro Fernando Palha, Isabel Palha Figueiredo, juntamente com o marido Filipe Figueiredo "Graciosa", muito ligados aos cavalos, eram presença assídua no Arneiro da Golegã, primando pelo rigor do traje e da sua apresentação pública e recebendo os seus convidados em pavilhão próprio. Isabel Palha Figueiredo, é fundadora e Presidente da Associação das Amazonas de Portugal, a qual o marido ajudou a criar. Esta associação nasce 2017 e apresenta-se pela primeira vez ao público precisamente na edição da Feira de São Martinho desse ano. O marido, Filipe Figueiredo, como referido, figura incontornável do mundo dos cavalos, era médico veterinário de formação, foi Presidente da Sociedade Hípica Portuguesa e foi um dos fundadores da Escola Portuguesa de Arte Equestre, sendo seu Mestre-Picador e Diretor por cerca de três décadas. Em 2019, ano do seu falecimento, a Feira Nacional do Cavalo prestou-lhe sentida homenagem destacando-o como cavaleiro de exceção e uma das mais emblemáticas figuras da Feira da Golegã, da qual era um verdadeiro amante.

A Feira da Golegã é, de facto, um palco para as famílias coudélicas mostrarem os seus melhores exemplares equinos e uma montra onde os seus elementos se apresentam, de forma esmerada, em público. Contudo, e porque os dois mundos estão muito relacionados, também as famílias ganadeiras e os próprios cavaleiros tauromáquicos são presença assídua na Feira. Assim é, há muitas décadas. Dos históricos matadores de toiros como Manuel dos Santos, José Júlio ou Ricardo Chibanga, aos cavaleiros João Branco Núncio, D. José de Athayde, Alfredo Conde e Manuel Conde, Frederico Cunha, D. Francisco Mascarenhas, José Maldonado Cortes, David Ribeiro Telles, Fernando Salgueiro, José Samuel Lupi, Luís Miguel

da Veiga, Manuel André Jorge, todos se apresentaram, à sua época, na Feira da Golegã onde, por norma, se faziam e ainda se fazem, negócios de compra e venda de cavalos para toureio. No que se refere às dinastias toureiras mantém-se a tradição de se apresentarem no Largo do Arneiro: a família Salgueiro, a família Brito Paes, os Bastinhas e a família Ribeiro Telles que, desde os tempos do mestre David, e até aos dias de hoje, são assíduos na Golegã.

Para distinguir a relação da Feira com o universo tauromáquico a organização instituiu pela primeira vez, em 2023, o "Prémio Carreira Carlos Relvas". Este visa homenagear todos aqueles que pela sua vida pessoal e carreira profissional contribuíram, de forma significativa, para a elevação do cavalo e em particular da tauromaquia representando uma homenagem, em vida, ao cavaleiro tauromáquico com maior número de anos de alternativa. No primeiro ano o prémio foi entregue a D. Francisco Mascarenhas que celebrava 78 anos de carreira e no ano seguinte ao cavaleiro tauromáquico estremocense José Maldonado Cortes pelas suas mais de seis décadas de alternativa, mas também, como foi ressalvado por parte da organização, pela ligação que ao longo dos anos manteve com a Feira que o tornam simultaneamente embaixador da tauromaquia e da Golegã.

Com efeito, são gerações e gerações de cavaleiros tauromáquicos que marcam presença na Feira seja para fins de negócio, de exibição pessoal ou apenas por diversão e lazer. Menos frequente é a sua participação em competições desportivas pelo que se destaca, comprovando a exceção à regra, o cavaleiro Gilberto Filipe. Cavaleiro tauromáquico de alternativa, e embora continue a marcar presença nas arenas, tem desenvolvido uma carreira de sucesso, com muito troféus conquistados na modalidade desportiva de Equitação de Trabalho. O cavaleiro de Alcochete sagrou-se vitorioso, em 2018, ao conquistar a medalha de Ouro no V Campeonato do Mundo de Equitação de Trabalho em Munique, na Alemanha. É presença assídua na Feira da Golegã onde participa em diversas provas desportivas da Equitação de Trabalho sagrando-se, amiúde, vencedor. Na edição da FNC de 2022, e depois de na edição anterior ter tido uma prestação brilhante, foi-lhe prestada homenagem, juntamente com o cavalo Zinque das Lezírias, conjunto Bicampeão Individual do Mundo Individual e por Equipas de Equitação de Trabalho. Assinalou-se, na ocasião, a retirada de competição do Zinque das Lezírias naquele que foi considerado um dos momentos mais bonitos da FNC desse ano.

A comunidade equestre e as artes estão intrinsecamente relacionadas e são inúmeros os artistas cuja criação versa os ambientes rurais, e que têm o cavalo como fonte de inspiração. Destacamos José Francisco Quelhas Serrão de Faria Pereira (1937-2025). Nascido na Azinhaga do Ribatejo, concelho da Golegã é considerado o mestre dos mestres no que respeita ao retrato artístico do cavalo Puro-Sangue Lusitano. A sua carreira, consagrada à

pintura, serigrafia e gravura é indissociável da sua história de vida familiar muito ligada ao campo ribatejano e às suas tradições equestres e tauromáquicas. Descende da família mais antiga da localidade de Azinhaga do Ribatejo, cuja presença se encontra registada desde inícios do séc. XV, como proprietária agrícola. Foi no Solar dos Serrão, casa de família datada do século XVI, que o mestre Serrão de Faria estabeleceu a sua oficina de criação e onde, ao longo de décadas, foi produzindo as suas obras. Foi Presidente do Stud-Book Lusitano, ilustrador do jornal *A Capital*, com destaque para o suplemento tauromáquico do jornalista José António Lázaro. O "pintor do cavalo Lusitano" foi também Diretor e colaborador da revista *Rédea Curta* e do seu currículo constam inúmeras publicações e mais de duas centenas de exposições individuais e coletivas.

Para além do mestre Serrão de Faria, outros artistas têm encontrado inspiração na Feira da Golegã e no cavalo Lusitano, retribuindo, à entourage equestre, a sua obra artística. É o caso da pintora alemã Sabine Marciniak, que vive em Portugal há mais de 20 anos, a maior parte dos quais passados na vila da Golegã, onde tem o seu atelier. A pintora já expôs por diversas vezes na Golegã, incluindo por ocasião da Feira, encontrando na modalidade "dias de porta aberta", uma forma de promover e divulgar o seu trabalho recebendo os goleganenses, e outros visitantes, no seu estúdio. A sua obra foi escolhida, em 2018 e 2019 para ser cartaz da Feira Nacional do Cavalo. Também a pintora francesa Béatrice Bulteau transpôs a sua criatividade para o cavalo Lusitano, o qual elegeu como o principal tema da sua pintura. A artista, que viveu em Portugal mais de quatro décadas, ilustrou o cartaz da Feira de 2020, que fica para a história por não se ter realizado devido à Covid 19. Também entre a pintura e os cavalos se destaca a obra de Marta Justiça. A jovem pintora, natural de Aveiro, já expôs por diversas vezes na Golegã e o seu trabalho é já amplamente reconhecido entre os amantes da arte equestre.

Aliando a pintura à escultura é incontornável a obra do Mestre Rui Fernandes, goleganense nascido em Lisboa, herdou do pai a veia artística que explora de múltiplas formas. É-lhe reconhecido o gosto pelas temáticas rurais que se expressam na valorização dos temas da lezíria, dos toiros e dos cavalos. O artista é autor de várias esculturas conhecidas no espaço público da região ribatejana, nomeadamente na própria Golegã.

Das artes plásticas para os ofícios artesanais é importante sublinhar que toda a cultura equestre é subsidiária de um conjunto de saberes e técnicas tradicionais, passados de geração em geração que, nos nossos dias, teimam em substituir ainda que completamente ameaçados pela indústria, que atualmente apresenta soluções para todo o tipo de necessidades do meio equestre. Atente-se no ofício de correeiro, o homem que trabalha a pele e se dedica à execução artesanal de selas, cabeçadas e cabeções, e demais artigos de

equitação. No concelho da Golegã ainda subiste o ofício, já na quarta geração da família Silvério, proprietários da Correaria homónima, cujo trabalho é bastante requisitado e que a partir do Pombalinho, produzem para os quatro cantos do mundo.

Ainda no domínio das artes e, desta feita, dos ofícios para a escrita, é incontornável destacar a figura do ilustre Professor Doutor João Pedro Gorjão Clara. Médico, apaixonado pelo mundo dos cavalos, é um exímio cavaleiro que há mais de três décadas se debruça pela história e caracterização do Traje Português de Equitação. Discípulo de José António Torcato de Freitas, Gorjão Clara publica, em 1995, a obra *O Traje Português de Equitação* que se torna a grande referência na matéria. A mulher, Lina Gorjão Clara, é co-autora da obra, companheira nas suas andanças equestres e, para o próprio, o ex-libris da apresentação de uma mulher em público: *a amazona mais bonita da Golegã era a minha mulher* (João Gorjão Clara, 07.04.2024). Em 2012 o Professor foi homenageado na Feira da Golegã tendo o colega e Presidente da Câmara, Dr. José Veiga Maltez, referindo, com emoção, que Portugal desfila pelo Largo do Arneiro graças a Gorjão Clara que reabilitou o Traje Português de Equitação: "O mundo equestre está-lhe grato", afirmou Veiga Maltez, perante cerca de setenta cavaleiros e amazonas trajados a rigor e alinhados em pleno Picadeiro Central para lhe prestar homenagem. Gorjão Clara integra a Irmandade dos Romeiros de São Martinho, a qual ajudou a criar, sendo o responsável pela elaboração dos símbolos que identificam esta Irmandade de cavaleiros. Para além da mulher, a família Gorjão Clara é presença assídua na Feira da Golegã destacando-se, naturalmente, o cuidado exímio com que se apresentam em público, trajando, com rigor, "à portuguesa".

Ainda no âmbito das figuras relevantes distingue-se o Arquiteto Arsénio Cordeiro cuja ligação com a Feira da Golegã se pautou, não só pela ligação ao cavalo Lusitano, considerando que foi fundador, sócio número um e primeiro presidente da Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano (APSL), mas pelo contributo importantíssimo no que respeita à reorganização do espaço da Feira.

> (…) homem inteligente, desembaraçado, bom arquiteto, foi quem convenceu o Presidente da Câmara a montar os pavilhões. Ele fez um croqui de um pavilhão e nós organizámos um jantar no Café Central em que convidámos as pessoas para as entusiasmar, pagando um preço irrisório para terem os seus pavilhões na Feira. Isto nos anos 80. Reorganizou-se o espaço da Feira, fizeram-se os pavilhões e distribuíram-se. (Manuel Veiga, 07.06.2024)

> Foi quando vieram os pavilhões todos, Casal Branco, Casa Cadaval, Lagoalva, Graciosa. Os Ervideira já cá tinham pavilhão anteriormente, tal como os Picão Caldeira. Já tinham tido pavilhões nos anos 60 e 70, mas voltaram todos. Os Veiga Maltez nessa altura fizeram um pavilhão, que nunca tinham tido e os Sommer de Andrade voltaram também a fazer um pavilhão que já não tinham. (José Canelas, 07.06.2024)

Criador, intelectual e muito conhecedor do mundo equestre, foi variadíssimas vezes Presidente do Júri da Feira da Golegã. Foi autor de várias obras em que se destaca, em 1989, o livro *O Cavalo Lusitano, Filhos do Vento*, considerado uma obra-prima da raça Lusitana. Arsénio Cordeiro foi homenageado, postumamente, no Picadeiro Central da Feira da Golegã no dia 15 de novembro de 2014.

No que se refere a individualidades cuja relação com a Feira da Golegã é incontornável, por fim, referir o nome de Luís Valença. Entre a comunidade equestre dispensa apresentações. Dos múltiplos projetos destaca-se a criação, em 1981, do Centro Equestre da Lezíria Grande, considerado o principal centro de ensino e da prática da arte equestre portuguesa, da qual o mestre dos mestres é um dos principais embaixadores em todo o mundo. Uma das especialidades da família Valença é a organização de espetáculos equestres da mais elevada qualidade que divulgam a arte equestre portuguesa e o cavalo Lusitano por todo o mundo. A família participa habitualmente na Feira da Golegã erguendo um pavilhão próprio e apresentando espetáculos ou demonstrações que constam do programa cultural. O mestre Luís Valença já foi, por diversas vezes, homenageado na Feira da Golegã sendo as mais icónicas a de 2015, onde foi homenageado juntamente com outro mestre, Samuel Luís Lupi, e a de 2018 onde Luís Valença foi homenageado pela organização da Feira da Golegã sem que tivesse conhecimento prévio, o que se revelou um momento bastante emotivo para o próprio e para todos os presentes. O mestre tem a sua continuidade assegurada pelas três filhas que se destacam no panorama equestre, nacional e internacional, e netos que também já se dedicam aos cavalos, seguindo as pegadas familiares.

A Feira da Golegã é, de facto, uma manifestação de património cultural imaterial intensamente vivida por muitos indivíduos que ao longo de gerações marcam presença e alimentam o espírito de uma Festa que, apesar de se ter modernizado o quanto baste, mantem a sua essência, ligada ao cavalo e às suas tradições seculares.

6.2. Contexto territorial:

6.2.1. Local: ---

6.2.2. Freguesia: Golegã

6.2.3. Município: Golegã

6.2.4. Distritos: Santarém

6.2.5. País: Portugal

6.3. Contexto temporal:

6.3.1. Periodicidade:

É uma Feira de outono que decorre na primeira quinzena de novembro, incorporando obrigatoriamente o dia 11, Dia de São Martinho.

6.3.2. Data(s):

Como referido, acontece por ocasião do Dia de São Martinho, sendo que a data é, a cada ano, ligeiramente variável. Atualmente tem cerca de 10 dias de duração.

7. Caracterização:

7.1. Caracterização síntese:

A Feira de São Martinho, na Golegã, é o maior acontecimento equestre nacional, sendo dos mais populares e concorridos do Ribatejo. Ao nível da Península Ibérica compete com a sua congénere Feira do Cavalo de Jerez de la Frontera, em Espanha.

A sua origem histórica, bem documentada, atribui-lhe uma enorme longevidade. Marcada por diversos períodos de maior e menor dinamismo, a Feira da Golegã chega aos nossos dias no seu expoente máximo e com a mais elevada reputação entre os amantes do cavalo e da arte equestre. A beleza e nobreza dos exemplares equinos que ali podem ser admirados, bem como a presença distinta e elegante dos cavaleiros e amazonas, tornam a Feira da Golegã num dos mais conceituados eventos equestres, a nível nacional e internacional.

A Feira de São Martinho é da responsabilidade da Associação Feira Nacional do Cavalo, que a organiza em função do cumprimento de um Regulamento e apresentando anualmente um Programa oficial. Toda uma componente lúdica, de festa, de diversão, de convívio, tem lugar paralelamente tornando o ambiente da Golegã num cenário único e incomparável.

O local mais emblemático da Feira é o Largo do Arneiro (Largo Marquês de Pombal). Considerado o epicentro da festa é para lá que todos os caminhos convergem. O Picadeiro Central e a manga que o circunda são o principal palco dos acontecimentos. Ao longo dos dias em que decorre a Feira, este espaço enche-se de centenas de cavalos, cavaleiros, amazonas e carros de cavalos num espetáculo majestoso que todos querem contemplar. Este local é considerado o "coração da Feira" e acolhe grande parte dos eventos que constam da programação. Contudo, a Feira da Golegã é mais do que esta, que é a sua

montra. A Feira é também celebrada e vivida intensamente na esfera privada entre famílias e grupos de amigos que se reúnem num convívio e numa diversão ímpar. Entre esses grupos de amigos contam-se, cada vez mais, indivíduos de várias nacionalidades o que demonstra o protagonismo que a Feira vem ganhando além-fronteiras.

Do seu lado público, à esfera mais intimista, a Feira da Golegã é fonte de cultura e identidade que se projetam para além da vila e dos seus habitantes. Estende-se a um universo muito alargado de indivíduos - amantes e apreciadores da arte equestre - que, independentemente da origem geográfica, comungam dos sentimentos de pertença e identidade que esta Feira exalta ao mais alto nível e cuja transmissão intergeracional tem permitido preservar resultando numa imperturbável longevidade.

7.2. Caracterização desenvolvida:

Feira de São Martinho (desde 1571), Feira Nacional do Cavalo (desde 1972), Feira Internacional do Cavalo Lusitano (desde 1999) ou simplesmente Feira da Golegã, é o maior evento equestre nacional. Embora seja um evento único, os seus promotores estabelecem uma distinção: por um lado, Feira Nacional do Cavalo / Feira Internacional do Cavalo Lusitano, um certame que reúne criadores nacionais e internacionais de diversas raças equestres, com especial enfoque no cavalo Lusitano e, por outro, a tradicional e secular Feira de São Martinho, das mais antigas e imponentes manifestações da cultura tradicional portuguesa.

É, como referido, um evento único que atrai milhares de visitantes a esta vila situada no coração do Ribatejo. A Feira da Golegã é ponto de encontro de criadores, cavaleiros, amazonas, artesãos, artistas, entusiastas e amantes da arte portuguesa equestre e das tradições ligadas aos cavalos e ao mundo rural.

A comunidade equestre reúne-se, em peso, na Golegã por ocasião do São Martinho. Note-se que a existência da Feira contribuiu, sem dúvida, para a delimitação do conceito de comunidade equestre, a qual, por sua vez, ajudou a criar o próprio contexto social da Feira. Ou seja, há uma total inter-relação entre a Feira da Golegã e a circunscrição dessa comunidade, que integra alguns habitantes da vila, mas alarga-se a indivíduos de múltiplas proveniências.

Conhecendo, ao longo da sua história, diversos altos e baixos, os anos 90 do século passado marcam o momento em que a Feira da Golegã se afirma como referência no panorama nacional e internacional, atraindo visitantes de todo o país e de várias partes do mundo. O cavalo, nomeadamente o Lusitano, é o grande protagonista e o principal responsável pela

atratividade da Feira. Com o cavaleiro forma uma dupla que tem, no tempo e no espaço da Feira da Golegã, o maior e mais prestigiado palco para sua apresentação.

A Feira da Golegã decorre em recinto aberto, pelas ruas da vila, sendo o seu ponto nevrálgico, e para o qual todos os caminhos convergem, o Largo Marquês de Pombal, mais conhecido como Largo do Arneiro. Sempre assim foi desde que existem relatos da Feira. Algumas atividades equestres decorrem no HIPPOS – Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres (zona interior e áreas adjacentes), no Edifício Equuspolis e em algumas Quintas particulares da região. Contudo, a maior parte das atividades programadas decorre no Picadeiro Central localizado no Largo do Arneiro. A pista para cavalos que contorna o Picadeiro Central, vulgarmente designada como *manga*, é também um dos espaços principais da Feira. Todo este espaço, constituído pela manga e Picadeiro Central, é rodeado por pequenas casas de madeira, de estabelecimento temporário, denominadas por *pavilhões*, que pertencem a coudelarias e onde os proprietários recebem, durante a Feira, família, amigos e clientes e onde expõe os seus equinos.

A Feira é celebrada anualmente na primeira quinzena de novembro, em torno do dia 11, Dia de São Martinho. A data, bem como a sua duração, é variável, sendo que a decisão cabe aos promotores. A título de exemplo, a edição de 2022 decorreu de 4 a 13 de novembro, a de 2023 decorreu de 3 a 12 de novembro e a de 2024, de 1 a 11 de novembro. Em 2025 decorrerá entre 7 e 16 de novembro. Apesar da obrigatoriedade de incorporar o Dia de São Martinho, não é, no entanto, uma manifestação de natureza religiosa, embora existam momentos consagrados à devoção, mas de introdução recente.

O calendário da Feira coincide com o "verão de São Martinho", popularizado na cultura popular como um período de bom tempo que, geralmente, ocorre nesta época, após os primeiros dias frios do outono. Esta confluência, entre a previsão de boas condições meteorológicas e a tradição, tornam a Feira da Golegã ainda mais atrativa.

A entidade promotora da Feira é a Associação Feira Nacional do Cavalo a qual tem como principal missão a sua realização e organização anual. O Presidente da Associação é, por inerência, o Presidente da Câmara Municipal da Golegã e os órgãos sociais são constituídos maioritariamente por elementos locais da comunidade equestre. Ou seja, a organização da Feira da Golegã é institucionalizada, mas está a cargo da comunidade.

A cada ano a Associação apresenta um Regulamento que estabelece os princípios e as normas de funcionamento:

Artigo 2º - Objeto

> É objeto do presente Regulamento o estabelecimento das normas que enquadram, regem e regulam a organização, o funcionamento e a participação na FNC, englobando todas as atividades que decorrem no seu âmbito, designadamente e entre outras: atividades equestres no geral, incluindo os participantes em competições desportivas, os atletas, cavaleiros, amazonas, condutores de veículos de tração animal, equinos e veículos de tração animal; divertimentos diversos, incluindo estabelecimentos provisórios de: diversão noturna, comércio, artesanato, restauração, cafetaria, exposições e de bebidas; farturas; organização e execução de espetáculos e de outras atividades culturais; promoção e ativações de marcas; informação e publicidade. (Regulamento FNC, 2024).

O Regulamento determina, desde logo, que a Feira é organizada, gerida e realizada pela AFNC. À mesma cabe o parecer prévio para a participação de estabelecimentos provisórios de diversão noturna, comércio, artesanato, restauração e bebidas e exposições. O Regulamento determina ainda que a participação de cavaleiros e amazonas, bem como de cavalos e veículos de tração animal está sujeita a uma inscrição prévia. De facto, não basta ao cavaleiro deslocar a sua montada para a Golegã assegurando que tem condições de alojamento para ambos na vila. Querendo participar nas atividades ou simplesmente circular pela manga adjacente ao Picadeiro Central o cavaleiro, ou amazona, deve assegurar a inscrição para garantir o acesso. O mesmo se aplica aos condutores de carros de cavalos. Caso contrário, e sem inscrição prévia, estão impossibilitados de circular nos espaços oficiais da Feira.

Para os promotores, a Feira começa a ser programada assim que termina a edição anterior. O Programa é esboçado com meses de antecedência, tal como o cartaz que é divulgado habitualmente no início do verão para motivar o entusiasmo dos participantes e visitantes e para que possam programar, com antecipação, a sua estadia. Excecionalmente em 2024 o cartaz foi divulgado no início do ano, logo em janeiro sendo que o de 2025 foi divulgado no início de maio.

A elaboração do cartaz é cuidadosamente pensada e, a cada edição, tem uma fonte de inspiração artística. O cuidado na sua execução resulta em produtos de elevada qualidade e beleza. O cartaz de 2024 teve por base o trabalho da artista plástica francesa Liska Llorca que pintou, ao vivo, o cavalo Ofensor da Coudelaria Manuel Assunção Coimbra, o qual se sagrou Campeão dos Campeões na FNC de 2023. Na edição de 2021 o cartaz foi da autoria da pintora francesa Béatrice Bulteau. Outros cartazes se celebrizaram, como os da autoria de Serrão de Faria, Martins Correia, Isabel de Goes, Manuel Fernandes, Rui Fernandes, Sabine Marcianak, Marta Justiça, entre outros. O cartaz de 2025 é uma imagem do Mestre Nuno

Oliveira como homenagem à classificação, pela UNESCO, da Arte Equestre em Portugal como Património Imaterial da Humanidade.

A cada dia de Feira é atribuído, pelos promotores, um título: Dia de São Martinho, Dia do Município da Golegã, Dia do Campino e outros cuja designação corresponde aos patrocínios – Dia Agromais, Dia Segurajuda Corretores de Seguros; Dia Caravela Companhia de Seguros, etc.

O Programa da Feira da Golegã é dinâmico e varia a cada edição, pese embora muitas atividades se repitam ano após ano, como é o caso das competições desportivas, as quais são organizadas em conjunto com a Federação Equestre Portuguesa: Concurso Nacional de Saltos de Obstáculos; Provas de Ensino, Maneabilidade e Velocidade na modalidade de Equitação de Trabalho; provas do Campeonato Nacional de Atrelagem, Concursos de Endurance, Taça de Portugal de TREC, Concurso de Dressage, Provas de Equitação à Portuguesa, Campeonato Nacional de Combinado de Maratona (Atrelagem) sendo algumas integradas no calendário internacional da Federação Equestre Internacional. Paralelamente às competições desportivas, e subsequentes entregas de troféus, há toda uma programação cultural que é pensada especificamente para cada edição da Feira e que inclui espetáculos equestres, exposições, homenagens, desfiles, etc..

O Dia do Campino é uma introdução recente que data da edição da FNC de 2023. Tal como como sucede noutras festas e feiras ribatejanas, é o dia instituído para homenagear a figura mais emblemática do Ribatejo e, consequentemente, para elevar a cultura e as tradições desta região. São convidados todos os campinos, e as respetivas Casas Agrícolas, para participar nas atividades de competição que decorrem no Picadeiro Central do Largo do Arneiro: Provas de Condução de Cabrestos, Provas de Destreza e Perícia. No final do dia, realiza-se uma cerimónia de atribuição do Prémio Carreira. Na edição de 2023 o Prémio Carreira foi atribuído ao campino goleganense Cesário Pedro e na edição de 2024 ao campino Fernando Ganhão, da Companhia das Lezírias.

A presença dos Campinos na Feira da Golegã é sempre muito apelativa e atrai bastante a atenção dos visitantes. Contudo, e em termos de dias principais destacam-se outros dois: o dia do Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela que atualmente é considerado o dia mais importante da FNC para a comunidade equestre, e o próprio Dia de São Martinho, havendo anos em que ambos coincidem, como sucedeu em 2021.

O Dia de São Martinho é o dia mais importante da Feira para o público em geral, embora, à data e, curiosamente, não seja o dia mais importante para os indivíduos da comunidade equestre. Apesar de não ser feriado nacional, nem municipal, é um dia muito concorrido e bastante celebrado na Golegã tal como é, em geral, de norte a sul do país. Na Golegã é

celebrado de maneira diferente, em modo de Feira e de festa, aliando-se o ambiente equestre à tradição de comer castanhas assadas e beber o vinho novo ou água-pé. O hábito de visitar a Feira da Golegã no Dia de São Martinho está instituído como que uma tradição para muitas famílias da região e não só. Organizam-se inclusive programas turísticos, de excursão, que trazem à Feira muito aficionados provenientes de diferentes pontos do país.

Contudo, para os criadores e restante comunidade equestre o principal dia da Feira da Golegã é, atualmente, o dia em que decorre o Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela, o qual é agendado para a quinta-feira que antecede o fim de semana principal. Na edição de 2024 foi designado no Programa como o Dia Agromais. Em 2023 havia igualmente sido igualmente o Dia Agromais e em 2022 o Dia do Município da Golegã. Já foi também formalmente designado como o Dia dos Criadores, em 2019. Em 2021, coincidindo com o Dia de São Martinho, assim foi designado no Programa da Feira.

Este dia é dominado pelo referido Concurso do Cavalo de Sela, que decorre no Picadeiro Central do Largo do Arneiro. Primeiramente são apresentados, à mão, os poldros de 3 anos e, habitualmente na parte da tarde, os cavalos de 4 anos, apresentados montados e posteriormente os cavalos de 5 anos ou mais, apresentados montados também. Neste dia encontram-se os criadores e os amantes de cavalos, e em especial de cavalos Lusitanos, para assistir às apresentações. Os criadores/participantes apresentam os seus equinos perante um júri, procurando que alcancem uma excelente performance. Cavalos ou poldros premiados neste Concurso veem garantidamente aumentado o seu estatuto e cotação.

A importância deste Concurso para a comunidade equestre assenta num argumento histórico:

> Um dos sustentos da Feira, no seu início, era o cavalo, o poldro de três anos que chegava do campo aqui a casa dos criadores e fazia o seu debute. Depois, vinha o cavaleiro tauromáquico que o comprava e dois anos depois o apresentava na feira já em alta escola, já no toureiro. É nessas raízes que nos queremos sustentar: na apresentação do poldro na feira. Daí que o mais importante dia da Feira de São Martinho não é o 11. Esse é o dia da festa, da 'algazarra'. Mas o dia importante para a nossa feira, para a Feira Nacional do Cavalo e Feira Internacional do Cavalo Lusitano é sempre o dia do concurso do cavalo de sela, dos poldros de três anos, e depois dos cavalos mais velhos de quatro anos e depois os cavalos montados (José Veiga Maltez, *Correio do Ribatejo* online, 16.11.2029)

Este é o dia dos encontros e reencontros, onde todos vão para assistir ao Concurso, mas também para confraternizar. Para muitos a Feira começa aqui. Nos pavilhões recebem-se os amigos e clientes e as casas particulares enchem-se de convívios. Há, de facto, uma esfera

pública, o palco da Feira, que se situa no Largo do Arneiro onde todos se encontram e reúnem, e há depois uma esfera privada onde, em grupos, se convive dentro de portas.

No Dia de São Martinho essa dinâmica atinge o seu auge. Nas palavras do Dr. José Veiga Maltez, é o "dia da algazarra" na medida em que é habitualmente o dia em que a Feira recebe maior número de visitantes. O mesmo é dizer que é o dia dos excessos e da folia máxima. É também o único dia da Feira que conta com uma cerimónia religiosa que envolve, naturalmente, cavalos e cavaleiros.

Romeiros de São Martinho

> Sentíamos que havia a necessidade de reunir as pessoas à volta de algo, para além da Feira. Sendo que decorre nesta data especifica, pareceu-nos que deveria ser em torno do próprio São Martinho. E assim surgiram os Romeiros de São Martinho. (José Coimbra de Castro Canelas, 12.03.2025)

A única cerimónia religiosa que ocorre no âmbito da Feira é relativamente recente, contando com cerca de duas décadas de existência e decorre da criação da *Irmandade dos Romeiros de São Martinho - Cavaleiros da Tradição de Portugal*, em 2001. Desde então, e pese embora a sua visibilidade seja maior por ocasião da Expoégua, também na Feira de São Martinho lhes é dedicado um espaço, a 11 de novembro, dia do Santo Padroeiro.

Pela manhã realiza-se uma peregrinação a cavalo que começa na Porta Fernão Lourenço percorrendo as principais artérias da vila até chegar à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Igreja Matriz da Golegã, onde o pároco procede à bênção. Encabeçada pelo Romeiro-Mor, a coluna segue depois para o Largo do Arneiro, onde termina o cortejo com um desfile pela manga. Aos Romeiros juntam-se outros cavaleiros e amazonas montando, maioritariamente, cavalos Lusitanos, e juntam-se também carros de cavalos. O *dress code* é formal sendo que a maioria dos Romeiros traja "à portuguesa".

Distinguem-se os Romeiros pelos símbolos que envergam: a Meia capa, vermelha e debruada a púrpura, disposta sob o ombro esquerdo, que remete para a que São Martinho usou depois do encontro com Cristo e que, propositadamente, tem aspeto de tecido cortado com espada, sem remate; e a Cruz, que todos envergam ao peito, criada para identificar e unir os Romeiros de São Martinho. O Vexilo, que cumpre a função de bandeira ou estandarte é outro símbolo que identifica a Irmandade e que é transportado numa atrelagem que lidera o cortejo e onde se deslocam o Romeiro-Mor e os seus convidados. Por fim, no que respeita aos símbolos, o Bastão do Romeiro-Mestre que o identifica como tal, simbolizando a sua importância como responsável pela organização da Romaria. A autoria dos símbolos deve-se,

como referido, ao Professor João Gorjão Clara que foi também o autor do hino e das regras que configuram a pertença à Irmandade.

Importa sublinhar que a Irmandade dos Romeiros de São Martinho é uma Irmandade privada constituída no âmbito da Associação Feira Nacional do Cavalo, e que realiza, desde 2002, a grande Romaria equestre em maio, por ocasião da realização da ExpoÉgua. A Romaria começa na Matriz manuelina e percorre algumas capelas privadas da região, terminando num local destinado ao convívio e confraternização. Nessa ocasião, a imagem do Santo, para a qual foi erguida uma capela própria no Largo do Arneiro, é colocada num carro de cavalos e acompanha o cortejo.

A Irmandade dos Romeiros de São Martinho é um produto do início deste século, sem antecedentes, criado como uma expressão de fé, mas simultaneamente como um ato de cultura e identidade que pretende ser distintivo e unir a comunidade equestre. Apesar de estar sedeada na Golegã, a Irmandade integra indivíduos, homens e mulheres, das mais diversas proveniências, que em comum têm a sua ligação ao cavalo.

A peregrinação realizada por ocasião da FNC é um evento que tem crescido nas últimas edições, quer em termos de participação, tendo já juntado mais de 100 cavaleiros e amazonas, e mais de vinte atrelagens, mas também em termos de assistência uma vez que é um acontecimento apelativo que atrai bastante a atenção dos visitantes. É uma cerimónia com significado, pois acontece no dia do Santo Patrono, mas cujo Conselho de Romeiros definiu como simples e célere dado que, por ocasião do São Martinho, os Romeiros estão mais envolvidos e comprometidos com a Feira logo têm menos disponibilidade. O seu grande momento de convívio é por esse motivo em maio, e não em novembro.

A Irmandade vai integrando, a cada ano, novos Romeiros e Romeiras. Em maio de 2022, por exemplo, foram integradas as romeiras Régine Fridli e Isabel Palha Figueiredo, Presidente da Associação das Amazonas de Portugal, em cerimónia pública que decorreu por ocasião da Romaria a São Martinho.

Amazonas de Portugal

Isabel Palha de Figueiredo é fundadora e atual Presidente Associação das Amazonas de Portugal de que importa também falar, na medida em que distingue a participação feminina na Feira da Golegã. Esta Feira inscreve-se na cultura popular portuguesa como uma das manifestações com raízes mais antigas, no século XVI, e que chega aos anos 20 do século XXI com enorme fulgor. Do que a história permite confirmar, nomeadamente ao longo do século XX, as mulheres sempre foram presença assídua na Feira da Golegã, como resultado também

do ambiente familiar e geracional que a Feira já então conhecia. No entanto, o ato de montar a cavalo era, sobretudo, apanágio masculino.

> Hoje é uma conversa impensável, mas naquela altura ir à Feira e montar a cavalo ainda era coisa de homens. (…) A minha sogra, por exemplo que sempre montou nas lebres e vestida à portuguesa, nunca montou na Feira. O meu sogro Fernando, Marquês da Graciosa, montou muito, muito na Feira, mas ela não. Nem nunca tive fotografia nenhuma dela na Feira, a cavalo. Nas lebres, no campo sim, mas na Feira não. E as minhas tias velhas, a minha avó, da parte da minha mãe, todas montavam, mas na Feira não. (…) A mãe [também] nunca montou na Feira. Sempre entrou na Feira em carro de cavalos. O meu pai trazia os carros de cavalos e a minha mãe acompanhava-o, mas nunca montou na Feira. Montava nas lebres, montava no campo, fazia passeios, saltou muito a cavalo em nova, mas nunca montou na Feira da Golegã (Isabel Palha Figueiredo, 28.03.2025)

As famílias coudélicas dominam, há mutas gerações, os negócios, as apresentações, as demonstrações e os convívios verificando-se uma forte presença feminina, não apenas no que respeita à organização de toda a componente social, seja nos pavilhões ou dentro de casa mas, a partir de certa altura, também na sua própria apresentação a cavalo, em público. Consta que nas primeiras décadas do século XX uma ou outra senhora já passeava no Largo do Arneiro, durante a Feira, montando "à amazona". Este tipo de monte, exclusivamente feminino, pressupõe, como referido, a utilização de sela própria e a união das duas pernas da cavaleira sobre o lado esquerdo do cavalo. Totalmente inaceitável, era uma senhora montar escarranchada. Terá sido por volta dos anos 30-40 do século XX que passou a ser socialmente aceite que as senhoras montassem escarranchadas e a monte "à amazona" foi entrando em declínio, quase perdendo-se esse costume.

> Não sei se fui a primeira [a montar escarranchada], mas fui das primeiras. Todas montavam à amazona, as minhas primas, a minha irmã também. O meu pai pôs-me à amazona mas eu não achei muito confortável. Eu disse, eu não quero montar assim, ou me deixam montar escarranchada ou eu não quero pronto, não monto. E eu que era a mais aficionada. (Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas, 07.06.2024)

Em 2017 foi criada oficialmente a Associação das Amazonas de Portugal com o objetivo de recuperar a monte "à amazona" no nosso país. A Associação foi impulsionada por Isabel Palha Figueiredo, que se mantém, desde então, como Presidente contando com cerca de trinta mulheres associadas. Entre elas encontra-se Maria Eugénia da Costa Casquinha, filha de Fernando Casquinha, um criador de cavalos vilafranquense, amante da Golegã das suas festas e tradições. Romeiro de São Martinho e frequentador assíduo da Feira de São Martinho, foi homenageado, *post mortem*, na edição da FNC de 2017.

As amazonas organizam estágios anuais, frequentam aulas práticas e são convidadas a participar em diversos eventos equestres, como por exemplo, na Feira do Cavalo de Ponte de Lima, na Expoégua, no Festival Internacional do Cavalo Lusitano ou em eventos organizados pela Escola Portuguesa de Arte Equestre. Na Feira da Golegã, onde se apresentaram pela primeira vez em público, são presença obrigatória. Podem ser vistas individualmente, em qualquer um dos dias a passear pela manga da Feira ou, em grupo, numa atividade programada. Desde 2022 que as Amazonas de Portugal desfilam no Dia de São Martinho no Largo do Arneiro num evento que, desde então, está calendarizado. O charme e a elegância ímpar das senhoras montando "à amazona" constituem o *ex-libris* da representação da tradição equestre no feminino, pelo que é um dos momentos mais apreciados da Feira da Golegã.

A Feira da Golegã e a sua regulamentação

A Feira da Golegã rege-se por um conjunto de normas que têm vindo a ser implementadas e aperfeiçoadas ao longo das últimas décadas pelos seus promotores, em conjunto com a Câmara Municipal, no sentido de regulamentar a sua organização e regular o seu funcionamento como consequência do enorme número de visitantes que circula pela vila durante estes dias.

As normas determinam, por exemplo, que a inscrição de cavaleiros, amazonas e condutores de veículos de tração animal, bem como dos cavalos, é obrigatória estando sujeita ao pagamento de uma taxa de inscrição. Desta forma a organização controla o número de participantes impondo-lhes algumas exigências, nomeadamente no que se refere às condições de segurança veterinária e bem-estar animal que são consideradas da maior importância para os promotores:

1. Os equinos inscritos como participantes na FNC têm de estar obrigatoriamente bem nutridos e hidratados, apresentando uma limpeza adequada, não sendo admitidos em circulação, animais em mau estado de apresentação ou de nutrição, com sinais de desidratação, com sinais visíveis de dor, com claudicações, com feridas ou sangue visível. 2. Todos os cavaleiros, amazonas e condutores de veículos de tração animal podem estar sujeitos à realização de ações de inspeção veterinária aleatórias ou interventivas, as quais serão realizadas pela equipa de veterinários da FNC, em articulação com as forças de segurança. 3. (…) Poderão ser ainda excluídos os animais que mostrem desconforto ou stress devido ao meio ambiente próprio de uma Feira ou que demonstrem falta de preparação, treino ou submissão e que, por isso, coloquem em risco o seu bem-estar ou a segurança de terceiros. 4. Qualquer uso excessivo de força pelo cavaleio e/ou condutor (nomeadamente com o recurso a varas,

sticks, esporins e / ou esporas) são considerados ofensas ao bem-estar animal. (Regulamento FNC, 2024)

No que se refere ao bem-estar animal, note-se que os cavaleiros, amazonas e condutores de veículos de tração animal estão obrigados a cumprir o *Código de Conduta da Federação Equestre Portuguesa para o bem-estar animal* o qual deriva de normas internacionais estipuladas para o desporto equestre.

Relativamente à Feira, e para salvaguardar a segurança dos animais e das pessoas, está também regulamentada a circulação dos veículos de tração animal, os quais podem, tal como os cavaleiros e amazonas, ser sujeitos à realização de ações de inspeção aleatórias ou interventivas, conduzidas por técnicos contratados pela AFNC. Aos condutores é exigida a adoção de uma conduta e de um comportamento que salvaguarde a integridade física de pessoas e animais, bem como do mobiliário público e do edificado.

Em 2018 foi adotada uma norma, que já tinha alguns antecedentes, e que veio provocar contestação, mas que ainda vigora e com efeitos considerados pelos goleganenses, e não só, como bastante benéficos. Esta norma determina a proibição de circulação de cavalos e veículos de tração animal entre as 02h00 e as 07h00 em toda a vila da Golegã, durante o período da FNC (artigo 10º do Regulamento Feira Nacional do Cavalo 2024). A determinação gerou controvérsia por parte de alguns cavaleiros e condutores de atrelagens, que pretendiam circular pelas ruas da vila a qualquer hora, sem restrições, mas a organização manteve-se firme na decisão do recolher obrigatório salvaguardando, por um lado, a proteção da fadiga animal, mas também a segurança dos visitantes e a tranquilidade noturna da vila, em consequência de excessos que por vezes se verificavam.

No que respeita a normas e comportamentos a adotar sublinha-se a importância do traje. Também está regulamentada a obrigatoriedade dos cavaleiros, amazonas e condutores de veículos de tração animal envergarem um traje tradicional adequado à equitação, seja este traje à portuguesa ou um traje correto de equitação, sempre que frequentem a manga do Largo Marquês de Pombal (Largo do Arneiro) e o Picadeiro Central. O objetivo é padronizar a apresentação pública dos participantes e conter eventuais extravagâncias que podem comprometer a identidade e a imagem da Feira, bem como o respeito pelas suas tradições.

A questão do traje tem sido mais difícil de implementar. O segundo fim de semana da Feira é o principal e aquele em que os participantes a cavalo se esmeram mais na forma de apresentação e no correto uso do traje, mas há sempre quem passeie pelos espaços oficiais da Feira, nomeadamente pela manga, sem cumprir a norma. Neste caso, a obrigatoriedade transforma-se apenas em recomendação uma vez que é mais difícil fazer cumprir a regra,

porque não há quem fiscalize. Ao contrário da questão da circulação, que é controlada pelas forças de segurança pública, nomeadamente pela GNR, no caso do traje não há policiamento, pelo que se apela ao bom senso e compreensão dos participantes, o que nem sempre é atendido.

A indumentária e o traje são muito debatidos entre os membros da comunidade, sendo que os mais puristas defendem o máximo rigor na sua utilização. Entre estes, comenta-se um chapéu que não é apropriado, uma jaqueta fora da palete de cores instituída, um corte menos tradicional ou um sapato desajustado. Jeans e ténis são completamente abominados. Note-se que o Traje Português de Equitação foi amplamente estudado pelo Professor Doutor Gorjão Clara que é tido como o grande especialista e aquele cujas orientações devem ser seguidas. Como cavaleiro é dos que se apresenta, naturalmente, irrepreensível em público. Tem sido também um dos principais defensores do uso adequado da imagem na Feira da Golegã e da necessidade de preconizar uma maior exigência neste sentido.

> Os defensores das Atrelagens de Tradição conseguiram convencer a Câmara Municipal para que houvesse um horário em que as atrelagens, as maratonas e os carros que não são de tradição, não pudessem circular. E publicaram isso no Programa da Feira. Quando as pessoas se vão inscrever dão-lhes o Regulamento e no Regulamento está lá isso. (…) Ao princípio, como calcula respingaram mas, a verdade, é que eles se tinham comprometido, ao assinarem e aceitarem o Regulamento. O que eu defendo [para a utilização do traje] é exatamente o mesmo, ou seja, deve haver um horário para as pessoas montarem como quiserem. Agora, a determinadas horas, só deve entrar na manga quem está devidamente trajado à portuguesa, ou pelo menos procura estar trajado corretamente à portuguesa. Todos podem montar na Golegã todos os dias, em todos os lados mas, na manga, naquele horário, só podia entrar quem estivesse rigorosamente trajado. (João Gorjão Clara, 07.04.2025)

Ainda no que se refere à regulamentação, também os concursos e provas desportivas são regulamentados havendo uma quantidade de normas e regulamentos específicos que enquadram cada uma das modalidades desportivas e da qual não se debruça o presente pedido de inventariação por não se considerar objeto de estudo patrimonial.

Um outro setor muito específico, que também está regulamentado, é o do comércio que se prende com um dos grupos considerados no contexto social - artesãos, expositores e outros profissionais. Com efeito, a história da Feira de São Martinho relembra-nos que a componente comercial sempre foi motivo de grande atratividade:

> Compra-se ali tudo o que era necessário. Num canto estava o material todo para as azeitonadas, os panais, os varejões, as varas, escadas, tudo. Ao lado havia as mantas, as de Minde e as lobeiras. Depois, encostado à parede eram as samarras, os safões, polainas e os fatos. As barracas das quinquilharias vendiam de tudo: almotolias de chapa, baldes, brinquedos

> para as crianças de madeira, de barro, de chapa, camionetes de chapa, carrocinhas de chapa, bonequinhas, uns pifarozinhos em madeira, piões, aviões. Uma família ali de Vale Figueira vendia as loiças. Os grandes clientes eram famílias que tinham bodas casamentos que compravam para oferecer aos noivos. Tudo o que era necessário vendia-se aqui, não havia lojas. O dinheiro todo que podiam juntar ao longo do ano juntavam, para poderem chegar ao São Martinho e virem gastá-lo. (Manuel António Martins, 12.09.2024)

A Feira era, de facto, muito procurada para a compra e venda de todo o tipo de produtos, entre os quais, as "quinquilharias". Com os anos, e apesar da sua modernização, a Feira não perdeu atratividade em termos comerciais, mas diversificou-se a oferta, que é hoje muito especializada na venda de produtos equestres e artesanais mas também de alimentação.

O comércio local é complementado, durante os dias da Feira, com lojas físicas, que se instalam temporariamente em espaços de aluguer, como casas de habitação ou espaços comerciais desocupados e também em espaços de garagem que se adaptam para o efeito. Aqui comercializam-se roupas, sapatos, acessórios e muitos são transformados em espaços de restauração. Para aumentar a oferta, a Câmara disponibiliza pequenos stands em madeira, também de aluguer, que distribui pelas ruas circundantes ao Largo do Arneiro, concentrando-se um núcleo, no Largo da Igreja Matriz. A ocupação dos espaços decorre de candidatura apresentada, em época própria, e a qual fica sujeita a aceitação por parte da AFNC.

No coração da Feira, em pleno Largo do Arneiro, o comércio é centrado nos produtos equestres, instalando-se ali os maiores expositores. Uma área comercial é também instalada no interior do picadeiro da Câmara Municipal da Golegã que é utilizado pela ANTE (Associação Nacional de Turismo Equestre) e o qual, por estes dias, é também um espaço comercial muito movimentado.

Os expositores deslocam-se das mais diversas proveniências, não só de Portugal, como do estrangeiro, nomeadamente de Espanha. Em muitos casos há um compromisso com os senhorios, renovado a cada ano, que lhes permite instalarem-se sempre no mesmo espaço facilitando a logística e o reconhecimento por parte dos visitantes. Os expositores espanhóis apostam muito no comércio de produtos equestres, incluindo indumentária apresentando, tal como os portugueses, uma gama diversificada de produtos muito centrados nas temáticas equestres e relacionadas, em geral, com o mundo rural indo ao encontro dos gostos e da procura dos visitantes.

O comércio na Feira da Golegã é complementado, por fim, pela venda ambulante. Os vendedores ambulantes, que de algum modo mantêm a tradição da venda de "quinquilharias", dispersam-se igualmente pelas artérias circundantes montado as suas

próprias tendas ou barracas, as quais estão sujeitas também à obtenção de uma licença. Os produtos são baratos, de qualidade inferior e apresentam menos tendência para as temáticas equestres. Entre os vendedores ambulantes destacam-se os vendedores de castanhas assadas, sempre bem posicionados e muito requisitados, pois permitem cumprir a tradição, dada a ligação da Feira com a época do São Martinho.

A edição da Feira da Golegã de 2024 conheceu uma nova realidade com a concentração de stands de venda e espaços de restauração num único recinto, sito na Rua Infante D. Henrique, com acesso direto ao Largo do Arneiro. O espaço foi adquirido pela Associação Feira Nacional do Cavalo com o objetivo de concentrar todo o comércio neste local, desobstruindo as artérias circundastes da Feira e permitindo o alargamento do espaço disponível para coudelarias e patrocinadores em redor do Picadeiro Central. Este alargamento da Feira, foi pensado para melhoria das condições de venda dos expositores, ma também em benefício da circulação de pessoas e animais nas ruas da Golegã, e, principalmente, segundo os promotores, para benefício da qualidade de vida dos goleganenses durante a Feira.

A Feira da Golegã fora do Programa oficial

A Feira da Golegã combina um programa oficial, recheado de eventos e atividades equestres, nas quais a comunidade participa em peso, com um ambiente único de festa, de convívio e de confraternização que se alarga a todos os visitantes. O lado mais formal e programado da Feira enquadra-se no seu registo enquanto Feira Nacional do Cavalo e Feira Internacional do Cavalo Lusitano, sendo a sua vertente mais popular e democratizada inscrita no âmbito da designação como Feira de São Martinho. Naturalmente que o evento é único e que não há barreiras, e é esse o motivo pelo qual o contexto social da Feira da Golegã é tão alargado e não se pode circunscrever à comunidade equestre, embora esta tenha maior peso em termos de organização e participação.

Fora do seu programa oficial a Feira da Golegã vive um ambiente único que a faz, seguramente, ser tão procurada. É um ambiente que se vive de dia e de noite, durante a semana e ao fim de semana. Durante o dia e durante a semana o ambiente é um pouco mais calmo, mas há noite e ao fim de semana a Feira enche-se de visitantes. O segundo fim de semana continua a ser aquele em que a comunidade equestre vive mais o espírito da Feira. Muitos só chegam para o Concurso do Cavalo de Sela que decorre na 5af anterior e estendem a sua permanência até ao fim de semana seguinte.

> Vou sempre à Feira no último fim de semana. No primeiro não vou. Adoro a Feira, Deus queira que nunca acabe. Aí há uns 4 anos deixei de montar na Feira. O meu avô dizia sempre que, seja

> quem for, faça o que fizer tem de saber retirar-se. Eu concordo e assim fiz. Eu tinha um cavalo lindo, lindíssimo. E nesse ano eu soube que era a minha despedida, nunca mais montei. Agora vou espreitar os cavalos, que adoro. (Maria do Carmo Infante da Câmara, 05.03.2025)

A toda a hora há cavalos a circular na manga da Feira, independentemente de haver, ou não, atividades a decorrer no Picadeiro Central. A toda a hora há também pessoas em redor a assistir. E ao fim de semana as ruas em redor do Largo do Arneiro são invadidas de gente que evita ser atropelada por cavalos que estão constantemente em circulação. As ruas nas imediações do Largo do Arneiro são condicionadas ao trânsito e os passeios são ocupados pelos vendedores ambulantes, daí que pessoas e cavalos circulem todos pelos mesmos espaços embora a Câmara Municipal tenha criado corredores específicos para a circulação dos equinos.

No meio da multidão não é fácil identificar os elementos da comunidade equestre, a não ser quando a cavalo ou, mesmo apeados, circulam trajados. De outra forma os próprios elementos da comunidade diluem-se entre a massa anónima de visitantes.

O alojamento turístico na Golegã não absorve a procura, e quem pretende instalar-se na vila durante este período começa a programar a estadia com meses de antecedência. A Golegã dispõe, desde 2006, de uma única unidade hoteleira, o Hotel Lusitano, que não chega, nem de perto, para a procura existente nesta ocasião, sendo que existem igualmente muitos alojamentos de cariz turístico, AL e alojamentos rurais licenciados como tal. A grande maioria das pessoas encontra efetivamente solução em alojamentos privados ou, em última instância, fora da Golegã. No caso de quem se faz acompanhar de cavalos, acresce a procura de espaços particulares com aluguer de boxes. É o caso de muitas famílias coudélicas que, não sendo da Golegã, se instalam na vila durante todo o período da Feira. O entusiasmo pela Feira da Golegã, ou o interesse profissional, leva a que algumas pessoas de fora tenham adquirido casa própria, com ou sem boxes para cavalos, de modo a acautelarem tranquilamente a sua estadia nos dias da Feira.

> (…) há muita gente que tem casa na Golegã, segundas casas, e que tiram oito ou quinze dias de férias para estarem na Golegã durante a Feira. Durante o ano tiram uns dias e vão para lá. Um mês antes já se começa a ver a movimentação, as pessoas a abastecer as casas, a arranjar, a limpar. A movimentação começa logo em setembro. As pessoas começam a vir aos fins de semana. Trazem tudo o que necessitam, para si e para os cavalos, arreios, etc. (…) Não se vê noutros países, as pessoas ficarem a conviver oito ou dez dias seguidos. A parte social é importantíssima na Feira. (José Canelas, 12.03.2025)

> Essas pessoas não são tantos profissionais dos cavalos mas sim pessoas que fazem disso o seu hobby. Quem tem a sua vida profissional dos cavalos e precisa de vir à Golegã geralmente não faz tanto investimento. Esses estão muito habituadas a alugar uma boxe para o cavalo e

> alugam um quarto para si. Há imensos, mas esses não fazem investimentos em imobiliário. Há muitos coudelarias que têm casa e têm os seus cavalos, mas há um mercado muito grande de gente que faz esse investimento porque tem um cavalo para lazer. Isso é o que há mais e é o que movimenta mais o mercado imobiliário da Golegã. (Idem, 07.06.2024)

Na esfera privada os goleganenses, e os que ali se instalam em casa própria ou em casa de aluguer, recebem os amigos e família durante estes dias. O convívio e a confraternização têm lugar dentro de portas, só para convidados, e os pátios privados são autênticas salas de visita onde as noites são longas e animadas. É a Feira da Golegã fora do Programa oficial, com um ambiente de festa e confraternização que acontece por toda a vila, muito para além do Largo do Arneiro e das suas imediações. Quando os cavalos são presença, esse ambiente é avivado pelo labor equestre e pelo vai e vem dos cavaleiros, ou amazonas, que circulam entre o espaço público e privado.

A preparação da apresentação pública começa em casa, com o cuidado na escolha da indumentária, sobretudo para quem enverga traje apropriado, como o Traje Português de Equitação. No caso das senhoras, os cuidados são redobrados com a necessária seleção dos acessórios e penteados, os quais têm também as suas formalidades. O mesmo rigor é colocado na apresentação das crianças que desfilam, a cavalo, na manga da Feira. A preparação ocorre com a antecedência devida, dada a necessidade de conceber trajes à medida ou, quando possível, proceder a adaptações de trajes familiares.

> Se queríamos montar, então pois, tínhamos de vir mesmo bem vestidas. O meu pai era rigorosíssimo nesse aspeto. (Isabel Palha Figueiredo, 28.03.2025)

O cuidado na apresentação das crianças e a forma como dominam ou conduzem a sua montada, tem retorno laudatório para as famílias que encaram com naturalidade, mas também com orgulho, essa exibição. Quando muito pequenas, as crianças são acompanhadas por familiares, feitores ou campinos da Casa, que zelam pelo seu cuidado e segurança. Quando mais crescida, a partir dos 6 - 7 anos de idade, a criança já pode conduzir sozinha a sua montada, sem qualquer acompanhamento a não ser apenas o de vigilância. Nas famílias de tradição coudélica as crianças começam a montar a cavalo muito cedo, recebendo os princípios básicos da arte equestre através da intergeracionalidade, os quais podem vir a aprimorar, mais tarde, através do ensino formal.

Cuidada é também a apresentação dos cavalos, tanto mais quanto o objetivo é a sua mostra para efeitos de comercialização. Sendo a Feira da Golegã a principal montra do país e, como tal, o local de eleição para a comercialização de equinos, é forte o investimento na apresentação das montadas e na demonstração, em público, das habilidades do cavalo, por

exemplo, no que respeita à execução dos passos de escola mais avançados. Nestes casos verifica-se uma dupla demonstração, por um lado, das potencialidades do cavalo e, por outro, das qualidades do cavaleiro.

As esferas, pública e privada, são delimitadas pelo espaço da rua e pelo espaço de casa, respetivamente. Na Feira da Golegã reside a particularidade de haver espaços privados que estão na esfera pública. Em Espanha estes espaços são denominados por *casetas*, como sucede nas Feiras de Sevilha ou de Jerez de la Frontera, e na Golegã identificam-se como *pavilhões*. As casetas espanholas divergem das portuguesas pois não têm espaço para cavalos, contando apenas com área social.

Instalados no coração da Feira, em torno do Picadeiro Central e da manga, os pavilhões são pequenas casas em madeira, de instalação temporária, propriedade de coudelarias, que se montam antes da Feira e se desmontam no final, uma vez cumprido o seu objetivo de acolher a família e os amigos nos dias do evento. As boxes anexas permitem aos proprietários expor alguns cavalos da coudelaria para apresentação e, na maioria dos casos, com o objetivo de venda.

A tradição de erguer um pavilhão no recinto da Feira é antiga e dela há memória já nos anos 40, 50 e 60 do século passado. Por essa ocasião há nota de existirem poucos pavilhões.

> Era uma Feira muito pequena, de apenas três dias. Era o dia 10, 11 e 12. Não havia muitos pavilhões, os pavilhões que havia era a Casa Coimbra, a nossa (Veiga), os Ervideira e os Sommer de Andrade. Eram apenas estas. Mais tarde vieram outros, como a família Ortigão Costa, já eu era crescido e lembro-me perfeitamente de eles virem pela primeira vez à Feira. Já eu tinha 18 anos. (Manuel Veiga, 07.06.2024)

Começaram por ser exclusivamente pavilhões de cavalos, onde os proprietários expunham os equinos para venda, mas já em meados do século passado lhes era atribuído um carater social.

> Os donos estavam ali à porta, a receber as pessoas que queriam ver os cavalos. E depois mais tarde começaram a receber os amigos. O pavilhão era, de certa forma, um prolongamento da casa. Os meus pais recebiam sempre amigos, uns já mais ligados aos cavalos e outros, das famílias mais modestas às mais abastadas. (Manuel Veiga, 07.06.2024)

Nessa ocasião as famílias recebiam também em casa muitos amigos. Há memória de grandes receções dadas na Casa Veiga e na Casa Andrade, estes últimos, proprietários da referida Quinta da Cardiga onde a Feira da Golegã era festejada em cerimónias apoteóticas.

> No tempo da minha mãe, e já no tempo dos meus avós, fazíamos sempre um jantar na Cardiga na véspera do Dia de São Martinho, onde reuníamos cerca de 300 pessoas. Nós éramos cinco filhos, e cada um de nós tinha dez amigos para convidar. Logo aí eram cinquenta pessoas. O meu pai [Fernando Sommer de Andrade] levava mais cem amigos, portanto, facilmente havia duzentas/trezentas pessoas lá em casa para jantar. (…) O José Cid estreou lá (…) o Quarteto 1111. Éramos todos crianças e adolescentes nessa altura... Depois cantava-se o fado. Lembro-me de o fazerem, nas escadas que vão para o primeiro andar onde é a cisterna. O João Braga, o Ferreira-Rosa. Eram festas inesquecíveis que aconteciam uma vez por ano. As outras famílias também vinham à Cardiga. Havia aquela coisa de convidarmos e as pessoas dizerem – mas eu tenho cá gente. E nós dizíamos – venham todos! Era assim. (Rui "Sommer de Andrade", 16.05.2024)

Atualmente o pavilhão é o local por excelência para receber: família, amigos, amigos dos amigos e clientes. O espaço amplo é salão de visitas, é palco de conversas, de negócios e de animados serões musicais. O fado está presente e é comum ser cantado e tocado ao vivo. O círculo social é restrito e, por norma, é a comunidade equestre que circula nos pavilhões, estendendo-se aos seus grupos de amigos. Desfrutar de um momento de convívio num destes espaços é atrativo e a sua localização, no centro da Feira, torna o pavilhão no local onde todos querem estar.

O visitante comum da Feira da Golegã não tem acesso a estes espaços dado que, ao contrário do que sucede nas feiras espanholas, não existem casetas públicas, embora ainda subsista na memória dos mais antigos a existência, nos meados do século passado, de um pavilhão comunitário, acessível a todos, ao qual se chamava "Pavilhão da caridade", cujos lucros revertiam para obras de beneficência.

O pavilhão hoje é, sobretudo, um espaço social, de convívio, e a sua existência acarreta custos elevados aos seus proprietários. A montagem e desmontagem, a estrutura, a decoração, vulgarmente em estilo campero, os caterings e, sendo caso, as animações musicais, tornam-nos espaços dispendiosos pelo que há famílias e entidades que já tiveram e deixaram de ter. Algumas coudelarias partilham o mesmo pavilhão, repartindo as despesas. Na impossibilidade de erguer um pavilhão no Largo do Arneiro, algumas famílias coudélicas recebem os seus convidados em casa.

> Eu todos os dias recebo na minha casa cerca de 200 pessoas, todos os dias. Em pé, descontraídos, mas são centenas de pessoas diariamente. Amigos, amigos dos amigos,… (Filipe Pimenta, 07.11.2024)

A Feira da Golegã fora do seu programa oficial é lugar de amizades, de encontros e reencontros, de celebrações e divertimento. É lugar de paixões e de afetos, para ver e ser

visto. Não importa a idade, o género, a classe social ou a proveniência, todos os caminhos vão dar ao Largo do Arneiro.

> Eu, quase com 87 anos, ainda vou à Feira todos os dias. De dia e de noite! (Manuel António Martins, 12.09.2024)

É uma manifestação cultural secular que dignifica a ruralidade e as suas tradições. Passada de geração em geração combina, atualmente, tradição com modernidade e marca, sem dúvida, a identidade e a cultura ribatejana, no que à arte equestre diz respeito, mas também a cultura portuguesa uma vez que o cavalo, nomeadamente o Lusitano, já é um símbolo nacional, reconhecido além-fronteiras.

*

Os números demonstram que a Feira da Golegã está em crescimento. Comparam-se os dados de 2019 e 2024 de modo a abranger o período pré e pós pandemia. Relativamente ao número de cavalos verificou-se um aumento de 19% de cavalos inscritos e 15% de aumento de atrelagens. Em números absolutos corresponde a 2835 cavalos inscritos em 2019 e, em 2024, 3378. Relativamente à inscrição de carros de cavalos o aumento foi de 16%, o que corresponde a 298 carros de cavalos inscritos em 2019 e 343, em 2024.

O número de expositores também acompanha esse aumento: em 2019 foi 158 e em 2024, 190 o que perfaz um crescimento de 20% de expositores em cinco anos.

Quanto à representação das coudelarias, o aumento não é tão significativo. Contabilizaram-se, em 2019, 32 e, em 2024, 38. O número corresponde a 27 pavilhões em 2019 e 28 em 2024. A existência de um maior número de coudelarias do que de pavilhões explica-se pelo facto já mencionado, de que alguns pavilhões representam mais do que uma coudelaria, ou seja, algumas coudelarias partilham o mesmo pavilhão, repartindo assim as despesas. Por outro lado, também não há espaço para novos pavilhões, em redor do Arneiro.

Relativamente ao número de visitantes a Associação Feira Nacional do Cavalo e a Câmara Municipal da Golegã não possuem números oficiais, mas apenas estimados. Note-se que a manifestação cultural decorre em regime aberto, sendo de acesso gratuito, o que dificulta o registo de visitantes possibilitando apenas uma estimativa. As autoridades estimam que o número de visitantes ronde, a cada ano, o meio milhão de pessoas.

7.3. Manifestações associadas:

A Feira da Golegã é indissociável da Arte Portuguesa Equestre como outra manifestação, *per si*, da cultura portuguesa. Uma de caráter performativo, a outra de natureza festiva são, de facto, impossíveis de dissociar. O cavalo, em particular o Puro Sangue Lusitano, é o grande protagonista da Feira, juntamente com o cavaleiro, tal como ambos protagonizam, de forma sublime, a arte equestre. Para além dos protagonistas, há toda uma sincronia que une as duas manifestações e que assenta numa relação que não é recente. É uma relação que vem, pelo menos, desde o século XVIII e que se consolidou ao longo do século XX, a partir do momento em que a Feira da Golegã se torna a grande montra para a apresentação e comercialização de equinos e onde ambos, cavalo e cavaleiro, se apresentam ao mais alto nível demonstrando todas as virtualidades de ambos.

A Feira da Golegã é ainda indissociável de muitos saberes e técnicas tradicionais associados ao cavalo e à própria arte equestre que configuram manifestações de natureza imaterial e que a própria Feira exalta no espaço que lhes dá para apresentação e exposição pública. São ofícios ou profissões tradicionais que ainda subsistem para alimentar a tradição equestre. Muito ligados ao meio rural, onde estão sedeados, os artífices procuram satisfazer as necessidades de clientes exigentes que procuram, ainda no trabalho manual, uma singularidade que não encontram nos produtos industrializados que têm ao seu dispor.

Correeiros, alfaiates, chapeleiros, sapateiros, ferreiros ou entrançadores, acumulam conhecimento e técnicas, passados de geração em geração, e cada vez mais ameaçados, não só pela indústria que atualmente já apresenta produtos para todas as necessidades, como pelo desinteresse dos jovens que não demonstram, por estas profissões, qualquer tipo de interesse.

8. Contexto de transmissão:

8.1. Estado:

A transmissão da manifestação está plenamente ativa. Um dos aspetos mais característicos da Feira da Golegã é o facto de ser frequentada e vivida por indivíduos de todas as gerações. Independentemente do tipo de envolvimento que têm com a Feira, quer sejam cavaleiros ou amazonas, ou apenas visitantes, os mais novos começam por acompanhar os pais e avós, ainda em criança, e mais tarde autonomizam-se, frequentando a Feira individualmente ou organizando-se em grupos próprios de amigos. Atingindo a idade adulta acompanham-se da

sua própria família, incluindo os filhos, os quais reiniciam este ciclo. Há uma transmissão integeracional muito vigorosa, que tem lastro histórico assinalável e que não está, de todo, ameaçada.

8.2. Descrição:

Para além de ser frequentada e vivida por indivíduos de todas as gerações, a Feira da Golegã é também frequentada e vivida por indivíduos de todas as classes sociais, muitos dos quais nem pertencem à comunidade equestre. Vêm dos concelhos vizinhos, mas também de mais longe, sendo bastante diversificadas as suas proveniências. Grande parte visita a Feira de São Martinho por hábito e tradição e fazem-no em família. Proporcionam, desse modo, a transmissão às gerações mais novas que acompanham os pais e os avós nas habituais visitas à Feira. Mais tarde, enquanto jovens, desfrutam do São Martinho em grupos de amigos e na idade adulta vivem a experiência com a família que, entretanto, constituíram. A visita à Feira da Golegã é um marco no calendário festivo de outono/inverno para muitas famílias do Ribatejo, depois de um verão muito concorrido em termos de festividades ribatejanas.

Contudo, é na comunidade equestre que transmissão é mais marcada e onde melhor se expressa a intergeracionalidade. As famílias representantes do meio equestre, e oriundas de diversas proveniências geográficas, incluindo naturalmente da própria Golegã, fazem-se representar na Feira por elementos de várias gerações. As mais tradicionais começam a preparar a Feira com muita antecedência: quando necessário tratam do alojamento, incluindo boxes, cuidam da logística relativa ao pavilhão, definem os trajes, selecionam e preparam os melhores cavalos e os mais adequados arreios e acautelam os transportes. É um ritual cumprido anualmente, que reúne avós, pais, filhos e netos. O momento em que estas famílias se mostram a desfilar na manga da Feira é o culminar de todo esse ato preparativo. É um momento solene, causando pompa e aparato.

Nesses círculos familiares as crianças participam na Feira desde tenra idade sendo frequente vê-las trajadas e montado ao lado dos pais, irmãos e avós. Crianças muito pequenas são, por vezes, acompanhadas pelos maiorais ou campinos da Casa os quais são também agentes de transmissão. A transmissão não está apenas no ensinamento relativamente à forma como devem desfilar, a cavalo, na Golegã, mas sobretudo no que lhe antecede: nos ensinamentos relativos à prática da equitação, na relação de respeito e confiança com o cavalo, na ciência de como o preparar e aparelhar, nos conhecimentos que lhes são transmitidos no que respeita à forma de bem trajar e na transmissão de tantos saberes-fazer associados.

O que marca a diferença nestas famílias é o legado, que se traduz na soma de tudo aquilo que as gerações passadas construíram e que deixam como herança às gerações seguintes. São bens de natureza tangível e intangível. São casas, propriedades, terras, objetos, até mesmo negócios ou empresas que são símbolos tangíveis dessa trajetória, mas também são valores, tradições, costumes, rituais, até comportamentos e condutas que moldam a identidade individual e coletiva da família. Nestas famílias, a genealogia tem um peso histórico muito elevado e cada geração é guardiã desses patrimónios, com a missão de preservá-los para as gerações futuras.

A presença na Feira da Golegã é parte desse património intangível que é recebido, que precisa de ser vivido e deixado como legado à próxima geração. É um ritual que marca a pertença a uma estrutura social que gera no indivíduo a noção de continuidade e responsabilidade. Só dessa forma se explica a longevidade de algumas destas famílias onde os seus membros, observados a partir de fora, não são indivíduos vistos de forma isolada, mas sim parte de uma linhagem coletiva que se estende num determinado friso cronológico. Os tempos modernos são desafiantes e impõe criatividade na forma como estas famílias e estes indivíduos encontraram soluções para manter viva e acesa a marca e a memória do passado sem que impeça a evolução, a inovação e o progresso. A Feira da Golegã espelha a forma como encontram equilíbrio entre a tradição que pretendem manter e propagar, e a adaptação a novas realidades da vida rural e da vida urbana à qual muitos também pertencem, sem perder essência, identidade, reputação e, até mesmo prestígio. A transmissão garante que essas condições são passadas e recebidas entre gerações e que a continuidade do património, material e imaterial, é assegurada.

8.3. Modo(s):

Os que visitam a Feira da Golegã sem pertencer à comunidade equestre, desfrutam das suas atratividades e transmitem, de modo informal, o gosto e o hábito aos filhos que, por sua vez, estabelecem a sua própria cadeia de transmissão, alimentando o ciclo já referido.

Também no seio da comunidade equestre há uma transmissão informal que passa de avós e pais, para filhos e netos. Nestas famílias, como vimos, as tradições são herdadas constituindo um bem intangível que as novas gerações recebem através de legado e que têm como responsabilidade manter, para passar às seguintes. Há uma informalidade inerente a um processo comum de passagem de conhecimentos, hábitos e tradições entre indivíduos e gerações à qual acrescem, nestas famílias, mecanismos de transmissão formal associados a atos de gestão, de liderança familiar e de decisão, metaforicamente comparando a família com uma empresa que é necessário administrar.

> O nosso futuro, enquanto Casa, está assegurado. Eu posso dizer que estou no ativo, mas os meus filhos são donos de tudo, na verdadeira aceção da palavra. Tenho quatro filhos, três rapazes e uma rapariga. A minha filha é casada com um criador também. Eu não tomo decisão nenhuma sem consultá-los. Todos os meus filhos montam a cavalo, todos gostam de cavalos e há um deles que está muito preparado para continuar (…). Eu fiz questão de transmitir aos meus filhos toda a informação acerca da parte genética, como também tenho feito classificações de cavalo em casa à frente deles para os ir preparando. Sei que eles estão perfeitamente capazes disso, agora o futuro vamos ver. (Luís de Sousa Cabral, 07.11.2024)

A passagem pela Feira da Golegã, com toda a logística que envolve, é exemplificativa do modo como os mais novos aprendem o que os mais velhos lhes ensinam para que, a cada edição da Feira, a presença familiar seja sempre assegurada, independentemente do membro da família que, à época, lidera o agregado. Nos casos em que a transmissão não ocorre, independentemente do motivo, quebra-se o vínculo com a Feira, o que condiciona ou inviabiliza a participação familiar como um todo coletivo, mas que não invalida a participação individual dos seus elementos.

Por outro lado, há também transmissão formal e informal numa das práticas mais importantes no que à Feira da Golegã diz respeito. Trata-se da equitação. As crianças do meio aprendem muito cedo a montar a cavalo. A aprendizagem começa por ser informal e intergeracional e decorre do facto de crescerem a ver como fazem os da Casa, e a acompanharem as suas rotinas quotidianas. Muitos não passam deste nível de aprendizagem informal que acumulam com algum autodidatismo, que lhes permite montar a cavalo desembaraçadamente. Outros, por opção própria ou por encaminhamento familiar, frequentam lições de equitação onde a transmissão e o ensino adquirem um carater formal. A procura por um determinado mestre ou por um determinado centro equestre garante o aperfeiçoamento do processo de aprendizagem individual e personalizado que se adapta aos interesses de cada indivíduo seja para fins exclusivos da prática de uma equitação de lazer, seja na prossecução de objetivos mais ambiciosos que pressuponham, por exemplo, desenvolver ou aperfeiçoar competências e aptidões no que respeita à arte equestre portuguesa ou mesmo para a prática da equitação enquanto modalidade desportiva.

No que respeita à transmissão formal podemos identificá-la também no grupo dos atletas/participantes em competições e provas desportivas. Aqueles que se deslocam à Golegã para fins desportivos ou competitivos têm por base a prática de uma equitação formal aprendida ou aperfeiçoada via ensino. Esta equitação é transmitida de forma oral, de instrutores para aprendizes ou para cavaleiros mais experientes com base num programa de formação que é definido pelo Centro Equestre onde as lições decorrem e que pode

incorporar aulas teóricas associadas às aulas práticas. O ensino pressupõe uma continuidade e um aperfeiçoamento que, em última instância, pode tornar estes atletas autónomos.

Por outro lado, e ainda no que respeita à transmissão formal observa-se também na participação dos indivíduos, detentores, na organização da Feira. Isto é, os órgãos sociais da Associação Feira Nacional do Cavalo são constituídos por representantes das famílias locais, do meio equestre, que deste modo se envolvem ativamente na organização na Feira da Golegã, tornando-se agentes ativos da sua dinamização. Assim é com a atual geração que herdou, da anterior, a responsabilidade pela organização da Feira integrando a AFNC. Embora formal, os conhecimentos são adquiridos pela prática e pela experiência que vão acumulando ao longo dos anos em que têm este papel ativo, contribuindo para que ano após ano a Feira se realize.

8.4. Agente(s):

Qualquer individuo é agente de transmissão quando visita a Feira da Golegã em família, e de forma continuada, incutindo nos mais novos o gosto e a vontade de continuar a fazê-lo. São pais, tios e avós, não pertencentes ao meio equestre, que incutem nos mais novos o prazer em apreciar o cavalo e as práticas e tradições associadas.

São também agentes de transmissão aqueles que nas coudelarias transmitem informalmente os saberes associados ao cavalo e à equitação a uma geração mais jovem da Casa, que vai crescendo a observá-los e a ouvi-los e que, por essa via, adquirem os conhecimentos básicos da prática equestre. É pessoal da Casa, cuja experiência empírica reverte a favor da aprendizagem dos mais novos mesmo que involuntariamente e sem que lhes seja solicitado.

Por outro lado, e no seio da comunidade equestre é agente de transmissão qualquer pai ou avô, ou detentor de outro grau de parentesco, que ensine, formalmente uma criança ou um jovem a cultivar uma relação afetiva com um cavalo, revelando-lhe as suas características, as suas apetências, as suas aptidões e ensinando-lhe os princípios da arte equestre que não passam apenas pela forma de montar, mas também pela forma como ensina a aparelhar um cavalo, como incentiva a envergar um traje de equitação ou como o estimula a participar, com brio, nos festivais equestres ou nas feiras, como a da Golegã, onde ganha especial relevo a forma como se exibem e se apresentam em público.

Consideram-se também como agentes de transmissão todos aqueles que se dedicam a transmitir formalmente os conhecimentos e saberes associados à utilização do cavalo e à prática da equitação. Inscrevem-se nesta categoria, instrutores, monitores, equitadores ou treinadores que nos centros equestres ou picadeiros diariamente, ou regularmente,

promovem o ensino e a prática equestre em moldes formais, independentemente se o objetivo é a prática desportiva, ao nível da competição, ou de lazer. Distinguem-se os "mestres" que promovem essa transmissão de conhecimentos de modo formal, no âmbito, por exemplo, de uma equitação erudita ou académica dando lições, de forma mais ou menos restrita apenas a outros mestres ou a praticantes mais avançados. Nestes casos e devido ao nível avançado dos envolvidos, o ensino decorre fundamentalmente de lições práticas sendo suportado pelos conhecimentos excecionais do Mestre que conduz a aprendizagem.

8.5: Idioma: Português

9. Origem/historial:

Considera-se, pela sua antiguidade e pela sua especificidade, que a Feira da Golegã é uma das mais antigas e carismáticas feiras de Portugal, tomada por alguns especialistas como a maior feira franca portuguesa e que esse facto é indissociável de um contexto profundamente rural, secular, mas que ainda hoje perdura, e que reúne condições amplamente propícias ao desenvolvimento agrícola e também pecuário, nomeadamente à criação de gado bovino e cavalar. Porquanto é preciso deixar claro que a vila da Golegã que alcançou a sua autonomia administrativa em 1534, bem como as suas tradições equestres, nascem da combinação de modos de vida rurais e agrícolas daqueles que ancestralmente habitaram a povoação, com a influência das mundivisões dos viajantes atraídos pela sua dinamização do ponto de vista comercial no que respeita, sobretudo, à criação de gado equino dada a sua importância vital em Portugal quer no que respeita à sua utilização para os transportes, quer na defesa militar. Note-se que documentos do século XVIII e XIX, nomeadamente mapas e roteiros dão conta da localização estratégica da Golegã na rede viária nacional e que também isso contribui para o desenvolvimento da povoação e para a sua afirmação como centro de comércio especializado (Oliveira, 2006).

A Feira de São Martinho conta com quatro séculos e meio de existência posto que o rei D. Sebastião decretou, por alvará datado de 6 de julho de 1571, que se realizasse a 11 de novembro, Dia de São Martinho. Com este decreto o monarca transferia a realização da Feira para novembro e resolvia assim o problema de se ter instituído, com a criação do concelho da Golegã, uma Feira a 4 de outubro, tendo S. Francisco como patrono, a qual alcançou enorme popularidade, fazendo concorrência a outros certames já existentes, entre eles a Feira de Penela votada a São Miguel (20 de setembro), o que levantou polémica e justificou a decisão do rei.

Muito popular e concorrida desde essa altura, na época pombalina a Feira da Golegã estava entre as três mais importantes do país: «No Reyno de Portugal há 136 Feiras anuaes que se fazem em diferentes cidades e vilas; as mais selebráveis são as de vizeu, golega e evora.» (Macedo, Jorge Borges de cit in Oliveira, 2006: 16). Em meados do século XIX e depois de algumas vicissitudes que a própria vila da Golegã conheceu - e das quais o historiador Paulo Oliveira Martins dá conta nas obras “A Vila da Golegã nos Últimos 250 anos” e “Feira da Golegã. Das origens à atualidade. Subsídios para a sua História” – nomeadamente a consequências das invasões francesas e da passagem das tropas de Junot pela Golegã, a Feira de São Martinho mostrava-se enfraquecida e debilitada comparativamente com o vigor que ostentava anos antes o que obrigou, inclusive, o Governo nacional a intervir no sentido da sua reabilitação, mercê da sua já referida importância estratégica, a nível comercial, para

o sector dos transportes e da defesa militar em Portugal. Assim, em 1865 o rei D. Luís instituiu, também por decreto, um concurso de gado cavalar, com efeitos pecuniários resultantes da instituição de vários prémios para os vencedores, que se veio a revelar de maior importância para a sua revitalização como para a dinamização da própria economia local (Oliveira, 2006). A iniciativa teve efeitos imediatos, na Golegã como em todo o panorama equestre português, em consequência não apenas a questão monetária, mas por idênticas razões de prestígio ao serem colocados em disputa criadores ciosos da sua atividade coudélica. De referir, a título de exemplo, que, em 1866, o Prémio de Honra no valor de 250 mil réis foi atribuído a Rafael José da Cunha – o fundador da Quinta da Broa que, pese embora o declínio geral, via o seu negócio de criação de cavalos florescer desde as primeiras décadas do século – e que se apresentou a concurso com seis cavalos, tal como exigido pelo regulamento, notáveis (Barreto, 1999) que fizeram arrecadar o prémio e fortalecer o prestígio social do criador.

Um ano depois da publicação do decreto e da institucionalização do concurso, a imprensa nacional anunciava o regresso da popularidade da Feira de São Martinho e o sucesso dos negócios e das transações efetuadas. Note-se que, por essa ocasião, o Exército era um dos principais compradores, para onde eram escoados grande parte dos animais que iriam abastecer a cavalaria nacional (idem). O evento veio a beneficiar de algumas melhorias, com a introdução de novas componentes hípicas e competitivas, no qual se destacou o contributo do goleganense Carlos Relvas, abastado proprietário agrícola da Golegã cuja figura se mantém eternizada localmente não apenas pelos seus destacados dotes na lavoura e como cavaleiro/criador de cavalos, mas também como conceituado fotógrafo.

O princípio do século XX e o fim da Monarquia trouxeram novamente algum esmorecimento à Feira de São Martinho que ainda fazia memória da revitalização recente que o concurso instituído pelo monarca D. Luís veio impor sendo que, com a implantação do novo regime, o Município, apoiado pelos republicanos locais, decidiu criar, em 1911, um certame pecuário, a realizar em maio, destinado a ser um dos mais importantes do país. A Feira concorria com muitas outras que nessa ocasião se realizavam por todo o país, nomeadamente com a Feira de Vila Franca de Xira o que acabou por ditar, conjuntamente com outras questões (Oliveira, 2006, 133) a sua extinção uns anos depois de ter sido criada.

No final dos anos 40, com o dinamismo do pós-Segunda Guerra Mundial a vila da Golegã sofreu alguns melhoramentos e encetou uma nova fase de progresso o que se verificou na própria dinamização da Feira que conheceu um momento de viragem muito em parte provocado também pela expansão do uso do automóvel que, apesar de acarretar a redução drástica do uso de animais para efeitos de transporte e, em consequência, um decréscimo ao

nível da comercialização de equinos, veio no entanto proporcionar a facilidade e o aumento da mobilidade o que se repercutiu na afluência à Feira de São Martinho. Com efeito, o que se perdeu em termos de negócio de gado, ganhou em termos de afluência turística o que se veio também a repercutir no incremento de uma economia especializada assente numa atividade de prestígio que sempre esteve presente neste contexto, mas que por esta ocasião se incrementou. Ciente desta questão e perante a evidência de se confirmarem em 1947 cerca de 8000 automóveis na Golegã em novembro, por ocasião da Feira, a Autarquia decidiu encetar algumas obras de melhoramento na vila. O progresso e o sucesso da Feira mantiveram-se ao longo dos anos 50 sendo que, em 1965, alguns locais denunciavam uma Feira da Golegã "confrangedoramente desatualizada" reivindicando um "sopro renovador" (Martins Ferreira cit in. Oliveira, 2006, 162).

Os anos 1950 e 1960 são marcados por mais importantes acontecimentos, por um lado as primeiras edições do Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela, bem como a formalização de uma comissão organizadora da Feira. A Feira equestre tinha uma duração de três dias (contemplando o Dia de São Martinho), ao que se seguia a "feira das barracas e dos carrosséis" que se passava a ocupar o Largo do Arneiro até ao fim do mês de novembro (Oliveira, 2005).

Os anos 70 marcam uma etapa importante deste percurso histórico pelo facto de em 1972 a Feira de São Martinho passar a designar-se como a Feira Nacional do Cavalo por determinação dos poderes públicos, local e nacional. Nesse ano marcou presença na Feira o Presidente da Assembleia Nacional, Almirante Américo Thomaz que já havia visitado a Feira em 1967. A nova denominação veio promover a singularidade da Feira, assente na figura do cavalo, e atribuir uma distinção maior aquela que chegou a ser considerada o «Chiado do Ribatejo» por para ali se transferirem sazonalmente parte da elite social e económica da capital (Oliveira, 2005).

Por ocasião da Revolução do 25 de abril de 1974 e em resultado da agitação política e social vivida um pouco por todo o país, a Feira Nacional do Cavalo foi temporariamente suspensa, mantendo-se a Feira de São Martinho. Pese embora fosse reconhecido que dissociar a figura do cavalo e a sua conjuntura, da Feira, seria banalizá-la, a questão não foi naturalmente alheia às questões ideológicas subjacentes ao facto de o evento estar conotado com um certo elitismo e de frequentemente ter recebido elementos representantes do anterior regime, sobretudo nos anos antecedentes. Nesse ano de 1974 embora não tivessem sido proibidos de comparecer à Feira de São Martinho, os criadores de cavalos foram proibidos sim, de ostentar os seus ferros. A Feira Nacional do Cavalo viria a ser retomada em 1977 pela mão do Eng. Fernando Sommer de Andrade que foi um dos grandes responsáveis,

juntamente com o Presidente da Câmara, José Melancia Godinho, e João Costa Ferreira, então diretor do Serviço Nacional Coudélico, por fazer renascer a Feira após esse período conturbado. Daqui renasce uma Feira da Golegã renovada, modernizada, que ganha, sobretudo a partir dos anos 90, uma enorme pujança.

> Nos anos 70 começaram a organizar-se as provas desportivas, mas não havia Secretariado da Feira, como há hoje. Havia sim um Secretário-Geral, que era o Fernando Saldanha Mendes. (…) Entretanto começaram a organizar-se as provas desportivas, das quais os grandes mentores foram o Eng. Fernando Sommer de Andrade e o meu pai. Começaram a organizar os Concursos de Atrelagem, os Concursos de Raids, os Obstáculos, Concurso Completo. Lembro-me que, como não havia Secretariado, as reuniões eram numa sala que tínhamos ali fora e começavam logo em setembro. Decorriam uma vez por semana. Foi aí que os criadores começaram a organizar tudo – isto nos anos 70. (…) O meu pai e o Eng. Fernando Sommer de Andrade começaram a envolver gente nova que era o Luís Vasconcellos e Souza, o José Castro Pereira, o Manuel Veiga e eu, pela parte desportiva. Tudo o resto continuava a ser Câmara que organizava. Nesta altura já começava a Feira a deixar de ser três dias. Passou para cinco dias. Começava a 7 ou 8 de novembro e ia até 11 ou 12. Jogava com os fins de semana, quando calhava ao dia 11. Depois foi nesta altura, quando se organizavam os Saltos de Obstáculos e os Raids, que passou a haver um segundo fim de semana. Mas isso foi só depois de 1989 um ano importantíssimo para a Feira, porque foi o ano da peste [Peste Equina]. Foi muito importante porque não houve Feira nesse ano. (…). Não houve concursos nem houve nada. Foi muito importante para a Câmara perceber algumas coisas. Porque nós criadores andávamos a insistir com a Câmara para profissionalizar a Feira. Queríamos pôr as coisas a funcionar melhor. (…) Queríamos uma coisa mais a sério, que não fosse só o Secretário-Geral, que organizava tudo. (…) Não houve Feira, mas houve uma grande reunião de criadores, em casa do Manuel Veiga, em que se juntaram umas 70 ou 80 pessoas A reunião foi convocada para dizer o que é que queríamos da Feira. Foi quando a Câmara, com o Presidente José Melancia, passou a dar abertura para que as coisas se fizessem de outra maneira. Fez-se o Secretariado, onde todas as reuniões se faziam. Nessa altura, para não fazer coincidir as provas desportivas com a Feira propriamente dita foi quando se decidiu fazer o primeiro fim de semana desportivo na altura chamava-se o prólogo desportivo. Faziam-se os Obstáculos, o Raid e mais nada. Depois passou a ser o Concurso Completo, mas isso já era durante a semana. À época, a organização já passa pelo Secretariado. Tudo se fazia aqui no Secretariado, chamávamos tudo o que era gente jovem aqui da Golegã para ajudar. Éramos uns carolas. Nós é que fazíamos tudo, pro bono claro, tal como ainda hoje. (…) Foi realmente com ele [Presidente da Câmara, José Elias Melancia Godinho.] que a Feira deu a grande volta. Ele estava muito agarrado à Feira, naqueles moldes, mas percebeu que precisava dos criadores para fazer uma boa Feira. E a partir de 1990 houve um dinamismo muito grande. (José Castro Canelas, 07.06.2024)

A história mais recente vai confirmar que a Feira de São Martinho/Feira Nacional do Cavalo, e a vila em geral, conhecem um outro impulso a partir do final dos anos 90 com o Executivo liderado por médico e criador de cavalos José Veiga Maltez que assumiu a presidência da

Autarquia, como já referido, entre 1997 e 2013 e posteriormente entre 2017 e 2021. Para além de alguns melhoramentos que vieram renovar a imagem da vila, é durante o seu primeiro mandato que a Golegã se vai assumir definitivamente como a Capital do Cavalo reforçando a sua projeção a nível nacional e internacional. Entre outras ações/iniciativas conta-se a integração da Golegã na Rede Euro Equus, associação europeia que une cinco cidades Capital do Cavalo – Golegã (Portugal), Jerez de la Frontera (Espanha); Waregem (Bélgica); Pardubice (República Checa) e Wroclaw (Polónia).

Em 2020 a organização da Feira depara-se com uma situação inédita, decorrente da Pandemia Covid 19 que obrigou à tomada de decisão do seu cancelamento, a 9 de setembro, estando prevista a sua realização para os dias 6 a 15 de novembro. A XLV Feira do Cavalo da Golegã viria a realizar-se em 2021, batendo recordes nos níveis de afluência, atingindo mais de um milhão de visitantes.

Em 2024 a Feira conhece uma outra realidade, enquadrada no seu projeto de expansão com a inauguração da Praça Manuel Tavares Veiga, a qual vem acrescentar mais espaço e segurança à FNC permitindo uma melhor circulação de pessoas e animais e facilitando os acessos ao centro da vila durante do período da Feira. O espaço alberga quase uma centena de expositores e uma praça de restauração. A nova praça recebeu o nome de uma das grandes figuras da Golegã, Manuel Tavares Veiga, benemérito, antigo provedor da Santa Casa da Misericórdia e um dos grandes promotores da Feira Nacional do Cavalo.

II. DOCUMENTAÇÃO

10. Bibliografia:

BARREIROS, Augusto do Souto; DIAS, Francisco de Almeida, 2000, *Golegã - Capital do Cavalo*, Mafra: Edições Elo.

BARRETO, Alberto Tavares, 1999, *Cavalos Veiga. Tradição e Actualidade*, Lisboa: Edições Inapa.

BOAVIDA, Ana Teresa, 2012, *A Experiência Turística Partilhada - Contributos para a Hospitalidade e Retenção do Destino Turístico - O Caso da Feira do Cavalo da Golegã*. Leiria: Dissertação de Mestrado em Gestão e Sustentabilidade no Turismo apresentada à Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar.

CABRAL, Luiz de Sousa; CABRAL (filho), Luiz de Sousa COSTA FERREIRA, João, 2008, *Coudelaria Ervideira, 120 Anos de História*, Lisboa: Edições Inapa.

CÂNCIO, F., 1939, *Ribatejo histórico e monumental*, II. Junta de Província do Ribatejo.

CLARA, João Gorjão, 2008, *Romeiros de S. Martinho*, Golegã: CMG.

CLARA, João Gorjão, 2008, *Romeiros de São Martinho*, Chamusca: A Persistente.

CLARA, João Gorjão, 2016, "De novo o Traje de Amazona", in *Revista Equitação* n.º 118, INVESPORTE.

CORDEIRO, Arsénio Raposo, 1989, *Cavalo Lusitano: O Filho do Vento, Colecção Portugal Vivo*, Lisboa: Edições Inapa.

CMG - Câmara Municipal da Golegã, 2000, *Golegã, na rota do cavalo, do touro e do vinho*. Golegã: Município da Golegã.

GONÇALVES, Ana Rita, 2017, *A Arte Equestre Portuguesa – Património Cultural*, Lisboa: Coisas de Ler Edições.

HADERER, Rui Casqueiro, 2021, *A "Gineta" e os arreios tradicionais portugueses*, in https://www.tauromaquiapatrimonio.pt/w/index.php/Arreios_dos_cavalos.

HENDERSON, Carolyn, 2001, *Manual do cavaleiro, a sela e os arreios*. Lisboa: Editorial Estampa.

JOAQUIM, Ana Cristina Pereira, 2018, *Feira Nacional do Cavalo: Dinâmica Identitária e Turística em Golegã*, Portugal, Revista Rosa dos Ventos, vol. 10, núm. 2, Universidade de Caxias do Sul, Brasil, pp. 230-249.

LOURENÇO, Elsa, 2011, *Autarquias e Turismo. Estratégias e programação para a geração de dinâmicas de desenvolvimento local: o caso da Golegã*, Tomar: Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento de Produtos de Turismo Cultural apresentada ao Instituto Politécnico de Tomar.

MALTEZ, José Veiga, 2012, *Património Histórico-Arquitectónico*, Golegã: CMG.

MATHIAS, Jorge, 1985, «Coudelarias». In PEREIRA, José Costa (Coord.), Dicionário Ilustrado da História de Portugal. Publicações Alfa. Vol. I, pp. 169-170.

OLIVEIRA, Paulo Martins, 2005, *A Feira da Golegã: das Origens à Actualidade: Subsídios para a sua História*, Golegã: CMG.

OLIVEIRA, Paulo Martins, 2006, *A Vila da Golegã nos Últimos 250 Anos*, Golegã: CMG.

SANTOS, Manuel Jorge Diez dos, 2015, *O Homem e o Toureiro (1925-1973)*, Chamusca: Edições Castelão.

SERRÃO DE FARIA, José, 2013, *S. Martinho. Golegã*. Cadaval: Grafilipe.

11. Fontes escritas:

Ver Anexo II/2 – Fontes escritas. Nota: Todos os registos são fornecidos em suporte digital em anexo ao presente Pedido de Inventário.

12. Fontes orais:

Ver Anexo II/4 – Fontes Orais. Nota: As entrevistas realizadas no âmbito do presente pedido de inventário não são disponibilizadas em suporte digital por uma questão de confidencialidade, mas a transcrição consta da tabela de anexos.

13. Fotografia:

Ver Anexo II/1 – Documentação Fotográfica. Nota: Todas as imagens são fornecidas em suporte digital em anexo ao presente Pedido de Inventário.

14. Filme:

Na RTP Arquivos encontram-se alguns registos audiovisuais que documentam a Feira da Golegã desde 1957 e até ao ano de 2018. Esses conteúdos, sobretudo os mais antigos, constituem um património documental riquíssimo como retratos de época que ajudam a conhecer a Feira em diversas alturas e em épocas onde os recursos audiovisuais eram escassos e limitados. Apresentam-se os links para consulta de todas as referências relativas à Feira da Golegã existentes da RTP Arquivos.

Feira de São Martinho na Golegã - 14.11.1957

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-de-sao-martinho-na-golega-5/

Feira da Golegã - 12.11.1961

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-da-golega/

Feira de São Martinho na Golegã - 12.11.1964

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-de-sao-martinho-na-golega-4/

Comemoração do Dia de São Martinho na Golegã - 12.11.1965

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comemoracao-do-dia-de-sao-martinho-na-golega/

Feira de São Martinho na Golegã - 11.11.1967

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-de-sao-martinho-na-golega-2/

Eleição da Rainha de Beleza Cigana - 13.11.1967

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/eleicao-da-rainha-de-beleza-cigana/

Abertura da feira anual da Golegã - 09.11.1968

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/abertura-da-feira-anual-da-golega/

Cavalos montados na Feira de São Martinho na Golegã - 10.11.1968

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cavalos-montados-na-feira-de-sao-martinho-na-golega/

Feira de São Martinho na Golegã - 11.11.1968

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-de-sao-martinho-na-golega/

Último dia da Feira de São Martinho na Golegã - 12.11.1968

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/ultimo-dia-da-feira-de-sao-martinho-na-golega/

Queda de helicóptero na RTP - 09.11.1974

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/queda-de-helicoptero-na-rtp/

Feira de São Martinho na Golegã - 26.11.1974

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-de-sao-martinho-na-golega-3/

Concurso Hípico da Golegã - 10.11.1975

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/concurso-hipico-da-golega/

Novembro no Ribatejo I - 22.02.1979

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/novembro-no-ribatejo-i-parte-i/

A feira da Golegã - 22.06.1991

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-feira-da-golega/

O puro-sangue lusitano - 21.11.1993

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-puro-sangue-lusitano/

O Cavalo Lusitano – Parte II - 01.12.1994

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-cavalo-lusitano-parte-ii/

Feira do Cavalo na Golegã - 08.11.2017

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-do-cavalo-na-golega-2/

Feira da Golegã - 08.11.2018

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-da-golega-2/

Feira do Cavalo na Golegã - 18.11.2018

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-do-cavalo-na-golega/

Feira da Golegã - 20.11.2018 (evocação da feira de 1968)

https://arquivos.rtp.pt/conteudos/feira-da-golega-3/

15. Som: Não contemplado.

16. Outra documentação: Não contemplado.

III. Direitos Associados

17. Tipo:

Direitos consuetudinários e legais referentes à vigência de normas e regulamentos estabelecidos pela Associação Feira Nacional do Cavalo, Câmara Municipal da Golegã e Federação Portuguesa Equestre.

18. Detentor:

Comunidade equestre e visitantes da Feira da Golegã.

IV. Património Associado

A Feira da Golegã é uma manifestação cultural cuja riqueza assenta em diversos fatores, desde a história que lhe está na origem, às características únicas que se prendem com a exaltação do cavalo, nomeadamente o Lusitano, mas também à riqueza dos pormenores que lhe estão associados. Seja na elegância do traje, no brilho da correaria, na beleza dos seus cartazes de divulgação, na originalidade do património hipomóvel, na singularidade dos espaços que a definem ou nas tradições e nos saberes-fazer que lhe estão associados.

Este capítulo identifica algumas dessas riquezas que constituem bens culturais móveis, imóveis ou imateriais, bem como o património natural que são indissociáveis da Feira da Golegã e do seu enquadramento.

19.1. Móvel:

Traje Português de Equitação ou Traje Curto

Vulgarmente conhecido como “traje curto”, o Traje Português de Equitação ou “traje à portuguesa” é usado nas apresentações em público, sobretudo em ocasiões cerimoniais ou festivas. Tanto na versão feminina como na masculina, prima pela elegância. Os modelos infantis reproduzem as versões adultas e destacam-se pela sua graciosidade. Feito à medida, o Traje Português de Equitação é um produto artesanal que resulta de um saber-fazer muito específico, o qual está a entregue a poucos profissionais que dominam a arte.

A Feira de São Martinho, na Golegã, é a ocasião mais emblemática para o envergar o que, por si, constitui grande parte da beleza da Feira. A moldura é única e é também a razão pela qual está regulamentada a sua utilização na circulação pelos espaços oficiais da Feira:

> Os cavaleiros, amazonas e condutores de veículos de tração animal devem envergar um traje tradicional adequado à equitação, seja este traje à portuguesa ou um traje correto de equitação, sempre que frequentem a manga do Largo Marquês de Pombal (Largo do Arneiro) e o Picadeiro Central. (artigo 11º do Regulamento Feira Nacional do Cavalo 2024)

A utilização do traje comunica a pertença do indivíduo à comunidade equestre e a homogeneidade que decorre da sua utilização dificulta a identificação ou a pertença do indivíduo. É que uma das curiosidades deste traje é o facto de ele ser inclusivo, ou seja, é usado por um conjunto bastante diversificado de indivíduos com diferentes ligações ao mundo equestre: criadores de cavalos, lavradores, cavaleiros tauromáquicos, instrutores, equitadores, praticantes de modalidades desportivas equestres como Equitação de Trabalho ou Equitação à Portuguesa, outros praticantes e amantes da arte equestre.

Para a fixação do Traje Português de Equitação foi determinante o trabalho de estudo e investigação empreendido pelo Professor Doutor João Gorjão Clara que, nos anos 90 do século XX, juntamente com a sua esposa, recuperaram a essência histórica do traje curto e o seu perfecionismo. A versão que hoje está instituída é a que em seguida se apresenta e que decorre da proposta apresentada pelos Gorjão Clara.

Percorrendo todas as vicissitudes e abalos próprios dos tempos, a tradição conservou o Traje Português de Equitação, que chegou aos nossos dias, e do qual, ainda hoje, fazem parte:

A jaqueta (jaleca ou jabona), que se assemelha a uma casaca a que se cortaram as abas. Foi usada no séc. XIX de Norte a Sul, de cores claras e tecidos grosseiros para o povo, e decores e tecido fino nas classes sociais mais abastadas, era vestida ao Domingo ou nos momentos solenes.

Trata-se de um casaco curto aflorando a linha da cintura ou terminando um pouco abaixo desta, sendo frequente mais curta nas costas do que à frente. Na cintura, o corte das costas é a direito e não arqueado, o que difere assim da jaqueta espanhola, que é acentuadamente recortada. Será importante referir que a jaqueta portuguesa se distingue da espanhola sobretudo por este pormenor, resultante da forma da sela espanhola (montura), que tem as costas (arcada posterior) mais alta do que as de sela à portuguesa, e que por isso, pressiona a jaqueta contra o corpo do cavaleiro, caso esta não fosse marcadamente recortada.

O colete que ganhou individualidade como peça de vestuário no séc. XVIII, em França no reinado de Luís XVI, era abotoado até à base do pescoço, deixando apenas à vista o laço ou folhos da camisa, ultrapassava a cintura e enriqueciase de bordados de ouro e a seda. Este modelo, persiste nos nossos atletas tauromáquicos, embora por questões práticas seja agora, mais curto do que naquela época.

O colete foi-se simplificando, tornando-se raras as bandas de virados e vulgarizando-se o modelo simples, sem gola. As costas, feitas de tecido mais leve do que à frente, ajustavam-se com cordão que corria em ilhós e os modelos mais populares passaram a ser enfeitados com desenhos a fio de cor. A decoração das costas do colete mostrava como este podia ser usado sem jaqueta. O trajar sem jaqueta ou em "mangas de camisa", era hábito campino e sê-lo-ia no cavaleiro em geral, quando trabalhava no campo, todavia, nos momentos solenes nunca se parecia sem jaleca e sem colete.

Sobre o bordo inferior do colete e rasando a abertura dos bolsos, aplica-se a cinta que aperta simultaneamente o colete e o cós das calças, deixando à vista os bolsos horizontais destas. Mas a cinta pode usar-se apertando só o cós das calças e neste caso, o colete cobre-a parcialmente. A cor da cinta não é uniforme: negra no camponês, azul ou vermelha no campino e invariavelmente negra no proprietário ou senhor de bens. De algodão, lá, cetim ou seda, enrola-se à volta da cintura, bem justa, com a as pontas franjadas à esquerda.

A calça do traje português de equitação é de perna cortada a direito, terminado à altura do tornozelo, sem dobra. O cós é alto, atingindo quase a extremidade inferior do extremo, acompanhando os rins, bem ajustado ao corpo. A braguilha, de casa e botões, está escondida por "pestana", mas a partir da cintura os botões tornam-se visíveis, sendo habitualmente em número de três. Na linha da cintura, entrevendo-se sob a cinta que forra o cós, ficam dois botões horizontais. Na extremidade do cós, e por fora deste, fixam-se os botões que apertam os suspensórios. Por dentro, na linha da braguilha, cosese o botão onde aperta uma aselha da camisa para evitar que este suba ou preguei com os movimentos a cavalo.

Mas a jaqueta pode vestir-se, também, com o calção, aberto junto ao ajoelho, onde se ajusta os botões em casas, e que deve ser de tom mais claro do que a jaqueta. Entre os campinos, o calção azul (de baetão ou velvetina), persistiu até aos nossos dias, com meia alta e sapato, mas também pelos atletas em geral, com bota alta de salto e prateleira.

Relativamente ao chapéu do nosso traje, este deverá ser negro, cinzento ou castanho, de aba larga, com ou sem virola, de copa redonda e habitualmente côncava, embora de aba de virola, a copa pode usar-se convexa. A fita que cerca a copa fecha em laço, sem botões. O chapéu "à Mazzantini" e o boné deverão, pois, fazer parte do nosso traje de equitação.

A camisa do traje de equitação é branca, de colarinho de pontas pequenas, fixadas por molas ao cós. Não aceita gravata ou laço e fecha-se por abotoadura dupla e por botões em casas ao longo da fenda anterior. A carcela pode enfeitar-se de pequenos canudos ou tiras de pano franzido, ou ainda de rendas. O peito apresenta-se com ou sem peitilho, podendo ser ele todo enriquecido com nervuras ou pregas. A camisa é comprida, alcançando o terço médio da coxa, apertada a este nível por atilhos, que impedem que suba e se enrole quando se vestem as calças de cós alto. As mangas são largas e folgadas, terminando em punho simples ou duplo, que por sua vez, fecha por intermédio de botões do mesmo modelo da abotoadura.

No traje de gala ou "de ver-a-Deus", por vezes só a qualidade e os tons permitiam identificar a indumentária como de gala. No que se refere às botas, a situação é semelhante. É pela cor e pela qualidade dos materiais que é possível fazer a distinção entre botas de todos os dias ou de dias festivos. De tom negro ou castanho, de calf ou de verniz, são estas duas características que se identificam como peças de fato rico ou de festa. As botas de carneira ou de vitela ensebadas são, pela sua rusticidade, próprias para usar com o traje do dia a dia.

Com o uso de calções, a tradição consagrou a bota que usavam os nossos atletas tauromáquicos como o traje de Luís XV – Luís XVI. Esta bota é alta, até ao joelho, deixando a descoberto a meia branca que ultrapassa a rótula. Termina em duas palas laterais, redondas, que fecham à frente em "V".

Com a calça comprida até ao tornozelo, e sem dobra, é corrente o uso do botim. De cano mais curto do que a bota alta, o botim pode ser de abertura lateral, sendo neste caso fechado por travincas, por cordão de cabedal liso correndo entre ilhós de metal, ou por pequenas tiras de pele fina entrelaçadas, ditas em folha de oliveira.

O característico das nossas botas é o tacão baixo e bastante largo, ultrapassando o contorno para suportar a espora ("à portuguesa" ou os esporins ou esporas de lira). Este tacão dito "de prateleira" usa-se indiferentemente nos vários modelos de botas e botins, e também nalguns sapatos, como o que ainda hoje calça o campino.

As polainas, que sendo, mais práticas, não se usavam com o traje a rigor. Achamos contudo de interesse referir, para quem queira vestir-se com o traje de campo ou de trabalho, que as polainas (fechadas a pestanas de cabedal em pregos de metal), não eram usadas pelos atletas, mas pelos caçadores, como protecção das calças entre os arbustos rasteiros do campo.

É de nossa tradição, o uso de uma vara que o cavaleiro transporta ao alto e com a qual dá os toques necessários para ajudar o cavalo. (in CLARA, Lina e João Gorjão, *O Traje Português de Equitação*, 1995, Polisipo, Lisboa)

O traje quer-se sóbrio sendo o preto, cinzento e castanho as cores mais comuns. No modelo feminino admite-se alguma policromia, principalmente nas jaquetas por vezes optando-se por verdes e vermelhos ou outros tons um pouco mais garridos.

O traje feminino ou de amazona permite maior ousadia não só nas cores como nos cortes. Existem dois modelos, um para as mulheres que montam à amazona (o mais antigo) e outro para as que montam escarranchadas, tal como os homens. Os trajes feminino e masculino diferenciam-se precisamente pelo uso da saia, embora algumas mulheres enverguem calças iguais às dos homens. A saia da amazona é assimétrica, mais comprida à frente e descendo abaixo do pé direito, permitindo cobrir as pernas por igual estando montada. Quando apeada, a amazona geralmente prende a saia com um botão colocado à altura do terço

superior da coxa direita. Para montar escarranchada usa a saia-calça, justa na anca que aperta na lateral com botões, sendo fendida à frente e atrás para que abra sobre a sela quando a mulher escarrancha. Em ambos os modelos e por baixo da saia, veste um calção comprido ajustado ao tornozelo que defende a sua privacidade perante algum movimento inesperado enquanto monta.

Quanto ao calçado, as mulheres que envergam o traje moderno usam geralmente o mesmo tipo de calçado que o homem, sendo que as que optam pela versão mais antiga, conforme Clara e Clara (1995) usam botinas negras de estilo vitoriano, justas no pé, salto grosso sem "prateleira" e de canhão subido até ao tornozelo, com abotoaduras laterais. As senhoras que montam à amazona usam espora apenas no pé esquerdo, tal como também usam apenas um estribo.

Na cabeça, quando optam pelo traje moderno, as mulheres usam o mesmo modelo de chapéu que os homens - tradicional ou Mazzantini, e as que envergam o traje antigo utilizam um modelo de chapéu de copa redonda e ligeiramente convexa, aba curta e revirada, adornada com dois pompons de seda ou lã. O pormenor do cabelo feminino também não é descurado. É geralmente entrançado ou penteado num puxo e coberto com uma rede, sendo frequente utilizar-se uma fita de seda preta a adornar. Os brincos querem-se simples, mas sofisticados.

Considerado o clima rigoroso que se faz sentir na Golegã nesta altura do ano, homens e mulheres complementam os seus trajes com casacos de abafo: ou o tradicional capote alentejano confecionado em fazenda de lã ou burel, possuindo uma gola que pode ser de borrego, raposa ou em fazenda; ou a samarra de gola de raposa ou ainda uma jaqueta de abafo confecionada em tecido grosso e quente e a gola frequentemente forrada de veludo ou enriquecido com pele de borrego ou raposa.

Correaria - Arreios Tradicionais Portugueses ou "arreios à portuguesa"

Por arreio denomina-se o conjunto dos aparelhos que se colocam sobre o cavalo e que permitem ao cavaleiro utilizá-lo com conforto e segurança. A arte de os executar, a correaria, têm permanecido praticamente imutável há muitas gerações e as ferramentas para a sua manufatura, bem como a designação das diversas peças que compõem os arreios são hoje as mesmas de há séculos atrás (Haderer, 2021). A forma de aparelhar o cavalo e o tipo de arreios escolhidos influencia, naturalmente, a sua beleza e apresentação.

Em Portugal, a maneira tradicional de montar a cavalo contempla os seguintes tipos de arreios:

❖ Sela Portuguesa

Convoca-se novamente os especialistas Lina e João Gorjão Clara (1995) que descrevem a sela portuguesa, como a sela das costas barrocas mantida entre nós como sela tauromáquica por excelência. O conjunto é composto pela sela - em couro da melhor qualidade, assenta numa estrutura de madeira, com abas e coxins estofados a camurça; normalmente com cilha e contra cilha; loros que são correias que ao passarem pelos orifícios existentes na sela servem para suspender os estribos e regular a sua altura em função do comprimento da perna do cavaleiro; peitoral, em couro, adornado ou não, que passa por diante do peito do cavalo tendo por função evitar a deslocação da sela para a garupa do cavalo; rabicheira, também em couro e que serve para evitar que a sela se desloque para diante, para sobre o garrote do equídeo. A rematar o conjunto, o xairel, em couro, tecido ou pele, sendo o mais tradicional o de raposa. De formato retangular, com cantos arredondados, afivela-se à parte posterior da sela, logo atrás do seu arção traseiro. Fica assente sobre a zona lombar do cavalo. Serve para proteger o cavaleiro do suor do animal ao mesmo tempo que embeleza o conjunto.

Não deixa de ser usual, embora menos utilizado, o chamado "selim à Relvas" (um misto entre a sela portuguesa e inglesa), sendo o conjunto peitoral, rabicheira, xairel e estribos do mesmo modelo do anterior, sendo que o assento tradicional e os arções dão lugar a um formato de selim inglês. Por norma, as fivelas de todos os arreios são retangulares, sendo comum nos arreios dos campinos as fivelas ovais e de metal amarelado.

O Museu Nacional dos Coches é detentor de uma coleção histórica de arreios, dos quais alguns provenientes da primitiva coleção do Museu dos Coches Reaes como se designava aquando da inauguração, a 23 de Maio de 1905. Na coleção de cerca de meia centena de selas à portuguesa destaca-se a que faz parte do conjunto da montada do 4º Marquês de Marialva, D. Pedro de Alcântara de Menezes (1713-1799), estribeiro-Mor no reinado de D. José I. O conjunto terá servido até finais de Oitocentos, em touradas de fidalgos. Consta também do acervo deste Museu, e para além da sela (A 0003), a Cabeçada (A 1755), o Estribo de Caixa (A 0680), o Peitoral (A 1810) o Xairel (A 0236), o Rabicho (A 1857) e as Rédeas (A 1951).

❖ Estribo Português

Mais do que um equipamento essencial de equitação que serve de apoio ao pé do cavaleiro, o estribo é um símbolo da tradição e da elegância da equitação portuguesa. São dois objetos, emparelhados, que proporcionam conforto e estabilidade e desempenhando um papel fundamental na comunicação com o cavalo. Os estribos portugueses distinguem-se pelo seu

estilo e funcionalidade permitindo ao cavaleiro executar movimentos precisos e elegantes, muito característicos da nossa equitação.

Os mais vulgarizados são abertos, em forma de argola, de metal cinzelado, ou podem também ser de caixa, em madeira, envolvendo toda a parte frontal do pé. Sendo os estribos de argola mais apreciados pelos cavaleiros que montam em circunstâncias mais controladas, os estribos de caixa são fundamentalmente usados em contextos tauromáquicos pois protegem os pés dos cavaleiros das investidas dos touros e de outros embates.

Excecionalmente utiliza um único estribo a amazona, que monta a cavalo posicionando ambas as pernas para o mesmo lado da montada. Das coleções dos museus nacionais destaca-se um estribo de amazona da coleção do Museu Nacional do Traje, do último quartel do século XVIII, que pertenceu a Maria do Sameiro, esposa do Desembargador João Diogo de Sequeira Gameiro, proprietário da Casa da Fonte da Vila em Castelo Branco. Este estribo lembra uma peça de calçado, o que reflete uma proprietária abastada, de elevada condição social. Da coleção do Museu Nacional dos Coches e do referido conjunto da montada do 4º Marquês de Marialva, destaca-se o par de "estribos de caixa à portuguesa para tauromaquia" (A 0689) e o respetivo "Molde em gesso de estribo para tauromaquia" (HD 0629) correspondente ao estribo de montada de cavalaria para cortesias do Marquês de Marialva.

- Cabeçada Portuguesa

Consiste em tiras largas de couro natural sendo, na sua versão "à portuguesa" geralmente utilizada com freio e bridão. É utilizada no contexto da modalidade de Equitação de Trabalho, no toureio e em algumas apresentações. Nas mais formais, para além de arreios ornamentados, que podem incluir telizes (para cobrir a sela) e capas de veludo ou cetim bordado entrança-se a crina e a cauda dos cavalos sendo frequente intercalar fitas coloridas nas tranças a combinar com as cores da indumentária dos cavaleiros. Mais uma vez se destaca no conjunto do Museu Nacional dos Coches pertencente ao 4º Marquês de Marialva, a cabeçada com freio solidário e cisgola do Arreio (A 1755). Esta peça encontra-se solidária com as respetivas rédeas (A 1951) mas o freio que não pertence ao conjunto.

Cartazes e Programas

Os cartazes e os programas constituem um riquíssimo património documental na medida em que documentam a Feira da Golegã ao longo dos anos. São, a cada ano, a identidade visual

do evento. A sua função principal é divulgar a informação, nomeadamente a data de realização da Feira, contudo, os cartazes e programas são bastante apreciados como objeto de elevado valor estético. Além da sua importância como meio de publicidade e de informação visual, que se propaga atualmente sobretudo através das plataformas digitais, a coleção de cartazes da Feira da Golegã possui um elevado valor histórico-documental. Cada cartaz contempla sempre a edição do evento, o que mostra a sua longevidade.

Cada um destes objetos tem uma história e uma simbologia próprias, as quais são indissociáveis dos artistas que têm sido convidados a criar, anualmente uma imagem única e especial para a comunicação do evento. A divulgação do cartaz com alguns meses de antecedência é propositada para despertar, nos grupos e nos indivíduos, o entusiasmo por antecipação, bem como a necessidade de acautelar a estadia. A partir do momento em que o cartaz é divulgado é iniciada a contagem decrescente para a realização da Feira.

Património Hipomóvel

Os veículos de tração animal gozam de muita reputação por ocasião da Feira de São Martinho. Circulam pelas ruas da vila em direção ao Largo do Arneiro, onde se juntam aos cavaleiros e amazonas, na manga adjacente ao Picadeiro Central. As regras de circulação estão estipuladas no Regulamento, o qual determina que tipos de veículos são admitidos à participação, bem como as regras de circulação e conduta. Determina-se, por exemplo, a proibição de circulação entre as 02h00 e as 07h00 em toda a vila da Golegã, durante o período da FNC, sendo que estes veículos estão condicionados a outras restrições horárias que, a cada ano, o Regulamento define.

Desde há uns anos que a Feira da Golegã conhece dias grande afluência, em termos de pessoas e de número de cavalos. Em sentido inverso tem decrescido o número de carros antigos, ou réplicas, a circular dado que constituem importantes relíquias que os proprietários desejam preservar. Contudo, e estando reunidas condições adequadas para a sua circulação, os proprietários têm gosto em exibi-los. Nesse sentido a organização da Feira, juntamente com a Associação Portuguesa de Atrelagem, encontraram uma solução integrando no Programa da Feira um momento exclusivo para circulação e apresentação destes veículos, que designaram como Prémio Conde de Fontalva, que não é mais do que um desfile de apresentação de Atrelagens de Época em exclusivo, ou seja, estando impedidos de circular nos espaços oficiais da Feira, cavalos e cavaleiros.

> A Feira da Golegã tornou-se um local perigoso para quem quer levar grandes carros, carros antigos. O que acontece ultimamente é que a Feira tem muita gente, muitos carros, muitos

cavalos e não se pode levar grandes carros. A pensar nesses carros bons, de coleção, a APA, em conjunto com a AFNC implementaram, em 2023, o Prémio Conde de Fontalva: A Feira está reservada só para os carros de cavalos e só circulam carros de cavalos, não há outros cavalos, nem cavaleiros. Criámos esse dia só para carros antigos em que se exibem, sem classificação especial. Podem ser carros antigos ou réplicas de carros muito bons só para mostrar às pessoas. Há um comentador, o José Folque - que para mim, é atualmente a maior autoridade em carros de cavalos -, que explica tudo o que vai sucedendo na pista. No fundo é um bocadinho didático. (Madalena Abecassis, 12.03.2025)

19.2. Imóvel:

Considera-se, como património imóvel associado, o conjunto formado pelo Picadeiro Central localizado no Largo Marquês de Pombal (Largo do Arneiro) e a manga que lhe é subjacente. Localizado no centro da vila, é o principal palco dos acontecimentos que decorrem diariamente na Golegã durante os dias da festa. É considerado o "coração da Feira" e acolhe um grande número de acontecimentos, desportivos, competitivos e culturais, que constam da programação. Cavaleiros, amazonas e carros de cavalos circulam no espaço da manga, de acordo com regras próprias, e apenas com o objetivo de exibição, seja para venda ou apenas para apreciação. No Picadeiro decorrem as competições desportivas e alguns eventos culturais. O público contempla em redor.

Toda a dinâmica da Feira converge para este espaço ao ar livre. O espaço foi ao longo dos anos sendo melhorado e hoje está plenamente adaptado para a realização da Feira em termos de infraestrutura rodoviária, alcatroamento, corredores de circulação de cavalos e sinalização especifica. O espaço mantém a sua configuração fora do período da Feira abrindo-se à circulação automóvel, o que durante o evento é proibido. Como Capital do Cavalo, a Golegã recebe inúmeros eventos equestres ao longo do ano, que utilizam toda a infraestrutura disponível tanto o Picadeiro Central como a manga.

O Largo do Arneiro tem ao seu redor casas particulares que durante a Feira da Golegã estão no centro do acontecimento, por isso algumas acolhem espaços temporários de restauração que têm vista privilegiada para o palco da Feira e também alguns espaços comerciais. O negócio imobiliário da Golegã, em termos de compra e venda e aluguer, tem beneficiado muito com o desenvolvimento da Feira, nomeadamente no que respeita aos imóveis contíguos ao Largo do Arneiro.

Durante a Feira o espaço é preenchido com os pavilhões, a grande maioria dos quais é montado propositadamente para esta ocasião e desmontado no final da Feira. A existência destes pavilhões torna o ambiente da Feira mais caloroso e mais festivo dado que são espaços de convívio, em redor dos quais há sempre agitação e animação.

Ruas da Vila

As ruas da vila enchem-se de movimento: indivíduos de todas as idades e classes socais, a pé e a cavalo, outros conduzindo carros de cavalos, cruzam as ruas da vila provocando azáfama, mas criando um ambiente festivo difícil de enunciar. Como já referido, o Regulamento determina que é proibida a circulação de equinos e veículos de tração animal entre as 02h00 e as 07h00 em toda a vila da Golegã, durante o período da FNC. Fora desse horário as ruas da vila transformam-se em locais de passagem de cavalos, onde todos os caminhos vão dar ao Largo do Arneiro. A presença dos vendedores ambulantes preenche os espaços e gera movimentação de pessoas nas ruas onde se instalam.

Grande parte das ruas nas imediações do Largo do Arneiro estão fechadas ao trânsito durante a Feira, o que provoca constrangimentos no que respeita aos acessos e ao estacionamento, contudo, o beneficia a deslocação a pé dos visitantes e a circulação dos cavalos e das atrelagens.

HIPPOS – Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres

Considera-se como património imóvel associado o HIPPOS, Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres. Inaugurado em 2013 foi concebido para acolher delegações de cavaleiros a título individual, bem como equipas e seleções nacionais e internacionais, na preparação para competições de alto nível internacional, tais como, campeonatos da Europa e do Mundo, Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Durante a Feira é palco de eventos, sobretudo de caráter desportivo.

Ao longo do ano realizam-se, neste espaço, vários eventos desportivos de cariz nacional e internacional, como Saltos de Obstáculos, Ensino, Equitação de Trabalho e Atrelagem.

19.3. Imaterial:

Como tem vindo a ser referido, a Feira da Golegã é indissociável da figura do cavalo, sobretudo do Lusitano, e da Arte Equestre. Neste sentido, está associada a dois processos de patrimonialização: o da *Equitação Portuguesa* inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial no dia 21 de abril de 2021 (Anúncio do DR n.º 82/2021, Série II de 28 de abril) e o da *Arte Equestre em Portugal* inscrita na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade no decurso da 19ª sessão do Comité Intergovernamental da Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, que decorreu em Assunção, no Paraguai, em dezembro de 2024. Pelas contingências da legislação em vigor

foram desenvolvidas candidaturas autónomas, dada a natureza distinta dos processos e a obrigatoriedade de precedência. A entidade proponente foi a APSL - Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano, em parceria com a Escola Portuguesa de Arte Equestre e a Câmara Municipal da Golegã.

Ao receber o título de Património da Humanidade em 2024, a *Arte Equestre em Portugal* junta-se à *Equitação Tradicional Francesa* e à *Equitação Clássica e Escola Espanhola de Equitação de Viena (Áustria)*, suas congéneres no panorama internacional e as quais figuram na lista da UNESCO desde 2011 e 2015, respetivamente.

Numa perspetiva patrimonial completamente distinta, a Feira da Golegã é indissociável de um conjunto de saberes e técnicas tradicionais, não inventariados ou classificados, que contribuem para a manutenção de muitas atividades que ali decorrem ou se exaltam. Incluem-se alguns ofícios ou profissões mais específicas como a de Ferrador, responsável por garantir a proteção dos cascos dos animais, ou o Correeiro que trabalha a pele e se dedica à execução das selas e de todo o tipo de arreios, a outros que são responsáveis por enaltecer o ambiente da Feira, engalanando-a: alfaiates, costureiras, chapeleiros ou sapateiros. Muitos deles estão representados na Feira e integram o grupo dos Expositores. Apesar de o mercado responder de forma a garantir que o meio equestre encontra, de forma industrial ou semi-industrial, grande parte dos produtos e serviços que necessita para se manter vivo e ativo, o universo da produção artesanal mantém-se como fonte de rendimento para muitas famílias que, um pouco por todo o país, asseguram a continuidade de pequenas indústrias de elevado saber fazer que, na grande maioria dos casos herdaram por via familiar e à qual, por vezes com sacrifício e reduzidas perspetivas de continuidade vão tenazmente perpetuando.

20. Património Natural:

A Feira da Golegã e a sua dimensão predominantemente equestre é indissociável da envolvente geográfica e das suas peculiares características. Pertencente ao distrito de Santarém, o concelho da Golegã situa-se na margem direita do Rio Tejo. A densidade da rede hidrográfica repercute-se na fertilidade dos solos, que por sua vez justifica a predominância de quintas e casas agrícolas nesta região. No seu território encontra-se a Reserva Natural do Paul do Boquilobo. Criada pelo decreto—lei n.º 198/80 de 24 de junho e classificada pela UNESCO em 1981 como «Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo» tornou-se a primeira área protegida portuguesa a integrar a Rede Mundial de Reservas da Biosfera. A Reserva ocupa uma área de 5.896 hectares distribuídos entre as localidades de Golegã, Riachos, Azinhaga, Pombalinho e Boquilobo e reúne condições favoráveis no que respeita à qualidade

das pastagens propícias à criação de gado, nomeadamente cavalar, com predomínio para a criação de cavalos da raça Lusitana.

A Feira da Golegã bebe de todo este contexto em que o património cultural – móvel e imóvel – se cruza com o património natural numa relação equilibrada, harmoniosa e interdependente entre a paisagem e os seus recursos, as atividades agropecuárias, os proprietários e a sua herança cultural.

Pedido de Inventariação

Feira da Golegã

Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial

(de acordo com a portaria nº196/2010, de 9 de abril e o Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto)

ANEXO II

I. Identificação do Proponente 2

II. Caracterização do Proponente 2

III. Fundamentação do Pedido de Inventariação 8

I. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE

1. Designação: Associação Feira Nacional do Cavalo – Feira de São Martinho

2. Número de identificação fiscal: 900242930

3. Contactos:

3.1. Morada: Largo Marquês de Pombal n.º 25 - 2150-130 - GOLEGÃ

Freguesia: Golegã

Concelho: Golegã

3.2. Telefone: 249979122

3.3. Fax: -----

3.4. Endereço eletrónico: fnc@cm-golega.pt

3.5. Página na Internet: https://feiranacionaldocavalo.com

II. CARACTERIZAÇÃO DO PROPONENTE

1. Tipologia da entidade: Associação sem fins lucrativos e de duração indeterminada

2. Inserção territorial:

2.1 — Concelho: Golegã

2.2 — Distrito: Santarém

3. Responsável:

3.1. Nome: António Carlos da Costa Camilo

3.2. Cargo ou função: Presidente da Direção

4. Caracterização do histórico e das atividades desenvolvidas pelo proponente, designadamente em matéria de identificação, estudo e documentação do património imaterial.

A Associação Feira Nacional do Cavalo – Feira de São Martinho conta com 30 anos de existência, tendo sido constituída a 14 de julho de 1995, na Golegã. Na sua criação estiveram cinco goleganenses que assumiram os primeiros cargos dirigentes: José Castro Canelas, Luís Vasconcelos e Sousa, António Camilo, Manuel Tavares Veiga e Manuel Vicente Madeira, à época Presidente da Câmara Municipal. Todos residentes na Golegã e, à exceção de António Camilo e Manuel Vicente Madeira, todos elementos da comunidade equestre, nomeadamente, criadores de cavalos. Para além dos cinco que outorgaram a escritura de criação da Associação, existem outros sócios fundadores.

A ANFC é uma Associação sem fins lucrativos que tem sede na própria Golegã, no Largo Marques de Pombal (Largo do Arneiro). É uma associação de natureza desportiva, cultural e recreativa que tem como grande finalidade a organização anual da Feira Nacional do Cavalo. A Associação tem três categorias de associados: fundadores, de mérito e efetivos. Os associados de mérito são indivíduos que, pela sua atividade, ou pelo desempenho de determinadas funções, se distinguiram pelos relevantes serviços prestados em benefício da promoção e organização da Feira Nacional do Cavalo e os quais estão, naturalmente, dispensados do pagamento de joia e de quotas. São associados efetivos todas as pessoas, singulares ou coletivas, que contribuem para a prossecução dos objetivos da Associação, e sejam admitidos por deliberação da própria Associação ou sob proposta de dois associados.

Os membros dos órgãos dirigentes são eleitos entre os associados, à exceção do Presidente da Direção que é o Presidente da Câmara Municipal da Golegã, por inerência. Atualmente preside à Direção da AFNC o Presidente da CMG, António Camilo.

A AFNC tem por finalidade, como referido, a realização e organização da Feira Nacional do Cavalo. Para a prossecução dos seus fins atua no sentido da defesa e promoção do cavalo, promovendo e organizando manifestações que visam o desenvolvimento de atividades hípicas.

A AFNC é constituída por quatro órgãos dirigentes: Assembleia Geral, Conselho Geral, Direção, Conselho Fiscal. Atualmente dirigem estes órgãos os associados: António Camilo (Direção); João Veiga Maltez (Conselho Fiscal); Vítor Vergamota (Assembleia Geral). De todos os cargos dirigentes apenas se conta, à data, uma presença feminina: Luísa da Mota Fernandes é Vice-Presidente do Conselho Fiscal.

A Assembleia Geral reúne uma vez por ano sendo o órgão que, entre outras competências, procede à eleição dos corpos gerentes da associação, discute e vota o balanço e o relatório de contas da Direção, bem como o orçamento. A Assembleia aprova as propostas referentes aos sócios de mérito.

O Conselho Geral é constituído pelos seguintes elementos: um vereador da Câmara Municipal indicado pela respetiva Câmara Municipal, um representante indicado pelo Serviço Nacional Coudélico (já extinto e a ser substituído pela DGAV), um representante indicado pela Associação Portuguesa do Cavalo Puro Sangue Lusitano, um representante indicado pela Associação Portuguesa de Raças Seletas. O Conselho Geral é um órgão consultivo dos órgãos sociais podendo propor tudo aquilo que julgue do interesse para a Associação. Este órgão reúne apenas quando necessário sendo que o Presidente pode participar nas reuniões da Direção, mas sem direito a voto.

À Direção da AFNC compete gerir a Associação e representá-la. Elabora o balanço e o relatório de contas e elabora e aprova o orçamento. A Direção reúne uma vez por mês e extraordinariamente sempre que necessário. O Presidente da Direção é, como referido, o Presidente da Câmara Municipal da Golegã, por inerência.

Para além da Feira Nacional do Cavalo, a AFNC realiza, desde 1998, a ExpoÉgua, a Romaria de São Martinho desde 2002 e, desde 2009, o Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono), sempre em parceria com a Câmara Municipal da Golegã.

A ExpoÉgua é um evento que decorre anualmente, em maio, sendo o momento em que a Capital do Cavalo enaltece a égua e as suas crias levando a concurso as melhores exemplares dos criadores participantes. Realizado, como referido, desde 1998, é um evento que adveio da necessidade de fazer face à subvalorização a que a égua estava votada há décadas. As fêmeas eram usadas, por grande parte dos agricultores, em trabalhos leves na lavoura, contudo, sem grande atenção ou cuidado. A função reprodutiva justificava, quase por completo, a sua existência sendo que não foi prestada grande atenção à sua morfologia. Contudo, a situação foi-se revertendo e os cuidados com o seu bem-estar foram sendo melhorados, assim como o tendencial apuramento genético, o que faz com que atualmente as éguas sejam utilizadas em diferentes práticas equestres. Os criadores, agora mais despertos para as fêmeas, assumem a sua importância com a criação deste evento na Golegã, mas desligado da Feira de novembro, ou seja, concedendo-lhe um tempo e espaço próprio e, assim, uma atenção diferenciada.

A data da realização da ExpoÉgua é variável, tal como sucede com a Feira Nacional do Cavalo, sendo definida pela Direção da AFNC que elege os dias do mês de maio em que o evento decorre incorporando, obrigatoriamente, um fim de semana. Em 2022 a ExpoÉgua decorreu de 20 a 22 de maio; em 2023 de 12 a 14 de maio, em 2024 de 17 a 19 de maio e em 2025 irá decorrer de 15 a 18 de maio. Note-se que, em 2021, o evento foi cancelado devido à pandemia Covid19, tal como havia sido cancelada a edição de 2020 da Feira Nacional do Cavalo.

O Concurso Nacional ExpoÉgua, que decorre ao sábado, é o evento mais aguardado do Programa. O Concurso premeia poldros e éguas, bem como os criadores terminando com a cerimónia protocolar de atribuição dos prémios. Para além do Concurso Nacional, o Programa integra outros concursos e provas equestres, mas também exposições, animação musical, mostras gastronómicas, incluindo encontros vinícolas e outros eventos. Os acontecimentos decorrem entre o Centro de Alto Rendimento de Desporto Equestre – Hippos Golegã e o Largo do Arneiro. Não sendo tão concorrida como a Feira de S. Martinho, a ExpoÉgua é um evento que ainda assim recebe inúmeros visitantes, grande parte dos quais elementos da comunidade equestre que participam nas provas e nos concursos programados. Trata-se, portanto, de um evento muito dirigido à comunidade equestre, embora receba também visitantes e público em geral, contudo, em menor escala. Ao contrário do que sucede em novembro, por esta ocasião não existem pavilhões em redor do Largo do Arneiro. Neste sentido, a componente social, que na Feira de S. Martinho é preponderante, na ExpoÉgua tem menor relevância. De igual modo, tem menos expressividade toda a componente comercial e de restauração. A ExpoÉgua nasce efetivamente como um certame, pouco comparável, a não ser pelo facto de ser de natureza equestre, com a Feira da Golegã.

A Romaria a São Martinho é um dos pontos altos do Programa da ExpoÉgua. Organizada pela Irmandade dos Romeiros de São Martinho, em estreita articulação com a Câmara Municipal da Golegã e a Feira Nacional do Cavalo, integra o Programa da ExpoÉgua desde 2002, data em que foi instituída. Esta Romaria equestre é organizada pela Irmandade dos Romeiros de São Martinho – Cavaleiros da Tradição de Portugal, a qual havia sido constituída no ano anterior.

Esta peregrinação a cavalo começa na Matriz manuelina da Golegã, com a bênção dos Romeiros e acompanhantes, e percorre algumas capelas privadas da região, dando a conhecer o Património Histórico-Religioso da Vila. A Romaria termina num local destinado ao

convívio e confraternização. Nesta ocasião, a imagem do Santo, para a qual foi erguida uma capela própria no Largo do Arneiro em 2011, é colocada num carro de cavalos e acompanha a peregrinação. É usual também proceder-se, a cada ano, à entronização de novos romeiros, premiando assim, e distinguindo, elementos da comunidade equestre através da pertença à Irmandade. Os Romeiros não são necessariamente e exclusivamente goleganenses. São Romeiros de São Martinho indivíduos das mais diversas proveniências, incluindo do estrangeiro. São propostos, ou candidatos e, por norma, aceites.

A cada ano há um Romeiro-Mestre que é responsável pela organização da Romaria, em consonância com o Conselho de Romeiros (Direção), presidido pelo Romeiro-Mor que, por inerência de cargo, é o Presidente da Câmara da Golegã sendo que é ele, que no dia do cortejo, o encabeça.

A Irmandade organiza também o Cortejo dos Romeiros de São Martinho integrado na Feira da Golegã e o qual tem lugar impreterivelmente no dia 11 de novembro. Iniciando na Porta de Fernão Lourenço e terminando no Largo do Arneiro, tem paragem obrigatória na Igreja Matriz onde se procede à bênção dos Romeiros.

Desde 2009 que a Associação Feira Nacional do Cavalo organiza também, no primeiro fim de semana de outubro, o Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono), em parceria com o Município da Golegã, a Associação Portuguesa de Atrelagem e o Real Club de Enganches de Andalucia. Trata-se de uma das provas de referência a nível europeu, na qual se disputa a final da Taça Ibérica (note-se que a primeira mão decorre em maio em Sevilha, Espanha). O grande objetivo do concurso é a manutenção da Atrelagem Tradicional e dos seus saberes, contribuindo para a conservação do património hipomóvel antigo, e também promover a sua imagem e fomentar o aperfeiçoamento dos praticantes desta disciplina.

O concurso é composto por três provas: Prova de Apresentação, Percurso de Estrada e Prova de Maneabilidade. A Prova de Apresentação decorre no Largo da Igreja da Golegã onde os veículos, obrigatoriamente anteriores a 1945, se mostram perante o Júri que julga em imobilidade e de forma individual. O público presente aprecia com satisfação o estado de conservação dos veículos, os arreios, os cavalos e a exímia apresentação dos participantes que trajam de forma adequada, de acordo com o veículo em que participam. Após a Prova de Apresentação segue-se uma prova de Estrada, de 12 km, onde os participantes se deparam com diversas dificuldades naturais. O percurso faz-se pelas artérias da vila da Golegã e segue para o campo, atravessando as mais afamadas Quintas do concelho. Ao longo

do caminho transpõem obstáculos artificiais com dificuldades criadas onde se avalia a condição física dos cavalos, bem como o controlo dos mesmos por parte do condutor. A competição termina com a Prova de Maneabilidade, no Largo do Arneiro, palco da Feira Nacional do Cavalo, num percurso com obstáculos (cones) onde os condutores mostram o domínio do conjunto e a sua capacidade de condução.

Este é um evento muito aguardado pelos participantes e mobiliza algum público. Os conhecedores são muito escassos, uma vez que a Atrelagem é ainda uma modalidade pouco conhecida do grande público. No contexto da Atrelagem de Tradição o público pouco conhecedor aprecia, sobretudo, a beleza do veículo e a aparência dos participantes, a forma elegante e requintada como trajam. Ao contrário do que sucede na Atrelagem de Tradição, na competição pouco importa a beleza do carro de ferro utilizado, bem como dos participantes. Em causa está a competição e os resultados, *tout court*. Note-se que pela Feira da Golegã decorrem importantes provas de Atrelagem no âmbito do Campeonato Nacional – Prova de Ensino, Maratona, Prova de Cones, as quais se distribuem entre o Largo do Arneiro, a Quinta da Labruja e o Hippos Golegã – Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres.

Várias são as competições de Atrelagem que se realizam um pouco por todo o mundo, contudo, o Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono), que se realiza na Golegã e do qual a Associação Feira Nacional do Cavalo é uma importante entidade parceira, configura-se atualmente como o mais antigo da Península Ibérica e um dos mais antigos da Europa. Em 2024 o Concurso assinalou a sua XVI edição e decorreu no dia 5 de outubro. Tal como sucedeu com a Feira Nacional do Cavalo e com a ExpoÉgua, também o CIAT de Outono sofreu um revés com a pandemia. A edição que se deveria realizar a 3 de outubro de 2020, na Golegã, foi cancelada tendo a Presidência da Câmara Municipal da Golegã, a Direção da Feira Nacional do Cavalo e da APA – Associação Portuguesa de Atrelagem, deliberado pela sua não realização.

Existe uma estreita ligação entre a modalidade de Atrelagem e a vila da Golegã, podendo-se inclusive afirmar que a base da Atrelagem está, neste momento, ali sedeada. A ligação que a própria vila tem ao cavalo é a grande mais valia. A Capital do Cavalo reúne todas as condições necessárias à prática desta modalidade. As provas nacionais principais realizam-se sempre na Golegã (ou na Companhia das Lezírias, em Samora Correia). Contudo, os praticantes da modalidade e os dirigentes consideram que na Golegã estão todas as condições reunidas para acolher a modalidade e a sua estrutura.

Na Feira as atrelagens têm um papel preponderante: para além as provas desportivas, os veículos partilham o palco, o mesmo é dizer, a manga da Feira, com os cavaleiros e amazonas estando, inclusive, obrigados ao cumprimento estreito do Regulamento.

A Associação Feira Nacional do Cavalo é, como demonstrado, indissociável da comunidade equestre. A Associação é, aliás, a principal representante institucional da própria comunidade equestre na Golegã. Responsabiliza-se pela defesa das tradições e da cultura equestre proporcionando a todos os elementos dessa comunidade, e não apenas aos goleganenses, a oportunidade de participar e desfrutar do ambiente equestre e das tradições que lhe estão associadas garantindo que a sua perpetuação passa obrigatoriamente pela vila da Golegã, a qual está perfeitamente consolidada, a nível nacional e internacional, como a Capital do Cavalo, e em particular, do Lusitano. A Feira da Golegã é o grande ex-libris da cultura e da tradição equestre e a Associação Nacional Feira do Cavalo a grande responsável pela sua salvaguarda e perpetuação.

III. FUNDAMENTAÇÃO DO PEDIDO DE INVENTARIAÇÃO

1. Caracterização da relevância da manifestação de PCI

1.1 Caracterização da relevância manifestação do património cultural imaterial de acordo com, pelo menos, um dos critérios genéricos de apreciação constantes das alíneas a) a h) do artigo 10.º do Decreto – Lei n.º 149/2015, de 5 de agosto:

a) Importância da manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da respetiva comunidade ou grupo

A Feira da Golegã constitui o expoente máximo de uma identidade que tem, no centro, a paixão pelo cavalo e por todo o universo social, cultural e simbólico que lhe está associado. Gera sentimentos de identidade e pertença à comunidade equestre que, nesta ocasião, reforça e fortalece os seus laços, bem como a sua relação com a vila e com a comunidade local. Esta Feira é muito mais do que um evento que oferece aos criadores um espaço onde expor, para fins de negócio, os seus melhores exemplares. É uma manifestação cultural única, que não tem qualquer comparativo em Portugal. É o reflexo da comunidade equestre que a promove, que a vive intensamente e que a transmite às gerações seguintes.

A Feira da Golegã é o lugar e o momento onde os criadores se reúnem, onde os cavaleiros se exibem, onde a arte equestre se eleva ao mais alto nível, onde a beleza e a elegância desfilam, onde as crianças debutam e onde as famílias reforçam o seu prestígio. A existência de uma comunidade equestre é a razão de ser da Feira, a qual, por sua vez, molda esse espírito de comunidade. Feira da Golegã e comunidade equestre são indissociáveis.

b) Os processos sociais e culturais nos quais teve origem e se desenvolveu a manifestação do património cultural imaterial até ao presente

A Feira da Golegã tem raízes históricas profundas que orgulham os goleganenses bem como a comunidade equestre, aos quais é cometida, duplamente, a responsabilidade de assegurar a sua perpetuação.

Como já referido, a referência à Feira de São Martinho conta com quatro séculos e meio de existência tendo o rei D. Sebastião decretado, a 6 de julho de 1571, que esta se realizasse a 11 de novembro, dia de São Martinho. Marcada por altos e baixos a história a Feira vai chegar ao século XIX, no reinado de D. Luís, mostrando sinais de declínio. Graças à ação do monarca, conheceu um impulso alicerçado na criação de um concurso de gado cavalar que se revelou importante para a dinamização das coudelarias e para a recuperação da economia local. O concurso despertou a motivação para a competição entre os criadores, pelo facto de terem sidos instituídos avultados prémios.

Nos anos 40 do século XX, com o dinamismo do pós-Segunda Guerra Mundial a vila da Golegã sofreu alguns melhoramentos e encetou uma nova fase de progresso, o que se verificou na própria dinamização da Feira que conheceu um momento de viragem muito em parte provocado também pela expansão do uso do automóvel que, em consequência, proporcionou uma redução drástica do uso de animais para transporte, mas veio facilitar o aumento da mobilidade, repercutindo-se na afluência à Feira.

Os anos 50 e 60 permanecem ainda na memória dos mais velhos. Referem-se à Feira da Golegã como a "feira dos 3 dias": 10, 11 e 12 de novembro. O Largo do Arneiro já era o centro da Feira. Em redor alguns pavilhões de construção rudimentar, davam a conhecer as principais coudelarias da região: Veiga, Sommer de Andrade e Coimbra, e um pouco mais tarde, a coudelaria Ervideira proveniente de Évora. Os cavalos eram expostos com o intuito de venda e os proprietários faziam-se representar junto ao pavilhão para consumar os negócios. Na manga da Feira circulavam cavalos e cavaleiros, incomparavelmente menos dos que as dezenas de milhar que hoje circulam. O grande objetivo era a compra e venda de

equinos sendo o local, por excelência, para a transação de cavalos de toureio. Por esse motivo era habitual a presença dos cavaleiros tauromáquicos, figuras, à época, bastante populares na sociedade portuguesa.

O Largo do Arneiro era compartilhado entre cavalos e barracas. Mais tarde conseguir-se-ia, pela mão do Eng. Fernando Sommer, erradicar as barracas do Largo remetendo-as para as imediações e dando o palco, por completo, aos cavalos.

A "feira dos 3 dias", à qual se seguia, até ao final do mês, a "feira das barracas e dos carrosséis" era também um espaço de comércio, onde se vendia de tudo um pouco e onde os goleganenses, e não só, vinham gastar as suas poupanças. Compravam roupa e calçado, utensílios para casa, instrumentos para a agricultura e pecuária, inclusive presentes de casamento, brinquedos e todo o tipo de quinquilharias.

A Feira de São Martinho era uma feira exclusivamente diurna. Os cavalos recolhiam, as pessoas também e os comerciantes levantavam as bancas ao final da tarde. Os convívios, quando tinham lugar, decorriam em espaços privados. Com a introdução da iluminação elétrica no Largo do Arneiro, em 1952, começa a surgir um prolongamento da Feira para a noite. Contudo, será bastante mais tarde, já nos anos 80, que a Feira ganha efetivamente uma vida noturna. Por esta altura adensava-se a componente social que já acontecia, há muito, em ambientes restritos e privados. As famílias coudélicas recebiam família, amigos e potenciais compradores. Não havendo espaços de restauração, os convidados eram recebidos em casa. Entre portas sagravam-se momentos de caloroso convívio onde os temas de conversa passavam impreterivelmente pelo que se tinha vivido e apreciado durante a tarde. De casa em casa os serões eram preenchidos entre copos e conversas que, invariavelmente, começavam e acabavam nos cavalos, passavam pelos toiros exaltando-se as tradições ribatejanas e os seus protagonistas.

Pelos anos 60 surge o "Pavilhão da Caridade" que muitos referem como sendo a primeira experiência de restauração no contexto da Feira da Golegã. Devido ao seu prestígio a Feira recebia, por esta ocasião, altas individualidades, nomeadamente chefes de Estado.

Os anos 70 marcam uma etapa importante deste percurso histórico da Feira de São Martinho a qual, em 1972, passa a designar-se como a Feira Nacional do Cavalo por determinação dos poderes públicos. Esta década fica marcada também pelos efeitos da Revolução do 25 de abril de 1974. Estando a Feira associada a uma certa elite rural, as forças revolucionárias

ofereceram resistência à sua realização sendo que, no ano de 1975, em pleno PREC, acabou mesmo por não se realizar.

O final dos anos 70, anos 80 e 90 vão ficar marcados pela reabilitação da Feira. Os poderes públicos locais e alguns elementos da comunidade equestre, em conjunto, idealizaram a Feira tal como hoje a conhecemos.

Na viragem para o século XXI, e com grande apoio do poder autárquico, formaliza-se o que já era uma constatação - que a Feira ganhava cada vez mais adeptos, portugueses e estrangeiros, em grande parte pela ligação ao PSL, e que a relevância alcançada no panorama internacional lhe permitia uma nova distinção, agora como Feira Internacional do Cavalo Lusitano.

Neste quarto de século, a que assistimos, a Feira ganha cada vez mais adeptos e entusiastas e um número de participantes e visitantes nunca alcançado. A sua história recente é marcada por dois acontecimentos: em 2020 e, pela segunda vez nos últimos 50 anos, a Feira da Golegã não se realizou devido às restrições impostas pela pandemia da Covid 19, sendo que retoma imediatamente no ano seguinte; e em 2024 conhece uma nova realidade com a inauguração da Praça Manuel Tavares Veiga que se constitui como um novo espaço estratégico, adquirido pela AFNC e contíguo ao Largo do Arneiro, que visa a beneficiar a circulação de pessoas e animais, proporcionando melhores condições de mobilidade e segurança e permitindo albergar e concentrar cerca de uma centena de expositores que até então se encontravam espalhados pelas diversas artérias da vila.

A Feira da Golegã, tem conhecido, ao longo da sua existência processos de reprodução, sociais e culturais, que justificam a e enquadram a sua realidade presente. É uma manifestação cultural que se adaptou aos tempos, que se modernizou sem perder a sua essência, rural e tradicional. Chega aos nossos dias como uma manifestação única, exclusiva, ímpar, muito dinâmica, muito ativa, muito vivida, muito apreciada e muito desejada.

c) As dinâmicas de que são objeto a manifestação do património cultural imaterial na contemporaneidade

A história da Feira da Golegã é marcada, na contemporaneidade, por um boom que sucede a um período de declínio que a Feira conheceu em meados dos anos 70 do século XX, por ocasião da Revolução do 25 de abril de 1974, a qual teve repercussões negativas na organização da Feira condicionando, inclusive, a sua realização no ano de 1975. As décadas

de 80 e 90 trouxeram à Feira da Golegã um novo impulso, em grande parte promovido por agentes locais, em conluio com elementos da comunidade equestre que se organizaram para repensar a Feira da Golegã indo ao encontro da vontade de muitos indivíduos ligados ao cavalo que demonstravam interesse e entusiamo na sua revitalização. O resultado vai ser conhecido anos mais tarde, sobretudo a partir do início dos anos 90 do séc. XX, quando a Feira da Golegã se torna aquilo que hoje conhecemos: a maior Feira equestre do nosso país, uma das mais singulares manifestações da cultura portuguesa, com grande destaque a nível internacional gerando enorme atratividade além-fronteiras.

Nas últimas décadas, a Feira da Golegã conheceu um crescimento sem precedentes. É visitada por milhares de pessoas, é ansiada por toda a comunidade equestre, e vivida por indivíduos de todas as gerações e classes sociais. É uma manifestação cultural com uma representatividade histórica muito longeva, que conseguiu reinventar-se, revitalizar-se e readaptar-se ao presente sem perder o seu carácter tradicional, original, autêntico e genuíno, que a demarca de toda e qualquer manifestação da cultura portuguesa.

Dada a condição de ser uma Feira equestre, que privilegia e valoriza a relação entre os indivíduos e os cavalos, está na ordem do dia a preocupação máxima com a proteção e o bem-estar animal para que os cavalos possam ter, neste local e neste tempo, a sua maior mostra e a mais importante demonstração da sua nobreza.

d) Os modos em que se processa a transmissão da manifestação do património cultural imaterial

A transmissão processa-se de modo formal no que respeita à organização da Feira, a qual está a cargo de um número reduzido de elementos da comunidade equestre que integram a Associação Feira Nacional do Cavalo, que são assessorados por técnicos nas várias disciplinas equestres e liderados pelo Presidente da Câmara Municipal que é, por inerência, o Presidente da Direção. A esta Associação cumpre a organização da Feira pelo que é a entidade responsável pela sua transmissão formal.

Existe, neste complexo que remete para o universo do lazer e da socialização, um outro processo de transmissão formal associado ao ensino e aprendizagem da equitação, que tem repercussões efetivas na Feira da Golegã. Os centros hípicos ou equestres formam muitos cavaleiros e amazonas que se apresentam, em público, na Feira garantindo processos de aprendizagem individuais e personalizados que se adaptam aos interesses de cada indivíduo seja para fins exclusivos da prática da equitação de lazer, seja na prossecução de objetivos

mais ambiciosos que pressuponham, por exemplo, a prática da equitação enquanto modalidade desportiva. Independentemente do interesse e da finalidade com que esses cavaleiros praticam a equitação, o seu aperfeiçoamento e a evolução alcançada assentam em processos de transmissão formal que decorre de mestres para aprendizes ou de instrutores para alunos. É desejo de todo e qualquer aprendiz poder mostrar-se, na Golegã revelando a qualidade do ensino-aprendizagem.

Por fim, há todo um processo de transmissão informal associado à participação dos indivíduos na Feira, sejam cavaleiros, ou não, e que se traduz no simples ato de a frequentar. Esta participação decorre de uma forma de ser e de estar na vida muito característica e representativa da região do ribatejo, onde a Golegã se insere, e que comunga dos mesmos valores e de uma cultura em tudo semelhante a outras localidades de onde provém muitos outros que marcam presença, estabelecendo e fixando relações de identidade. Esses indivíduos receberam dos seus antecessores todo esse complexo de significação, social, cultural e simbólico, e transmitem-no informalmente aos seus descendentes alimentando o ciclo de reprodução e transmissão da manifestação.

e) As ameaças e os riscos suscetíveis de comprometer a viabilidade futura da manifestação do património cultural imaterial

À data não se identificam quaisquer ameaças ou riscos suscetíveis de comprometer a viabilidade da Feira da Golegã. Como por diversas vezes referido, a Feira conhece uma elevada participação atingindo, a cada ano, recordes, não só de público, como também de cavalos e atrelagens inscritos. Em 2024 a expansão do recinto da Feira possibilitou um aumento do número de expositores e inclusive de pavilhões de coudelarias. A Feira goza da enorme vantagem de ter uma Associação, constituída maioritariamente por elementos da comunidade equestre, que assegura a sua realização e organização anual, sendo o Presidente da Câmara Municipal o Presidente, por inerência, da Direção, o que dá também garantia de viabilidade.

Por fim, sendo uma Feira que não está dependente apenas da comunidade local, mas sim de um conjunto muito alargado de indivíduos das mais diversas proveniências que garantem a sua presença, desde cavaleiros, criadores, expositores, amantes da arte equestre e público em geral, contribui para minimizar quaisquer ameaças e riscos à sua viabilidade.

f) As medidas de salvaguarda em relação à continuidade da manifestação do património cultural imaterial

Considerando a sua longevidade, esta manifestação cultural é subsidiária da ação de todos aqueles que, de geração em geração, contribuíram para que chegasse aos nossos dias com enorme vitalidade. A sua salvaguarda deve-se à comunidade equestre que, como referido, não corresponde exatamente à comunidade local, embora integre muitos indivíduos da Golegã. É a comunidade equestre que, com o apoio dos poderes locais, envidou sempre todos os esforços para que a Feira se realizasse e pudesse corresponder às expectativas de todos aqueles que a desejavam. A grande medida de salvaguarda da Feira foi a criação, em 1995, da Associação Feira Nacional do Cavalo, constituída por indivíduos dessa comunidade equestre, que garante a sua realização, de forma independente e autónoma, precavendo quaisquer ameaças à sua continuidade. Ainda assim, o presente pedido de inventariação abre a possibilidade de se proporem novas medidas que vêm reforçar a salvaguarda desta manifestação.

g) O respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos

A Feira da Golegã respeita os direitos, liberdades e garantias em matéria de defesa dos direitos humanos.

h) A articulação com as exigências de desenvolvimento sustentável e de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos

A Feira da Golegã é compatível com as exigências do desenvolvimento sustentável e cumpre, pelo menos com sete dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas.

Objetivo 3. Saúde de Qualidade

A Feira da Golegã tem, no centro, a figura do cavalo e, por inerência, de tudo o que o rodeia. No domínio da saúde, a equitação, *per si*, é um desporto praticado ao ar livre, em comunhão com a natureza que traz grandes benefícios ao corpo e à mente. É uma atividade muito completa, em termos físicos: da estimulação muscular ao equilíbrio, desenvolve a postura, a

coordenação motora, as capacidades de endurance, o controlo da respiração entre outros benefícios que acarreta para a qualidade da saúde e bem-estar dos indivíduos.

Do ponto de vista emocional a equitação tem impacto comprovado no espírito do cavaleiro. Grande parte dos praticantes, sobretudo adultos, pratica a equitação como forma de descontração e relaxamento. A companhia do cavalo e a proximidade ao meio ambiente ajudam a encontrar o equilíbrio interno a quem precisa de carregar baterias e reduzir o nível de stress. Nos adultos, como nas crianças, a prática da equitação desenvolve autoconfiança, empoderamento, sociabilização, a responsabilidade e compromisso que são fundamentais também nas apresentações em público, como sucede na Feira da Golegã, onde toda a responsabilidade é exigida a um cavaleiro que vai circular em espaço público, no meio de multidões.

Em termos de saúde e menos relacionado com a Feira, dar nota de que a equitação se tem revelado uma ferramenta terapêutica importante para crianças e adultos portadores de deficiências físicas e mentais. A Hipoterapia e a Equitação Terapêutica apresentam benefícios a nível físico, cognitivo, emocional e social com sucesso comprovado nos indivíduos com necessidades especiais.

Objetivo 4. Educação de Qualidade

Como referido em diversas ocasiões a Feira atrai, todos os anos, milhares de visitantes. Entre eles, grupos específicos de crianças e jovens, alunos de diversos estabelecimentos de ensino que integram visitas de estudo organizadas. Escolas e Jardins de Infância do concelho da Golegã marcam presença realizando passeios com crianças das mais tenras idades que se destacam, entre os visitantes, por se deslocarem em grupo envergando uniformes coloridos. Também é frequente, embora menos notório, a presença de jovens do ensino secundário e profissional, que integram visitas de estudo organizadas. A título de exemplo, os responsáveis do Curso de Técnico de Gestão Equina da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão (EPDRAC) organizam todos os anos uma visita de estudo à Feira da Golegã, que tem lugar habitualmente na 5af em que decorre o Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela que é, como referido, o dia de Feira mais importante para a comunidade equestre. Para estes jovens, de idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, é o dia mais importante e aguardado do calendário letivo. Embora acompanhada pelos professores, a visita de estudo é livre pressupondo pontos de encontro

para reunião do grupo às horas marcadas. Os alunos organizam o seu dia de Feira autonomamente, que repartem entre a presença nos eventos calendarizados e as compras que sempre fazem aproveitando a vasta oferta de produtos equestres que têm à sua disposição. Para além dos estudantes de Alter, marcam presença outros alunos dos mais variados cursos profissionais de natureza equestre – Equinicultura, Maneio de Equinos, Turismo Equestre, etc. – provenientes de todo o país, alguns integrando visitas organizadas e muitos também a título individual, que se deslocam à Feira em família ou com grupos de amigos. Alguns participam em provas e/ou colaboram ativamente na sua realização, contribuindo essa atividade para inserção no seu curriculum vitae.

Portugal é um país onde existem várias ofertas de formação, seja no ensino profissional ou regular, que implicam a atividade equestre. A Feira da Golegã é visita obrigatória. Constitui uma aproximação ao mercado de trabalho destes jovens, muitos dos quais acabam, mais tarde, por voltar, já no desempenho das suas funções profissionais.

Objetivo 5. Igualdade de género

A Feira da Golegã promove inteiramente a igualdade de género. A prática da equitação é transversal a homens e mulheres os quais, indistintamente, se apresentam a cavalo na manga da Feira. Inclusive o traje português de equitação, sendo distinto, tem uma traça comum que permite padronizá-lo independentemente se é homem ou mulher que o enverga.

Da mesma forma a atividade coudélica é transversal a ambos os sexos. Homens e mulheres criam cavalos e gerem coudelarias que, amiúde, recebem por herança familiar. Por outro lado, enquanto atletas de competição, participantes em provas desportivas, encontram-se homens e mulheres sendo que uma das grandes bandeiras da igualdade de género no meio equestre é que as provas desportivas são mistas, onde homens e mulheres competem lado a lado.

Entre os homenageados da Feira contam-se também, ao longo dos anos, muitos homens e mulheres, indistintamente. O que define a sua condição de homenageado é o seu elo de ligação à Feira da Golegã ou aos cavalos, não se revelando qualquer interferência de género na sua nomeação.

Entre os artistas, os amantes da arte equestre em geral e o público que visita a Feira, não se verifica, também qualquer distinção de género. A Feira é visitada e vivida por todos e todas.

A única distinção de género assinalável que existe no contexto da Feira da Golegã diz respeito apenas a dois grupos: as amazonas (que praticam a monte à amazona) que são, exclusivamente, cavaleiras do sexo feminino e cuja História explica a tradição de montar com as duas pernas sobre o lado esquerdo do cavalo e os campinos que, até à data, são exclusivamente homens.

Objetivo 8. Trabalho digno e crescimento económico

A Feira da Golegã é mais do que um ponto de encontro para criadores e amantes do cavalo e da arte equestre. É um verdadeiro motor económico que ajuda a alavancar a economia local e regional. Como tem vindo a ser referido, a Feira recebe milhares de visitantes, desde os que se instalam durante todo o período da Feira, até aos que a visitam pontualmente, por um ou mais dias. As oportunidades de negócio sucedem-se: da hotelaria à restauração, passando pelo comércio de artigos tradicionais e produtos regionais. Não é apenas a Golegã que beneficia do dinamismo económico que a Feira proporciona, mas também os concelhos limítrofes, considerando que as taxas de ocupação hoteleira têm impacto nos concelhos vizinhos da Chamusca, Entroncamento e Vila Nova da Barquinha, e até mais longe, como Tomar, Leiria, Fátima ou Santarém.

Prosperam, por ocasião da Feira, os negócios da alimentação e alojamento que geram emprego e rendimento para a comunidade local. Acresce o comércio artesanal e, sobretudo, de produtos equestres cuja atividade têm grande implicação com o desenvolvimento sustentável. Trata-se de micro, pequenas e médias empresas, ou mesmo empresários a título individual, que gerem os seus negócios numa lógica de empreendedorismo, contribuindo para a criação de emprego. Muitos destes negócios evidenciam já a preocupação de aliar a inovação e criatividade com as causas ambientais, apresentando produtos e conceitos sustentáveis e *eco friendly*.

Estudos realizados indicam que a fileira do cavalo goza de uma elevada importância económica e social em alguns países da Europa, mantendo forte presença nas zonas rurais e contribuindo para a produção de riqueza e para o desenvolvimento local e regional, nas regiões onde estão implementados. Causa ou consequência da existência da Feira mas fora dela também, a Golegã goza das oportunidades de desenvolvimento e crescimento de atividades associadas ao cavalo na região.

Objetivo 10. Reduzir as desigualdades

A Feira da Golegã é uma manifestação cultural inclusiva. Os cavaleiros são os protagonistas da Feira e, desde que cumpram os critérios de admissão na manga, todos podem participar. Não há condição social ou económica que impeça qualquer cidadão de montar a cavalo, exibindo a sua arte equestre em público. As desigualdades esbatem-se no cenário da Feira que não contempla idade, género, etnia, origem, religião, condição económica ou outra.

A questão da acessibilidade, que está na ordem do dia nomeadamente na relação com a redução das desigualdades, é outra componente que a Feira da Golegã promove. Qualquer indivíduo que, por limitações físicas, emocionais, financeiras ou outras, não possa montar a cavalo, pode participar ativamente na Feira da Golegã e não apenas como visitante. Querendo relacionar-se com o cavalo e usufruir desta experiência, encontra na Feira uma solução que o permite. A utilização de um veículo de tração animal permite a circulação pelas ruas da Golegã, pela manga da Feira e pelo Picadeiro Central e permite, inclusive, a participação em competições desportivas. Para tal, não é sequer imprescindível que tenha de ser proprietário de um carro de cavalos. Qualquer individuo pode fazê-lo, se não em carro próprio, em carro de amigos, conhecidos ou até utilizando um serviço de táxi que permite, a todos, um passeio pelo Largo do Arneiro. A Câmara Municipal têm, nos últimos anos, vindo a promover a realização de passeios na Feira, gratuitamente, para todos os munícipes residentes nas freguesias de Golegã, Azinhaga e Pombalinho.

Objetivo 15. Proteger a vida terrestre

A atividade coudélica promove uma gestão sustentável e uma interação equilibrada entre o homem, os animais e a natureza, criando um modelo de desenvolvimento rural que respeita e preserva o ecossistema, assegurando a sua conservação.

Objetivo 16. Paz, justiça e instituições eficazes

A Feira da Golegã é uma manifestação cultural que decorre num tempo e num espaço próprio, que proporciona uma vivência coletiva e gera sentimentos de união e pertença. Traduz a capacidade humana de sociabilizar, confraternizar e celebrar, fortalecendo os laços que unem os indivíduos que se estendem à relação entre estes e os animais. São, por isso, momento de convivência e paz que contribuem para a construção de uma comunidade mais

fraterna, respeitosa e harmoniosa. A proximidade e a informalidade que a Feira proporciona ajudam a construir pontes entre os indivíduos reforçando o valor do encontro, do diálogo e da celebração da vida, contribuindo para uma sociedade mais unida, pacífica e solidária.

Contudo, a Feira não vive livre de desacatos que têm, felizmente, muito pouca expressividade. A entidade organizadora da Feira trabalha junto com as autoridades policiais para promover a paz social e mitigar qualquer tipo de conflito ou interação que se possa propiciar.

1.2 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com demais manifestações de:

1.2.1. Património cultural móvel: Ver Anexo I ponto IV, 19.1.
1.2.2. Património cultural imóvel: Ver Anexo I ponto IV, 19.2.
1.2.3. Património cultural imaterial: Ver Anexo I ponto IV, 19.3.

1.3 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com património natural.

Ver Anexo I ponto IV, 20.

1.4 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com estudos científicos ou técnicos, com metodologias de pesquisa, com programas de informação e divulgação, ou com programas de sensibilização em curso com vista à salvaguarda da mesma.

Data de 2005 a única publicação existente dedicada, em exclusivo, à Feira da Golegã. *A Feira da Golegã – Das origens à actualidade*, do historiador Paulo Martins Oliveira, é uma edição da Câmara Municipal da Golegã e surge especificamente com o intuito de aprofundar o conhecimento histórico em torno da Feira e comprovar, cientificamente, a sua longeva existência. No ano seguinte a edilidade lançaria uma outra obra, do mesmo historiador, cuja temática se alarga à história da *Vila da Golegã nos Últimos 250 Anos,* mencionando, naturalmente, a história da Feira. São as duas grandes obras de referência nesta matéria, as quais têm servido a vários autores como referência bibliográfica fundamental nos estudos sobre a Golegã e a sua Feira.

Manifestação cultural de natureza equestre, a Feira da Golegã tem no centro a figura do cavalo, nomeadamente do Lusitano, e da arte equestre e sobre estes proliferam os mais variados tratados, estudos, compêndios e todo o tipo de publicações científicas e não só,

associados a uma enorme variedade de programas de informação, divulgação e sensibilização que alimentam, ao longo de gerações, o conhecimento sobre o cavalo, o seu ensino e a sua apresentação e que se cruzam impreterivelmente com a Feira da Golegã como o local que dá a visibilidade pública a todo este universo.

A Parques de Sintra, entidade que tutela a Escola Portuguesa de Arte Equestre (EPAE) dispõe, desde 2015, de uma biblioteca especializada considerada a única biblioteca nacional dedicada exclusivamente ao Cavalo e à Arte Equestre e que está instalada no Palácio Nacional de Queluz, tomando o nome de «Biblioteca de Arte Equestre D. Diogo de Bragança». Mais do que uma biblioteca é um espaço cultural que tem como missão a divulgação e conservação do espólio de D. Diogo de Bragança, VIII Marquês de Marialva, considerado um dos mais exímios cavaleiros nacionais. O espólio à sua guarda é constituído por cerca de mil e quinhentos títulos, manuscritos e impressos, datados do séc. XVI ao séc. XX e duzentas gravuras e estampas originais, reunidas ao longo da vida de D. Diogo de Bragança, ele próprio, para além de exímio cavaleiro de escola, destacado especialista em Arte Equestre e igualmente autor de várias publicações, nacional e internacionalmente reconhecidas.

Se em relação ao Cavalo e à Arte Equestre a proliferação é vasta e diversificada é, como referido, mais residual a produção científica e literária sobre a Feira da Golegã. Contudo, não podemos ignorar que a Câmara Municipal desta vila ribatejana tem, efetivamente, desempenhado um papel fundamental no apoio programas de informação e divulgação ou sensibilização com vista à sua salvaguarda, bem como do que lhe está intrinsecamente associado. A solo, ou em parceria com outras entidades, note-se como a autarquia firmou o reconhecimento definitivo como a “Capital do Cavalo”, como promoveu a integração da Golegã na Rede Europeia de Cidades do Cavalo - Euro Equus, ou o seu empenho na criação do espaço Equuspólis, a “Cidade do Cavalo”, um complexo que compreende, entre espaço museológico e multimédia, outro tipo de equipamentos e infraestruturas, e que acolheu, no início, a Biblioteca temática “O Cavalo”, para apoio à investigação reunindo as principais publicações nestas matérias, incluindo para além de um conjunto de significativo e variado de publicações, várias revistas especializadas, documentação esta que atualmente se encontra à guarda da Biblioteca Municipal da Golegã.

Por outro lado, e no que respeita à informação e divulgação, a Feira da Golegã tem tirado enorme partido do uso da internet e das redes sociais que promovem a sua difusão por todo o mundo através das inúmeras partilhas efetuadas nos mais diversos canais de publicação

online, desde páginas pessoais, grupos, públicos e privados, e amplamente através da comunicação social. O arquivo audiovisual da RTP possui, como referido, um riquíssimo repositório de vídeos sobre a Feira da Golegã que constitui dos mais preciosos acervos, se não o mais precioso, sobre a Feira entre os anos 1957 (o mais antigo registo em formato vídeo) e 2018, e o qual se encontra online para consulta através do seu website - arquivos.rtp.pt. No vídeo de 1957 é possível observar o ambiente da Feira, com a exibição de cavaleiros e amazonas no Largo do Arneiro e a existência dos pavilhões em redor. Destacam-se, a cavalo, algumas figuras notáveis: os cavaleiros tauromáquicos João Branco Núncio e Manuel Conde, o matador de toiros Diamantino Viseu e o novilheiro Armando Soares. A cantora Maria José Valério também é identificada, deslocando-se em carro de cavalos. A presença de público, em grande número, é notória. Um vídeo de 1967 mostra a deslocação do Presidente da República, Américo Tomás, à Feira da Golegã.

No que se refere à atenção da imprensa e par com este acervo histórico da RTP, destaca-se as reportagens dos jornais *Correio do Ribatejo*, fundado em 1891 por João Arruda sob a designação de *Correio da Extremadura*, e o jornal *Vida Ribatejana*, semanário publicado em Vila Franca de Xira, e fundado em 1917 e nos quais se encontram inúmeras referências à Feira da Golegã que constituem importantíssima fonte para o seu conhecimento histórico. A imprensa regional foi, e ainda é, fonte importantíssima de divulgação da Feira.

Em 2023 e pela primeira vez na história, foi possível acompanhar toda a atividade da Feira da Golegã em Live Streaming, através de um canal YouTube. A transmissão online voltou a acontecer na edição da Feira de 2024 cobrindo em direto as competições no Picadeiro Central e nas zonas de Feira, de forma a "divulgar para todo o mundo o que se passa nesta feira secular, única no mundo", conforme referido pelo Município em comunicado de imprensa.

1.5 Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com a missão, visão, valores e vetores estratégicos da entidade requerente ou de outras entidades.

A Associação Feira Nacional do Cavalo tem como missão a realização e organização anual da Feira Nacional do Cavalo, bem como de outros dois eventos equestres que decorrem na vila da Golegã – a ExpoÉgua e a Romaria a São Martinho (em maio) e o CIAT de Outono (em outubro). A entidade foi criada, nos anos 90 do século passado com o principal objetivo de assegurar a realização da Feira, estabelecendo e fazendo cumprir normas e regulamentações

que englobam todas as atividades que decorrem no seu âmbito, designadamente e entre outras: atividades equestres no geral, incluindo as competições desportivas, identificando atletas, cavaleiros, amazonas, condutores de veículos de tração animal, equinos e veículos de tração animal; supervisionando divertimentos diversos, incluindo estabelecimentos provisórios de diversão noturna, comércio, artesanato, restauração, etc; responsabilizando-se pela organização e execução de espetáculos e de outras atividades culturais, informativas e publicitárias. A Câmara Municipal, a Junta de Freguesia, a Federação Equestre Portuguesa, a Associação Portuguesa de Atrelagem, a Associação das Amazonas de Portugal, a Associação Nacional de Turismo Equestre, Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas, a Associação Portuguesa do Cavalo Puro-Sangue Lusitano, a Parques de Sintra bem como outras entidades parceiras trabalham em conjunto com a AFNC, para garantir todo o apoio e logística à realização da Feira

1.6. Caracterização da relevância da manifestação do património cultural imaterial na sua relação com as atividades desenvolvidas, em curso ou projetadas, pela entidade requerente ou por outras entidades.

A Associação Feira Nacional do Cavalo foi constituída no final dos anos 90 do século XX, com o grande propósito de chamar a si a realização da Feira Nacional do Cavalo. Recorde-se que o final do século passado é marcado por uma revitalização da Feira da Golegã, sem precedentes. A manifestação cultural havia sofrido um revés em meados dos anos 70, decorrente das consequências da revolução do 25 de abril de 1974, sendo que as décadas de 70, 80 e 90 foram de revitalização. O projeto de revitalização da Feira, empreendido por alguns elementos da comunidade equestre com o apoio dos autarcas locais, redundou numa expressão de enorme vitalidade que a Feira veio a conhecer na transição para o século XXI e que corresponde ao período em que a Feira se internacionaliza, formalizando-se como Feira Internacional do Cavalo Lusitano em 1999. É o início da Feira da Golegã nos moldes que hoje a conhecemos.

A AFNC nasce neste quadro de crescimento e revitalização da Feira da Golegã, num momento fulcral da sua existência. A Associação, constituída por elementos da comunidade equestre e vinculada ao apoio da Autarquia, passa a responsabilizar-se pela organização da Feira e, em consequência, pela sua salvaguarda. Através da constituição desta Associação fica assegurada a perpetuação da manifestação cultural e a sua indissociável ligação à comunidade que sempre a promoveu e assim continuará a fazê-lo nas próximas gerações.

A Feira da Golegã – Feira de São Martinho, Feira Nacional do Cavalo, Feira Internacional do Cavalo Lusitano – é a razão maior da existência da AFNC. É para promover e salvaguardar esta manifestação cultural que os elementos da Associação se empenham. Contudo, a Associação organiza, como vimos, outras atividade e eventos que já se tornaram referência obrigatória no calendário equestre, nomeadamente a Expoégua, a Romaria a São Martinho e o CIAT de Outono.

No cumprimento dos seus objetivos a Associação Feira Nacional do Cavalo trabalha em parceria com outras entidades que apoiam a organização das suas atividades e eventos e, em particular, no que respeita à Feira da Golegã. Desde logo, a Câmara Municipal da Golegã que integra os órgãos sociais da Associação, por inerência. A Câmara Municipal é o grande parceiro da AFNC e apoia na logística: montagem das estruturas para provas equestres, limpeza dos espaços, cedência de máquinas e afetação de funcionários. A Câmara Municipal da Golegã tem apoiado, impreterivelmente, a organização da Feira a qual é a grande montra da vila para o exterior. Hoje a Golegã é conhecida em todo o país e além-fronteiras pela sua tradicional e icónica Feira, pelo que o apoio dos autarcas tem sido, ao longo das últimas décadas, inexcedível. A Câmara Municipal presta o apoio logístico à organização da Feira, tal como presta à organização dos eventos equestres que a AFNC organiza.

A Junta de Freguesia da Golegã é também parceira e apoia habitualmente com a atribuição de um subsídio e com a implementação dos altifalantes pelas ruas da Golegã, os quais dão animação ao espaço, recriando um pouco daquilo que outrora foi a importância do som na Feira.

A Federação Portuguesa Equestre é outro importantíssimo parceiro da AFNC. A FEP foi fundada em 5 de dezembro de 1927, e obteve o reconhecimento como entidade de utilidade pública desportiva em 7 de novembro de 1977. Representa todo o desporto equestre em Portugal, sendo constituída por diversas associações e clubes. É a entidade responsável pela organização, regulamentação e desenvolvimento do desporto equestre em Portugal. A FEP oferece aos seus associados diversos serviços e recursos que visam o desenvolvimento do desporto equestre em Portugal. Os sócios têm direito a participar nas competições organizadas pela entidade, a receber informações sobre as atividades desportivas e também a ter acesso aos recursos financeiros disponíveis para a prática do desporto equestre. A FEP é uma das grandes parceiras da AFNC e as suas funções prendem-se com a organização de importantes provas que integram o seu calendário desportivo e que têm, na Feira da Golegã, algumas das suas principais etapas: Concurso Nacional Especial de Saltos de Obstáculos,

Campeonato Nacional de Atrelagem, Taça de Portugal de Equitação do Trabalho, Concurso de Dressage, Competições de TREC, Horseball, entre outros. Fruto do bom relacionamento existente com a Federação Equestre Portuguesa, a Associação Feira Nacional do Cavalo disponibilizou à FEP, na edição de 2024, um espaço para promoção das suas atividades no recinto da Feira durante a Feira Nacional do Cavalo.

A Associação Portuguesa de Atrelagem é outro parceiro da AFNC sendo que nas últimas duas edições da Feira teve responsabilidades na organização do evento "Apresentação de Atrelagens de Época – Prémio Conde de Fontalva" que decorreu no Picadeiro Central da Feira. As atrelagens vindo a ocupar um lugar importante na Feira, contudo, a principal parceria com a AFNC decorre da organização conjunta do CIAT de Outono onde são ambos co-organizadores.

Em parceria com a APA, a Associação Feira Nacional do Cavalo organizou, em 2025, um ciclo de ações de formação sobre condução de carros de cavalos. Considerando que a AFNC tem como objetivo a melhoria continua dos eventos que realiza, nomeadamente a Feira de São Martinho e Expoégua e considerando também que a segurança das pessoas e o bem-estar animal são a grande prioridade, a realização desta ação de formação confere aos formandos a Licença de Participação em Carro de Cavalos nos eventos organizados pela AFNC, que será obrigatória e entrará em vigor em 2026 e será válida para os eventos da FNC de 2026, 2027 e 2028, sendo necessária a sua renovação após esse período. A AFNC delega na APA a responsabilidade das formações e a atribuição das Licenças de Participação em Carro de Cavalos nos eventos organizados pela FNC.

Prosseguindo no tópico relativo à relevância desta manifestação do património cultural imaterial na sua relação com as atividades desenvolvidas por outras entidades, destaca-se a Associação Portuguesa do Cavalo Puro-Sangue Lusitano (APSL). A APSL é uma Associação sem fins lucrativos, Entidade de Utilidade de Pública, que tem como principal finalidade a defesa e promoção da raça equina Puro-Sangue Lusitano, símbolo da arte equestre nacional. Foi a APSL que liderou, entre 2016 e 2021 a inscrição da *Equitação Portuguesa* no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial e, entre 2021 e 2024, a Candidatura da *Arte Equestre em Portugal* à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade. A Câmara Municipal da Golegã e a empresa Parques de Sintra foram parceiras em ambos os processos.

A empresa Parques de Sintra, para além de parceira nos processos de patrimonizaliação mencionados, é parceira da AFNC no âmbito da Feira da Golegã colaborando, tal como a

Guarda Nacional Republicana (GNR) na organização de espetáculos equestres que integram o Programa da Feira sendo dos eventos mais concorridos e apreciados pelos visitantes.

Especial relevo tem também a Associação das Amazonas de Portugal cuja atividade entronca também com a Feira da Golegã, não apenas por ser o palco principal da sua apresentação, mas por ter sido o local onde pela primeira vez se apresentaram em público, em 2017. A Feira da Golegã é a grande montra da AAP.

É igualmente montra para a Confraria dos Romeiros de São Martinho que se sagra também com um parceiro importante da Feira não apenas porque protagonizam a única cerimónia religiosa da Feira da Golegã – cortejo e bênção dos Romeiros de São Martinho – mas porque a Irmandade é constituída exclusivamente por elementos da comunidade equestre, alguns dos quais, membros da AFNC, inclusive dos seus órgãos sociais. A relação da AFNC com a Confraria é intrínseca e inequívoca.

Ainda no que respeita à relação desta manifestação na sua relação com atividades desenvolvidas por outras entidades, destaca-se a Associação Nacional de Turismo Equestre (ANTE). Associação sem fins lucrativos, foi fundada sensivelmente na mesma ocasião da AFNC, mais concretamente em finais de 1997. A ANTE, com sede na Golegã, afirma-se como representante do turismo equestre em Portugal e, nas suas instalações, está dotada de importantes infraestruturas que muito têm contribuído para o desenvolvimento do setor equestre na vila, fora da Feira de São Martinho. A ANTE é responsável pela vivência quotidiana da arte equestre na Golegã. Durante a Feira, a sede da ANTE é palco de inúmeros acontecimentos, exposições, lançamentos de livros, palestras, entre outros. O picadeiro camarário que utiliza é infraestrutura de apoio à Feira, sendo que o Pátio dos Campinos Felício e Singéis, adjacente ao Largo do Arneiro, onde se encontra instalada a ANTE, é um dos locais mais visitados nesta ocasião.

Por fim, considera-se importante destacar, sem nomear ou individualizar, a importância das coudelarias, sem as quais a Feira da Golegã não teria razão de existir. As coudelarias ocupam os pavilhões que circundam o Largo do Arneiro e são responsáveis pela atratividade da Feira. São detentoras dos equinos que se sagram os maiores protagonistas da Feira. Sem cavalos não há cavaleiros, nem atrelagens. Aos criadores e à sua atividade coudélica se deve a razão maior de existência da Feira da Golegã e, por conseguinte, da AFNC.

1.7. Caracterização de eventuais ameaças à continuidade da prática e ou da transmissão da manifestação do património cultural imaterial.

A Feira da Golegã, Feira de São Martinho, Feira Nacional do Cavalo, Feira Internacional do Cavalo Lusitano é uma manifestação cultural que está extremamente ativa e que não sofre de quaisquer ameaças à sua continuidade. Desde logo porque a realização da Feira está bem assegurada pela AFNC que por sua vez é constituída por elementos da comunidade equestre e da autarquia atribuindo-lhe segurança e garantia de continuidade. Não se prevê qualquer cenário hipotético que possa constituir risco ou ameaça à realização da Feira e à continuidade da sua transmissão. Ainda que muitos hábitos possam vir a ser alterados e que possa haver muitas alterações sociais, culturais e comportamentais, na realidade, enquanto houver coudelarias, criadores de cavalos, cavaleiros, amazonas e amantes da arte equestre, a Feira da Golegã não estará em perigo.

1.8. Caracterização de ações de salvaguarda e valorização de que a manifestação do património cultural imaterial tenha sido ou seja atualmente objeto, por parte da entidade requerente ou por parte de outras entidades.

Considerou-se, na secção anterior, que não há quaisquer os riscos ou ameaças que coloquem em perigo a realização da Feira da Golegã. É uma manifestação cultural que está muito enraizada no território, que está exponencialmente ativa e que, a cada ano, soma recordes. Embora seja apoiada pela Câmara Municipal, a sua realização mantém-se a cargo da comunidade equestre, através da sua ampla representação nos corpos sociais da Associação Feira Nacional do Cavalo, que a promove. Apesar da sua indiscutível vitalidade, a presente proposta de inventariação leva à apresentação de um conjunto de propostas que visam contribuir para a salvaguarda desta manifestação cultural portuguesa, cuja continuidade quase ininterrupta, ao longo de séculos, tem sido garantida e assegurada pela comunidade graças às gerações antecedentes.

O presente pedido de inventariação promove a consciencialização das atuais gerações para a necessidade de fazer chegar aos seus descendentes esta riquíssima herança cultural que receberam dos seus antepassados, e pela manutenção e transmissão da qual são responsáveis. A apresentação das medidas de salvaguarda que se segue foi pensada, não com o intuito de promover quaisquer alterações substanciais naquilo que está perfeitamente experimentado, instituído e enraizado relativamente à Feira da Golegã, mas sim como propostas de melhoria que visam beneficiá-la.

Assim, propõem-se as seguintes medidas de salvaguarda:

a) Apoiar a itinerância da exposição "Arte Equestre em Portugal – Da Picaria Real à Escola Portuguesa de Arte Equestre" que se encontra patente no Museu Nacional dos Coches. A sua apresentação na Golegã, com inauguração durante a FNC, convida a uma viagem no tempo, revelando as origens da arte equestre elevada a Património Imaterial da Humanidade em dezembro de 2024. Pela sua intrínseca relação com a Feira, onde a arte equestre é elevada ao seu expoente máximo, considera-se interessante que esta exposição possa viajar até à Golegã com o objetivo de ser apresentada à comunidade equestre, ali reunida em peso, e a todos os visitantes da Feira, em geral, constituindo este o público mais conhecedor e especializado que esta exposição pode conhecer.

b) Promover a introdução de melhorias substanciais no website da Associação Feira Nacional da Golegã, o qual se encontra desorganizado, desatualizado e sem conteúdos apelativos que promovam efetivamente a divulgação da Feira da Golegã através da internet. Os conteúdos da presente proposta de inventariação podem ser capitalizados para o seu enriquecimento. Esta renovação deve contemplar a tradução dos conteúdos, pelo menos, para a língua inglesa para chegar ao grande número de visitantes estrangeiros que procuram interação com a Feira da Golegã.

c) Conceber um projeto para organização do arquivo documental da Associação Feira Nacional do Cavalo. Considerando que a AFNC possui um grande repositório de documentação sobre Feira, na sua perspetiva histórica e atual, e o qual se encontra disperso e desorganizado propõe-se a criação de um projeto que vise a constituição do Arquivo da AFNC que contemple a organização e sistematização do espólio documental que se encontra à sua guarda.

d) No âmbito desse projeto de organização do arquivo documental propõe-se a criação específica de um Arquivo Fotográfico Digital que reúna fotografias antigas que se encontram dispersas em arquivos pessoais (das famílias locais e não só) e que ajudam a documentar e a fundamentar a longevidade da Feira de São Martinho. O objetivo deste Arquivo Digital é reunir, inventariar, disponibilizar publicamente e, em última instância, salvaguardar, documentação fotográfica original e muito relevante para a história da Feira que se encontra dispersa, sem visibilidade e sem proteção. A partir da criação deste Arquivo Fotográfico Digital é possível promover exposições,

publicações, cedências para os mais variados efeitos, por exemplo, para projetos de investigação ou quaisquer outros fins culturais.

e) Promover, junto das Universidades, Institutos e demais Centros de Investigação - e através das mais variadas formas de divulgação - o interesse pela temática do da Feira, do Cavalo e da Arte Equestre Portuguesa apoiando, sempre que possível, o desenvolvimento de estudos académicos, ainda escassos, nas mais variadas áreas do conhecimento. A entidade proponente deve agir em articulação com a Câmara Municipal da Golegã e com outras entidades parceiras, nomeadamente académicas, nacionais e internacionais, agregando esforços para a promoção e divulgação do conhecimento científico. A criação do Arquivo da AFNC constituirá fonte documental importante para a produção científica e académica do mesmo modo que esta, reciprocamente, poderá contribuir para alimentar e expandir o fundo documental do Arquivo.

f) Apoiar outras entidades, nomeadamente a Federação Equestre Portuguesa, na implementação de um «Campeonato Nacional de Equitação Portuguesa», bem como incentivar a credenciação dos juízes. Deste modo valoriza e diversifica a programação desportiva da Feira e simultaneamente promove o enriquecimento cultural decorrente da patrimonialização da Equitação Portuguesa quer a nível nacional, através do INPCI, quer a nível internacional com a inscrição na Lista Representativa da UNESCO;

g) Apoiar a retoma do Concurso de Traje Português de Equitação, valorizando e incentivando a ideia de que a prática da equitação em Portugal passa, na sua exibição pública e nomeadamente na Feira da Golegã, pelo uso adequado do traje;

h) Reunir esforços para promover, com o apoio da comunidade equestre, uma exposição sobre Traje Português de Equitação em colaboração com uma entidade museológica de referência a nível nacional;

i) Assegurar condições, ao nível da organização e programação da Feira, para que os carros de cavalos, nomeadamente os melhores e mais antigos, possam manter e potenciar o seu espaço de apresentação na Feira, garantindo a continuidade de uma calendarização própria para a circulação destes veículos. A AFNC contará, como parceiro, com o apoio da Associação Portuguesa de Atrelagem que continuará a dinamizar este dia dedicado exclusivamente às atrelagens de tradição, o qual

permita, com todas as condições de segurança, mostrar ao público este valiosíssimo património.

j) Promover, a elaboração de um livro dedicado à Feira da Golegã decorrente do trabalho efetuado no âmbito do presente pedido de inventariação, potencializando a investigação efetuada, as entrevistas realizadas e toda a documentação recolhida.

k) Apoiar o Município da Golegã para garantir a continuidade ao Projeto Educativo que prevê que todas as crianças das Escolas Básicas da Golegã pratiquem a Equitação como Atividade de Enriquecimento Curricular.

l) Promover, em parceria com a Câmara Municipal, batismos a cavalo durante a Feira para todas as crianças do concelho da Golegã, desde o Ensino Básico ao Ensino Secundário.

m) Proporcionar, em parceria com a Câmara Municipal, passeios em carro de cavalos, durante a Feira, para todas as crianças do concelho da Golegã, desde o Pré-Escolar até ao Ensino Secundário.

n) Apoiar a Associação Nacional de Turismo Equestre e a Lusitanus Academy para que continue a promover a Gala «O Mundo Encantado Equestre». Propõe-se que esta possa se apresentada nos 18 Municípios que compõem a Associação de Municípios Portugueses do Cavalo, recentemente criada. A gala, cujos protagonistas são as crianças e os cavalos, é dirigida às famílias, nomeadamente ao público infantil tendo sido idealizada em torno de um ambiente encantado e mágico, onde a arte equestre se entrelaça com a performance infantil. É um espetáculo de talento que promove o futuro da equitação num ambiente mágico e inspirador.

o) Conceber um projeto, em parceria com o Município da Golegã e com a Escola Portuguesa de Arte Equestre vocacionado para a comunidade local, nomeadamente para os públicos infantil e juvenil da Golegã. O projeto inclui visitas às instalações da EPAE – Calçada da Ajuda e Palácio Nacional de Queluz - Workshops, Encontros, Passeios, contemplando por exemplo, a possibilidade da realização de estágios de curta duração (incluindo durante a própria Feira). O objetivo será promover a ligação deste público à Arte Equestre recentemente reconhecida como Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO e a qual tem, no território da Golegã, a sua maior e mais importante montra.

p) Articular, com a Associação das Amazonas de Portugal para que possam potencializar a sua atividade e apresentação na Feira da Golegã, como dignas representantes da tradição equestre no feminino.

q) Apoiar o Município da Golegã nas atividades de promoção e dinamização da Associação de Municípios Portugueses do Cavalo, a qual foi criada no dia 30 de abril de 2025 e cuja primeira presidência está atribuída a esta Câmara Municipal. Lançado na Feira da Golegã de 2024, trata-se de um projeto estruturante para os municípios portugueses que partilham a tradição equestre. O projeto promove a cooperação intermunicipal, impulsionando o desenvolvimento local e regional e contribuindo para a consolidação do papel de Portugal no panorama equestre internacional;

r) Reunir esforços, em parceira com outras entidades locais e nacionais, como o Município da Golegã, a Associação Nacional de Municípios Portugueses, a Federação Equestre Portuguesa, a Associação Nacional de Turismo Equestre, a Associação Portuguesa de Atrelagem, Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas, Associação Portuguesa Criadores Cavalo Puro Sangue Lusitano, Escola Portuguesa de Arte Equestre, entre outras, com vista à consagração da internacionalização da Feira da Golegã;

Acresce a este conjunto de medidas de salvaguarda, e não menos importante, a presente proposta de inventariação dirigida ao Património Cultural IP. Posteriormente e na sequência do registo no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial manifesta-se a intenção de apresentar à Comissão Nacional da UNESCO a proposta de candidatura à Lista Representativa do Património Cultural Imaterial instituída pela «Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial» (UNESCO, 2003).

2. Documentação de relevância da manifestação:

Para fins de caracterização da Feira da Golegã é parte integrante do presente Pedido de Inventariação a seguinte documentação:

a) Documentação Fotográfica: Anexo II / 1

b) Fontes escritas: Anexo II / 2

c) Documentação gráfica: Anexo II / 3

d) Fontes orais: Anexo II / 4

3. Direitos de propriedade intelectual

A entidade proponente efetuou as necessárias diligências com vista a assegurar a devida identificação e respeito pelos direitos de propriedade intelectual que recaem sobre a documentação referida anexos II/ 1, II/2 e II/3.

Mais se declara que apenas poderá ser objeto de divulgação pública, através da base de dados do Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, a seguinte documentação fornecida em suporte digital em anexo ao presente pedido:

a) Toda a documentação fotográfica referida no Anexo II / 1;

b) Todas as fontes escritas referidas no Anexo II / 2;

c) Toda a documentação gráfica referida no Anexo II / 3;

4. Direito à imagem

A entidade proponente efetuou as necessárias diligências para que os espécimes fotográficos integrantes do presente Pedido de Inventariação observem o devido respeito pelo direito à imagem dos indivíduos retratados.

5. Proteção de dados pessoais

A entidade proponente efetuou as necessárias diligências para que toda a informação constante do presente Pedido de Inventariação, independentemente da sua natureza ou suporte, e designadamente no âmbito do disposto no Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de agosto, observe o disposto na legislação aplicável em matéria de proteção de dados pessoais.

6. Declaração de compromisso

Declaração de Compromisso da Associação Feira Nacional do Cavalo, atestando a veracidade dos factos e motivos expostos no presente pedido de Inventário, igualmente anexa em suporte digital (formato PDF).

7. Pedido de inventariação e procedimento

O presente pedido de inventariação foi elaborado pela Associação Feira Nacional do Cavalo.

8. Recolha e tratamento da informação

8.1. O processo de identificação, estudo e documentação de que resulta o presente Pedido de Inventariação foi efetuado com recurso a recolhas no terreno, assim como a informações bibliográficas e arquivísticas.

8.2. O presente Pedido de Inventariação resulta de trabalho desenvolvido por um Grupo de Trabalho constituído por: Carla Queiroz, João Costa Ferreira e José Castro Canelas.

Anexos

Anexo II / 1 – Documentação Fotográfica

Anexo II / 2 – Fontes escritas

Anexo II / 3 – Documentação Gráfica

Anexo II / 4 – Fontes Orais

Anexo II / 1 – Documentação Fotográfica

N.º	Autor	Data	Local	Descrição	Proprietário da imagem
001	Carlos Relvas	1873	Golegã	Diploma "Hippodromo da Gollegã" com Cavalo Rollito.	Museu Carlos Relvas
002	Carlos Relvas	c1880	Golegã	Golegã, Feira de S. Martinho.	Museu Carlos Relvas
003	Carlos Relvas	c1880	Golegã	Golegã, S. Martinho.	Museu Carlos Relvas
004	Carlos Relvas	c1880	Golegã	Golegã, S. Martinho.	Museu Carlos Relvas
005	Carlos Relvas	c1880	Golegã	Golegã, S. Martinho.	Museu Carlos Relvas
006	Carlos Relvas	c.1880-1890	Golegã	Campinos e cavalos.	Museu Carlos Relvas
007	Carlos Relvas	c1880-1890	Golegã	Feira de Gado, Golegã.	Museu Carlos Relvas
008	Carlos Relvas	c1880	Golegã	Mercado de Gado, Golegã.	Museu Carlos Relvas
009	------	1940 (aprox)	Golegã	Feira de São Martinho. O Picador da Coudelaria Veiga, Nicolau Pernes, acompanha Manuel Tavares Veiga, que monta uma égua afilhada de uma mula.	Família Veiga
010	------	Anos 40	Golegã	Feira de São Martinho. Maria Luísa Infante da Camara, Viscondessa de Almeida Garrett, montando à amazona na Feira de São Martinho.	Família Infante da Câmara

011	------	Anos 40	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga acompanhado do Picador da Casa Veiga, Nicolau Pernes.	Família Veiga
012	------	11.1943	Golegã	*Um aspecto da importante Feira de S. Martinho da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
013	------	11.1943	Golegã	*A senhora Viscondessa de Almeida Garrett apresentou um dos mais lindos produtos da Casa Agrícola de seu pai, o grande lavrador, sr. José Infante da Camara.*	Jornal Vida Ribatejana
014	------	11.1943	Golegã	*O afamado criador, sr. Eng. Manuel Veiga, montado num dos mais formosos reprodutores da sua importante coudelaria.*	Jornal Vida Ribatejana
015	------	11.1943	Golegã	*A Sr.ª D. Teresa Assis Palha, futura Duquesa de Palmela, e os srs. José Assis Palha e Júlio Borba Júnior na Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
016	------	11.1943	Golegã	*O cavaleiro e aficionado, sr. Francisco de Oliveira não falta nunca em tão importante feira ribatejana.*	Jornal Vida Ribatejana
017	------	11.1943	Golegã	*Belos cavalos do sr. Faustino da Gama, que se vê à esquerda na gravura.*	Jornal Vida Ribatejana
018	------	11.1943	Golegã	*O Sr. José Núncio Cecílio, herdeiro de dois grandes nomes, montado no seu lindo cavalo.*	Jornal Vida Ribatejana
019	------	11.1943	Golegã	*José Infante da Camara acompanhado dos seus campinos.*	Jornal Vida Ribatejana

020	------	11.1943	Golegã	*O Sr. Alcobia, de Santarém, guiando a sua formosa parelha.*	Jornal Vida Ribatejana
021	------	11.1943	Golegã	*O pavilhão do Sr. Eng. Manuel Veiga.*	Jornal Vida Ribatejana
022	------	11.1943	Golegã	*A grande Casa Agrícola dos Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva apresentou, na Feira da Golegã, esta linda parelha conduzida por campinos.*	Jornal Vida Ribatejana
023	------	11.1943	Golegã	*Reprodutores ruços rodados, da Fonte Boa, causaram a melhor impressão na feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
024	------	11.1943	Golegã	*Uma magnifica parelha de cavalos ruços do sr. José Infante da Camara (que se vê à direita da gravura), conduzida por seu filho.*	Jornal Vida Ribatejana
025	------	11.1943	Golegã	*Um pequeno cavaleiro, o menino João Manuel Caminha Dotti, patenteia, na Golegã, as suas faculdades de equitador.*	Jornal Vida Ribatejana
026	------	11.1944	Golegã	*Conchita Cintron conversando com o Dr. Manuel Veiga, na feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
027	------	11.1944	Golegã	*Lindos cavalos da coudelaria do sr. José Infante da Câmara.*	Jornal Vida Ribatejana
028	------	11.1944	Golegã	*O importante lavrador, sr. Faustino da Gama.*	Jornal Vida Ribatejana
029	------	11.1944	Golegã	*O brioso cavaleiro eborense Francisco Murteira Correia.*	Jornal Vida Ribatejana
030	------	11.1944	Golegã	*O exímio cavaleiro-equitador Rafael Mota.*	Jornal Vida Ribatejana

031	------	11.1944	Golegã	*O sr. Eng. Manuel Tavares da Veiga e o hábil picador Nicolau.*	Jornal Vida Ribatejana
032	------	11.1944	Golegã	*A gentilíssima filha do sr. Joaquim Moita, de Alcanena.*	Jornal Vida Ribatejana
033	------	11.1944	Golegã	*A netinha do sr. Henry Chatelanaz acompanhada do seu mestre-picador.*	Jornal Vida Ribatejana
034	------	11.1944	Golegã	*O sr. Carlos de Sousa Cachado e seu filho.*	Jornal Vida Ribatejana
035	------	11.1944	Golegã	*O distinto lavrador sr. Manuel Coimbra.*	Jornal Vida Ribatejana
036	------	11.1944	Golegã	*O lindo sorriso de Conchita Cintron.*	Jornal Vida Ribatejana
037	------	11.1944	Golegã	*O sr. António Durão montado num dos seus belos cavalos.*	Jornal Vida Ribatejana
038	------	11.1944	Golegã	*Aspecto da última feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
039	------	11.1944	Golegã	*A distinta "Caballista" Conchita Cintron experimentando um dos cavalos apresentados na feira de S. Martinho.*	Jornal Vida Ribatejana
040	------	11.1944	Golegã	*O sr. Dr. Emílio Infante da Câmara e a netinha do sr. Henry Chatelanaz, montando lindos cavalos.*	Jornal Vida Ribatejana
041	------	11.1944	Golegã	*Uma nota de requintada elegância na feira do S. Martinho. O sr. José Infante da Câmara e sua filha, a Sr.ª Viscondessa de Almeida Garrett, fazem as honras da casa.*	Jornal Vida Ribatejana
042	------	11.1944	Golegã	*O pavilhão do grande lavrador João d'Assunção Coimbra.*	Jornal Vida Ribatejana

043	------	11.1944	Golegã	*Campinos da casa dos Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva, apresentam magníficos exemplares daquela importante coudelaria ribatejana.*	Jornal Vida Ribatejana
044	------	11.1944	Golegã	*Grupo de cavaleiros, vendo-se, à esquerda, o notável criador e lavrador, sr. Eng. Manuel Veiga, proprietário da famosa coudelaria da Quinta da Brôa e, à direita, o abastado lavrador, Dr. Francisco de Goes do Bocage.*	Jornal Vida Ribatejana
045	------	11.1944	Golegã	*O sr. José Infante da Câmara Júnior.*	Jornal Vida Ribatejana
046	------	11.1944	Golegã	*Um aspeto da assistência durante o côrso.*	Jornal Vida Ribatejana
047	------	11.1944	Golegã	*Lavradores e criadores alentejanos, dos que nunca faltam à feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
048	------	11.1944	Golegã	*O sr. Alberto Rosado conduzindo uma Charrette maromba, tirada por uma parelha que honra o Ribatejo.*	Jornal Vida Ribatejana
049	------	11.1944	Golegã	*O novo pavilhão do sr. Dr. Emílio Infante da Câmara.*	Jornal Vida Ribatejana
050	------	11.1944	Golegã	*O distinto cavaleiro tauromáquico Dr. Fernando Salgueiro e o seu amigo, Dr. Francisco Goes.*	Jornal Vida Ribatejana
051	------	11.1945	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel d'Assumpção Coimbra com as suas sobrinhas Maria Fernanda Coimbra de Castro (Canelas), Maria Amélia Coimbra de Castro (Veiga), Natércia Andrade Coimbra (Gonçalves) e Maria Helena Andrade Coimbra (Saragoça) - oculta - em cavalos da Casa Coimbra.	Família Castro Canelas

052	------	11.1947	Golegã	Feira de São Martinho. Maria Fernanda Coimbra de Castro (Canelas) e Manuel d'Assumpção Coimbra em cavalos da Casa.	Família Castro Canelas
053	------	11.1947	Golegã	*Aspeto geral da Feira de São Martinho na Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
054	------	11.1947	Golegã	*A gentil e formosa artista, D. Conchita Cintron, montada no belo cavalo "Lusitano" que adquiriu à afamada coudelaria do dr. Manuel Veiga, da Quinta da Brôa*	Jornal Vida Ribatejana
055	------	11.1947	Golegã	*Os Reis de Itália e seus filhos estiveram na Feira de S. Martinho.*	Jornal Vida Ribatejana
056	------	11.1947	Golegã	*Os srs. Manuel Tavares Veiga e Carlos Tavares Veiga, netos do sr. Eng. Manuel Veiga e filhos do considerado lavrador sr. Carlos Veiga, montando, respetivamente, os cavalos "Emir", do ferro de seu avô, e "Sultão" (ferro Menezes).*	Jornal Vida Ribatejana
057	------	11.1947	Golegã	*O sr. Luiz Miguel da Silva Atayde, filho do importante lavrador sr. Luiz Atayde, de Leiria, montado no cavalo "Guapo" (ferro de João Coimbra).*	Jornal Vida Ribatejana
058	------	11.1947	Golegã	*Outro aspecto da Feira de S. Martinho da Golegã*	Jornal Vida Ribatejana
059	------	11.1947	Golegã	*O cavaleiro António Luiz Lopes conversando com o sr. Picão Caldeira, de Santa Eulália.*	Jornal Vida Ribatejana
060	------	11.1947	Golegã	*O importante lavrador e criador sr. José Infante da Câmara e sua gentil filha*	Jornal Vida Ribatejana

				montando e apresentando belos produtos da sua importante coudelaria.	
061	------	11.1947	Golegã	*O saudoso cavaleiro Rufino Pedro da Costa, apesar de doente, não faltou na Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
062	------	11.1947	Golegã	*O sr. dr. Artur Ervideira e o nosso distinto colaborador, sr. dr. Motta Cabral, na tirada por uma excelente parelha da famosa coudelaria pertencente àquele grande lavrador e criador alentejano. A referida parelha causou um invulgar êxito na Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
063	------	11.1947	Golegã	*Aspeto exterior do Pavilhão da Casa do sr. dr. Artur Ervideira, na Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
064	------	11.1947	Golegã	*As gentis filhas do sr. Joaquim Coimbra e do sr. capitão Jorge de Castro montam lindos exemplares da coudelaria de seu avô, o grande lavrador sr. João Coimbra.*	Jornal Vida Ribatejana
065	------	11.1947	Golegã	*O sr. dr. Artur Ervideira, montado num dos seus belos cavalos.*	Jornal Vida Ribatejana
066	------	11.1947	Golegã	*Equipagem puxada por uma bela parelha e guiada pelo sr. Francisco Van-Zeller Palha.*	Jornal Vida Ribatejana
067	------	11.1947	Golegã	*O distinto e simpático cavaleiro José Casimiro Júnior, montando o seu lindo cavalo com o ferro "Menezes", adquirido na Feira da Golegã. Este foi um dos melhores exemplares que ali compareceu.*	Jornal Vida Ribatejana

068	------	11.1947	Golegã	*O sr. João Manuel Coimbra Barbosa, neto do grande lavrador sr. João Coimbra e filho do considerado lavrador, sr. Manuel Monteiro Barbosa, montado no cavalo "Gavião" que tem o "ferro" de seu avô. É um cavalo ruço – raça Peninsular.*	Jornal Vida Ribatejana
069	------	11.1947	Golegã	*O estimado lavrador, sr. Manuel Coimbra, compareceu na Feira da Golegã, montando o seu fiel cavalo "Espadanal", de raça Peninsular, ¾ de raça da coudelaria Veiga.*	Jornal Vida Ribatejana
070	------	11.1947	Golegã	*O importante criador, sr. Eng. Manuel Veiga e D. Conchita Cintron passeando no campo da feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
071	------	11.1947	Golegã	*O abastado criador e labrador sr. Fernando Andrade, montado no seu cavalo "Escudero", agora o "Bombita-Chico", do cavaleiro Simão da Veiga Júnior.*	Jornal Vida Ribatejana
072	------	11.1947	Golegã	*O sr. Francisco Van-Zeller Palha e as sr.ª Teresa Monte Real e Embaixatriz de Espanha.*	Jornal Vida Ribatejana
073	------	11.1947	Golegã	*Conchita Cintron e os srs. Dr. Artur Ervideira e Jaime Thomson, examinando os cavalos do pavilhão daquele ilustre criador.*	Jornal Vida Ribatejana
074	------	11.1947	Golegã	*A cavaleira tauromáquica Maria da Graça num dos seus lindos cavalos.*	Jornal Vida Ribatejana
075	------	11.1947	Golegã	*O sr. Fernando Infante da Câmara e sua filhinha, neta do grande lavrador, sr. dr. Emílio Infante da Câmara.*	Jornal Vida Ribatejana

076	------	11.1947	Golegã	*O distinto cavaleiro tauromáquico, sr. dr. Fernando Salgueiro, montado no seu excelente cavalo de combate, o "Marquês", que tem o ferro do sr. dr. Emílio Infante da Camara. Nele o ilustre artista tem toureado e continua a tourear.*	Jornal Vida Ribatejana
077	------	11.1947	Golegã	*O sr. dr. Fernando Salgueiro, montado no "Marquês", ao lado de seu filho Fernando (neto do abastado lavrador Fernando Andrade). O pequeno Fernando monta o soberbo cavalo "Ladino", com que seu pai toureia e que possui o ferro do dr. Manuel Veiga.*	Jornal Vida Ribatejana
078	------	11.1947	Golegã	*O famoso cavaleiro tauromáquico João Branco Núncio e seus filhos, apresentaram lindos cavalos no "corso" da Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
079	------	11.1947	Golegã	*O sr. Fernando Andrade, filho do abastado lavrador e criador, sr. dr. Rui Andrade, apresentou-se na feira trajando à alentejana.*	Jornal Vida Ribatejana
080	------	11.1947	Golegã	*O cavaleiro tauromáquico, amador, sr. Vitor Reis.*	Jornal Vida Ribatejana
081	------	11.1947	Golegã	*O distinto cavaleiro tauromáquico, sr. D. Francisco de Mascarenhas, montado num dos seus lindos cavalos de combate.*	Jornal Vida Ribatejana
082	------	11.1947	Golegã	*O sr. Germano Domingos, de Óbidos.*	Jornal Vida Ribatejana
083	------	11.1947	Golegã	*O sr. Lemos de Figueiredo e D. Nazaré Felício, filha do falecido maioral Felício.*	Jornal Vida Ribatejana

084	------	11.1947	Golegã	*O sr. João José Andrade Coimbra, filho do lavrador sr. Joaquim Coimbra e neto do sr. João d'Assunção Coimbra.*	Jornal Vida Ribatejana
085	------	11.1947	Golegã	Feira de São Martinho. Maria Fernanda Coimbra de Castro, Manuel d'Assumpção Coimbra e João Andrade Coimbra, em cavalos da Casa.	Família Castro Canelas
086	------	1948	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo Infante da Camara montando com 5 anos de idade na Golegã, na presença de campinos da Casa.	Família Infante da Câmara
087	------	1948	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo Infante da Camara apeada, envergando o traje português de equitação.	Família Infante da Câmara
088	------	Anos 40	Golegã	Feira de São Martinho. José Infante da Câmara e filho na Feira da Golegã no final dos anos 40.	Família Infante da Câmara
089	------	Anos 50	Golegã	Feira de São Martinho. Ao centro Maria Luísa Infante da Camara montando à amazona. Destaque para a enorme multidão e para a presença de campinos no Largo do Arneiro.	Família Infante da Câmara
090	------	Anos 50	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga e Manuel Gaitas (campino) à entrada da Golegã.	Família Veiga
091	------	Anos 50	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga.	Família Veiga
092	------	Anos 50	Golegã	Feira de São Martinho. Apresentação da Coudelaria Veiga.	Família Veiga

093	------	Anos 50	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga num garanhão da Coudelaria.	Família Veiga
094	Álvaro Campeão	11.1952	Golegã	*Aspecto da Feira de S. Martinho na Golegã – Ano de 1952.*	Jornal Vida Ribatejana
095	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*A menina Maria da Graça Veiga Bonacho do Anjos montada num dos cavalos da coudelaria de seu pai, Gaspar Bonacho dos Anjos.*	Jornal Vida Ribatejana
096	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*Os srs. Jorge Taborda de Lemos e Figueiredo, prof. Dr. Artur Ervideira e António Esteves Júnior montados em cavalos com o ferro daquele ilustre professor e criador alentejano.*	Jornal Vida Ribatejana
097	------	11.1953	Golegã	*A jovem e distinta D. Maria da Graça Varela Cid*.	Jornal Vida Ribatejana
098	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O grande lavrador, sr. José Infante da Câmara, conduzindo o seu "breack", puxado por dois cavalos ruços da sua importante coudelaria.*	Jornal Vida Ribatejana
099	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*A sr.ª D. Maria Teresa Sepúlveda, excelente mão de rédea.*	Jornal Vida Ribatejana
100	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*À garupa de um cavalo da casa Veiga, o sr. Carlos Veiga conduz a dr.ª D. Mercês de Cunha Rego.*	Jornal Vida Ribatejana
101	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*A carruagem do sr. dr. Artur Ervideira, tirada por cinco lindos cavalos com o seu ferro, quatro castanhos, levando, na sua dianteira, uma fila de três com um cardão ao centro.*	Jornal Vida Ribatejana

102	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*O lavrador e consagrado artista pintor, sr. João Pedro Veiga, junto de um dos cavalos com o ferro de seu saudoso pai, o abastado criador e lavrador eng. Manuel Veiga, da Quinta da Broa.*	Jornal Vida Ribatejana
103	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*A Sr.ª D. Maria da Encarnação Lopes e Oliveira de Almeida Coutinho, que obteve o primeiro prémio de apresentação: a taça oferecida pelo matador António dos Santos.*	Jornal Vida Ribatejana
104	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O menino Augusto Rodrigues de Sousa Maldonado, de 8 anos, filho do sr. Álvaro de Sousa Maldonado, do Cartaxo, montado no cavalo "Sultão", obteve o prémio destinado ao cavaleiro infantil melhor apresentado.*	Jornal Vida Ribatejana
105	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O menino Fernando António Pereira Caldas, neto do considerado lavrador scalabitano, sr. João Sabino de Paços Caldas, montado num bom cavalo de seu avô.*	Jornal Vida Ribatejana
106	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*Os irmãos Carlos e Manuel Veiga montados em cavalos com o ferro da Quinta da Brôa.*	Jornal Vida Ribatejana
107	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O sr. Jorge Taborda de Lemos e Figueiredo, montado no seu cavalo "favorito" (ferro Ervideira) obteve o prémio destinado ao cavaleiro mais bem apresentado.*	Jornal Vida Ribatejana
108	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O cavaleio amador, sr. António Esteves Júnior, montado num dos cavalos com ferro Ervideira.*	Jornal Vida Ribatejana

109	A. Bilvar	11.1953	Golegã	*Dr. Ruy d'Andrade observa dois cavaleiros.*	Jornal Vida Ribatejana
110	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O lavrador, sr. Carlos de Sousa Cachado, acompanhado pela menina Manuela dos Santos Justo.*	Jornal Vida Ribatejana
111	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O lavrador e criador, Sr. Júlio Borba.*	Jornal Vida Ribatejana
112	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O cavaleiro tauromáquico Artur Ribeiro da Costa e sua filha.*	Jornal Vida Ribatejana
113	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O cavaleiro amador, sr. D. José de Ataíde, no cavalo "Bombita" filho do célebre "Pincelim", de João Núncio.*	Jornal Vida Ribatejana
114	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*"Breack" tirado por cavalos da casa Assunção Coimbra e conduzido pelo sr. Manuel Monteiro Barbosa. A seu lado o antigo cavaleiro amador sr. Francisco Barreiros.*	Jornal Vida Ribatejana
115	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*Ao centro da gravura, a sr.ª D. Maria da Encarnação de Almeida Coutinho e, à sua esquerda, a distinta poetisa, sr. D. Maria da Graça Varela Cid.*	Jornal Vida Ribatejana
116	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O sr. Manuel João Coimbra Barbosa, filho do sr. Manuel Monteiro Barbosa e neto do grande lavrador sr. João de Assunção Coimbra, montado num cavalo ruço com o ferro de seu avô.*	Jornal Vida Ribatejana
117	Max	11.1953	Golegã	*O abastado lavrador e criador, sr. dr. Artur Ervideira, marcou mais uma vez, a sua notável presença na feira de S. Martinho.*	Jornal Vida Ribatejana

118	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*O distinto equitador, sr. António Manuel Lopes e a sua aluna, menina Maria Inácia Emauz Silva, foram figuras de relevo no corso da feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
119	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*Grupo de cavalos da Casa Coimbra desfilando no campo da feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
120	Silva Pinheiro	11.1953	Golegã	*O sr. Manuel Veiga e a sr.ª D. Maria Coimbra de Castro.*	Jornal Vida Ribatejana
121	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O júri das provas, constituído pelos srs. Drs. Rui de Andrade, Patrício de Sousa Cecílio, capitão Apio de Almeida e Mena e Silva.*	Jornal Vida Ribatejana
122	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O sr. Júlio Vitorino Borba, conduzindo um "breach", tirado por cavalos da casa agrícola de seu pai.*	Jornal Vida Ribatejana
123	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*Cavalos com o ferro do sr. João de Assunção Coimbra, no pavilhão de tão importante casa agrícola.*	Jornal Vida Ribatejana
124	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*Aspecto do pavilhão dos herdeiros do saudoso criador Manuel Tavares Veiga.*	Jornal Vida Ribatejana
125	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*OS cavaleiros D. Francisco de Mascarenhas e José Casimiro, Este monta o cavalo "Arauto", da Casa Veiga.*	Jornal Vida Ribatejana
126	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O cavaleiro amador, sr. D. Luiz de Ataíde no seu cavalo "Alpino" – ferro Veiga.*	Jornal Vida Ribatejana
127	Álvaro Campeão	11.1953	Golegã	*O sr. Rodrigo da Cunha Rego, acompanhado pelas sr.ªs D. Mercês da Cunha Rego e D. Maria Luísa Gama.*	Jornal Vida Ribatejana

128	------	11.1954	Golegã	Feira de São Martinho. Dr. Artur Ervideira conduz um Tandem.	José Pereira Palha
129	------	11.1954	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga com a sua noiva Maria Amélia Coimbra de Castro.	Família Veiga
130	------	11.1955	Golegã	Feira de São Martinho. Dr. Artur Ervideira conduz Meia Potência	José Pereira Palha
131	------	11.1958	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo Infante da Câmara e José Motta Infante da Câmara montando a cavalo no Largo do Arneiro.	Família Infante da Câmara
132	------	11.1958	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo Infante da Câmara recebendo um prémio pela participação em prova desportiva. Destaque, em segundo plano, para a rudimentar iluminação do largo do Arneiro.	Família Infante da Câmara
133	------	11.1958	Golegã	*Aspeto do corso, no dia 11 de novembro de 1958, na Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana
134	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*Aspetos do grandioso corso da Feira da Golegã, onde não faltaram os campinos montando soberbos cavalos.*	Jornal Vida Ribatejana
135	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*O sr. José Infante da Câmara e o mais pequeno cavaleiro Manuel de Castro Veiga, que compareceu na Feira de S. Martinho.*	Jornal Vida Ribatejana
136	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*A Sr.ª D. Maria do Carmo Infante da Câmara na égua "Revoltosa", com a taça (2º prémio) que lhe foi atribuída num dos concursos da Feira da Golegã.*	Jornal Vida Ribatejana

137	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*O sr. Manuel Tavares Veiga, acompanhado de sua esposa, conduzindo a sua equipagem.*	Jornal Vida Ribatejana
138	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*O sr. Carlos Cachado, acompanhado de uma gentil senhora, conduzindo a sua equipagem.*	Jornal Vida Ribatejana
139	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	------	Jornal Vida Ribatejana
140	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*Os Srs. José Infante da Câmara e D. José Ataíde.*	Jornal Vida Ribatejana
141	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*A sr.ª D. Maria do Carmo Infante da Câmara e outros cavaleiros recebendo prémios.*	Jornal Vida Ribatejana
142	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*O Sr. José Infante da Câmara Júnior recebendo um prémio das mãos do Sr. Eng.º João Carlos Dias de Castro Reis, então Governador Civil de Santarém.*	Jornal Vida Ribatejana
143	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*O Sr. Guilherme Borba.*	Jornal Vida Ribatejana
144	Álvaro Campeão	11.1959	Golegã	*O Sr. D. António Acevedo Moreda, de Madrid, distinto equitador e grande amigo dos cavaleiros portugueses.*	Jornal Vida Ribatejana
145	------	n/i	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga, bisavô do ex-Presidente da CMG, José Veiga Maltez e do atual proprietário da Coudelaria Veiga, seu homónimo. Desfilava no Largo do Arneiro, por ocasião da Feira, ao lado o seu Picador, Nicolau Pernes.	Família Veiga Maltez

146	------	n/i	Golegã	Feira de São Martinho. José Barra da Silva Maltez, pai dos atuais proprietários da coudelaria Veiga Maltez, médico, lavrador e criador de cavalos. Também exímio condutor de carros de cavalos. Na foto, tirada na Feira de São Martinho, conduz um breack puxado por uma parelha, tendo a seu lado o lavrador de Aviz, Vieira Lopes.	Família Veiga Maltez
147	------	11.1959	Golegã	Feira de São Martinho. José Veiga Maltez com 3 anos de idade. Montava o garrano "Garoto" no Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela. Menção Honrosa: diploma e taça entregue pelo Mestre Patrício Cecílio, então Presidente da Câmara Municipal da Golegã. Por detrás do Campino, seu Pai, Dr. José Maltez.	Família Veiga Maltez
148	------	11.1959	Golegã	Feira de São Martinho Manuel Tavares Veiga e seu filho Manuel de Castro Veiga num garrano conduzido por um campino.	Família Veiga
149	------	Fim dos anos 50	Golegã	Feira de São Martinho. Carlos Tavares Veiga com Mercês da Cunha Rego à garupa.	Família Veiga
150	------	Anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. José Infante da Câmara e Maria do Carmo Infante da Câmara no início dos anos 60.	Família Infante da Câmara
151	------	Anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Assunção e Teresa Infante da Câmara montando na Feira da Golegã.	Família Infante da Câmara

152	------	Anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Carlos Tavares Veiga.	Família Veiga
153	------	Anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga.	Família Veiga
154	------	Anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Apresentação dos Cavalos da Coudelaria Veiga.	Família Veiga
155	Foto Figueiredo	Fim dos anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Apresentação dos Cavalos da Coudelaria Veiga.	Família Veiga
156	Foto Figueiredo	Fim dos anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Apresentação dos Cavalos da Coudelaria Veiga.	Família Veiga
157	------	Fim dos anos 60	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel e Carlos Tavares Veiga com os Campinos da Casa.	Família Veiga
158	------	11.1960	Golegã	Feira de São Martinho. José Jorge Canelas com Olímpico (PS - Prudêncio da Silva Santos), Ana de Castro Canelas com Gavião (PS) e Jorge de Castro Canelas com o garrano Pimpão.	Família Castro Canelas
159	------	11.1960	Golegã	Feira de São Martinho. José Jorge Canelas e Jorge de Castro Canelas com Olímpico (PS) e Pimpão.	Família Castro Canelas
160	------	11.1961	Golegã	Feira de São Martinho. José Jorge Canelas com Fadista (Andrade), Jorge de Castro Canelas com Gavião (PS), Manuel de Castro Veiga e Carlos Veiga.	Família Castro Canelas
161	------	11.1962	Golegã	Feira de São Martinho. Jorge Coimbra de Castro Canelas com o Fadista (Garanhão Andrade da Coudelaria Castro- Principe VIII x Sorteada) e José Jorge Canelas com Zangado (JC por Quê-Bá, Veiga e Noiva, Coimbra).	Família Castro Canelas

162	------	11.1963	Golegã	Feira de São Martinho. Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela. Baluarte, com Artur Pedro; Ben-Hur, com João Gaitas; Bacará, com João Lopes; Bandolim, com Diamantino; Bailador, com Manuel Barradas. Júlio Pinheiro e António Pernes.	Família Veiga
163	------	11.1964	Golegã	Feira de São Martinho. Zangado (JC) por Quê-Bá (MV) de Noiva (João Coimbra), montado por Jorge Canelas.	Família Castro Canelas
164	------	11.1968	Golegã	Feira de São Martinho. Ana de Castro Canelas com Zangado (JC) e Joana Graciosa com Xiote (PS).	Família Castro Canelas
165	------	Princípio dos anos 70	Golegã	Feira de São Martinho. Desfile de entrada na Feira, dos cavalos da Coudelaria Veiga.	Família Veiga
166	------	Princípio dos anos 70	Golegã	Feira de São Martinho. Carlos Tavares Veiga e Campino da Casa Júlio Borba.	Família Veiga
167	------	Anos 70	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga e José Pereira Palha.	Família Veiga
168	------	Anos 70	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo e Luís Infante da Câmara montando na Feira da Golegã no princípio dos anos 70.	Família Infante da Câmara
169	------	Anos 70	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo Infante da Câmara e José de Siqueira Freire montando na Feira da Golegã no princípio dos anos 70.	Família Infante da Câmara
170	------	11.1971	Golegã	Feira de São Martinho. Maria do Carmo Infante e Luis Ramos Paul montando no Largo do Arneiro.	Família Infante da Câmara

171	------	11.1971	Golegã	Feira de São Martinho. “Jaguar”, o primeiro cavalo que os Irmãos Sousa Cardoso, adquiriram na Casa Veiga. Apresentado pelo Campino, António Manuel.	Família Veiga
172	------	11.1971	Golegã	Feira de São Martinho. Em 1971, um ano antes da Feira de São Martinho, na Golegã, ser promovida a Feira Nacional do Cavalo. Gonçalo Canelas no Zangado (JC), filho da Noiva (JC) e do Quê-Bá (MV).	Família Castro Canelas
173	------	11.1971	Golegã	Feira de São Martinho. Gonçalo de Castro Canelas monta o Zangado (JC).	Família Castro Canelas
174	------	11.1974	Golegã	Feira de São Martinho. Jorge Canelas efetua uma “curveta” montando o Zangado (JC).	Família Castro Canelas
175	------	11.1977	Golegã	Feira de São Martinho. Manuel Tavares Veiga, com Lidador II, à conversa com o amigo Manuel Jorge, de Nave de Haver.	Família Veiga
176	------	11.1978	Golegã	Feira de São Martinho. Gonçalo Canelas monta o Next One.	Família Castro Canelas
177	------	Anos 80	Golegã	Feira de São Martinho. O casal Assunção Borba Veiga e Manuel de Castro Veiga.	Família Veiga
178	------	11.1980	Golegã	Feira de São Martinho. Ana Palha e Madalena Abecassis.	Madalena Abecassis
179	------	Final dos anos 80	Golegã	Feira de São Martinho. Pavilhão da Coudelaria Veiga.	Família Veiga

180	------	n/i (anos 90)	Golegã	Feira de São Martinho. Aspeto geral do Largo do Arneiro com as estruturas de apoio à realização da Feira.	AFNC
181	------	n/i (anos 90)	Golegã	Feira de São Martinho. Edificação dos pavilhões dos criadores no Largo do Arneiro com vista à realização da Feira. A cada ano os pavilhões são montados e desmontados.	AFNC
182	------	11.1990	Golegã	Feira de São Martinho. Madalena Abecassis com os seus quatro cavalos Sorraia engatados.	Madalena Abecassis
183	------	11.1991	Golegã	Feira de São Martinho. Madalena Abecassis, Maria Pia Vasconcelos e Sousa e uma amazona estrangeira de nacionalidade belga.	Madalena Abecassis
184	------	11.1992	Golegã	Feira de São Martinho. Madalena Abecassis com Saltimbanco.	Madalena Abecassis
185	------	11.1992	Golegã	Feira de São Martinho. Festa de Campo na Quinta da Brôa. Madalena Abecassis, Ana Lupi, Maria do Carmo Infante da Câmara e Ana Palha. Esta festa realizou-se cerca de três ou quatro anos após a Peste Quina (1989). Pressupunha atividades a cavalo com toiros bravos e realizava-se a meio da semana, na Feira.	Madalena Abecassis
186	El Nando	11.1994	Golegã	XIX FNC. O cavaleiro tauromáquico António Ribeiro Telles montando a cavalo na Feira da Golegã.	AFNC
187	El Nando	11.1996	Golegã	XXI FNC. Cavaleiros e amazonas circulando, à noite, na manga do	AFNC

				Arneiro. Os capotes alentejanos denunciam o frio rigoroso.	
188	El Nando	11.1996	Golegã	XXI FNC. Figura emblemática da Feira da Golegã, o equitador Manuel Sabino Duarte "Veca".	AFNC
189	El Nando	11.1996	Golegã	XXI FNC. Cavaleiro conduz amazona à garupa de um cavalo.	AFNC
190	El Nando	11.1997	Golegã	XXII FNC. Monte “à amazona”, antiga tradição feminina que se caracteriza pela posição da senhora que monta com as duas pernas sob a lateral esquerda do cavalo utilizando arreios próprios e um traje adequado.	AFNC
191	El Nando	11.1998	Golegã	XXIII FNC. Cavaleiros e amazona na manga do Arneiro.	AFNC
192	------	11.1998	Golegã	XXIII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	AFNC
193	------	11.1998	Golegã	XXIII FNC. Vista noturna do Largo do Arneiro por ocasião da Feira de São Martinho.	AFNC
194	El Nando	11.1998	Golegã	XXIII FNC. Mestre Luis Valença protagonizando um Espetáculo do Centro Equestre da Lezíria Grande.	AFNC
195	El Nando	11.1998	Golegã	XXIII FNC. Mestre Luis Valença protagonizando um Espetáculo do Centro Equestre da Lezíria Grande.	AFNC

196	El Nando	11.1998	Golegã	XXIII FNC. Jovens gerações das famílias Veiga e Coimbra.	AFNC
197	------	11.1999	Golegã	XXIV FNC. Concurso de Saltos de Obstáculos	AFNC
198	------	11.1999	Golegã	XXIV FNC. Torneio de Horseball.	AFNC
199	------	11.1999	Golegã	XXIV FNC. Comércio de artigos equestres.	AFNC
200	------	11.1999	Golegã	XXIV FNC. Comércio de samarras e capotes.	AFNC
201	------	11.1999	Golegã	XXIV FNC. Amazona montando na manga do Arneiro. Público infantil observa.	AFNC
202	El Nando	11.2000	Golegã	XXV FNC. Isabel Palha, Presidente da Associação das Amazonas de Portugal.	AFNC
203	El Nando	11.2000	Golegã	XXV FNC. Dr. Filipe Figueiredo “Graciosa” exibindo a seu domínio da equitação clássica na manga da Feira sob os olhares atentos do público.	AFNC
204	El Nando	11.2002	Golegã	XXVII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	AFNC
205	El Nando	11.2002	Golegã	XXVII FNC. Família Ribeiro Telles fazendo-se representar por várias gerações de cavaleiros no Largo do Arneiro.	AFNC
206	José Foles	11.2002	Golegã	XXVII FNC. Vista panorâmica do Largo do Arneiro por ocasião da Feira de São Martinho.	AFNC

207	------	11.2002	Golegã	XXVII FNC. Bernardo Canelas monta o Pimpão.	Família Castro Canelas
208	El Nando	11.2003	Golegã	XXVIII FNC. Cavaleiro e amazonas desfilando na manga da Feira.	AFNC
209	El Nando	11.2003	Golegã	XXVIII FNC. Cavaleiros e amazona combinando no traje.	AFNC
210	El Nando	11.2003	Golegã	XXVIII FNC. O mau tempo não afasta as famílias da manga da Feira.	AFNC
211	------	11.2003	Golegã	XXVIII FNC. Jovem cavaleiro realizando uma prova de Equitação de Trabalho.	AFNC
212	José Foles	11.2004	Golegã	XXIX FNC. Família Ribeiro Telles, como habitualmente, fazendo-se representar por várias gerações de cavaleiros na Feira da Golegã.	AFNC
213	------	11.2004	Golegã	XXIX FNC. Troféu Nacional de Ferradores (Quinta de Santo António).	AFNC
214	------	11.2004	Golegã	XXIX FNC. Troféu Nacional de Ferradores (Quinta de Santo António).	AFNC
215	José Foles	11.2004	Golegã	XXIX FNC. Cavaleiros e amazonas apresentando-se, à noite, na manga da Feira.	AFNC
216	------	11.2004	Golegã	XXIX FNC. Largo do Arneiro repleto de movimento.	AFNC
217	------	11.2004	Golegã	XXIX FNC. Família Veiga montando, à noite, na Feira.	AFNC
218	------	11.2005	Golegã	XXX FNC. Maria do Carmo Infante da Câmara por ocasião da homenagem que lhe foi prestada, a 13 de novembro de 2005, no Largo do Arneiro.	Família Infante da Câmara

219	------	11.2005	Golegã	XXX FNC. Maria do Carmo Infante da Câmara à janela do pavilhão da Coudelaria Herdeiros de José Infante da Câmara.	Família Infante da Câmara
220	------	11.2007	Golegã	XXXII FNC. Concurso de Elegância de Atrelagem (Largo do Arneiro). José e Luísa Castro Canelas.	Família Castro Canelas
221	------	11.2007	Golegã	XXXII FNC. Troféu Nacional de Ferradores (Largo do Arneiro).	Família Castro Canelas
222	------	11.2007	Golegã	XXXII FNC. Troféu Nacional de Ferradores (Largo do Arneiro).	Família Castro Canelas
223	------	11.2007	Golegã	XXXII FNC. Troféu Nacional de Ferradores (Largo do Arneiro).	Família Castro Canelas
224	------	11.2008	Golegã	XXXIII FNC. Maria do Carmo Infante da Câmara com Granero.	Família Infante da Câmara
225	António Pires Cardoso	23.05.2014	Golegã	XIII Romaria a São Martinho. Duas figuras emblemáticas da comunidade equestre: Maria do Carmo Infante da Câmara e Madalena Sacadura Botte Abecassis.	António Pires Cardoso
226	António Pires Cardoso	04.10.2014	Golegã	VII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
227	António Pires Cardoso	04.10.2014	Golegã	VII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
228	António Pires Cardoso	04.10.2014	Golegã	VII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
229	António Pires Cardoso	11.2014	Golegã	XXXIX FNC. Aspeto da manga da Feira ao entardecer. Cavaleiros de várias gerações.	António Pires Cardoso

230	------	11.2014	Golegã	XXXIX FNC. Artérias da Vila, adjacentes ao Largo do Arneiro, repletas de gente.	Município da Golegã
231	António Pires Cardoso	11.2014	Golegã	XXXIX FNC. A simpatia e a elegância de uma jovem amazona trajando à portuguesa.	António Pires Cardoso
232	António Pires Cardoso	11.2014	Golegã	XXXIX FNC. Passeio pela manga da Feira em família.	António Pires Cardoso
233	António Pires Cardoso	11.2014	Golegã	XXXIX FNC. Passeio pela manga em carro de cavalos.	António Pires Cardoso
234	António Pires Cardoso	11.2014	Golegã	XXXIX FNC. Uma tradição que passa de pais para filhos.	António Pires Cardoso
235	António Pires Cardoso	29.05.2015	Golegã	XIV Romaria a São Martinho. Carro que transporta o Romeiro-Mestre do ano, Jorge Alves, com o respetivo Bastão.	António Pires Cardoso
236	António Pires Cardoso	29.05.2015	Golegã	XIV Romaria a São Martinho. Trajeto pelo campo.	António Pires Cardoso
237	António Pires Cardoso	29.05.2015	Golegã	XIV Romaria a São Martinho. Convívio após o percurso.	António Pires Cardoso
238	António Pires Cardoso	09.10.2015	Golegã	VIII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
239	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Concurso de Atrelagem Nacional - Prova de Maratona (Quinta da Labruja).	António Pires Cardoso
240	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. A comunidade equestre faz debutar as suas gerações mais jovens na Feira, manifestando apreço e cuidado na utilização do traje infantil.	António Pires Cardoso

241	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Sociabilização nos pavilhões coudélicos.	António Pires Cardoso
242	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Sociabilização nos pavilhões coudélicos.	António Pires Cardoso
243	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Artesanato alusivo à temática da Feira.	António Pires Cardoso
244	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. A graciosidade e elegância de uma criança passeando em carro de cavalo e envergando uma versão infantil do traje português de equitação.	António Pires Cardoso
245	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Cerimónia de Distribuição de Prémios. Campeões de Raça (Largo do Arneiro). Participação infantil.	Município da Golegã
246	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 5 anos ou mais, apresentados montados. No público identifica-se um grupo de visitantes em excursão.	António Pires Cardoso
247	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 5 anos ou mais, apresentados montados.	António Pires Cardoso
248	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Em Dia de S. Martinho concentração dos Romeiros junto à Igreja Matriz para a Bênção.	António Pires Cardoso
249	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Romeira de São Martinho enquadrada com a fachada da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.	António Pires Cardoso

250	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Romeiros de São Martinho, em carro de cavalos, exibindo os símbolos distintivos da Irmandade.	António Pires Cardoso
251	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Romeiros de São Martinho de diferentes gerações.	António Pires Cardoso
252	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Médico João Gorjão Clara, Romeiro de São Martinho e criador dos símbolos que identificam a Irmandade.	António Pires Cardoso
253	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Em Dia de São Martinho, cortejo dos Romeiros de São Martinho. Teresa Tapadas Romeira Mestre 2015/2016, com, Jorge Alves, Romeiro Mestre 2014/2015.	António Pires Cardoso
254	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. O Presidente da Câmara é, por inerência, Romeiro-Mor da Irmandade dos Romeiros de São Martinho.	António Pires Cardoso
255	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Romeiros de São Martinho de diferentes gerações. O brio na escolha do uso do traje em todos os elementos da família. .	António Pires Cardoso
256	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Pormenor do chapéu de amazona, de copa redonda e ligeiramente convexa, aba curta e revirada, adornada com dois pompons de lã. Cabelo penteado num puxo e coberto com uma rede. Os brincos querem-se simples, mas sofisticados.	António Pires Cardoso

257	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Pormenor do chapéu de amazona, de copa redonda e ligeiramente convexa, aba curta e revirada, adornada com dois pompons de lã azul combinando com a jaqueta. Brincos discretos, como se quer, mas sofisticados.	António Pires Cardoso
258	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Pormenor do chapéu de amazona. Envergando o traje moderno as senhoras optam pelo uso do mesmo modelo de chapéu que os homens, "à Mazzantini": aba lisa e endurecida, copa cilíndrica, cortada a direito no topo e fita larga. Cabelo apanhado e coberto com uma rede e adornado com laço de seda.	António Pires Cardoso
259	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. A graciosidade de uma jovem amazona com destaque para o chapéu castanho, de aba lisa e endurecida, copa cilíndrica, cortada a direito no topo e fita larga na mesma cor e para a elegância dos brincos "à rainha".	António Pires Cardoso
260	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. O pormenor do chapéu do cavaleiro, "à Mazzantini": cinzento, de aba lisa e endurecida, copa cilíndrica, cortada a direito no topo. Fita que cerca a copa em preto debruada a branco.	António Pires Cardoso
261	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Vista parcial da manga do Arneiro. Destaque para a imensidão de visitantes.	Município da Golegã
262	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Vista geral do Largo Arneiro ao entardecer.	Município da Golegã

263	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. A Feira da Golegã à noite é espaço de convívio.	António Pires Cardoso
264	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Baile da Jaqueta.	Município da Golegã
265	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Baile da Jaqueta.	Município da Golegã
266	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Baile da Jaqueta.	Município da Golegã
267	------	11.2015	Golegã	XL FNC. Baile da Jaqueta.	Município da Golegã
268	António Pires Cardoso	11.2015	Golegã	XL FNC. Pormenor decorativo da exposição de cavalos no pavilhão da Coudelaria Ortigão Costa.	António Pires Cardoso
269	António Pires Cardoso	08.10.2016	Golegã	IX CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
270	António Pires Cardoso	08.10.2016	Golegã	IX CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
271	António Pires Cardoso	08.10.2016	Golegã	IX CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
272	António Pires Cardoso	08.10.2016	Golegã	IX CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
273	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Cavaleiros apresentando-se ao público no picadeiro central do Largo do Arneiro.	António Pires Cardoso

274	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Desfile de cavaleiros trajando à portuguesa no picadeiro central do Largo do Arneiro.	António Pires Cardoso
275	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
276	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
277	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
278	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 5 anos ou mais, apresentados montados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
279	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 5 anos ou mais, apresentados montados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
280	António Pires Cardoso	11.2016	Golegã	XLI FNC. Elementos da comunidade equestre são também elementos do público.	António Pires Cardoso
281	------	11.2016	Golegã	XLI FNC. José Pereira Palha, bisneto do Dr. Artur Ervideira, na manga da Feira da Golegã.	José Pereira Palha

282	António Pires Cardoso	19.05.2017	Golegã	XVI Romaria a São Martinho. Concentração junto à Igreja Matriz da Golegã.	António Pires Cardoso
283	António Pires Cardoso	19.05.2017	Golegã	XVI Romaria a São Martinho. Encabeçada pelo carro que transporta a Romeira-Mestre.	António Pires Cardoso
284	António Pires Cardoso	07.10.2017	Golegã	X CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
285	António Pires Cardoso	07.10.2017	Golegã	X CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
286	António Pires Cardoso	07.10.2017	Golegã	X CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
287	------	11.2017	Golegã	XLII FNC. Comércio de artigos para equitação no Largo do Arneiro.	AFNC
288	------	11.2017	Golegã	XLII FNC. Habituais multidões no Largo do Arneiro.	AFNC
289	------	11.2017	Golegã	XLII FNC. Vista panorâmica do Largo do Arneiro.	AFNC
290	------	11.2017	Golegã	XLII FNC. Na manga da Feira desfilam todas as gerações.	AFNC
291	------	11.2017	Golegã	XLII FNC. Os mais novos circulam sob o olhar atento dos pais.	AFNC
292	António Pires Cardoso	18.05.2018	Golegã	XVII Romaria a São Martinho. Momentos de convívio e animação entre os Romeiros.	António Pires Cardoso
293	António Pires Cardoso	18.05.2018	Golegã	XVII Romaria a São Martinho. Grupo de Romeiros envergando os símbolos, a Cruz dos Romeiros e a Meia Capa.	António Pires Cardoso

294	António Pires Cardoso	06.10.2018	Golegã	XVII Romaria a São Martinho. Fadista Teresa Tapadas, Romeira de São Martinho.	António Pires Cardoso
295	António Pires Cardoso	06.10.2018	Golegã	XI CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
296	António Pires Cardoso	06.10.2018	Golegã	XI CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
297	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Jovens cavaleiras passeando calmamente pela manga do Arneiro.	Nuno Matos
298	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Os mais jovens são presença assídua na manga.	Nuno Matos
299	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. A elegância feminina a cavalo.	Nuno Matos
300	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Cavalos e atrelagens compartilham a manga da Feira.	Nuno Matos
301	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Concurso Dressage Nacional - Prix St-Georges (Hippos Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres).	Nuno Matos
302	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Campeonato Nacional Inter Escolar - Corta Mato por Equipas.	Nuno Matos
303	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Apresentação do Pónei da Terceira pela Associação dos Criadores e Amigos do Pónei da Terceira (ACAPT). O Pónei da Terceira foi reconhecido como raça autóctone em 2014, sendo a quarta raça de cavalos em Portugal, juntamente com o Lusitano, Sorraia e Garrano.	Nuno Matos

304	Nuno Matos	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Apresentação do Pónei da Terceira pela Associação dos Criadores e Amigos do Pónei da Terceira (ACAPT).	Nuno Matos
305	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. A transmissão intergeracional na condução de carro de cavalos.	António Pires Cardoso
306	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Concurso Nacional Especial de Saltos de Obstáculos. (Hippos Centro de Alto Rendimento de Desportos Equestres).	António Pires Cardoso
307	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. A alegria da vitória. Vencedores da Taça de Portugal de Equitação de Trabalho 2018. Escalão Debutantes.	António Pires Cardoso
308	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Um pónei. Escalão de Iniciados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
309	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Um cavalo (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
310	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Quatro cavalos (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
311	António Pires Cardoso	11.2018	Golegã	XLIII FNC. Feira da Golegã em dia de chuva. O mau tempo não demove os cavaleiros.	António Pires Cardoso

312	António Pires Cardoso	24.05.2019	Golegã	XVIII Romaria a São Martinho. Celebração religiosa.	António Pires Cardoso
313	António Pires Cardoso	24.05.2019	Golegã	XVIII Romaria a São Martinho. Conceituados elementos da comunidade equestre: Madalena Abecassis e José Castro Canelas.	António Pires Cardoso
314	António Pires Cardoso	05.10.2019	Golegã	XII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
315	António Pires Cardoso	05.10.2019	Golegã	XII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
316	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
317	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
318	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da	António Pires Cardoso

				Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	
319	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
320	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
321	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
322	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. "Ibéria" – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira	António Pires Cardoso

				Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	
323	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. “Ibéria” – Apresentação Equestre, comemorativa da assinatura do Protocolo de Cooperação entre a Feira Nacional do Cavalo e a Feira Equestre de Badajoz e o Município da Golegã e o Ayuntamento de Almonte com a presença especial da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
324	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Amazona revelando a elegância que decorre da utilização do traje português de equitação.	António Pires Cardoso
325	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Um pónei. Escalão de Iniciados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
326	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Parelha (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
327	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Um cavalo (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
328	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. A ida à Feira é uma tradição vivida em família.	António Pires Cardoso

329	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Aspeto exterior do pavilhão da Coudelaria Veiga. A presença de crianças é uma constante em todos os espaços públicos e privados da Feira.	António Pires Cardoso
330	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Taça de Portugal de TREC – Prova de Orientação. Duas cavaleiras participantes seguem o itinerário marcado numa carta, respeitando as velocidades impostas, nas várias condições topográficas possíveis.	António Pires Cardoso
331	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Taça de Portugal de TREC – Prova de Orientação. A cavaleira segue o itinerário marcado na carta.	António Pires Cardoso
332	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Uma nova geração de cavaleiros e amazonas, pertencentes à comunidade equestre, que já montam a cavalo autonomamente, sem necessidade de supervisão de adultos.	António Pires Cardoso
333	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Uma nova geração de cavaleiros e amazonas, pertencentes à comunidade equestre, que já montam a cavalo autonomamente, sem necessidade de supervisão de adultos.	António Pires Cardoso
334	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Podium dos Campeões Nacionais de Equitação de Trabalho.	António Pires Cardoso
335	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Troféu Marquês de Marialva – Concurso de Dressage Nacional – Provas livres com música.	António Pires Cardoso
336	Nuno Matos	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Homenagem a Filipe Figueiredo (Graciosa), à data, recentemente falecido. Cavaleiros juntaram-se no Arneiro da Feira para	Nuno Matos

				acompanhar a esposa Isabel Palha e filhos num tributo a uma figura incontornável dos cavalos e frequentador assíduo da Feira da Golegã.	
337	Nuno Matos	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Homenagem ao cavaleiro tauromáquico Joaquim Bastinhas, à época, recentemente falecido. Dezenas de cavaleiros, sobretudo das lides taurinas, juntaram-se à família para a sentida homenagem.	Nuno Matos
338	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Os visitantes gostam de apreciar os exemplares expostos ao público nos pavilhões coudélicos erguidos em torno do Largo do Arneiro. Entre estes pode haver possíveis compradores.	António Pires Cardoso
339	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Cavaleira não enverga o traje português de equitação, ainda que se apresente na manga. No primeiro fim de semana é uma condição aceitável, sendo uma exigência maior no segundo fim de semana da Feira.	António Pires Cardoso
340	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Duas cavaleiras montando a cavalo pelas ruas da Golegã dispensando a utilização do traje português de equitação. No primeiro fim de semana é aceitável, mas no segundo a exigência é maior relativamente ao uso do traje curto.	António Pires Cardoso
341	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Cavaleiros de diferentes gerações apresentam-se em público dispensando a utilização do traje português de equitação. No primeiro fim	António Pires Cardoso

				de semana é aceitável, mas no segundo a exigência é maior relativamente ao uso do traje curto.	
342	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Qualquer visitante pode passear pela manga da Feira, desfrutando do ambiente que se vive, recorrendo à contratação do táxi equestre.	António Pires Cardoso
343	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Qualquer visitante pode passear pela manga da Feira, desfrutando do ambiente que se vive, recorrendo à contratação do táxi equestre.	António Pires Cardoso
344	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Cavaleiros a circular na manga, aguardando o início das provas desportivas em que estão inscritos, que decorrerão no picadeiro central contíguo.	António Pires Cardoso
345	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. O mau tempo não demove a presença dos cavaleiros, nem do público.	António Pires Cardoso
346	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Vendedor de castanhas.	António Pires Cardoso
347	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. A Gendarmerie, polícia francesa, colaborando com a GNR no policiamento da Feira.	António Pires Cardoso
348	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Quatro jovens cavaleiras apresentando-se elegantemente no picadeiro central da Feira.	António Pires Cardoso

349	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Os cavaleiros tauromáquicos continuam a marcar presença. Na foto, Manuel Telles Bastos, cavaleiro tauromáquico de alternativa.	António Pires Cardoso
350	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Campeonato Nacional de Equitação de Trabalho, três jovens vencedoras.	António Pires Cardoso
351	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. A Feira da Golegã à noite é espaço de convívio.	António Pires Cardoso
352	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. Grupo de turistas estrangeiros que vibram com a Feira e aos quais é dada a oportunidade de montar a cavalo neste contexto tão particular. Os anfitriões, à esquerda, promovem atividades turísticas de natureza equestre, onde se inscreve a presença na FNC e toda uma experiência imersiva associada.	António Pires Cardoso
353	António Pires Cardoso	11.2019	Golegã	XLIV FNC. A Feira da Golegã em dia de chuva. O público não se demove.	António Pires Cardoso
354	António Pires Cardoso	16.10.2021	Golegã	XIII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
355	António Pires Cardoso	16.10.2021	Golegã	XIII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
356	António Pires Cardoso	16.10.2021	Golegã	XIII CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
357	Nuno Caetano Pais	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Concurso de Endurance: Campeonato Nacional de Cavalos Novos; CEI* de 80 Kms, CEN* de 80 Kms, CEP de 80 Kms e CEP de 40 Kms	Nuno Caetano Pais

				(no campo entre as Quintas da Labruja e da Cardiga).	
358	------	11.2021	Golegã	XLVI FNC. O Município proporcionou aos alunos do Jardim de Infância passeios no carro de cavalos, oferecendo uma experiência interativa.	Município da Golegã
359	------	11.2021	Golegã	XLVI FNC. O Município proporcionou aos alunos do Jardim de Infância passeios no carro de cavalos, oferecendo uma experiência interativa.	Município da Golegã
360	Nuno Matos	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Entrega de prémios da Taça de Portugal de Equitação de Trabalho. Masters.	Nuno Matos
361	Nuno Matos	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Evento evocativo da inscrição da Equitação Portuguesa no Inventário Nacional do Património Imaterial com a apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre.	Nuno Matos
362	Nuno Matos	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Evento evocativo da inscrição da Equitação Portuguesa no Inventário Nacional do Património Imaterial com a apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre.	Nuno Matos
363	Nuno Matos	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Homenagem a João Lopes Aleixo, recentemente falecido, e cuja vida dedicou inteiramente à equitação, que era a sua grande paixão, e aos seus discípulos. Muitos participaram, com emoção, neste tributo.	Nuno Matos
364	Nuno Caetano Pais	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Espetáculo Equestre Comemorativo dos 450 anos da Feira de São Martinho.	Nuno Caetano Pais

365	Nuno Caetano Pais	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Espetáculo Equestre Comemorativo dos 450 anos da Feira de São Martinho.	Nuno Caetano Pais
366	Nuno Caetano Pais	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Espetáculo Equestre Comemorativo dos 450 anos da Feira de São Martinho.	Nuno Caetano Pais
367	------	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Espetáculo Equestre Comemorativo dos 500 Anos de Foral do Concelho da Golegã Com a presença da Charanga e da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	Município da Golegã
368	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. À noite a Feira torna-se um local de convívio.	António Pires Cardoso
369	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Romeiros de São Martinho. A intergeracionalidade sempre presente, bem como o cuidado na apresentação da família em público.	António Pires Cardoso
370	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Marta Justiça pintando ao vivo na FNC. A sua exposição de pintura “Domingo de Feira” esteve patente na ANTE – Associação Nacional de Turismo Equestre.	António Pires Cardoso
371	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Espetáculo Equestre Comemorativo dos 500 Anos de Foral do Concelho da Golegã. Com a presença da Charanga e da Reprise da Guarda Nacional Republicana (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso

372	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Feira da Golegã. Concurso de Atrelagem Nacional. Prova de Condução em obstáculos (cones). Um cavalo (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
373	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Elementos da comunidade equestre são também elementos do público.	António Pires Cardoso
374	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Á época a mais jovem amazona pertencente à Associação das Amazonas de Portugal. Teresa Aroso Vilaverde.	António Pires Cardoso
375	------	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Dia de S. Martinho. Bênção dos Romeiros de São Martinho.	Município da Golegã
376	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Dia de S. Martinho. Cortejo dos Romeiros de São Martinho pela manga da Feira após a bênção.	António Pires Cardoso
377	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Cavaleiros e amazonas circulando pela manga da Feira.	António Pires Cardoso
378	António Pires Cardoso	11.2021	Golegã	XLVI FNC. Pormenores femininos que complementam o traje português de equitação: cabelo apanhado e coberto com uma rede e adornado com laço de seda, brincos simples, mas sofisticados.	António Pires Cardoso
379	António Pires Cardoso	20.05.2022	Golegã	XIX Romaria a São Martinho. Beleza dos Romeiros de São Martinho com o Bastão em grande plano. Romeiro-Mestre José Manuel Rodrigues.	António Pires Cardoso
380	António Pires Cardoso	20.05.2022	Golegã	XIX Romaria a São Martinho. Vista parcial do trajeto pelo campo.	António Pires Cardoso

381	------	20.05.2022	Golegã	XIX Romaria a São Martinho. Entronização da nova Romeira, Isabel Palha Figueiredo.	Município da Golegã
382	António Pires Cardoso	20.05.2022	Golegã	XIX Romaria a São Martinho. Atribuindo os símbolos à nova Romeira Regine Fridli.	António Pires Cardoso
383	António Pires Cardoso	20.05.2022	Golegã	XIX Romaria a São Martinho. Público infantil da Golegã aguarda com animação a passagem da Romaria.	António Pires Cardoso
384	António Pires Cardoso	20.05.2022	Golegã	XIX Romaria a São Martinho. Convívio entre Romeiros durante o percurso.	António Pires Cardoso
385	António Pires Cardoso	01.10.2022	Golegã	XIV CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
386	António Pires Cardoso	01.10.2022	Golegã	XIV CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
387	António Pires Cardoso	01.10.2022	Golegã	XIV CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
388	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Taça de Portugal e Copa Ibérica de TREC – MA (Medição de Andamentos) - PTV (Percurso em Terreno Variado). Quinta da Labruja.	AFNC
389	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Prova de Maneabilidade da Taça de Portugal de Equitação de Trabalho (Largo do Arneiro).	AFNC
390	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A Feira da Golegã foi o palco para a assinatura do Protocolo de Constituição da Associação de Municípios Portugueses do Cavalo. A ideia germinou na Feira do Cavalo de Ponte de Lima formalizando-se com a	AFNC

				assinatura de um memorando de entendimento entre vários municípios.	
391	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Visita de Sua Alteza Real, o Príncipe Saud Bin Abdulmohsen Bin Abdulaziz Al Saud, Embaixador da Arabia Saudita em Portugal.	AFNC
392	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Pela comemoração do Centenário do seu nascimento, a FNC homenageou o Prémio Nobel da Literatura, José Saramago, um filho da terra. Ana Saramago Matos, neta do escritor, recebeu das mãos do presidente da Câmara Municipal da Golegã, uma salva comemorativa.	AFNC
393	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A multidão invade as ruas da Golegã.	AFNC
394	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Apresentação, pela Associação Portuguesa de Ferradores da arte da Ferraria, trabalho essencial para o desempenho e bem-estar do cavalo.	AFNC
395	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Público observando o trabalho demonstrado pela Associação Portuguesa de Ferradores.	AFNC
396	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
397	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso

398	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 4 anos, apresentados montados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
399	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 4 anos, apresentados montados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
400	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cavaleiro passeando pela Feira.	António Pires Cardoso
401	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cavaleiros e amazonas circulando pelas ruas da Vila.	António Pires Cardoso
402	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Início do cortejo dos Romeiros de São Martinho.	António Pires Cardoso
403	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Romeiros de São Martinho a cavalo, perfilados para a bênção dos Romeiros.	António Pires Cardoso
404	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Romeiros de São Martinho, em carro de cavalos, perfilados para a bênção dos Romeiros.	António Pires Cardoso
405	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Concentração dos Romeiros de São Martinho junto à Igreja Matriz da Golegã para a bênção dos Romeiros.	António Pires Cardoso
406	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Concentração dos Romeiros de São Martinho junto à Igreja Matriz da Golegã para a bênção dos Romeiros.	António Pires Cardoso
407	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A beleza feminina.	António Pires Cardoso

408	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A beleza feminina.	António Pires Cardoso
409	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A beleza feminina.	António Pires Cardoso
410	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Bênção aos Romeiros de São Martinho.	António Pires Cardoso
411	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cortejo dos Romeiros de São Martinho pela manga da Feira após a bênção dos Romeiros.	António Pires Cardoso
412	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Presidente da Associação das Amazonas de Portugal, Isabel Palha Figueiredo, também Romeira de São Martinho, entronizada, neste ano, por ocasião da Romaria, em maio.	António Pires Cardoso
413	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Amazona pertencente à Associação das Amazonas de Portugal. Prática exclusivamente feminina que se distingue pela posição da senhora que monta com as duas pernas sob a lateral esquerda do cavalo.	António Pires Cardoso
414	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Amazona pertencente à Associação das Amazonas de Portugal.	António Pires Cardoso
415	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Amazona pertencente à Associação das Amazonas de Portugal.	António Pires Cardoso
416	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Perspetiva traseira da monte à amazona.	António Pires Cardoso
417	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A elegância e a beleza do conjunto cavalo-cavaleiro: Manuel Borba Veiga e Oriente da Brôa.	António Pires Cardoso

418	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Rita Gorjão Clara Mira Cruz usufruindo da companhia dos filhos na manga da Feira.	António Pires Cardoso
419	António Pires Cardoso	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A presença das crianças é constante, tal como o rigor imposto na sua apresentação.	António Pires Cardoso
420	Uwe Graffenberger	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A Feira da Golegã à noite é lugar de convívio. Cavalos e cavalos ocupam o espaço público.	Graffity
421	Uwe Graffenberger	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A Feira da Golegã à noite é lugar de convívio. Cavalos e cavaleiros ocupam o espaço público.	Graffity
422	Brigitte Graffenberger	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A modalidade de Equitação de Trabalho representada num espetáculo equestre noturno.	Maid of R
423	Brigitte Graffenberger	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Silhuetas masculinas.	Maid of R
424	Rita Vitorino	11.2022	Golegã	XLVI FNC. As novas gerações debutam na Feira.	Lusitano World
425	Beatrice Werder	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cavalos Ortigão Costa em exposição no pavilhão da Coudelaria.	Equinephotobybea
426	Beatrice Werder	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cavalos Ortigão Costa em exposição no pavilhão da Coudelaria.	Equinephotobybea
427	Carlos Hernani	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A Feira da Golegã à noite é lugar de convívio. Cavalos e cavaleiros ocupam o espaço público.	Carlos Hernani
428	Carlos Hernani	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A Feira da Golegã à noite é lugar de convívio. Cavalos e cavaleiros ocupam o espaço público.	Carlos Hernani

429	Carlos Hernani	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A transmissão intergeracional é praticada no grande palco da Feira da Golegã.	Carlos Hernani
430	Carlos Hernani	11.2022	Golegã	XLVI FNC. A alegria e o colorido que as gerações mais jovens imprimem à Feira.	Carlos Hernani
431	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Vista parcial do Largo do Arneiro.	AFNC
432	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Artérias adjacentes ao Largo do Arneiro.	AFNC
433	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Vista parcial do Largo do Arneiro.	AFNC
434	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Prova de maneabilidade da Final do Campeonato Nacional de Equitação de Trabalho (Largo do Arneiro).	AFNC
435	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cerimónia de homenagem a Gilberto Filipe e “Zinque das Lezírias” pelo título de bicampeões mundiais de equitação de trabalho. Emocionado, o cavaleiro informou o público acerca da decisão de retirada de competição do seu cavalo.	AFNC
436	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Final do Campeonato Nacional de Combinado de Maratona – 2ª Mão (Largo do Arneiro)	AFNC
437	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Homenagem ao cavaleiro tauromáquico José Samuel Lupi recentemente falecido. Família, amigos e admiradores alinharam montados e apeados no Arneiro Central. Nota para a sua grande ligação à Feira da Golegã.	AFNC

438	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. 19h15, Ambiente da Feira visto de dentro de um dos pavilhões de criadores.	AFNC
439	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Vista aérea do Largo do Arneiro.	Município da Golegã
440	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Aglomerados de pessoas no Largo do Arneiro.	Município da Golegã
441	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Cavalos e pessoas partilham o mesmo espaço público	Município da Golegã
442	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Demostração de Forja e Ferração – Associação Portuguesa de Ferradores (Arneiro da Feira).	Município da Golegã
443	Carlos Hernâni	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Teresa Vilaverde montando à amazona na manga do Arneiro.	Carlos Hernâni
444	Carlos Hernâni	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Teresa Vilaverde montando à amazona na manga do Arneiro.	Carlos Hernâni
445	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. Vista aérea do Largo do Arneiro à noite.	Município da Golegã
446	------	11.2022	Golegã	XLVI FNC. À noite a Feira é espaço de convívio.	magicdreamphtography
447	António Pires Cardoso	12.05.2023	Golegã	XX Romaria a São Martinho. Jovem Romeira de São Martinho.	António Pires Cardoso
448	António Pires Cardoso	30.09.2023	Golegã	XV CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
449	António Pires Cardoso	30.09.2023	Golegã	XV CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
450	------	11.2023	Golegã	Feira de São Martinho. O break de caça da Família Veiga com familiares e amigos.	Madalena Abecassis

451	------	11.2023	Golegã	Feira de São Martinho. Madalena Abecassis, Miguel Félix da Costa e José Castro Canelas à janela do seu pavilhão.	Madalena Abecassis
452	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Apresentação de Atrelagens de Época – Prémio Conde de Fontalva (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
453	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Apresentação de Atrelagens de Época – Prémio Conde de Fontalva (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
454	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Campeão de Campeões. Oriente da Brôa. Propriedade da Coudelaria Veiga.	António Pires Cardoso
455	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Comemoração do Bicentenário da Coudelaria Veiga.	António Pires Cardoso
456	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Comemoração do Bicentenário da Coudelaria Veiga.	António Pires Cardoso
457	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Comemoração do Bicentenário da Coudelaria Veiga.	António Pires Cardoso
458	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Homenagem à família Veiga pela comemoração do Bicentenário da Coudelaria.	Município da Golegã
459	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Dia do Campino. 1ª edição. Provas de perícia a cavalo e na condução de gado.	Município da Golegã
460	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Dia do Campino. 1ª edição. Provas de perícia a cavalo e na condução de gado.	Município da Golegã

461	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Dia do Campino. 1ª edição. Provas de perícia a cavalo e na condução de gado.	Município da Golegã
462	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Dia do Campino. 1ª edição. Prémio Carreira Campino atribuído ao campino goleganense Cesário Pedro.	Município da Golegã
463	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Pintora Liska Llorka, pintando ao vivo no picadeiro central do Largo do Arneiro.	Município da Golegã
464	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Pintora Liska Llorka terminando a pintura, ao vivo, do cavalo Ofensor, da Coudelaria Manuel Assunção Coimbra, sagrado Campeão dos Campeões na FNC 2023.A pintura deu origem ao cartaz da Feira de 2024.	Município da Golegã
465	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Vista geral do Largo Arneiro.	Município da Golegã
466	------	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Espetáculo Equestre – Escola Portuguesa de Arte Equestre e Escuela de Cordoba (Largo do Arneiro).	Município da Golegã
467	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Arménio Carvalho. Expositor de artigos de equitação.	António Pires Cardoso
468	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Decoração interior de um pavilhão de criadores no Largo do Arneiro.	António Pires Cardoso
469	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. A fumaça das castanhas assadas é indissociável da Feira da Golegã.	António Pires Cardoso

470	Klaus Trotter	11.2023	Golegã	XLVII FNC. À noite a Feira é lugar de convívios. Também à janela.	klaushorsehouse
471	Klaus Trotter	11.2023	Golegã	XLVII FNC. À noite a Feira é também lugar de pequenos prazeres que aquecem a alma.	klaushorsehouse
472	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Exposição de cavalos para venda.	António Pires Cardoso
473	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. A Feira da Golegã à noite é espaço de convívio.	António Pires Cardoso
474	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. A intergeracionalidade é uma constante na comunidade equestre.	António Pires Cardoso
475	António Pires Cardoso	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Cavaleiros circulando pela Feira.	António Pires Cardoso
476	Carlos Hernâni	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Jovem cavaleiro e amazona circulando pela Feira.	Carlos Hernâni
477	Carlos Hernâni	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Pia, a mais jovem praticante da monte à amazona circulando sozinha na manga da Feira.	Carlos Hernâni
478	Carlos Hernâni	11.2023	Golegã	XLVII FNC. Casal Teresa Aroso Vilaverde, montando à amazona e João Malheiro Vilaverde. A amazona será Romeira Mestre da Romaria de São Martinho de 2026.	Carlos Hernâni
479	Carlos Hernâni	11.2023	Golegã	XLVII FNC. O futuro bem representado na mais nova geração de cavaleiros e amazonas.	Carlos Hernâni

480	------	17.05.2024	Golegã	XXI Romaria a São Martinho Entronização de novos romeiros antecedendo a bênção concedida pelo pároco da Igreja manuelina de Nossa Senhora da Conceição, Matriz da Golegã.	Município da Golegã
481	António Pires Cardoso	05.10.2024	Golegã	XVI CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
482	António Pires Cardoso	05.10.2024	Golegã	XVI CIAT de Outono - Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição.	António Pires Cardoso
483	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	Município da Golegã
484	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	Município da Golegã
485	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Poldros de 3 anos, apresentados à mão (Largo do Arneiro).	Município da Golegã
486	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 4 anos, apresentados montados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso
487	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. Cavalos de 4 anos, apresentados montados (Largo do Arneiro).	António Pires Cardoso

488	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Os cavaleiros tauromáquicos continuam a marcar presença. Na foto, Rui Fernandes, cavaleiro tauromáquico de alternativa.	António Pires Cardoso
489	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Cavaleiros circulando nas vias destinadas à circulação de cavalos, que facilitam o acesso e a circulação de equinos no Largo do Arneiro, bem como a segurança dos visitantes.	António Pires Cardoso
490	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Circulação em carro de cavalos na manga da Feira.	António Pires Cardoso
491	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Circulação em carro de cavalos na manga da Feira.	António Pires Cardoso
492	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Prémio Conde de Fontalva - exibição de atrelagens de época. 2ª edição (Largo do Arneiro).	Município da Golegã
493	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Prémio Carlos Relvas, Distinção de Carreira Tauromáquica - Homenagem a José Maldonado Cortes.	Município da Golegã
494	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Prémio Carlos Relvas, Distinção de Carreira Tauromáquica - Homenagem a José Maldonado Cortes.	Município da Golegã
495	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Cavalos, cavaleiros e visitantes partilham o mesmo espaço público na Golegã por ocasião da Feira.	António Pires Cardoso
496	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Entrega de prémios do VII Troféu de Tradição.	Município da Golegã
497	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Mariana Espírito Santo Botero, pertencente à Associação das	Município da Golegã

				Amazonas de Portugal. Entrega de prémios do VII Troféu de Tradição.	
498	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Dia do Campino. Homenagem ao Campino Fernando Manuel Guerreiro Ganhão, da Companhia das Lezírias (Largo do Arneiro)	Município da Golegã
499	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Dia do Campino. Homenagem ao Campino Fernando Manuel Guerreiro Ganhão, da Companhia das Lezírias (Largo do Arneiro)	Município da Golegã
500	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Prof. Dr. Gorjão Clara, grande defensor do Traje à Portuguesa, desfrutando da companhia da família.	António Pires Cardoso
501	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Espetáculo Equestre com presença da Charanga e da Reprise da Guarda Nacional Republicana e da Escola Portuguesa de Arte Equestre.	Município da Golegã
502	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Partida do Cortejo dos Romeiros de São Martinho (Porta de Fernão Lourenço).	Município da Golegã
503	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Concentração do Cortejo dos Romeiros de São Martinho junto à Igreja Matriz da Golegã.	Município da Golegã
504	------	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. Bênção concedida aos Romeiros de São Martinho pelo pároco da Igreja manuelina de Nossa Senhora da Conceição, Matriz da Golegã.	Município da Golegã
505	António Pires Cardoso	11.2024	Golegã	XLVIII FNC. A Presidente da Associação das Amazonas de Portugal, Isabel Palha Figueiredo.	António Pires Cardoso

506	António Pires Cardoso	16.05.2025	Golegã	XXII Romaria a São Martinho. Trajeto pelo campo.	António Pires Cardoso
507	António Pires Cardoso	16.05.2025	Golegã	XXII Romaria a São Martinho. Passeio em família.	António Pires Cardoso

Anexo II / 2 – Fontes Escritas

N.º	Autor	Data	Título	Resumo
001	Correio da Extremadura	11.11.1893	Feira do S. Martinho	Notícia que dá conta que começou na véspera a "importante" Feira do S. Martinho onde se fazem importantes transações de gado cavalar.
002	Correio da Extremadura	13.11.1897	Na Gollegã. Feira de S. Martinho – Jogo e jogadores	Noticia que informa que a Feira de S. Martinho tem sido concorrida, mas que há menos movimento. Também o número de transações diminui a cada ano. Menção aos jogos de azar sobre os quais o interesse tem vindo a crescer, pese embora estejam proibidos pelo ministério do reino.
003	Correio da Extremadura	17.11.1894	Feira de S. Martinho	Informa-se que a Feira foi concorrida e que a remonta comprou 109 cavalos. Também a Guarda Municipal de Lisboa comprou alguns cavalos.
004	Illustração Portugueza	04.11.1907	A Gollegã	Artigo sobre a Golegã da revista semanal *Illustração Portugueza* editada pelo jornal *O Século*. A propósito da realização de um raid hípico, escreve-se sobre a Golegã e a sua relação com o meio equestre. Refere-se a existência de concursos hípicos anuais, instituídos pelo governo, desde 1865, entretanto extintos. Manteve-se a tradição da criação de gado cavalar nos seus afamados campos e a realização da Feira de S. Martinho - espetáculo "imponente de cavalos e cavaleiros" que oferece e que vêm de vários pontos do país e de Espanha.
005	Illustração Portugueza	13.01.1913	Feiras Portuguezas	Artigo da revista semanal *Illustração Portugueza* sobre feiras em Portugal. Fazendo menção à escassez de informação sobre a realização de feiras nos primórdios da

				nacionalidade portuguesa, confirma-se que é na segunda metade do século XIII que a situação se reverte, passando as mesmas a proliferar por todas as províncias. Referência a muitas feiras, incluindo à da Golegã na categoria das feiras de gado.
006	Illustração Portugueza	20.01.1913	Sport Hípico. O seu culto elegante	Artigo da revista semanal *Illustração Portugueza* dedicado ao desporto equeste no feminino, abordando-se a forma como a mulher portuguesa monta a cavalo: de doces mulheres a destemidas e valorosas amazonas.
007	Illustração Portugueza	02.02.1924	Terras ribatejanas. Golegã.	Artigo da revista semanal *Illustração Portugueza* que começa por referir que "não há ninguém nesta parte sul do país que não conheça a Golegã pela sua famosa Feira de S. Martinho que ali se realiza desde 10 a 15 de novembro". Reforça dizendo que é uma feira com foros de antiguidade dando-se alguns exemplos que o atestam. Por exemplo, o distinto cavaleiro e toureiro, Marquês de Marialva, figura ímpar da corte portuguesa do século XVIII, nunca falhava esta feira. Elogia-se a Golegã, as suas paisagens, a menção na obra de Gil Vicente e a Quinta da Cardiga com as suas abundantíssimas pastagens.
008	Diário de Lisboa	12.11.1940	A feira de S. Martinho na Golegã	Notícia que dá conta da realização da Feira de S. Martinho, "a última do ano e das mais típicas pelo gosto dos ribatejanos ali apresentarem os seus melhores e mais bem arranjados cavalos". Referência aos criadores presentes - Veiga, Infante da Câmara e Palha - bem como proprietários de carros de cavalos – Paulino da Silva. Sucesso ao nível dos negócios efetuados.
009	Diário de Lisboa	11.11.1941	A Feira da Golegã	Notícia que dá conta da realização da Feira de S. Martinho indicando os criadores presentes. Destaca a presença de afamados cavaleiros tauromáquicos. Destaque para

				presença, no campo da Feira, de numerosas carruagens e automóveis.
010	Vida Ribatejana	08.11.1942	Feira da Golegã	Notícia que informa a realização da Feira da Golegã, nos dias 10 11 e 12 destacando ser “uma das mais importantes do país”. Refere também a esperada presença de milhares de forasteiros.
011	Correio da Extremadura	14.11.1942	O cavalo	Notícia que informa sobre a realização da Feira, “sempre o alvo de todas as atenções da lavoura regional”. Três dias de grande animação. A carência da gasolina não fez sentir a falta de automóveis que habitualmente conduziam, à Feira, as melhores famílias do Ribatejo. Estes foram substituídos por luxuosas equipagens. Identificação dos ferros das coudelarias que sobressaíram.
012	Vida Ribatejana	15.11.1942	A Feira de S. Martinho na Golegã	Notícia que dá conta da realização da Feira, adjetivando-a como a mais importante feira de gado do Ribatejo e uma das mais afamadas do país. Destaque para a existência de apenas dois pavilhões, à época denominados *stands*. Referência à “multidão”, à presença de afamados cavaleiros tauromáquicos e de campinos. Menção também para a realização de uma exposição de pintura.
013	Vida Ribatejana	14.11.1943	A Feira da Golegã	Notícia que dá conta que se encontra a decorrer a Feira de S. Martinho, na Golegã, a mais importante do país. Dá nota de que “vem gente de todos os recantos de Portugal”.
014	Dr. Motta Cabral José Luiz Ribeiro Vida Ribatejana	11.1943	São Martinho da Golegan	Número especial de Natal do Jornal Vida Ribatejana que contem uma reportagem alargada sobre a Feira de São Martinho. O recurso à fotografia ajuda a identificar e conhecer os protagonistas, nomeadamente os mais afamados cavaleiros, amazonas e condutores de carros de

				cavalos que circularam pelo Largo do Arneiro nestes três dias de festa.
015	Vida Ribatejana	05.11.1944	A Feira de S. Martinho na Golegã	Notícia publicada em vésperas de realização da Feira de S. Martinho, “a grande festa da Lavoura Portuguesa”. Nota para as novidades deste ano: a construção de pavilhões novos no Largo do Arneiro e novos estabelecimentos comerciais. Dá nota da preocupação relativamente à pequenez do recinto e dos constrangimentos que coloca. Inauguração de uma pensão para acolher visitantes. Proposta para a criação do “Grupo dos Amigos da Feira de S. Martinho” para apoiar a organização da Feira.
016	Correio da Extremadura	11.11.1944	Na Golegã. A Feira de S. Martinho está decorrendo com grande brilhantismo	A notícia começa por referir que “é de tradição cair o Ribatejo em peso na tradicional feira da Golegã”. Também pessoas de outras regiões do país. Assinala-se que neste ano a Feira revestiu-se de maior interesse pois sofre importantes benefícios: “a construção de vistosas casetas, stands e pavilhões decorativos, destinados à exposição de animais, produtos agrícolas, etc.”.
017	Diário de Lisboa	11.11.1944	A feira da Golegã é este ano muito concorrida	Notícia que dá conta da realização da Feira da Golegã. Referência aos *stands* onde se apresentam cavalos. Apresentação de reprodutores (não vendáveis) por parte da Estação Zootécnica da Fonte Boa, que não chegou a erguer um stand. Referência aos cavalos do Dr. Emílio Infante da Câmara e outros criadores que apresentaram alguns exemplares. Referência aos muitos negócios efetuados e aos convívios que decorrem em casa próprias ou de aluguer.
018	Vida Ribatejana	12.11.1944	Feira da Golegã	Notícia publicada no período que decorre a Feira, dando conta do êxito da mesma. Destaca a beleza e elegância das famílias que se comparecem, representando as mais

				afamadas coudelarias do Ribatejo e Alentejo, e da excelência do gado cavalar que apresentam.
019	Vida Ribatejana	19.11.1944	A Feira da Golegã	Artigo publicado depois da realização da Feira que faz uma apreciação detalhada do acontecimento. Salienta-se o elevado número de participantes e também de público. Destaque para a inauguração da cocheira do Dr. Emílio Infante da Câmara e do *stand* da coudelaria Coimbra. Destaca-se a presença de artistas tauromáquicos, entre eles, Conchita Cintron. Nota para a presença de jornalistas que acompanharam o evento. Menção curiosa para a "abundância de automóveis".
020	José Luiz Ribeiro Manuel Veiga Vida Ribatejana	12.1944	A Feira de. S. Martinho. Um quadro de múltiplas cores projetado à luz de um vigoroso ribatejanismo	Número especial de Natal do Jornal Vida Ribatejana que contem uma reportagem alargada sobre a Feira de São Martinho. O recurso à fotografia ajuda a identificar e conhecer os protagonistas, nomeadamente os mais afamados cavaleiros, amazonas e condutores de carros de cavalos que circularam pelo Largo do Arneiro nestes três dias de festa. Algumas críticas apontadas, nomeadamente à utilização do traje à espanhola e ao número "exageradíssimo" de automóveis que circulam no Largo do Arneiro.
021	Vida Ribatejana	04.11.1945	Feira de. S. Martinho na Golegã	Notícia que antecipa a realização da Feira, referindo a sua duração de três dias, sendo o principal o dia 11. Refere a presença das famílias coudélicas e a excelência do gado cavalar que apresentam. Salienta-se a falta de meios de transporte que dificultam, ainda, as deslocações à Feira.
022	Correio do Ribatejo	10.11.1945	Começa hoje. A feira da Golegã – um dos mais esplendorosos quadros da terra ribatejana.	Notícia que dá conta de que começa a Feira da Golegã, "um dos mais importantes mercados pecuniários da península". Identificação das categorias de renome presentes. Ambiente heterogéneo.

023	Diário de Lisboa	10.11.1945	A Feira de. S. Martinho realiza-se amanhã na Golegã	Notícia publicada na véspera da realização da Feira e que dá conta do ambiente festivo que já se faz sentir. Informa-se que muitos cavalos serão apresentados, dos quais alguns já estão vendidos. Identificação dos criadores que marcarão presença. Dá-se nota de que a Câmara remodelou a feira nesta edição, embelezando-a e tornando mais "característica". Foram erguidos vários stands "coloridos" e um pavilhão dedicado à restauração.
024	Diário de Lisboa	11.11.1945	A feira da Golegã teve hoje o seu dia grande	Notícia publicado no próprio dia da Feira. Enaltece o evento considerando-o "a mais importante feira de cavalos de raça de toda a península", elevando a um patamar superior ao da Feira de Sevilha, sua concorrente. Referência aos stands existente e aos respetivos criadores, bem como menção ao pátio do Dr. Emílio Infante da Câmara inaugurado no ano anterior. Referência aos vendedores ambulantes e aos produtos que comercializam. Referência ao corso da Feira e à atratividade que exerce. Menção à antiguidade da Feira: "há mais de dois séculos" de existência.
025	Vida Ribatejana	11.11.1945	Feira de. S. Martinho na Golegã	Notícia que dá conta do segundo dia da Feira da Golegã destacando que a mesma tem vindo a aumentar, em termos de renome e importância. A atração que a Feira exerce nos visitantes está relacionada com o negócio cavalar mas também com o lazer tanto para efeitos de contemplação dos belos exemplares equinos que ali são apresentados, como também para a vivência de todo o ambiente festivo.
026	P.L. Vida Ribatejana	18.11.1945	A Feira de. S. Martinho na Golegã. Chuva, alegria e uma grande multidão regozijada.	Artigo publicado após a realização da Feira fazendo uma apreciação detalhada da mesma. Salienta-se o elevado número de público que, neste ano, subiu consideravelmente (dezenas de milhares de pessoas):

				Salienta-se a utilização do automóvel e outros tipos de transporte, referindo-se as visitas de excursão. Identificam-se os proprietários dos pavilhões existentes, os quais não são apenas da Golegã. Nota para aquela que é considerada uma grande novidade: a edificação de um pavilhão destinado à restauração, comparando-se com um espaço semelhante existente em Sevilha. Destaca-se a comparação entre as Feiras - da Golegã e de Sevilha. Referência à presença de ciganos e aos manjares típicos da época: água-pé e castanhas assadas.
027	Diário de Lisboa	11.11.1946	A Feira de S. Martinho na Golegã mantem o seu carater	Notícia publicada no dia de S. Martinho que refere que a animação já se fazia sentir nas vésperas da Feira. É utilizada a expressão “costumados alpendres” para definir os pavilhões ou stands erguidos pelos criadores para apresentação dos seus exemplares equinos. Identificação de algumas figuras do meio equestre e/ou taurino presentes. Menção às visitas de excursão.
028	RP Diário de Lisboa	12.11.1947	A feira da Golegã precisa de ser ordenada para o ano que vem	Notícia publicada no último dia da Feira e que coloca a tónica na questão da falta de espaço em relação ao excessivo número de visitantes. Sublinha-se a necessidade de se tomarem medidas de alargamento. É referido que a própria pista já se torna pequena para o número de cavaleiros. Sugere-se a criação de um júri de admissão que evitaria o “triste espetáculo” e selecionado quem efetivamente tenha o que mostrar (em termos de qualidade) e que “saiba mostrar”. Nota interessante: “Golegã tem na mão um trunfo que lhe foi dado pela tradição e, vamos lá, pelas notícias dos jornais. Se não o joga como deve de ser, se não o aproveita bem, perde-o ingloriamente”.

				O autor apresenta toda uma fundamentação construtiva, conforme aquilo que entende que deve ser alterado na organização da Feira.
029	Vida Ribatejana	14.11.1947	A Feira da Golegã	Notícia que destaca mais uma edição da Feira da Golegã, uma Feira que vem "de velhos tempos" e sempre em crescendo. Dá-se nota de que a sua fama já ultrapassa Portugal, atingindo Espanha. Enorme afluência de visitantes. Destaque para um dos grandes êxitos da Feira – a apresentação dos cavalos da coudelaria Ervideira. Nota para a participação feminina, quer a cavalo, quer nas atrelagens. Habitual presença dos afamados artistas tauromáquicos.
030	Correio do Ribatejo	15.11.1947	Tradições ribatejanas. A Feira de S. Martinho na Golegã.	A notícia faz o contraste da vila da Golegã durante o ano, "dormente e rasteirinha", com as multidões que a invadem no período da Feira. A mescla de pessoas é o que melhor a descreve. Referência ao traje. Presença de Amália Rodrigues. Grandes coudelarias regionais presentes.
031	José Luiz Ribeiro Vida Ribatejana	12.1947	Pelo S. Martinho. O Ribatejo tem, na Golegã, a sua feira culminante no típico conjunto dos mercados pecuários	Número especial de Natal do Jornal Vida Ribatejana que contem uma reportagem alargada sobre a Feira de São Martinho. O recurso à fotografia ajuda a identificar e conhecer os protagonistas, nomeadamente os mais afamados cavaleiros, amazonas e condutores de carros de cavalos que circularam pelo Largo do Arneiro nestes três dias de festa. Referência à necessidade de ampliar o espaço da Feira. Menção á presença dos reis de Itália e muitos outros notáveis que se reuniram no Pavilhão do Restaurante Abidis.
032	Diário de Lisboa	11.11.1948	A feira da Golegã decorreu hoje com animação e pitoresco	Notícias da Feira e da sua habitual dinâmica. Refere a realização de um festival que movimentou a vila durante a

				manhã. Habitual dinâmica na parte da tarde, como sempre muito concorrida.
033	Correio do Ribatejo	13.11.1948	Tradições Ribatejanas. O SÃO MARTINHO foi rijamente festejado na Golegã.	Notícia que começa por dar conta de que a Feira cresce de ano para ano. Este ano foi enriquecida com uma corrida de toiros em que um dos participantes foi Manuel dos Santos, filho da terra. Ainda assim, o touro não destronou "o rei da planura", o cavalo. Salienta-se a heterogeneidade dos presentes: ciganos e "troquilhas" que se mesclam com equitadores, marialvas e lavradores. E "elas, não são dos menores atrativos da festa" – as amazonas. Destaque para os carros de luxo que vem das mais distintas proveniências e para uma "certa dose de snobismo", o que é desvalorizado porque ali há lugar para tudo e todos.
034	Pepe Luís Vida Ribatejana	20.11.1948	A Feira da Golegã teve este ano a maior concorrência jamais registada naquela vila ribatejana.	Artigo que começa por dar conta da maior afluência de sempre à Feira da Golegã, destacando o elevado número de excursões vindas de vários pontos do país. Referência ao almoço tradicional do dia de S. Martinho e ao Festival Taurino. Tónica na necessidade de alargamento da Feira e críticas à utilização do automóvel. Presença dos artistas tauromáquicos. Identificação de várias pessoas que se encontravam presentes. Crítica ao aumento do número de visitantes, contrariamente ao decréscimo do número de cavaleiros: "há trinta anos havia menos espetadores e mais espetáculo".
035	Vida Ribatejana	05.11.1949	A Feira de S. Martinho na Golegã realiza-se nos próximos dias 11, 12 e 13	Noticia que dá conta que se aproxima a "grande e tradicional" Feira de S. Martinho. Referência à extraordinária afluência de forasteiros. Referência à antiguidade da Feira e à sua ligação indissociável com o cavalo. Menção à realização dos "Bailes da Jaqueta", promovidos pelo Clube da Golegã.

036	Correio do Ribatejo	12.11.1949	Na Golegã. Gente, cavalos e toiros na feira de S. Martinho.	Notícia destaca que a mais "desencontrada" gente, tipos do mais surpreendente contraste, se encontram na Golegã. O chapéu de aba larga tanto cai na cabeça do marialva, como da amazona ou do cigano. É essa a grande curiosidade da Golegã. O interesse pela feira cresceu ainda mais agora que se introduziram as corridas de toiros e os bailes. Contudo, a hora suprema ainda é a do corso, quando um mar de gente invade o largo do Arneiro para ver passar e repassar, toda a tarde, os grandes protagonistas da feira.
037	Diário de Lisboa	12.11.1949	A Feira da Golegã não fez alarde de cavalos de raça mas foi concorrida e animada	Notícia onde se destaca que "a Feira da Golegã é um vício". Salienta-se o "ribatejanismo" da Feira onde caiu, há uns anos, "uma pontazinha de snobismo". Referência à antiguidade da Feira e à sua caracterização, fixada no século XVIII como "um retalho do Ribatejo, um mercado da pecuária cavala, um despique de ganadeiros, uma parada de força ribatejana a lembrar touros (…)". Descrição dos ambientes da Feira onde indivíduos e classes socais se misturam e a referência à existência de "duas feiras" complementares, mas distintas. Nota para a realização de uma, muito desejada, reorganização da Feira que originou algumas melhorias. Há, em toda esta notícia, uma constante deambulação entre a elevação e a subestimação da Feira, entre a crítica e a sua apologia.
038	Vida Ribatejana	19.11.1949	Esteve muito animada a Feira de S. Martinho na Golegã.	Artigo que faz o balanço da realização da Feira. Nota para a afluência de forasteiros, sendo de salientar as diversas excursões. Afluência compacta em torno dos três pavilhões existentes – Veiga, Coimbra e Ervideira. Identificação de cavaleiros no "corso", bem como de condutores de carros

				de cavalos. Festa no Clube da Golegã - presença de artistas de teatro, entre eles Vasco Santana.
039	Vida Ribatejana	11.11.1950	Feira da Golegã	Notícia que informa sobre o início da Feira da Golegã salientando, como habitualmente, a presença de milhares de forasteiros vindos de todos os pontos do país. Referência à realização do Baile das Jaquetas.
040	Diário de Lisboa	11.11.1950	Na Golegã, na Feira de S. Martinho apareceu o sol mas não apareceu o cavalo	Notícia que dá conta de que o a Feira da Golegã perdeu "a sua função essencial: a de mercado de cavalos selecionados e domados". Aponta-se como a principal causa o facto de o cavalo ter perdido a sua função como meio de transporte, sendo substituído pela generalização do uso do automóvel. Os cavaleiros tauromáquicos são os principais compradores. O autor enumera alguns aspetos que contribuem para a decadência da Feira.
041	Vida Ribatejana	23.11.1950	Feira de S. Martinho na Golegã	Artigo que dá conta da realização da Feira da Golegã, destacando o número de visitantes que se desloca de todo o país para apreciar a exposição e desfile de cavalos de raça. Referência ao trabalho dos criadores que "não fazem mais do que manter uma tradição bem portuguesa que não deve morrer". Identificação dos três pavilhões erguidos para a Feira: Veiga e Coimbra, do concelho da Golegã, e de Santarém o pavilhão de José Rodrigues Tropa cujos magníficos exemplares expostos muito atraíram as massas. Nota para a apresentação no corso do Dr. Artur Ervideira e dos exemplares que apresentou (cavalos e carros). Habitual presença dos artistas tauromáquicos. Espetáculo taurino e baile.
042	Vida Ribatejana	03.11.1951	A Feira de S. Martinho na Golegã	Notícia que comunica a aproximação da Feira da Golegã, "uma das mais importantes do país" que apresenta produtos das melhores raças cavalares do Ribatejo e não

				só. Referência à proibição da armação de barracas no Largo do Arneiro (e respetivas exceções). Distinção entre a Feira de S. Martinho e da Feira das Barracas. Esta segue a partir do dia 13 e até ao final do mês de novembro. Identificação dos membros da comissão organizadora da Feira.
043	Correio do Ribatejo	10.11.1951	Tradições ribatejanas. A feira de São Martinho. Cavalos, cavaleiros e jogos equestres, na Golegã.	"A feira não é uma feira porque é muito mais do que isso". Assim inicia a notícia. A feira desperta a admiração dos locais e dos forasteiros que pasmam com o que ali encontram. Identificação das coudelarias presentes. Novidade desta edição: a constituição de uma comissão que irá organizar a feira. Figura do Dr. Rui Andrade como o mentor das alterações que se avizinham. Prevê-se, neste ano que o número de visitantes aumente consideravelmente.
044	Vida Ribatejana	10.11.1951	Na Feira da Golegã, que começou hoje, realizam-se, amanhã, Dia de S. Martinho, Jogos Equestres, reatando-se, assim, uma antiga e bela tradição peninsular	Artigo que dá conta do início da Feira da Golegã. Começa por assinalar o falecimento do Dr. Emílio Infante da Câmara, lavrador ribatejano e grande amigo da Golegã. Identifica os elementos da comissão organizadora da feira: Rui Andrade, Jorge Castro e Patrício Cecílio. Assinala-se a introdução da realização de jogos equestres que melhor ajudam a apreciar a beleza dos cavalos e elegância dos cavaleiros. Será um ensaio para a futura competição. Do programa consta, entre outros jogos, a apresentação de cavalos montados e apresentação de cavalos à mão. Nota para a obrigatoriedade da utilização do traje e arreios adequados (aqui descritos). Menção aos prémios. Qualificação de "esplendor e atração invulgar" para o programa da Feira deste ano. Referência à feira das barracas e à realização do Baile das jaquetas.

045	Diário de Lisboa	12.11.1951	A feira da Golegã teve este ano uma cor diferente	Notícia que começa por dar conta de algumas alterações implementadas pela organização da Feira de S. Martinho, nomeadamente ao nível da regulamentação do uso de trajes e arreios, “e regulamentando também a venda ambulante no Largo do Arneiro. Outra implementação: a atribuição de prémios. Descrição do ambiente festivo.
046	Vida Ribatejana	08.11.1952	A Feira de S. Martinho, na castiça Vila Ribatejana da Golegã. Uma das mais famosas e importantes do pais, realiza-se nos dias 10, 11 e 12 do corrente mês.	Notícia que antecipa a realização da Feira da Golegã. Destaque para a realização de corridas de cavalos. Referência à forma de organização, aos prémios a atribuir e ao tipo de traje a envergar. Apresentação de comunicado da comissão executiva de organização da feira que revela a vontade de reanimar a Feira com a introdução destes novos acontecimentos. Referência à realização do Baile das Jaquetas. Identificação dos grupos e indivíduos que frequentam a Feira da Golegã. Referência final à Feira das Barracas. A «outra» Feira de S. Martinho Artigo assinado pelo colaborador goleganense do Jornal Vida Ribatejana, Joaquim Gavino de Vasconcelhos, dedicado à Feira das Barracas. Esta tem lugar após a realização da Feira de S. Martinho terminando no final do mês de novembro. O autor considera que é um acontecimento do qual raramente se fala. Tem um cariz mais popular do que a Feira que a antecede e é mais vocacionada para a classe trabalhadora.
047	Correio do Ribatejo	15.11.1952	A Golegã em festa.	Afluência extraordinária à Feira, “neste oásis feito de sol e de temperatura amena com que o São Martinho suaviza a monotonia do Outono”. A festa começa antes do sol nascer em todos os recantos do país de onde saem pessoas que se encaminham para a feira. A quantidade, e variedade, de meios de transporte é imensa e às vezes surpreendente.

				Piqueniques e arraiais pelo caminho. Na chegada à Golegã todos se rendem ao encanto. Crítica: o traje não tem o rigor de outros tempos: ignorância, indiferença ou mau gosto dos cavaleiros.
048	P.L. Vida Ribatejana	15.11.1952	Repetiu-se uma grande animação na tradicional Feira da Golegã.	Artigo que dá conta da realização da Feira da Golegã, com dias muito ensolarados. Assinala-se que um dos grandes objetivos da Feira é o negócio de equinos, motivo pelo qual eles devem ser apresentados, quer em exposição, quer no desfile ("com passagem repetida numa longa faixa à volta do Arneiro"): Observa-se a necessidade de alargamento do campo da Feira, motivada pelo excessivo número de visitantes. Constrangimentos derivados da redução do espaço destinado ao publico. Identificação dos três pavilhões erguidos: Veiga, Coimbra e Emílio Infante da Câmara (herds.). Provas e concursos, prémios e júri. Prémio para o cavaleiro infantil mais bem apresentado. Assinala-se a introdução da iluminação elétrica no campo da feira. Presença da esposa do Sr. Presidente da República, bem como representantes de várias entidades oficiais. Apelo ao respeito pela tradição.
049	Diário de Lisboa	11.11.1952	A nova imagem de carater folclórico e cosmopolita que nos deu este ano a Feira da Golegã	Notícia publicada em Dia de S. Martinho que dá conta do ambiente vivido no Largo do Arneiro. Faz menção às corridas de cavalos e aos prémios: para cavaleiro e amazona melhor apresentados, melhores cavalos, melhor equipagem e melhor stand. O júri exclui de admissão quem não se apresente trajado à portuguesa. Identificação de todos os cavaleiros que se apresentaram no corso. A "feira de mantas e arreios foi desterrada para mais longe". Crítica ao decréscimo de negócios cavalares.
050	José Luiz Ribeiro Vida Ribatejana	1953	A imagem do Ribatejo refletida na Feira da Golegã.	Número especial do Jornal Vida Ribatejana publicado na primavera de 1953, mas referente á edição da Feira de

				1952. Contem uma reportagem bastante alargada sobre a Feira de São Martinho com recurso ao uso da fotografia que ajuda a identificar e conhecer os protagonistas, nomeadamente os mais afamados cavaleiros, amazonas e condutores de carros de cavalos que circularam pelo Largo do Arneiro nestes três dias de festa. Observa alterações relativamente à Feira de há quarenta anos, documentada em obra do autor: "Tudo mudou". Referencia ao facto de, nessa ocasião, a feira das barracas decorrer nos mesmos dias da feira de gado. Referência a todo o tipo de classes sociais que frequentavam a feira, convivendo lado a lado. Identificação das provas desportivas realizadas, dos vencedores e dos prémios auferidos. Especial destaque para a presença, sempre notória e afamada, do Dr. Artur Ervideira que, não sendo ribatejano, mas sim alentejano, muito bem encarna o espírito deste grande acontecimento que decorre no coração do Ribatejo.
051	Diário de Lisboa	11.11.1953	Está a decorrer, com animação na Golegã, a tradicional Feira de S. Martinho	Notícia publicada em Dia de S. Martinho. Começa por relembrar os saudosos criadores Manuel Veiga e Emílio Infante da Câmara. Dá-se conta de que alguns criadores já não trazem à Feira os seus melhores exemplares, por questões de segurança, dada a afluência de cavaleiros amadores e carruagens que colocam em risco os animais seletos. Aponta-se a necessidade de ampliar o espaço, erradicando também os postos de venda. Apelo para que a Feira se mantenha tradicional, sem folclorismos ou importações. Identificação dos artistas tauromáquicos presentes e dos stands existentes. Menção aos bailes, nomeadamente o das Jaquetas.
052	Correio do Ribatejo	14.11.1953	O que nos disse o S. Martinho. Na Feira da Golegã triunfou a gente nova.	Notícia refere que a feira, já no século dezoito, era moda. Apesar dos muitos fatores que poderiam ter ameaçado a feira, como a generalização do uso do automóvel ou a

				motorização das forças armadas, não diminuiu a romagem à Feira da Golegã. Continuam aos milhares. Referência ao pavilhão do Abidis Hotel de Santarém, instalado no Largo do Arneiro com uma vista surpreendente para o corso. Com o cavalo em crise, as amazonas foram, mais uma vez, o atrativo da feira. Há de todas as idades, até as mais precoces que maravilham pela sua pequenez e graciosidade na sela. Gente a mais e cavalos a menos. Distinção para a comissão. Impera a democracia que permite juntar todo o tipo de gente e de animais. Saudades dos que partiram e muita falta fazem à Feira.
053	Vida Ribatejana	21.11.1953	Como era de prever a Feira da Golegã esteve concorridíssima	Artigo que dá conta da realização da Feira. Assinala-se novamente a importância do alargamento do campo do Arneiro. Identificação dos quatro pavilhões expositores. Venda ambulante. Pavilhão-restaurante muito concorrido. Excursionistas de Lisboa. Crítica à utilização do automóvel. Identificação de carros de cavalos avistados no corso, e seus proprietários. Presença habitual dos artistas tauromáquicos. Outros ilustres cavaleiros avistados no corso. Alargamento do desfile até à hora do jantar em virtude da instalação da iluminação elétrica. Apreciação do traje dos cavaleiros. Obstáculos à presença da imprensa. Resultados das provas.
054	Correio do Ribatejo	13.11.1954	Tradições regionais. O São Martinho e a feira da Golegã.	Sol a jorros, gente em barda e muita animação. Assim é o mote desta notícia. Romagem a meca de pessoas vindas de todo o lado. Parada de distinção e elegância. A heterogeneidade de sempre – marialvas, troquilhas, negociantes, equitadores, lavradores, criadores, toureiros, amadores da festa brava, ciganos - partilhando a mesma paixão ardente pelos “cavalinhos”. Instituição, pela primeira vez, de prémios para os melhores conjuntos. “A tradição que o povo defende avaramente mantém-se quase intacta

				e o tempo, esse transmutador dos hábitos, respeita-a carinhosamente. A Feira teve agora mais motivos de interesse.
055	Vida Ribatejana	20.11.1954	A Feira de S. Martinho de 1954	Artigo que dá conta da realização de Feira no ano de 1954. Importância dos laços sociais estabelecidos. Grande massa humana. Pavilhões das casas Veiga e Coimbra e pavilhão da restauração. Tónica na necessidade de ampliação do Arneiro. Almoço oferecido à imprensa. Identificação de cavaleiros e amazonas no corso, bem como de artistas tauromáquicos. Importância da figura de Artur Ervideira para a Feira da Golegã. Resultados dos concursos.
056	Correio do Ribatejo	12.11.1955	Tradições regionais. O São Martinho e a Golegã.	A notícia começa por referir que a Feira da Golegã é a última paragem do ribatejano no calendário das feiras da Borda de Água. O cenário repete-se a cada ano, tal como o atropelo e as multidões. Vivência social da Feira. "Morrem uns e nascem outros e parece que tudo aquilo está na mesma".
057	Pepe Luís Vida Ribatejana	19.11.1955	O tempo não favoreceu grandemente a Feira da Golegã mas esta realizou-se com muita concorrência	Artigo que efetua um balanço da realização da Feira. As condições climatéricas adversas não impediram a afluência da habitual multidão. Almoço para entidades oficiais. Mantém-se o alerta para a necessidade de ampliação do espaço da Feira. Identificação dos dois pavilhões existentes: casas Veiga e Coimbra, aos que se junta a exposição habitual no pátio Infante da Câmara (com quem a Comissão de Remonta da Guarda Nacional Republicana estabeleceu negócios). Comércio nas imediações. Identificação de cavaleiros, amazonas e atrelagens na *Corredoura* [que corresponde atualmente à manga]. Nomeação do cavaleiro que melhor trajou à

				portuguesa, Manuel da Assunção Coimbra. Destaque para as individualidades estrangeiras que visitaram a Feira. Ecos da Golegã Artigo que identifica algumas notas soltas acerca da Feira. Destaque, por exemplo, para a informação de que uma equipa de filmagens americana esteve a colher imagens da Feira para a Walt Disney. Nota também para a informação de que um lavrador, não residente na Golegã, ali adquiriu uma habitação para nela se instalar durante a Feira.
058	Diário de Lisboa	11.11.1956	A Feira de S. Martinho na Golegã. Seus bastidores ocultos e problemas.	Notícia que começa por destacar a questão do espaço que, considerando o crescente número de forasteiros nacionais e estrangeiros, necessita de ampliação. Ambiguidade causada pela instalação do pavilhão da restauração, que resolvia o problema dos almoços mas que causava constrangimentos de espaço. Bastidores da Feira: receções em casas particulares e alojamentos. Feira de barracas e afluência de visitantes. Receção oficial e aglomerados de pessoas.
059	PL Vida Ribatejana	17.11.1956	A Feira da Golegã decorreu sob um Sol radiante e na presença de numeroso público	Artigo que dá conta da realização de mais uma edição da Feira da Golegã. Assinala-se, como habitualmente, a afluência de público. Coloca-se a questão do alojamento de equídeos. Destaca-se, uma vez mais, a preocupação com a ampliação do recinto da Feira. Convidados de honra – várias individualidades. Nota para as relações sociais que a Feira promove. Presença do escritor Vitorino Nemésio. Descrição do ambiente da Feira. Presença da Comissão da Remonta do Exército que ali efetua negócios. Identificação de indivíduos – homens, mulheres e crianças – no corso.

060	Correio do Ribatejo	16.11.1957	Na Golegã. A feira de S. Martinho. O interesse pelo hipismo, lavradores e cavaleiros, ÁGUA-PÉ E CASTANHA ASSADA.	A notícia começa por referir que “faltar à Golegã, no dia de S. Martinho, só estando coxo ou engripado”. Descrição apelativa do ambiente, sempre a formigar. Milhentas pessoas na bem instalada caseta dos Herdeiros do Dr. Emílio Infante, nem davam espaço para os cavalos se exibirem. Ambiente no Pavilhão da Caridade e almoço oferecido às entidades oficiais. Toda a tarde animação no corso. Identificação dos cavaleiros e amazonas presentes, incluindo as mais novas gerações. Nos carros de cavalos, sempre o mais apreciado e elogiado, o sumptuoso Dr. Artur Ervideira.
061	Pepe Luís Vida Ribatejana	16.11.1957	A Feira da Golegã reafirmou a sua regional categoria atraindo imenso público	Artigo dedicado à realização da Feira da Golegã de 1957. Feira dos três dias, de 10 a 12 de novembro. Assinala-se que o evento faz parte do calendário dos amantes dos cavalos, de uma forma cada vez mais arreigada. Realização de um concurso de apresentação de cavalos de sela (apresentados à mão e montados). Indicação dos prémios. Referência aos pavilhões existentes: casas Veiga e Coimbra e os novos das casas de José Infante da Câmara e Francisco Ribeiro. Grande ex-libris da Feira: o corso. Identificação dos participantes, homens, mulheres e crianças. Tribuna de individualidades (incluindo estrangeiros). Pavilhão da Caridade – serviço de restaurante e chá. Receita reverte a favor da beneficência local. Locais e venda e a presença garrida dos campinos a colorir os ambientes. Programa taurino associado.
062	Diário de Lisboa	11.11.1958	Hoje foi o “dia grande” da Feira de S. Martinho na Golegã	Notícia que começa por destacar o bom tempo e a afluência de público. Referência aos cavaleiros presentes, destacando o goleganense Manuel dos Santos, figura muito característica da Golegã e da própria Feira. Pavilhão da caridade que fornece refeições aos forasteiros. Referência ao falecido Eng.º Manuel Veiga, o qual foi

				pioneiro na edificação de “stands” no Largo do Arneiro. Em torno do Largo encontram-se postos de venda (samarras, safões e chibatas), mas as barracas só se armam no fim. Referência ao Baile das Jaquetas e à razão da sua existência. Programa para o dia seguinte e destaque à figura de Patrício Cecílio, presidente da Câmara e mestre dos toureiros.
063	Correio do Ribatejo	15.11.1958	A Feira de São Martinho deu à vila da Golegã dias de maior animação e de espetacular interesse.	Notícia que começa por destacar a mescla de indivíduos que se observa. Destaca a beleza das amazonas. Não tem fim o mar de gente. Os frutos secos servem de aperitivo e convidam à prova da água-pé. Pavilhão da Caridade, erguido pelo município, onde se recebem os convidados oficiais. Paisagem social da Feira. Nota para os que partiram e que deixaram os seus substitutos, filhos e netos, igualmente obedientes à tradição. Identificação de quem esteve presente. Entrega de prémios. Baile da Jaqueta.
064	Pepe Luís Vida Ribatejana	22.11.1958	Com o mesmo e excecional interesse realizou-se a tradicional e famosa Feira da Golegã	Artigo sobre a realização da Feira. Destaca a presença de individualidades estrangeiras. Multidão de forasteiros. Cinco pavilhões erguidos. Pela primeira vez foi levantado o Pavilhão da Caridade, concorridíssimo restaurante e casa de chá. Carros (muito poucos) e cavaleiros presentes no corso. Presença, entre outros, do Mestre Nuno Oliveira. Cavaleiro inglês a montar aos oitenta e quatro anos de idade. Desfile de campinos. Crítica à presença de automóveis no Largo do Arneiro. Realização de um concurso de cavalos. Receções e sociabilidades dentro de portas. Stand da Quinta da Cardiga (família Sommer de Andrade). Receção no Pavilhão da Caridade. Resumo dos acontecimentos do terceiro dia da Feira.

065	José Luiz Ribeiro Vida Ribatejana	1959	Prossegue irradiante de cor o cartaz puramente ribatejo da Feira de S. Martinho na Golegã.	Número especial do Jornal Vida Ribatejana publicado na primavera de 1959, mas referente à edição da Feira de 1958. Contem uma reportagem bastante alargada sobre a Feira de São Martinho com recurso ao uso da fotografia que ajuda a identificar e conhecer os protagonistas, nomeadamente os mais afamados cavaleiros, amazonas e condutores de carros de cavalos que circularam pelo Largo do Arneiro nestes três dias de festa. Presença de figuras notáveis. Identificação dos pavilhões, incluindo o concorridíssimo, da Caridade. Referência a um ancião inglês de oitenta e quatro anos que toda a tarde cavalgou desembaraçadamente. Concurso de cavalos e raças. A presença de individualidades oficiais e o almoço oferecido. Reparo à circulação e permanência de automóveis no Arneiro.
066	Diário de Lisboa	11.11.1959	Dia de S. Martinho. Estiveram hoje na Golegã os toureiros mais representativos	Notícia publicada no Dia de S. Martinho que dá conta da realização da Feira. Fala-se da afluência, destacando os estrangeiros. Referência ao Pavilhão da Caridade e à ausência de Manuel dos Santos. Seis pavilhões foram armados no Largo do Arneiro. Presença dos ciganos que também ali se encontram para efetuar negócios. Presença de quase todos os cavaleiros tauromáquicos. Nota para a presença de alguns cavaleiros amadores vindos de Lisboa. Referência a outras feiras de S. Martinho.
067	Correio do Ribatejo	14.11.1959	A Feira da Golegã e a força da tradição.	Notícia que inicia valorizando a força da tradição, cuja Feira da Golegã é um excelente exemplo. Menos gente neste ano, possivelmente por ter sido realizada a Feira a meio da semana. Descrição dos ambientes e dos indivíduos presentes.
068	Vida Ribatejana	21.11.1959	A Feira de S. Martinho na Golegã	Artigo sobre mais uma edição da Feira da Golegã, onde o dia 11 foi, como habitualmente, o mais importante.

				Destaca-se a quantidade de cavaleiros em pista, “alguns deles ainda muito novos”. Muito público (vindo de vários pontos do país, incluindo de Espanha). Várias individualidades presentes na Feira brindadas com um almoço. Vários pavilhões, incluindo o da Caridade e do Município. Referência à “manga” e, entre outros, aos cavalos de pura raça lusitana. Nomeação de cavaleiros, amazonas e carros no desfile. Referência aos muitos jovens que deram realce ao “corso” do dia de S. Martinho. Realização do III Concurso de Apresentação de Cavalos de Sela. Prémios e vencedores. Animação noturna. Baile das Jaquetas e Pavilhão da Caridade. Realização, no dia 12, de uma prova de equitação de toureio de onde saiu vencedora Maria do Carmo Infante da Câmara.
069	Diário de Notícias	12.11.1960	A Feira de S. Martinho. Apesar do tempo incerto. Levou ontem à Golegã milhares de forasteiros. O Ministro da Justiça presidiu a um almoço oferecido pelo Município.	Artigo da primeira página do DN que dá conta da realização da Feira da Golegã. Começa por referir que o S. Martinho tem tradições na Golegã, que não são novidade, mas que importa sempre valorizar. Salienta a necessidade de respeitar o passado que a Feira acarreta e representa. Dá nota, apesar da chuva, da presença de “elegantes amazonas, excelentes cavaleiros e gente miúda trajando a rigor”. Nota para a realização de um almoço, no pavilhão da Câmara, junto à pista, para várias entidades e convidados. Refere todas as personalidades presentes. Nota também para a movimentação habitual em torno do comércio que é, pelo S. Martinho, muito concorrido.
070	Diário de Lisboa	11.11.1960	A Feira de S. Martinho na vila da Golegã ressentiu-se das chuvas que prejudicaram a lavoura	Notícia que começa por dar conta de que o mau tempo prejudicou, na véspera, a realização da Feira. Já em dia de S. Martinho faz-se referência aos presentes e àqueles que ainda hão-de chegar (os lisboetas). Critica ao facto de o Largo da Feira ainda não ter sido alargado. Nota para a previsão de ausência de muitos lavradores, preocupados

				com os prejuízos causados pela chuva. Almoço oficial. Postos de vendas e as compras efetuadas. Ausência de novo, do ex-matador de touros, Manuel dos Santos
071	Jornal O Século	12.11.1960	O Dia Máximo da Feira de S. Martinho na Golegã registou grande afluência e fizeram-se regulares transações	Notícia que começa por referir, apesar do mau tempo, que se registou grande afluência à Feira de S. Martinho. Dá conta dos notáveis exemplares expostos. Faz referência aos cavaleiros, campinos e atrelagens que circulavam na "corredoura". Destaca a presença, na pista, de Maria do Carmo Infante da Câmara, entre outros, desde cavaleiros tauromáquicos a afamados lavradores. Refere o almoço oferecido às entidades e individualidades no pavilhão da Câmara. Menciona o ambiente vivido na feira de muares e outros gados. Dá conta dos eventos a realizar no dia seguinte: concurso do melhor cavalo de toureio e baile.
072	Vida Ribatejana	19.11.1960	A Feira da Golegã mesmo prejudicada pelo mau tempo teve grande concorrência	Artigo dedicado à edição da Feira da Golegã de 1960. Começa por remeter para a reportagem, do Jornal *Diário de Notícias* de 12 de novembro do corrente ano. A chuva não afastou os forasteiros. Referência aos cavaleiros e amazonas, incluindo crianças, trajando a rigor. Individualidades presentes. Assinala-se a presença de muitas barracas de venda, incluindo comida e bebida. Preços regateados. Importantes transações de gado. Comissão da Remonta do Exército e a Camara de Lisboa efetuaram negócios de cavalos. Realização do Concurso do Cavalo de Sela. Vencedores e prémios. Também o Jornal *O Século* dedicou uma reportagem à Feira da Golegã que é reproduzida neste artigo salientando idênticas questões: a afluência do público, cavaleiros e amazonas presentes na corredoura. Destaca a presença da "amazona menina" Maria do Carmo Infante da Câmara. Referência à Feira de Muares e ao "cigano barulhento".

073	Fernando Saldanha Mendes Correio do Ribatejo	11.11.1961	A FEIRA DE SÃO MARTINHO que ontem começou, na Golegã, terá hoje o seu dia maior, prosseguindo amanhã.	Notícia veicula os habituais magotes de pessoas, a beleza das amazonas. Prolongamento da feira das quinquilharias até ao final do mês. Visitantes vindos dos mais distantes pontos do país e do estrangeiro. Habilidade dos ciganos para os negócios. Há aqueles que se deslocam com o interesse na água-pé. As noites da Feira.
074	Diário de Lisboa	11.11.1961	A Feira de S. Martinho levou hoje à Golegã numerosos forasteiros. Fizeram-se muitas transações.	Notícia publicada no grande dia da Feira, dia de S. Martinho, que começa por dar conta da habitual afluência de visitantes, destacando a afluência de estrangeiros. Referência à edificação dos pavilhões dos criadores e barracas de comes e bebes. Menção ao desfile e à prestação dos participantes, incluindo campinos. Presença dos ciganos e dos truques usados para a realização dos seus negócios. Baile da Jaqueta e a sua composição social. Almoço oficial.
075	Vida Ribatejana	25.11.1961	A Feira de S. Martinho na Golegã esteve concorridíssima	Começa por referir que a Feira tem séculos de tradição e que é a mais importante, no seu género, que se realiza em Portugal. Contam-se dezenas de milhares de forasteiros, nacionais e estrangeiros atraídos pelo brilhantismo e singularidade da Feira. Referência à presença de ciganos e das suas artimanhas. Água-pé e castanhas assadas. Referência ao ambiente social do Pavilhão da Caridade e do Baile das Jaquetas.
076	Correio do Ribatejo	10.11.1962	A FEIRA DE S. MARTINHO começa hoje na Golegã TENDO AMANHÃ O SEU DIA MAIOR.	Notícia destaca a realização do 4º Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela promovido pela Sociedade Hípica Lebreira do Ribatejo. Apreciação por um júri que classifica atendendo à perfeição das formas, equilíbrio, temperamento, etc. Realização de uma prova de equitação de toureio.

077	Correio do Ribatejo	17.11.1962	A FEIRA DE SÃO MARTINHO é a alegria da Borda d'Água no coração do Ribatejo, tendo sido visitada pelos srs. Ministro das Corporações e Subsecretário das Obras Públicas.	Notícia que destaca a ideia de que não é só o cavalo que leva as pessoas à Golegã. É também o convívio e as relações. Sempre lembrados aqueles que partiram e deixaram saudades Afluência desmedida. Entidades oficiais presentes. Baile das Jaquetas.
078	A. Martins Ferreira Vida Ribatejana	17.11.1962	A Feira de S. Martinho na Golegã	Artigo sobre a realização da Feira. Utiliza a expressão *sãomartinheiros* para se referir aos visitantes e "Meca do cavalo" para se dirigir à vila. Presença de muitos cavaleiros, incluindo mulheres e crianças. Ambiente nos pavilhões, da Caridade e Municipal. Convidados de honra. Seleção de cavalos para a Remonta (espaço reservado no centro da pista), não sendo "famosos" os exemplares apresentados. Nota para a existência de apenas 3 pavilhões de criadores ("pena não serem mais!"). O "outro S. Martinho" – o da água-pé, das castanhas, das louças, das samarras e do vinho novo "não precisa de ser contado, a sua história está lá, de há muito, naturalmente feita, tão conhecida é de todos". Terminada a Festa do Cavalo começa a "feira das barracas" que se prolonga até ao fim do mês.
079	Correio do Ribatejo	16.11.1963	A Feira da Golegã apesar do tempo chuvoso registou grande concorrência REALIZANDO-SE O VII CONCURSO DE CAVALO DE SELA.	Notícia que dá conta da chuva que se fez sentir na Golegã. Só o gosto e a força da tradição explicam a forte adesão. Raid hípico realizado debaixo de um forte temporal. Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela e resultados. Comércio variado, com predominância para samarras e safões. Compras de cavalos efetuadas pela comissão de remonta da GNR.
080	A. Martins Ferreira Vida Ribatejana	16.11.1963	Este ano ainda houve cavalos na Feira de S. Martinho na Golegã.	Referência aos apaixonados pelos cavalos que mantém a tradição de participar na Feira da Golegã e ao efeito benéfico que a Feira tem nos seus apreciadores. Referência o trabalho de seleção e apuração do Cavalo.

				Referência às artes equestres que se aprecia no corso e aos seus executantes. Identificação dos pavilhões existentes. Identificação das provas realizadas e dos respetivos vencedores. Almoço oficial e seus convidados. Identificação dos cavaleiros e amazonas que circulavam no "corso", bem como condutores de carros de cavalos. Fizeram-se, segundo é dito, centenas de vendas e compras de cavalos, e outras tantas se desfizeram.
081	Diário de Lisboa	11.11.1964	Dia de S. Martinho. O S. Martinho na Golegã.	Notícia sobre o Dia de S. Martinho a qual refere os festejos na Golegã. Dá-se conta do bom tempo e do sucesso das transações efetuadas. Identificação dos pavilhões montados no Largo do Arneiro. Pavilhão da Caridade e seus propósitos. Pavilhão oficial da Câmara Municipal. Realização de mais uma edição do Baile da Jaqueta.
082	Correio do Ribatejo	13.11.1965	Tradições ribatejanas. A Feira da Golegã.	Notícia começa com uma critica à falta de gosto e de sol. Coudelarias representadas. Almoço oferecido pela Câmara Municipal. Longa lista de convidados. Cavaleiros que se destacaram no corso e Baile das Jaquetas.
083	Diário de Lisboa	11.11.1966	Às festas da Golegã assistiu hoje o Ministro da Economia	Em dia de Feira de S. Martinho destaca-se a presença do Ministro da Economia. Boatos apontavam para a não realização da Feira devido à epidemia no gado cavalar. Feira realizou-se com bastante afluência e animação. Realização do corso e prémios para o cavaleiro que se apresenta mais rigorosamente trajado à portuguesa. Referência ao Baile das Jaquetas e a um concurso inédito, para apuramento da Rainha de Beleza Cigana. Oitavo concurso de apresentação de cavalos de sela.
084	Correio do Ribatejo	11.11.1967	A Feira de S. Martinho que ontem começou na Golegã é hoje visitada pelo Chefe do Estado e membros do Governo.	A notícia começa por destacar a visita oficial do Chefe de Estado e membros do Governo. Descrição dos ambientes. Apresentação do Programa da Feira. Atribuição de prémios

				aos cavaleiros e amazonas mais bem vestidos. Eleição da Rainha da Beleza Cigana. Baile no Pavilhão da Caridade.
085	Correio do Ribatejo	16.11.1968	A Feira da Golegã recebeu a visita do Secretário de Estado da Agricultura tendo decorrido com o maior entusiasmo e animação.	A notícia começa por referir os efeitos de um tornado que passou pela Golegã nas vésperas da Feira. Realização do Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela com a presença de grande número de pessoas. Numerosos pavilhões.
086	Correio do Ribatejo	15.11.1969	A Feira da Golegã e a força da tradição.	A notícia começa por referir que só a força da tradição explica que nem as chuvas fizeram esfriar o calor da festa. Mostra de todas as atividades económicas do concelho. Distribuição de prémios aos expositores. Realização de uma picaria à vara larga que atraiu milhares de visitantes. Pavilhões erguidos, incluindo o Pavilhão da Caridade, Movimento Nacional Feminino e Municipal. Visitas oficiais e discursos.
087	Correio do Ribatejo	14.11.1970	O São Martinho. CAVALOS E CAVALEIROS na Feira da Golegã.	Segundo a notícia, a Golegã é um mundo por estes dias. Valorização das relações sociais. Visitas oficiais e identificação das individualidades presentes.
088	Diário de Lisboa	11.11.1971	Começou hoje a Feira de S. Martinho na Golegã.	Notícia que dá conta do início da Feira de S. Martinho. Referência à presença do Secretário de Estado da Agricultura que presidiu à inauguração. Referência à antiguidade da Feira: “que há mais de 300 anos se realiza nesta vila e é um dos certames mais castiços do país, aspirando justamente o título de Feira Nacional do Cavalo”. Apresentação do programa que inclui a eleição da Rainha de Beleza Cigana. Identificação dos elementos que compõem a comissão executiva da Feira.
089	Correio do Ribatejo	13.11.1971	A Feira de São Martinho teve a presença do Secretário da Agricultura.	É apontada a questão da tradição para explicar as multidões que continuam a rumar à Golegã. Cada vez maior o número de entidades oficiais presentes e de

				individualidades convidadas. Continuidade dos que, entretanto, partiram nos seus descendentes. O interesse na feira aumentou neste ano atendendo à quantidade de cavalos que circularam no corso.
090	Vida Ribatejana	04.11.1972	Programa da Feira Nacional do Cavalo	Programa da Feira da Golegã, já como Feira Nacional do Cavalo. Concursos, Raids e Corso de Amazonas, Cavaleiros e Equipagens. Receções oficiais e convidados de honra.
091	Correio do Ribatejo	17.11.1973	A Feira Nacional do Cavalo em que o Chefe de Estado se fez representar pelo Ministro do Interior.	Notícia dá conta que a Feira de S. Martinho, agora promovida a Feira Nacional do Cavalo, remoçou. Neste ano a Feira teve uma duração de nove dias. Apresentação do Programa onde se verifica a organização de vários concursos, outras competições e demonstrações hípicas. Presença das já habituais entidades oficiais convidadas.
092	Diário de Lisboa	11.11.1974	Feira da Golegã. Reforma Agrária em discussão. .	Notícia publicada em dia de S. Martinho que dá conta do esmorecimento do negócio cavalar. Informa que pouco público esteve presente e que mais atenção foi dada ao vinho e às castanhas do que ao desfile de cavalos. Influencia do contexto nacional vivido, menção às ideologias políticas que estiveram presentes nesta edição da Feira. Nota para realização de uma sessão política sobre a reforma agrária a decorrer no próprio dia de S. Martinho.
093	Correio do Ribatejo	16.11.1974	Na Golegã. A FEIRA DE S. MARTINHO teve a presença do Ministro da Administração Interna, decorrendo com o maior interesse.	A notícia começa por referir uma paisagem humana que se alimenta, em muito, do passado recordando as grandes figuras a quem os mais novos devem honrar a memória: Manuel Veiga, Emílio Infante, José Infante da Câmara, João Coimbra e Artur Ervideira. Realização dos habituais concursos. À noite, uma sessão de canto popular “agora possível de ser ouvido livremente” no Cineteatro.

				Exposição sobre a agricultura na China e colóquio sobre a construção no socialismo no país (reversão agrária chinesa e comuna agrícola). No Arneiro, os cavalos circulavam sob o olhar dos proprietários, tratadores e interessados. Pavilhão da Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas. Dr. Carlos Veiga refere que há duas vertentes na Feira: do criador e do aficionado. O segundo demonstra as suas habilidades na arte de bem cavalgar, o primeiro tem em vista o negócio: "não estaríamos aqui só pela simples exposição de animais". Presença do ministro da Administração Interna. Otimismo relativamente ao futuro: enquanto a criação de cavalos for viável os criadores querem participar no desenvolvimento económico do país. Cotação internacional da Feira da Golegã. Coudelarias presentes: Casa Veiga, Ortigão Costa, Fernando Sommer de Andrade, D. João de Noronha, José Infante da Câmara e José Serrão de Faria, este último o Presidente da Comissão organizadora da Feira. A maior parte das coudelarias vendeu a totalidade dos animais presentes. Várias iniciativas introduzidas pela Comissão da Feira, entre elas a realização de uma sessão no Cineteatro dedicada à reforma agrária, com a participação de diversos partidos políticos. Descrição pormenorizada dos trabalhos.
094	Correio do Ribatejo	15.11.1975	A Feira da Golegã.	Notícia que apresenta uma retrospetiva do que sucedeu na Feira de 1975. Realização dos habituais concursos e entregas de prémios. À noite teatro e folclore e um colóquio sobre Reforma Agrária com a presença de técnicos do Instituto da Reforma Agrária (IRA). O dia de S. Martinho foi, como sempre, o mais importante no que se refere a transações e desfile de cavalos à mão, montados e

				engatados. A notícia não refere quem esteve presente, nem as coudelarias, nem que indivíduos.
095	Comissão Organizadora da Feira	1976	Concurso de Apresentação de Poldros e Poldras de 3 anos	Regulamento da Feira de São Martinho de 1976 relativo ao funcionamento do Concurso de Apresentação de Poldros e Poldras de 3 anos a realizar no recinto da Feira.
096	Correio do Ribatejo	11.11.1977	NA GOLEGÃ. A III Feira Nacional do Cavalo começou ontem na Golegã, com o Concurso de Apresentação do Cavalo de Sela, iniciando-se amanhã o Concurso Nacional de Saltos.	Notícia publicada no segundo dia de Feira que dá conta que o interesse despertado pelos amantes do hipismo aumentou com a realização da III Feira Nacional do Cavalo. Apresentação do Programa com todos os acontecimentos calendarizados.
097	Vida Ribatejana	11.11.1977	Começou a Feira da Golegã (III Feira Nacional do Cavalo)	Notícia que remete para o início da Feira, Feira Nacional do Cavalo "como hoje se designa" e que conta com "mais de trezentos anos". Fala da enorme afluência de visitantes, incluindo estrangeiros, espanhóis e franceses. Identificação de eventos realizados, como concursos e a exibição de filmes. Identificação de eventos a realizar
098	Correio do Ribatejo	18.11.1977	A Feira da Golegã teve milhares de visitantes e mais alguns cavalos.	Notícia que começa por evidenciar o renascimento da Feira da Golegã como a fénix das cinzas. Importância económica do certame. Extraordinário aumento da procura depois de uma grande redução de efetivos cavalares (em consequência da revolução do 25 de abril de 1974). Ao momento, a procura excede a oferta. Procura internacional imensa, sem capacidade de resposta. Preço dos cavalos – raça lusitana a mais vendida. Alterações promovidas pela Câmara Municipal: introdução de pavilhões coletivos e construção do pavilhão municipal para vários efeitos. Mais de uma centena de concorrentes para o concurso do cavalo de sela e outro tanto não foi admitido, o que revela o crescimento da Feira. Concursos equestres infantis. Identificação das crianças presentes, entre elas, duas

				filhas do Mestre Luís Valença. Abundância de estrangeiros: franceses, espanhóis, suíços, polacos e sul-africanos. A Golegã em filme.
099	Correio do Ribatejo	10.11.1978	A FEIRA DE S. MARTINHO está a decorrer na Golegã, com grande brilho e concorrência, devendo ter hoje, amanhã e depois os seus dias grandes.	Notícia publicada durante da Feira de S. Martinho, que decorre com grande brilho e concorrência. Apresentação dos eventos programados. Dever social de ir à Feira da Golegã. Relembra-se as grandes figuras da Feira: Veigas, Infantes, Coimbras e Ervideiras, a cuja memória se respeita e venera. Tempos difíceis, avessos ao luxo, mas que não coíbem a apresentação de belos exemplares de cavalos de raça e equipagens.
100	Correio do Ribatejo	16.11.1979	Bons cavalos e muita gente no S. Martinho da Golegã,	A Golegã a ser a Golegã de sempre. Nem a gasolina "pela hora da morte" demoveu novos e velhos de se apresentarem no Largo do Arneiro. Comércio – stands e barracas, maquinaria agrícola e automóveis. "Tudo ali se vendendo e comprando". Eventos equestres. Afiança-se o número de 4000 pessoas presentes, estando, no domingo, "a Golegã a rebentar pelas costuras". Dificuldades financeiras da Comissão da Feira, perante compromissos assumidos e um programa festivo extremamente longo.
101	Correio do Ribatejo	14.11.1980	A Golegã e o S. Martinho.	Notícia que relata que esta Feira fez da Golegã o maior polo de atração para milhares de pessoas que "não enjeitam a tradição e prestam culto às belezas de quatro patas". Duzentos exemplares admitidos ao Concurso de Sela. Raid Hípico de São Martinho, entre a Golegã e Coruche. Ao vencedor foi atribuída choruda compensação "pela canseira". Descrição do ambiente animado e colorido da Feira.
102	Correio do Ribatejo	13.11.1981	Na Feira da Golegã. Evocação a Carlos Relvas. A figura e a obra do lavrador-artista.	A notícia começa por apresentar uma exposição retrospetiva da obra de Carlos Relvas, promovida pela

				Câmara Municipal da Golegã. Inauguração do Museu – estúdios Carlos Relvas. Muitos notáveis presentes, entre eles, o ministro da Cultura, Lucas Pires. O ministro da Agricultura, Basílio Horta, inaugurou a Feira. Pinhões pela hora da morte e castanhas com um custo elevadíssimo. Presença de muitos estrangeiros. Transações de cavalos a preços elevados.
103	Correio do Ribatejo	12.11.1982	A Golegã e o S. Martinho REGISTARAM AO TEMPORAL.	A notícia inicia referindo que o mau tempo não prejudicou a realização da Feira, a Golegã resistiu ao temporal. Foi dado cumprimento ao programa. Preço dos exemplares chegou aos mil e duzentos contos.
104	Correio do Ribatejo	11.11.1983	A IX FEIRA NACIONAL DO CAVALO está decorrendo na Golegã, onde hoje e amanhã terão lugar os Concursos Nacional de Saltos e de Apresentação de Cavalos montados à Portuguesa.	Notícia que informa que está a decorrer mais uma Feira Nacional do Cavalo, a “Meca dos amadores do hipismo”. Apresentação do Programa, entre o qual se destaca uma apresentação da Escola Portuguesa de Arte Equestre.
105	Correio do Ribatejo	15.11.1985	NA GOLEGÃ. Bons cavalos e melhores cavaleiros na Feira de S. Martinho.	Notícia que começa por destacar que nada “faz arredar pé da Golegã”. Nem o mau tempo, nem as trovoadas. Neste ano os concursos de equitação repartiram-se entre a Quinta da Labruja e o Largo do Arneiro, suscitando muito interesse. Muito comércio. “Quanto a cavalos, não há palavras para descrever as provas”. No fim de semana houve um mar de gente. Largos milhares de contos em transações feitas nos bastidores da Feira. Grande afluência de estrangeiros, desta vez não só como observadores mas como negociantes.
106	Correio do Ribatejo	14.11.1986	O PRESIDENTE DA REPÚBLICA visitou Rio Maior e Golegã no último fim -de-semana. Golegã viveu animadamente a Feira Nacional do Cavalo – Feira de S. Martinho.	Notícia que começa por referir as visitas do Chefe de Estado, Dr. Mário Soares ao Ribatejo. Na Golegã visitou o Largo do Arneiro demoradamente. Almoço oficial. Necessidades apresentadas pelo Presidente da Câmara José Melancia.

107	Câmara Municipal da Golegã Museu Carlos Relvas FAOJ	1987	Concurso O Jovem e a Fotografia	Regulamento do Concurso de Fotografia *O Jovem e a Fotografia* subordinado ao tema: O Cavalo na sua Feira Nacional.
108	Correio do Ribatejo	11.11.1988	NA GOLEGÃ. A FEIRA NACIONAL DO CAVALO/FEIRA DE S. MARTINHO termina no domingo.	Notícia que informa que tem estado a decorrer a Feira Nacional do Cavalo, na Golegã. Programa de nove dias que se baseia fundamentalmente em provas hípicas de toda a natureza.
109	Direção Geral da Pecuária	1991	----------	Cópia do Decreto de 10 de junho de 1865 que institui o "Concurso Anual de Gado Cavalar" a realizar na Golegã por ocasião da Feira de S. Martinho.
110	B.F. Correio do Ribatejo	15.11.1991	A FEIRA DE S. MARTINHO E NACIONAL DO CAVALO levaram dezenas de milhar de visitantes à típica Vila.	Salienta-se as dezenas de milhares de visitantes ávidos de assistir às mais variadas manifestações equestres. Dos cavalos, "por muito que se diga, ficará quase tudo por dizer". Neste ano, mais do que nos outros, cavaleiros e amazonas vestidos a preceito – ressurgimento dos trajes tradicionais. O recinto da Feira quase se transformou numa passagem de moda, para quem monta a cavalo. Grande afluência esgotou os quartos e as boxes para cavalos, os quais foram contabilizados em mais de 1500. O Largo do Arneiro é o local privilegiado para a exibição de cavalos e cavaleiros e a Quinta da Labruja, para a realização das provas hípicas.
111	----------	10.11.1992	Baile da Jaqueta	Menu referente ao Baile da Jaqueta de 1992, o qual se realizou a 10 de novembro, na Discoteca Lagar D. Diniz na Golegã. Indicação do valor da entrada e descrição da ceia.
112	Correio do Ribatejo	13.11.1992	Muitos milhares de visitantes acolheu a Golegã por ocasião da Tradicional Feira de S. Martinho – Feira Nacional do Cavalo.	Mais uma vez se destaca as dezenas de milhares de visitantes: "A Golegã foi pequena, como de costume, para receber tanta gente". Comunidade equestre, de todas as idades, caprichando no vestir a rigor. A Feira continua a ser o local para as grandes transações, embora longe vá o

				tempo em que se realizavam as grandes remontas para o Exército.
113	Correio do Ribatejo	17.11.1995	O S. MARTINHO NA VIDA DA GOLEGÃ MANTEVE A TRADIÇÃO.	Milhares de pessoas mantêm a tradição de visitar a Feira da Golegã. Cinco dias de Feira com um cartaz aliciante.
114	AFNC	02.09.1995	Feira Nacional do Cavalo – Feira de São Martinho.	Publicação em DR dos Estatutos que criam a Associação Feira Nacional do Cavalo. Cópia extraída da escritura realizada a 14 de julho de 1995 no Cartório Notarial da Golegã.
115	Correio do Ribatejo	13.11.1998	Feira de S. Martinho – Feira Nacional do Cavalo – decorre até domingo, dia 15, na Vila da Golegã.	Notícia informa que tem estado a decorrer a Feira da Golegã, há vinte e três anos transformada em Feira Nacional do Cavalo. Programa recheado de manifestações equestres. Dia de S. Martinho o mais concorrido. Inauguração do monumento ao Cavalo Lusitano situado na rotunda à entrada da Vila. À tarde, comemoração dos 250 anos da Coudelaria de Alter e à noite, destaque para o espetáculo da Escola Portuguesa de Arte Equestre.
116	Correio do Ribatejo	12.11.1999	"VERÃO DE S. MARTINHO". Leva milhares à Feira do Cavalo na Golegã.	O tempo ajudou à festa, assim começa a notícia. As ruas encheram-se de gente e a tradição manteve-se. Gastronomia, provas realizadas e prémios atribuídos, consoante o calendário programado. Provas destinadas a crianças e jovens.
117	AFNC/CMG	05.11.2002	I Simpósio Europeu do Cavalo Lusitano	Programa do I Simpósio Europeu do Cavalo Lusitano, iniciativa que constituiu um marco para o reenquadramento técnico e científico da criação do cavalo Puro-Sangue Lusitano.
118	O Mirante	09.11.2006	Hotel Lusitano inaugurado na Golegã	Notícia que se refere à inauguração do Hotel Lusitano, o qual se tornou uma referência local ampliando a

				capacidade hoteleira da vila durante a Feira Nacional do Cavalo.
119	Equisport	13.11.2006	Golegã: A melhor feira de sempre	Artigo que faz um balanço da Feira da Golegã de 2006. A "melhor Feira de sempre" foi a expressão utilizada pelo Presidente da Câmara para qualificar esta edição da Feira. Nota para a homenagem efetuada a João Costa Ferreira, então Diretor do Serviço Nacional Coudélico.
120	Equisport	02.11.2007	Golegã: É proibido andar a cavalo no Largo do Arneiro a partir da uma da manhã	Artigo que faz menção à proibição implementada nesse ano de montar a cavalo na Feira da Golegã a partir da uma da manhã. Medida imposta pela organização para garantir maior segurança no recinto da Feira.
121	Pombalinhense	19.04.2008	Correaria Silvério	Artigo que resulta de uma visita à Correaria Silvério, no Pombalinho.
122	Público	06.11.2009	Feira dedicada ao cavalo começa hoje na Golegã	Notícia do Jornal Público que dá conta do início da Feira da Golegã, salientando o seu carácter tradicional, rural e marialva e as centenas de visitantes que recebe.
123	A Barca	03.11.2011	Guardiões da Tradição Equestre	Artigo que apresenta três coudelarias da Golegã - Manuel Veiga, Manuel Assunção Coimbra, Coimbra de Castro Canelas – como fiéis depositárias e transmissoras de uma cultura equestre secular.
124	Equisport	03.11.2011	Golegã em Novembro, uma Ode aos Sentidos!	Texto poético, multissensorial, que carateriza a Golegã no mês de novembro, mês da tradicional Feira de São Martinho.
125	O Mirante	05.11.2012	Escultura "Bem vindo à Feira" inaugurada na Golegã	Notícia que dá conta da inauguração da escultura "Bem vindo à Feira", da autoria de Rui Fernandes, que pretende homenagear os goleganenses e os milhares de pessoas que todos os anos visitam a Feira da Golegã.

126	Equisport	05.05.2015	A Tradição da Casa Veiga (Parte I)	Artigo de opinião, editado pela primeira vez em 1991, sobre a história da Casa Veiga.
127	Sol e sombra	03.12.2015	Golegã: Cavalos, Castanhas e Vinho ….	Artigo que faz um balanço da realização da Feira destacando o ambiente festivo. Entre outros aspetos destaca-se a apresentação de "miúdos de palmo e meio (…) trajados a rigor, seguindo os passos dos pais e avós".
128	O Mirante	03.03.2016	Circulação de carros de cavalos na Golegã só com autorização da Câmara	Notícia que informa que a circulação de carros de cavalos para fins turísticos, na Golegã, passa a obedecer a regras definidas pela Câmara Municipal.
129	Equisport	05.05.2016	A Tradição da Casa Veiga (Parte II)	Segunda parte do artigo de opinião sobre a Casa Veiga, desta vez focando na atualidade.
130	Barreira de sombra	18.11.2016	Casa Bastinhas na Feira da Golegã	Como habitualmente a família Bastinhas marcou presença da Feira da Golegã. Inauguração da caseta pelo casal Bastinhas contando com a presença da família e amigos. Esta caseta em concreto representa uma ligação entre a tauromaquia e o meio equestre.
131	João Gorjão Clara Portal Equitação	17.01.2017	De Novo o Traje de Amazona	Artigo do especialista João Gorjão Clara dedicado ao Traje de Amazona que navega pela história da sua utilização.
132	Bruno Caseirão Portal Equitação	16.07.2017	D. José de Athayde	Artigo de opinião publicado pela ocasião do falecimento de D. José de Athayde, que recupera um discurso do autor proferido em 2014, aquando da homenagem que a AFNC lhe prestou no âmbito da Feira Nacional do Cavalo.
133	Portal Equitação	31.07.2017	Estudar em Elvas	Artigo dedicado à Escola Superior de Elvas, a única no país a oferecer uma Licenciatura em Equinicultura.

134	Bruno Caseirão Portal Equitação	28.07.2017	Portugal e o seu património equestre	Artigo de opinião em que o autor expressa o seu entendimento acerca da importância da preservação da Cultura Equestre Portuguesa.
135	Jorge Carvalhinho Equisport	09.08.2017	Filipe Graciosa homenageado em Idanha	Notícia que dá conta da realização de uma homenagem ao Dr. Filipe Figueiredo "Graciosa", no âmbito da realização de uma Corrida na Praça de Touros António Manzarra, que teve lugar a 30 de julho de 2017.
136	Bruno Caseirão Portal Equitação	01.09.2017	A Arte de Serrão de Faria	Entrevista ao artista plástico José Serrão de Faria, considerado o maior retratista português do cavalo Lusitano. Viagem pela vida e pela obra do artista cujas origens estão na Azinhaga, concelho da Golegã. Conta a sua ligação com a Feira, nomeadamente o episódio que o conecta com a de 1974, pela organização da qual foi responsável.
137	Agrupamento de Escolas Padre António Martins de Oliveira	18.10.2017	Visita de Estudo à Feira Nacional do Cavalo	Programação de Visita de Estudo de um Agrupamento de Escolas de Lagoa, no Algarve, à Feira da Golegã. Calendarização, objetivos, e demais informações.
138	Farpas Blogue	07.11.2017	Saudades da Antiga Feira da Golegã …	Resenha fotográfica sobre a presença de figuras ilustres na Feira da Golegã de outros tempos.
139	Radio Hertz	11.11.2017	GOLEGÃ – Feira de São Martinho conhece, hoje, o seu "dia máximo"	Notícia que dá conta da realização da Feira nas vésperas do seu apogeu, o Dia de S. Martinho. Destaque para a apresentação da recém-criada Associação das Amazonas de Portugal de que é Presidente e fundadora Isabel Palha Figueiredo.
140	Naturales	13.11.2017	Associação das Amazonas de Portugal apresentou-se na Golegã	Notícia que se refere, em exclusivo, à apresentação da Associação das Amazonas de Portugal pela primeira vez em público durante a Feira da Golegã.

141	Bruno Caseirão Portal Equitação	15.12.2017	Sylvia Loch em entrevista	Fundadora da Sociedade de Criadores de Lusitano na Grã-Bretanha, Sylvia Loch é uma das personalidades mais conhecidas e respeitadas do meio equestre internacional. A entrevista foca a sua relação com a equitação portuguesa clássica e o cavalo PSL.
142	Inês Pereira de Figueiredo Portal Equitação	12.01.2018	O cavalo – como comunica e nos entende	Artigo que reflete sobre a forma de comunicação do cavalo na relação com o ambiente, com os seus congéneres e com os humanos.
143	Bruno Caseirão Portal Equitação	17.01.2018	A Equitação segundo o Marques de Marialva	Entrevista a D. Diogo de Bragança, exímio cavaleiro e um dos maiores especialistas nacionais em Arte Equestre. A História concede-lhe o lugar como elemento de uma elite de cavaleiros que foram decisivos no renascimento da equitação portuguesa.
144	João Gorjão Clara Portal Equitação	10.05.2018	O Bastão do Mestre da Romaria de São Martinho	Artigo da coleção dedicada aos Romeiros de São Martinho e seus símbolos. Retrata a ideia que serviu de base à conceção do Bastão do Romeiro Mestre.
145	João Gorjão Clara Portal Equitação	10.05.2018	O Significado da Cruz dos Romeiros de São Martinho	Artigo da coleção dedicada aos Romeiros de São Martinho e seus símbolos. Este retrata o significado da Cruz dos Romeiros de São Martinho.
146	João Gorjão Clara Portal Equitação	10.05.2018	O Vexilo dos Romeiros de São Martinho	Artigo da coleção dedicada aos Romeiros de São Martinho e seus símbolos. Este retrata o significado do Vexilo, a bandeira dos Romeiros.
147	João Gorjão Clara Portal Equitação	10.05.2018	A Capa dos Romeiros de São Martinho	Artigo da coleção dedicada aos Romeiros de São Martinho e seus símbolos. Este retrata o significado da Capa cuja lenda indica que S. Martinho cortou ao meio e deu uma metade ao pobre que, na beira da estrada, tremia de frio.

148	João Gorjão Clara Portal Equitação	10.05.2018	O Hino dos Romeiros de São Martinho	Artigo da coleção dedicada aos Romeiros de São Martinho e seus símbolos. Este retrata o significado do Hino e o modo e as condições em que foi idealizado pelo seu autor.
149	José Gaio MedioTejo.NET	19.05.2018	Golegã | Romaria a São Martinho juntou centenas de romeiros	Notícia que refere a realização da Romaria a São Martinho, no âmbito da ExpoÉgua. Destaque para a inauguração da Ermida de São Martinho, um pequeno templo erguido no Largo do Arneiro.
150	Portal Equitação	22.06.2018	O mundo a seus pés!	Entrevista a Gilberto Filipe, campeão do mundo de Equitação de Trabalho.
151	Equisport	13.07.2018	Amazonas de Portugal brilham no Encontro Internacional de Atrelagem de Tradição	Notícia que refere a participação da recém criada Associação das Amazonas de Portugal num evento organizado, em Lisboa, pela Associação Portuguesa de Atrelagem.
152	Flash	16.10.2018	Baile da Jaqueta: da Golegã para a capital	Artigo sobre a realização do Baile da Jaqueta numa discoteca em Lisboa. Tratou-se de um evento inédito de antecipação da Feira da Golegã de 2018.
153	José Veiga Maltez Equisport	26.10.2018	XLIII Feira Nacional do Cavalo: Mensagem do Presidente da Câmara da Golegã	Mensagem do Presidente da Câmara da Golegã, José Veiga Maltez, em antecipação da XLIII Feira Nacional do Cavalo. Enaltece o carácter intergeracional da Feira, os valores e princípios que lhe subjazem, a importância da preservação deste legado e a consciência do respeito máximo pelo bem-estar animal.
154	Associação Feira Nacional do Cavalo	11.2018	Normas a cumprir	Documento oficial contendo um conjunto de normas a cumprir, quer no Arneiro da Feira, que é do domínio privado do Município, quer no domínio público durante a FNC.
155	Correio do Ribatejo	05.11.2018	Feira da Golegã com regras para assegurar bem-estar animal e tranquilidade das pessoas	Artigo que destaca a introdução de novas regras na Feira da Golegã que visam o bem-estar animal, e a segurança e a tranquilidade dos visitantes, em geral, e dos

				goleganenses, em particular. Referência a vários eventos programados.
156	Portal Equitação	07.11.2018	ABC do Traje Português de Equitação	Artigo que apresenta os 10 tópicos essenciais sobre o Traje Português de Equitação para "fazer boa figura na Golegã".
157	Correio da Manhã	07.11.2018	Protesto a cavalo para Feira da Golegã	Notícia que dá conta de um protesto efetuado por cavaleiros e condutores de carros de cavalos contra as novas regras de circulação impostas, nomeadamente no que respeita à definição de horários de circulação.
158	Portal Equitação	20.12.2018	Feira de S. Martinho – uma vida dedicada ao cavalo	Artigo que faz a retrospetiva da Feira de 2018 apresentando os seus pontos altos, como a homenagem ao Mestre Luís Valença.
159	Associação Portuguesa de Atrelagem	2019	Regulamento dos Concursos de Atrelagem de Tradição 2019	Regulamento que estabelece e define todas as condições relativas aos Concursos de Atrelagem de Tradição em Portugal.
160	Cor. José Miguel Cabedo Portal Equitação	21.03.2019	Escola Portuguesa de Arte Equestre	Artigo dedicado à Escola Portuguesa de Arte Equestre Dá-se nota para a integração do primeiro elemento feminino a integrar o carrossel da Escola e para a interrogação acerca da realização do grande sonho, o de voltar ao Picadeiro do Palácio de Belém.
161	José Gaio MedioTejo.NET	24.05.2019	Golegã | Romaria a São Martinho dá a conhecer património do concelho (c/vídeo e fotogaleria)	Reportagem sobre a Romaria a São Martinho, no âmbito da Expoégua, que dá a conhecer o Património Histórico-Religioso da Vila da Golegã. Nesta edição deu-se início às Comemorações dos 500 anos do Foral concedido à Golegã, em 1520, por D. Manuel I.
162	Portal Equitação	12.06.2019	Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Abrantes	Primeira escola profissional de natureza pública, nasceu há 29 anos nas Mouriscas. Poucos anos mais tarde

				implementou o primeiro curso de Técnico de Gestão Equina.
163	Correio do Ribatejo	04.11.2019	Guardia Civil e Gendarmerie colaboram no policiamento da Feira da Golegã.	Notícia sobre a presença de forças de segurança de Espanha e França prestando apoio à Guarda Nacional Republicana de Santarém no policiamento da Feira da Golegã.
164	José Gaio MedioTejo.NET	09.11.2019	Golegã | Cavaleiros prestam sentido homenagem a Joaquim Bastinhas (c/ vídeo)	Reportagem sobre a homenagem prestada, na Feira da Golegã, ao cavaleiro tauromáquico falecido em dezembro de 2018. A iniciativa partiu da organização da Feira e juntou familiares, colegas e amigos de Joaquim Bastinhas que morreu aos 62 anos.
165	Correio do Ribatejo	16.11.2019	"A Golegã é berço de toda a tradição e de toda a modernidade do mundo equestre"	Entrevista ao Presidente da Câmara, o médico e também criador de cavalos José Veiga Maltez.
166	Carla Laureano Portal Equitação	23.12.2019	FNC – Celebrar a Tradição	Artigo que faz a retrospetiva da Feira de 2019. Destaque para a grande afluência de estrangeiros. A transmissão intergeracional, as homenagens e demais eventos. Presença da Guarda francesa e espanhola no apoio à Guarda Nacional Republicana.
167	Observador	10.09.2020	Feira do Cavalo da Golegã cancelada devido à pandemia de Covid 19	Notícia que refere o cancelamento da Feira da Golegã devido à pandemia de Covid 19.
168	Câmara Municipal da Golegã	01.10.2020	EDITAL N.º 22/2020	Deliberação de proibições várias em virtude do cancelamento da Feira da Golegã de 2020, devido à pandemia Covid 19.
169	Cátia Mogo Portal Equitação	16.11.2020	EPAE homenageia Feira Nacional do Cavalo	Artigo que destaca o evento realizado pelo EPAE, nas instalações da Calçada da Ajuda, para assinalar o Dia de São Martinho que habitualmente é celebrado na Feira da

				Golegã, a qual, por constrangimentos impostos pela Covid 19, foi cancelada.
170	Bruno Caseirão Portal Equitação	17.11.2020	Lusitano, o maior sucesso zootécnico de Portugal	Entrevista a João Costa Ferreira, ex-Diretor do Serviço Nacional Coudélico, ex-Diretor da Coudelaria de Alter, criador da Escola Portuguesa de Arte Equestre e uma das personalidades de maior vulto no que respeita à gestão cavalar em Portugal.
171	Ana Filipe Portal Equitação	21.01.2021	O Homem, a obra e a sua terra: José Veiga Maltez, o médico autarca.	Entrevista a José Veiga Maltez, médico, autarca e uma das figuras mais emblemáticas da Golegã.
172	José Gaio MedioTejo.NET	20.03.2021	Golegã| Feira do Cavalo de 2021 decorre em novembro e já tem proposta de cartaz	Notícia que dá conta da realização da Feira após cancelamento da edição anterior devido pandemia Covid 19. Apresentação da proposta de cartaz.
173	O Mirante	27.05.2021	Atrelagem, um desporto pouco conhecido que junta cultura e tradição	Artigo sobre a Associação Portuguesa de Atrelagem no ano em que comemora 35 anos de existência.
174	Portal Equitação	08.07.2021	Tratadores: a face invisível do sucesso	Reportagem dedicada aos tratadores de cavalos, profissão que está em declínio, mas que é fundamental para o meio equestre.
175	Luís Curado Correio da Linha	29.10.2021	Serrão de Faria: O Mestre Pintor do Cavalo Lusitano	Entrevista ao pintor José Francisco Serrão de Faria, considerado o mestre dos mestres no que respeita ao retrato artístico do Cavalo Puro-Sangue Lusitano e um dos melhores retratistas equestres internacionais.
176	Município da Golegã	04.11.2021	Normas de Higiene e Saúde Pública	Documento de divulgação das normas de higiene e saúde pública a implementar na edição da Feira de 2021, em resultado da pandemia Covid 19.
177	Jornal Cidade de Tomar	08.11.2021	Feira da Golegã é alavanca para a economia nacional	Reportagem sobre a presença da Ministra da Agricultura na inauguração da Feira da Golegã.

178	Correio do Ribatejo	10.11.2021	A Feira da Golegã precisa de aliar tradição à inovação	Entrevista a António Camilo, Presidente da Câmara Municipal da Golegã.
179	Patrícia Bárbara Portal Equitação	22.02.2022	O cavalo como recurso terapêutico	Artigo que explora o tema da terapia assistida com equinos apontando os seus benefícios.
180	Mário Barbosa Portal Equitação	18.03.2022	Bem-estar animal e o desporto equestre	Artigo que foca a temática do bem-estar animal, que está na ordem do dia, relacionando-a com a prática do desporto equestre.
181	Mais Ribatejo	24.05.2022	ExpoÉgua com milhares de visitantes na Golegã	Reportagem sobre a realização da ExpoÉgua com indicação dos principais pontos altos.
182	Portal Equitação	08.06.2022	Curso Profissional Técnico de Gestão Equina na EPPL	Artigo que apresenta a oferta formativa da Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Ponte de Lima, com especial destaque para o Curso Profissional Técnico de Gestão Equina.
183	José Gaio MedioTejo.NET	10.10.2022	Feira Nacional do Cavalo tem novo site e nova plataforma de inscrições	Artigo que presta informação acerca do novo site e plataforma de inscrições e pagamentos disponibilizados pela Associação Feira Nacional do Cavalo que visa facilitar a agilizar os referidos processos.
184	Entroncamento Online	29.10.2022	Golegã | Câmara apresenta Feira Nacional do Cavalo	A Câmara Municipal da Golegã apresentou a Edição de 2022 da Feira Nacional do Cavalo, no auditório da Estação de Metro do Alto dos Moinhos, durante o Seminário do Cavalo Lusitano na Alta Competição, organizado pela Revista Equitação.
185	Fédération Équestre International	03.11.2022	The Magic of the Golegã National Horse Fair. Discover Portugal's equine carnival...	Artigo da Federação Equestre Internacional que apresenta a Feira da Golegã, como um evento espetacular e imperdível.

186	Correio do Ribatejo	11.11.2022	Feira da Golegã palco da Assinatura do Protocolo da Associação de Municípios Portugueses do Cavalo	Artigo que destaca a assinatura, na Feira da Golegã, do protocolo de constituição da Associação de Municípios Portugueses do Cavalo.
187	Município da Golegã	11.2022	XLVI – Feira Nacional do Cavalo 2022 /XXIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano	Resultados do LXII Concurso Nacional Oficial do Cavalo de Apresentação do Cavalo de Sela.
188	Município da Golegã	11.2022	XLVI – Feira Nacional do Cavalo 2022 /XXIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano	Resultados do LXII Concurso Nacional Oficial do Cavalo de Apresentação do Cavalo de Sela.
189	Entroncamento Online	17.11.2022	Golegã | Feira do Cavalo 22 | Organização faz balanço positivo	Balanço da Feira da Golegã que destaca o record de cavalos inscritos.
190	Alexandra Susana Portal Equitação	15.12.2022	Terapia/Aprendizagem assistida por Equinos	Artigo que destaca, dentro dos três modelos de Terapias assistidas por Equinos, a Terapia/Aprendizagem assistida por Equinos aprofundando as especificidades que distinguem este modelo dos outros.
191	AFNC	2023	Mapa da Feira	Mapa do Largo Marques de Pombal com a identificação da disposição dos pavilhões dos criadores.
192	Otávia Sá Moda e Moda	01.10.2023	Atrelagem de Tradição na Golegã I XV CIAT de Outono 2023	Artigo sobre a realização do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono) decorrido na Vila da Golegã.
193	O Mirante	05.10.2023	Feira Nacional do Cavalo na Golegã mais exigente na segurança e bem-estar dos animais	Artigo que assinala a realização de mais uma edição da Feira da Golegã. Novidades e principais pontos altos com destaque para as questões de segurança das pessoas e animais.
194	Real Club de Enganche	07.10.2023	----------	Notícia publicada no website do Clube de Atrelagem da Andaluzia sobre a realização do CIAT de Outono na Golegã, destacando a participação espanhola.

195	Associação Feira Nacional do Cavalo	17.10.2023	Regulamento Feira Nacional do Cavalo 2023	Documento que estabelece as normas de funcionamento da Feira Nacional do Cavalo de 2023.
196	Cidade de Tomar	31.10.2023	Feira da Golegã: de 3 a 12 de novembro o mais importante palco mundial do cavalo	Artigo que assinala a realização de mais uma edição da Feira da Golegã, destacando os seus principais pontos altos e as novidades implementadas.
197	O Mirante	1.11.2023	Feira de S. Martinho não fica completa sem o aroma e o sabor das castanhas assadas	Referência à importância da castanha assada na Feira de São Martinho.
198	Correio do Ribatejo	04.11.2023	A Feira Nacional do Cavalo é o ponto alto do ano a nível equestre do País	Entrevista a António Camilo, Presidente da Câmara Municipal da Golegã, por ocasião de mais uma edição da Feira.
199	Mário Fonseca e José Marques MedioTejo.NET	09.11.2023	Golegã | Milhares de pessoas celebram S. Martinho até domingo na Capital do Cavalo (c/ fotografia)	Artigo que assinala a realização de mais uma edição da Feira da Golegã, sendo esperados cerca de um milhão de visitantes.
200	O Mirante	10.11.2023	Campino Cesário Pedro homenageado na Feira Nacional do Cavalo	Notícia que dá conta da instituição do Dia do Campino, na Feira da Golegã e da criação do Prémio Carreira Campino cuja primeira edição teve como homenageado o Campino Cesário Pedro.
201	O Almeirinense	12.11.2023	D. Francisco Mascarenhas homenageado com Prémio Carreira na Golegã	Notícia que informa sobre a atribuição do Prémio Carreira "Carlos Relvas" ao cavaleiro tauromáquico D. Francisco Mascarenhas. Com 78 anos de alternativa e 90 anos de idade sagra-se o mais antigo cavaleiro de alternativa.
202	Correio do Ribatejo	16.11.2023	Golegã faz balanço da Feira Nacional do Cavalo e anuncia datas para 2024	Artigo que menciona o balanço da 47ª Feira Nacional do Cavalo. Destaque, para o novo record de cavaleiros e atrelagens e para a inovação que consistiu na transmissão streaming dos eventos e competições.

203	Gazeta Rural	13.11.2023	Golegã celebra cavalo lusitano na 47ª Edição da Feira Nacional do Cavalo	Artigo que assinala a realização de mais uma edição da Feira da Golegã, destacando os seus principais pontos altos e as novidades implementadas.
204	Entroncamento Online	23.04.2024	Golegã | Feira Nacional do Cavalo Conquista 2º Prémio Cinco Estrelas Regiões	Pelo segundo ano consecutivo, a Feira Nacional do Cavalo na Golegã, foi distinguida com o Prémio Cinco Estrelas. O prémio foi implementado em Portugal pela Five Stars Consultig e pretende identificar o que de melhor existe nas diferentes regiões do país em diferentes áreas.
205	O Mirante	23.07.2024	Arrancou a expansão da Feira Nacional do Cavalo na Golegã	Notícia sobre a aquisição do terreno que vai permitir a expansão da Feira Nacional do Cavalo.
206	D'Villa Viagens e Turismo	09.2024	Excursão Golegã	Programa turístico de promotor de viagens da Lousada dedicado a visita à Feira da Golegã.
207	Município da Golegã	29.10.2024	Praça Manuel Tavares Veiga	Planta da Praça Manuel Tavares Veiga, novo espaço adquirido pela CMG com vista à ampliação do espaço da Feira. Alberga espaços de restauração, zona de artesanato, correaria, vestuário e calçado. Foi Inaugurado a 1 de novembro de 2024.
208	Tom@r na Rede	31.10.2024	Aí está mais uma Feira Nacional do Cavalo na Golegã	Artigo que destaca a realização da Feira da Golegã de 2024 salientando a questão do terreno adquirido para a sua ampliação.
209	Centro Hípico da Raia	10.2024	Passeio à Golegã – Feira Nacional do Cavalo	Cartaz de divulgação de um passeio à Feira da Golegã organizado pelo Centro Hípico da Raia (Soito/Sabugal). 9 de novembro de 2024.
210	Mário Fonseca MedioTejo.NET	01.11.2024	Golegã alarga Feira do Cavalo e de São Martinho com nova praça	Inauguração da Praça Manuel Tavares Veiga, no espaço adquirido para expansão da Feira da Golegã.

211	Parques de Sintra	11. 2024	Escola Portuguesa de Arte Equestre apresenta-se na Feira Nacional do Cavalo na Golegã.	Notícia que refere a participação da EPAE na Feira da Golegã num espetáculo equestre juntamente com a Charanga e a Reprise da GNR.
212	Notícias do Sorraia	03.11.2024	Campino da Companhia das Lezírias homenageado na Golegã	Notícia referente à homenagem efetuada ao campino Fernando Manuel Ganhão, da Companhia das Lezírias, por ocasião da Feira da Golegã.
213	Ardina do Alentejo	10.11.2024	Mestre José Maldonado Cortes homenageado na Feira Nacional do Cavalo, na Golegã	Notícia que informa sobre a atribuição do II Prémio Carreira "Carlos Relvas" desta feita ao cavaleiro tauromáquico José Maldonado Cortes. Segundo a organização a homenagem a José Maldonado Cortes deve-se às "suas mais de seis décadas de alternativa, mas também pela ligação que ao longo dos anos teve com a Feira da Golegã, o que só por si o tornam um verdadeiro embaixador da Tauromaquia e da Golegã".
214	AFNC	11.2024	Número de cavalos por prova	Dados estatísticos da Associação Feira Nacional do Cavalo respeitantes ao número de cavalos inscritos entre os anos 2019 e 2024. Não há registo do ano 2000 uma vez que não houve FNC devido à Covid 19. Os números mostram uma tendência crescente.
215	Roma Tours	11.2024	Feira Nacional do Cavalo	Roteiro turístico de promotor de viagens do Porto dedicado a visita à Feira da Golegã.
216	RSI Viagens e Turismo	11.2024	Almoço de São Martinho no Ribatejo	Programa turístico de promotor de viagens de Estremoz dedicado a visita à Feira da Golegã.
217	Comissão de Festas de Santa Maria	11.2024	Feira Nacional do Cavalo Golegã	Programa turístico de promotor de viagens de Coimbra (Santa Maria) dedicado a visita à Feira da Golegã.
218	DaBus – Destinos de Aventura	11.2024	Tomar e Feira Cavalo Golegã	Programa turístico de promotor de viagens de Aveiro dedicado a visita à Feira da Golegã.

219	AFNC	2024	Feira Nacional do Cavalo Golegã – 2024. Regulamento Veterinário	Regulamento que determina as medidas necessárias para assegurar o Bem-Estar dos animais, assim como salvaguardar que os mesmos não causem quaisquer danos em pessoas ou noutros animais.
220	APA	2024	Exibição de Atrelagens de Época – Golegã 2024. Regulamento.	Regulamento que determina as condições de exibição de atrelagens de época no dia destinado à sua exibição no picadeiro central, conducentes à atribuição do prémio Conde de Fontalva.
221	AFNC	2024	Regulamento do Concurso de Modelo e Andamentos – 2024.	Regulamento do LXIV Concurso Nacional Oficial de Apresentação do Cavalo de Sela - Modelo e Andamentos, realizado a 07 de novembro de 2024, no Arneiro da Feira Nacional do Cavalo, na Golegã e destinado a animais inscritos no Livro Genealógico das respetivas Raças.
222	AFNC	2024	Regulamento. Feira Nacional do Cavalo 2024.	Estabelece as normas de funcionamento da Feira Nacional do Cavalo (em vigor).
223	Mais Ribatejo	07.01.2025	Feira Nacional do Cavalo 2025: Tradição equestre regressa à Golegã de 7 a 16 de novembro	Notícia que apresenta a data de realização da próxima Feira da Golegã salientando algumas das suas características e particularidades. .
224	Equisport	08.01.2025	Feira Nacional do Cavalo 2025 já tem data!	Notícia que informa a data de realização da próxima Feira da Golegã. A informação é divulgada atempadamente para que os participantes e visitantes possam programar as suas deslocações.
225	PR Portal Equitação	22.01.2025	Turismo equestre alavanca desenvolvimento turístico da Golegã	Artigo que dá conta do progresso significativo que o concelho da Golegã tem observado do ponto de vista do desenvolvimento turístico, uma atividade alavancada, entre outras áreas, pela do turismo equestre.

226	Laurentina Pedroso Portal Equitação	05.02.2025	Bem-estar dos Equídeos	Artigo que explora a questão do bem-estar animal, tema que está na ordem do dia derivado de uma preocupação crescente, por parte da sociedade civil, com a proteção dos animais.
227	O Mirante	17.04.2025	Feira Nacional do Cavalo distinguida com o prémio Cinco Estrelas	Notícia que dá conta que a Feira Nacional do Cavalo, na Golegã, foi distinguida com o prémio Cinco Estrelas Regiões, na categoria de Festas, Feiras e Romarias pelo terceiro ano consecutivo.
228	Correio do Ribatejo	05.05.2025	Golegã preside à Associação de Municípios Portugueses do Cavalo	Notícia que dá conta da presidência, pelo Município da Golegã, da recém-criada Associação de Municípios Portugueses do Cavalo.
229	Rita Moura Federação Portuguesa Equestre	06.05.2025	Escritura Publica de Constituição da Associação de Municípios Portugueses do Cavalo	Notícia que dá conta de que foi constituída a Associação de Municípios Portugueses do Cavalo, tendo a escritura pública de constituição sido realizada no Museu Nacional dos Coches, no passado dia 30 de abril.
230	Rui Casqueiro Haderer	s/d	A “Gineta” e os arreios tradicionais portugueses	Artigo publicado na Plataforma Tauromaquia Património, por Rui Casqueiro então na qualidade de Presidente da Tertúlia Festa Brava, que detalha, ao pormenor a história e as características dos arreios portugueses.
231	Federação Portuguesa Equestre	s/d	Código de conduta para o bem-estar do cavalo	Código de conduta que, por deliberação da Federação Equestre Internacional, deve ser cumprido por todos os envolvidos no desporto equestre internacional e que prevê que o bem-estar do cavalo deve ser prioritário em todas as situações e estar acima de qualquer influência competitiva ou comercial.

Anexo II / 3 – Documentação Gráfica

N.º	Autor	Data	Título	Descrição
001	------	1945/1953	Feira de S. Martinho	Cartazes de divulgação da Feira de S. Martinho de 1945 e 1953 (desenho de Manuel Fernandes). In OLIVEIRA, Paulo Martins, 2005, *A Feira da Golegã: das Origens à Actualidade: Subsídios para a sua História*, Golegã: CMG.
002	------	1963	Golegã. Tradicional Feira de S. Martinho	Cartaz de divulgação do Programa da Feira de S. Martinho. 09 a 12 de novembro de 1963.
003	------	1967	Feira de S. Martinho. Golegã	Cartaz de divulgação da Feira de S. Martinho. 10, 11 e 12 de novembro de 1967.
004	------	1970	Golegã. Tradicional e castiça Feira de S. Martinho	Desdobrável de divulgação do Programa da Feira de S. Martinho. 10 a 12 de novembro de 1970.
005	------	1972	Feira Nacional do Cavalo "S. Martinho". Golegã	Cartaz de divulgação da 1ª Feira Nacional do Cavalo. 4 a 12 de novembro de 1972.
006	------	1976	Feira de S. Martinho	Cartaz de divulgação do Programa da Feira de S. Martinho. 10 a 14 de novembro de 1976.
007	------	1987	XIII Feira Nacional do Cavalo. S. Martinho. Golegã. Portugal	Cartaz de divulgação da XIII Feira Nacional do Cavalo. 31 de outubro a 11 de novembro de 1987.
008	------	1990	XV Feira Nacional do Cavalo "São Martinho". Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XV Feira Nacional do Cavalo. 3 a 11 de novembro de 1990. Destaca a figura do Dr. Filipe Figueiredo, fundador e, à época, diretor da Escola Portuguesa de Arte Equestre.

009	------	1990	XV Feira Nacional do Cavalo	Desdobrável de divulgação do Programa da XV Feira Nacional do Cavalo. 3 a 11 de novembro de 1990.
010	------	1991	XVI Feira Nacional do Cavalo “São Martinho”. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XVI Feira Nacional do Cavalo. 7 a 11 de novembro de 1991.
011	------	1991	XVI Feira Nacional do Cavalo	Desdobrável de divulgação do Programa da XVI Feira Nacional do Cavalo. 02 a 11 de novembro de 1991.
012	------	1992	XVII Feira Nacional do Cavalo	Desdobrável de divulgação do Programa da XVII Feira Nacional do Cavalo. 06 a 11 de novembro de 1992.
013	------	1992	Feira Nacional do Cavalo. Golegã. “São Martinho”. Portugal.	Cartaz de divulgação da XVII Feira Nacional do Cavalo. 6 a 11 de novembro de 1992.
014	------	1993	XVIII Feira Nacional do Cavalo (S. Martinho). Golegã. Catálogo Oficial.	Cartaz de divulgação da XVIII Feira Nacional do Cavalo. 10 a 14 de novembro de 1993.
015	------	1994	S. Martinho. XIX Feira Nacional do Cavalo. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XIX Feira Nacional do Cavalo. 9 a 13 de novembro de 1994.
016	------	1995	XX Feira Nacional do Cavalo. São Martinho Golegã.	Cartaz de divulgação da XX Feira Nacional do Cavalo. 8 a 12 de novembro de 1995.
017	------	1996	XXI Feira Nacional do Cavalo. São Martinho Golegã.	Cartaz de divulgação da XXI Feira Nacional do Cavalo. 1 a 3 e 7 a 11 de novembro de 1996.
018	------	1997	XXII Feira Nacional do Cavalo. São Martinho Golegã. Catálogo Oficial.	Cartaz de divulgação da XXII Feira Nacional do Cavalo. 31 de outubro, 1, 2 e 7 a 11 de novembro de 1997. Representa o Dr. Filipe Figueiredo, fundador e, à época, diretor da Escola Portuguesa de Arte Equestre.
019	------	1998	XXIII Feira Nacional do Cavalo. São Martinho Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXIII Feira Nacional do Cavalo. 6 a 15 de novembro de 1998.

020	CMG/AFNC	1999	XXIV Feira Nacional do Cavalo. I Feira Internacional do Cavalo Lusitano. São Martinho Golegã. Catálogo Oficial.	Cartaz de divulgação da XXIV Feira Nacional do Cavalo e I Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 5 a 7 e 10 a 14 de novembro de 1999.
021	CMG/AFNC	2000	XXV Feira Nacional do Cavalo. II Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXV Feira Nacional do Cavalo. II Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 3 a 12 de novembro de 2000. "Cavalo Branco" de Mestre Martins Correia.
022	CMG/AFNC	2001	XXVI Feira Nacional do Cavalo. III Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXVI Feira Nacional do Cavalo. III Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 2 a 4 e 7 a 11 de novembro de 2001.
023	CMG/AFNC	2002	XXVII Feira Nacional do Cavalo. IV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXVII Feira Nacional do Cavalo. IV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 1 a 3 e 5 a 11 de novembro de 2002. A obra representada no cartaz é do pintor Serrão de Faria.
024	CMG/AFNC	2003	XXVIII Feira Nacional do Cavalo. V Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXVIII Feira Nacional do Cavalo. V Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 31 de outubro a 2 de novembro e 6 a 11 de novembro de 2003.
025	CMG/AFNC	2004	XXIX Feira Nacional do Cavalo. VI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXIX Feira Nacional do Cavalo. VI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 5 a 7 e 10 a 14 de novembro de 2004.

026	CMG/AFNC	2005	XXX Feira Nacional do Cavalo. VII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Capital do Cavalo. Portugal.	Cartaz de divulgação da XXX Feira Nacional do Cavalo. VII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 4 a 6 e 10 a 13 de novembro de 2005.
027	CMG/AFNC	2006	XXXI Feira Nacional do Cavalo. VIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho (desde 1571). Golegã. Capital do Cavalo. Portugal.	Cartaz de divulgação da XXXI Feira Nacional do Cavalo. VIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 3 a 12 de novembro de 2006.
028	CMG/AFNC	2007	XXXII Feira Nacional do Cavalo. IX Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho. Golegã. Capital do Cavalo.	Cartaz de divulgação da XXXII Feira Nacional do Cavalo. IX Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 2 a 11 de novembro de 2007. "Ciganos" de Amadeu de Sousa Cardoso.
029	CMG/AFNC	2008	XXXIII Feira Nacional do Cavalo. X Feira Internacional do Cavalo Lusitano. São Martinho. Golegã.	Cartaz de divulgação da XXXIII Feira Nacional do Cavalo. X Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 7 a 16 de novembro de 2008. Representa o Rei D. Carlos pelo ano do centenário da sua morte.
030	CMG/AFNC	2008	XXXIII Feira Nacional do Cavalo. X Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho. Golegã. Capital do Cavalo	Cartaz de divulgação da XXXIII Feira Nacional do Cavalo. X Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 7 a 16 de novembro de 2008. “D. CARLOS”, Lit. Portuguesa.
031	CMG/AFNC	2009	XXXIV Feira Nacional do Cavalo. XI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho. Golegã. Capital do Cavalo	Cartaz de divulgação da XXXIV Feira Nacional do Cavalo. XI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 6 a 15 de novembro de 2009.

032	CMG/AFNC	2010	XXXV Feira Nacional do Cavalo. XII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho. Golegã. Capital do Cavalo	Cartaz de divulgação da XXXV Feira Nacional do Cavalo. XII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 5 a 14 de novembro de 2010. "Na Feira" de Ricardo Albino.
033	CMG/AFNC	2011	XXXVI Feira Nacional do Cavalo. XIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Capital do Cavalo	Cartaz de divulgação da XXXVI Feira Nacional do Cavalo. XIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 4 a 13 de novembro de 2011. “Com o Cavalo” de Christian Gaillard.
034	CMG/AFNC	2011-2012-2013	Atrelagem de Tradição – CIAT de Outono	Cartazes de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono), edições de 2011, 2012 e 2013.
035	CMG/AFNC	2012	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 17 a 20 de maio de 2012.
036	CMG/AFNC	2012	XXXVII Feira Nacional do Cavalo. XIV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho. Golegã. Capital do Cavalo	Cartaz de divulgação da XXXVII Feira Nacional do Cavalo. XIV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 3 a 11 de novembro de 2012.
037	CMG/AFNC	2013	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 16 a 19 de maio de 2013.
038	CMG/AFNC	2013	XXXVIII Feira Nacional do Cavalo. XV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã.	MEMÓRIA DESCRITIVA DO CARTAZ DA FEIRA DA GOLEGÃ (2013) O fundo do cartaz em “sangue-de-boi” exibe um óleo sobre tela da autoria de Serrão de Faria, cujo tema é Carlos Relvas montando um Lusitano ruço. No canto superior direito do quadro, que se encontra nos Paços do Concelho da Golegã, figura o brasão de armas de Carlos Relvas

				(Campos e Mascarenhas). Um dos objetivos é corroborar, afirmar e enaltecer o traje português de equitação que aqui é apresentado de uma forma correta e consensual, podendo assim ser referência. A manta ao alto que está "apanhada" por uma corda de juta, ou fio de cânhamo, trata-se de uma manta "lobeira" (cobertor de pêlo), típica do Ribatejo, pelas suas tiras verdes, brancas, amarelas, vermelhas e castanhas. Sobre uma mesa coberta por uma manta de Minde, riscada de azul, verde e vermelho, louça de barro tradicional pintada e vidrada, para as castanhas assadas e para a água-pé, elementos típicos da Feira e da época, a qual ostenta os dizeres Golegã, FNC, 2013 e São Martinho.
039	CMG/AFNC	2013	XXXVIII Feira Nacional do Cavalo. XV Feira Internacional do Cavalo Lusitano.	Cartaz de divulgação da XXXVIII Feira Nacional do Cavalo. XV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 1 a 11 de novembro de 2013. "Cavalos" de Frédérique Lavergne.
040	Grupo de Trabalho de Investigação em Equídeos (GTIE)	2013	III^{as} Jornadas do Grupo de Trabalho de Investigação em Equídeos. Panorama da investigação equina em Portugal.	Cartaz de divulgação das III^{as} Jornadas do Grupo de Trabalho de Investigação em Equídeos que decorreram no dia 6 de novembro de 2013, integradas na programação da XXXVIII Feira Nacional do Cavalo.
041	CMG	2013	Baile da Jaqueta. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta. 8 de novembro de 2013. Composição do cartaz a cargo de Feliciano Cunha.
042	CMG/AFNC	2014	XXXIX Feira Nacional do Cavalo. XVI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XXXIX Feira Nacional do Cavalo. XVI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 7 a 16 de novembro de 2014.

043	CMG	2014	Baile da Jaqueta. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta. 14 de novembro de 2014. Composição do cartaz a cargo de Feliciano Cunha.
044	CMG/AFNC	2014	Atrelagem de Tradição – CIAT de Outono	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 4 de outubro de 2014.
045	CMG/AFNC	2014	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 22 a 25 de maio de 2014.
046	CMG/AFNC	2015	ExpoÉgua. XIV Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 27 a 31 de maio de 2015.
047	CMG	2015	Pintura de Sabine Marciniak. “Marci’s Studbook”	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sabine Marciniak. 28 de maio a 31 de julho de 2015. Equuspolis.
048	CMG/AFNC	2015	XIV Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da XIV Romaria a São Martinho. 29 de maio de 2015.
049	CMG/AFNC	2015	XL Feira Nacional do Cavalo. XVII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Portugal	Cartaz de divulgação da XL Feira Nacional do Cavalo. XVII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 6 a 15 de novembro de 2015.
050	CMG	2015	Baile da Jaqueta. 20 aniversário da Revista Equitação. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta, 13 de novembro de 2015. Composição do cartaz a cargo de Feliciano Cunha. Fotografia de Rita Fernandes Celebração do aniversário da Revista Equitação
051	CMG/AFNC	2015	Atrelagem de Tradição – VIII CIAT de Outono. Final do Troféu Ibérico	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 3 de outubro de 2015.

052	CMG/AFNC	2016	ExpoÉgua. XV Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 12 a 15 de maio de 2016.
053	CMG/AFNC	2016	XV Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da XV Romaria a São Martinho. 13 de maio de 2016.
054	CMG/AFNC	2016	XLI Feira Nacional do Cavalo. XVIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLI Feira Nacional do Cavalo. XVIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. (2016). 4 a 13 de novembro de 2016. "Uma noite de São Martinho" de Rui Fernandes.
055	CMG	2016	Baile da Jaqueta. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta. 11 de novembro de 2016. Composição do cartaz a cargo de Feliciano Cunha.
056	CMG/AFNC	2016	Atrelagem de Tradição – IX CIAT de Outono. Final do Troféu Ibérico	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 8 de outubro de 2016.
057	CMG/AFNC	2017	ExpoÉgua. XVI Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação ExpoÉgua. 18 a 21 de maio de 2017.
058	CMG/AFNC	2017	XVI Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da XVI Romaria a São Martinho. 19 de maio de 2017.
059	CMG/AFNC	2017	XLII Feira Nacional do Cavalo. XIX Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLII Feira Nacional do Cavalo. XIX Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 3 a 12 de novembro de 2017. Fotografia de Rita Fernandes para Lusitano World.

060	CMG	2017	Baile da Jaqueta. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta. 10 de novembro de 2017. Composição do cartaz a cargo de Marina Mourão e Feliciano Cunha.
061	CMG/AFNC	2017	Atrelagem de Tradição – X CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 7 de outubro de 2017.
062	CMG/AFNC	2018	ExpoÉgua. XVII Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação ExpoÉgua. 17 a 20 de maio de 2018.
063	CMG/AFNC	2018	XVII Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da XV Romaria a São Martinho. 18 de maio de 2018.
064	CMG/AFNC	2018	XLIII Feira Nacional do Cavalo. XX Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLIII Feira Nacional do Cavalo. XX Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 2 a 11 de novembro de 2018. Pintura de Sabine Marciniak.
065	------	2018	Pintura de Sabine Marciniak. Tentações Ribatejanas	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sabine Marciniak. 3 a 11 de novembro de 2018.
066	------	2018	Exposição de Pintura. Sara Silva.	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sara Silva. Cocheiras do Centro Hípico Crinus.
067	------	2018	Baile da Jaqueta. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta. 9 de novembro de 2018. Composição do cartaz a cargo de Marina Mourão.
068	CMG/AFNC	2018	Atrelagem de Tradição – XI CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 6 de outubro de 2018.

069	CMG/AFNC	2019	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 23 a 26 de maio de 2019.
070	CMG/AFNC	2019	XLIV Feira Nacional do Cavalo. XXI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLIV Feira Nacional do Cavalo. XXI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 1 a 11 de novembro de 2019. Pintura de Sabine Marciniak.
071	CMG/AFNC	2019	Programa XLIV Feira Nacional do Cavalo. XXI Feira Internacional do Cavalo Lusitano.	Cartaz de divulgação do Programa da XLIV Feira Nacional do Cavalo. XXI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 1 a 11 de novembro de 2019.
072	Grupo de Trabalho de Investigação em Equídeos (GTIE)	2019	VIas Jornadas do Grupo de Trabalho de Investigação em Equídeos. Panorama da investigação equina em Portugal.	Cartaz de divulgação da VIas Jornadas do Grupo de Trabalho de Investigação em Equídeos que decorreram no dia 6 de novembro de 2019, integradas na programação da XLIV Feira Nacional do Cavalo.
073	CMG	2019	A Saudade da Emoção Lusitana	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sabine Marciniak. 1 a 13 de novembro de 2019. Equuspolis.
074	CMG/AFNC	2019	Atrelagem de Tradição – XII CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 5 de outubro de 2019.
075	CMG/AFNC	2020	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 15 a 17 de maio de 2020. Cancelamento devido à pandemia Covid-19.
076	CMG/AFNC	2020	XLV Feira Nacional do Cavalo. XXII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLV Feira Nacional do Cavalo. XXII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 6 a 15 de novembro de 2020. Pintura de Béatrice Bulteau.
077	CMG/AFNC	2020	XLV Feira Nacional do Cavalo. XXII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho	Cartaz de divulgação da XLV Feira Nacional do Cavalo. XXII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 6 a 15 de novembro de 2020. Cancelamento devido à pandemia Covid-19.

			desde 1571. Golegã. Portugal. Cancelado.	
078	------	2020	Imaginar Golegã	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sabine Marciniak. 31 de outubro e 1 de novembro de 2020. Iniciativa “dia de porta aberta”.
079	------	2020	Golegã na Saudade	Cartaz de divulgação de Exposição de Arte. Marta Justiça. 4 de novembro de 2020. Em direto.
080	CMG/AFNC	2020	Atrelagem de Tradição – XIII CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 3 de outubro de 2020.
081	CMG/AFNC	2020	Atrelagem de Tradição – XIII CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 3 de outubro de 2020. Cancelamento devido à pandemia Covid-19.
082	CMG/AFNC	2021	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. Cancelamento devido à pandemia Covid-19.
083	CMG/AFNC	2021	450 anos da Feira de São Martinho. 1571-2021. Golegã. Um presente e futuro inspirados pela História.	Cartaz de divulgação dos 450 anos da Feira de São Martinho. Pintura de Serrão de Faria, encomendada pelo município, a qual se encontra no interior do edifício dos Paços do Concelho e retrata o Rei D. Sebastião, o qual instituiu a Feira de S. Martinho.
084	CMG/AFNC	2021	XLVI Feira Nacional do Cavalo. Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho. Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLVI Feira Nacional do Cavalo. Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 5 a 14 de novembro de 2021. Pintura Béatrice Bulteau, após a utilização de outra obra na composição do cartaz da edição anterior da Feira, de 2020, a qual não se realizou devido à pandemia Covid-19.

085	CMG/AFNC	2021	Programa XLV Feira Nacional do Cavalo. Feira Internacional do Cavalo Lusitano.	Cartaz de divulgação do Programa da XLV Feira Nacional do Cavalo. XXII Feira Internacional do Cavalo Lusitano.5 a 14 de novembro de 2021.
086	GNR	2021	Operação de Segurança da Feira Nacional do Cavalo	Cartaz de divulgação da Operação de Segurança da Feira Nacional do Cavalo. Objetivo: garantir a segurança e tranquilidade pública dos visitantes, entidades presentes e habitantes locais, bem como o controlo e fluidez rodoviária.
087	------	2021	Domingo de Feira	Cartaz de divulgação de Exposição de Arte. Marta Justiça. 5 a 14 de novembro de 2021. Clube do Criador.
088	CMG/AFNC	2022	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 20 a 22 de maio de 2022.
089	------	2022	Exposição de Pintura	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Marta Justiça. 20 a 22 de maio de 2022. Lusitanus, Clube do Criador.
090	CMG/AFNC	2022	XLVI Feira Nacional do Cavalo. XXIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Comemoração dos 50 anos de Feira Nacional do Cavalo. Feira de São Martinho desde 1571.Golegã.	Cartaz de divulgação da XLVI Feira Nacional do Cavalo. XXIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 4 a 13 de novembro de 2022. Pintura de Marie-Laure Hervé.
091	CMG/AFNC	2022	Programa XLVI Feira Nacional do Cavalo. XXIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano.	Cartaz de divulgação do Programa da XLVI Feira Nacional do Cavalo. XXIII Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 4 a 13 de novembro de 2022.
092	CMG	2022	Baile da Jaqueta. Quinta dos Álamos. Golegã.	Cartaz de divulgação do Baile da Jaqueta. 11 de novembro de 2022. Pintura de Marina Mourão e composição gráfica do cartaz a cargo de Feliciano Cunha.

093	CMG	2022	Feiras e Cavalos. Pela lente de Carlos Relvas.	Cartaz de divulgação de Exposição de Fotografia. 4 de novembro a 31 de dezembro de 2022. Casa-Estúdio Carlos Relvas.
094	CMG	2022	O Tempo das Castanhas	Cartaz de divulgação de Exposição de Fotografia. Frédérique Lavergne. 5 de novembro de 2022. Casa-Estúdio Carlos Relvas.
095	CMG	2022	Leal Companheiro	Cartaz de divulgação de Exposição de Fotografia. Ans Roels. 5 de novembro. Equuspolis
096	CMG/AFNC	2022	Atrelagem de Tradição – XIV CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 1 de outubro de 2022.
097	CMG/AFNC	04.2023	Prémio cinco estrelas regiões 2023	Cartaz de divulgação da obtenção do "Prémio cinco estrelas regiões 2023". A XLVI Feira Nacional do Cavalo, XXII Feira Internacional do Cavalo Lusitano e Feira de São Martinho foi distinguida pela primeira vez com o galardão da 6.ª edição do "Prémio Cinco Estrelas Regiões – Distrito de Santarém" na categoria de Festas, Feiras e Romarias. Uma distinção resultante da escolha direta das pessoas, através de um sistema de avaliação que mede o grau de satisfação.
098	CMG/AFNC	2023	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 12 a 14 de maio de 2023.
099	CMG	2023	Afinidades	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura e Escultura. Manuel Fernandes e Rui Fernandes. 9 de maio de 2023. Equuspolis.

100	------	2023	Exposição de Pintura	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Marta Justiça. 12 a 14 de maio de 2023. ANTE. Associação Nacional de Turismo Equestre.
101	CMG/AFNC	2023	XLVII Feira Nacional do Cavalo. XXIV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571.Golegã.	Cartaz de divulgação da XLVII Feira Nacional do Cavalo. XXIV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 3 a 12 de novembro de 2023.
102	CMG/AFNC	2023	Programa XLVII Feira Nacional do Cavalo. XXIV Feira Internacional do Cavalo Lusitano.	Cartaz de divulgação do Programa da XLVII Feira Nacional do Cavalo. XXIV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 3 a 12 de novembro de 2023.
103	CMG/AFNC	2023	Presidente da República visita a Golegã e a Feira Nacional do Cavalo 2023	Cartaz de divulgação da visita do Presidente da República à XLVII Feira Nacional do Cavalo. 3 de novembro de 2023. Convite à população.
104	------	2023	Movimento Lusitano	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sabine Marciniak. 3 a 12 de novembro de 2023. Iniciativa “dia de porta aberta”.
105	------	2023	Exposição de Pintura	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Marta Justiça. 3 a 12 de novembro de 2023. Lusitanus, Clube do Criador.
106	------	2023	A Nossa Terra	Cartaz de divulgação de Exposição de Fotografia. Rui Rosa. 2 de novembro de 2023 a 31 de janeiro de 2024. Casa-Estúdio Carlos Relvas.
107	CMG/AFNC	2023	Atrelagem de Tradição – XV CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 30 de setembro de 2023.
108	CMG/AFNC	04.2024	Prémio cinco estrelas regiões 2024	Cartaz de divulgação da obtenção do “Prémio cinco estrelas regiões 2024”. Pelo segundo ano consecutivo a

				Feira Nacional do Cavalo foi galardoada com o prémio Cinco Estrelas Regiões, numa distinção fruto da votação de mais de 450.000 pessoas de todo o país.
109	CMG/AFNC	2024	ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da ExpoÉgua. 16 a 19 de maio de 2024. Pintura de Serrão de Faria.
110	CMG	2024	Exposição de Aguarelas	Cartaz de divulgação de Exposição de Aguarelas. Manuel Lopes. 17 de maio a 14 de junho de 2024. Equuspolis. .
111	CMG/AFNC	2024	XLVIII Feira Nacional do Cavalo. XXV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571.Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLVIII Feira Nacional do Cavalo. XXV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 1 a 11 de novembro de 2024. Pintura de Liska Llorka, que pintou ao vivo o cavalo Ofensor, da Coudelaria Manuel Assunção Coimbra, sagrado Campeão dos Campeões na FNC 2023.
112	CMG/AFNC	2024	Programa XLVIII Feira Nacional do Cavalo. XXV Feira Internacional do Cavalo Lusitano.	Cartaz de divulgação do Programa da XLVIII Feira Nacional do Cavalo. XXV Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 1 a 11 de novembro de 2024.
113	------	2024	Cavalo Lusitano. O meu olhar. Apontamentos.	Cartaz de divulgação de Apresentação de Livro. Rui Fernandes. 1 de novembro de 2024. Largo do Arneiro.
114	------	2024	Exposição de Pintura	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Marta Justiça. 1 a 11 de novembro de 2024. Lusitanus, Clube do Criador.
115	------	2024	Maravilhas ibéricas.	Cartaz de divulgação de Exposição de Pintura. Sabine Marciniak. 7 a 11 de novembro de 2024. Iniciativa “dia de porta aberta”.

116	CMG/AFNC	2024	Passeios em carro de cavalos para Munícipes	Cartaz de divulgação de uma iniciativa promovida pela CMG no âmbito da FNC 2024. 5, 6, 7 de novembro de 2024. Passeios de carro de cavalos gratuitos para os munícipes. O objetivo é aproximar os habitantes da Golegã à Feira Nacional do Cavalo, proporcionando uma experiência diferente e interativa.
117	CMG/AFNC	2024	Feira Franca da Golegã	Cartaz de divulgação da Feira Franca da Golegã. Para recordação da antiga Feira de São Martinho. 16 a 24 de novembro de 2024.
118	CMG/AFNC	2024	Atrelagem de Tradição – XVI CIAT de Outono.	Cartaz de divulgação do Concurso Internacional de Atrelagem de Tradição (CIAT de Outono). 5 de outubro de 2024. Presidente de honra, SS. AA. RR. Duques de Bragança.
119	CMG/AFNC	04.2025	Prémio cinco estrelas regiões 2025	Cartaz de divulgação da obtenção do “Prémio cinco estrelas regiões 2025”. Pelo terceiro ano consecutivo, a Feira Nacional do Cavalo foi distinguida com o Prémio 5 Estrelas Regiões, na categoria de Festas, Feiras e Romarias. A seleção dos vencedores contou com a participação de 498.660 consumidores, que analisaram mais de 1.022 marcas, e onde 141 alcançaram o estatuto Cinco Estrelas, sendo que a Feira Nacional do Cavalo foi o único certame premiado na Lezíria do Tejo.
120	CMG/AFNC	2025	XXV ExpoÉgua. Romaria a São Martinho	Cartaz de divulgação da XXV da ExpoÉgua. 15 a 18 de maio de 2025. Pintura da Rainha D. Amélia cedida pela Câmara Municipal de Sintra.

121	CMG/AFNC	2025	XLIX Feira Nacional do Cavalo. XXVI Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Feira de São Martinho desde 1571.Golegã. Portugal.	Cartaz de divulgação da XLIX Feira Nacional do Cavalo. XXVI. Feira Internacional do Cavalo Lusitano. 7 a 16 de novembro de 2025. O Cartaz tem como protagonista Mestre Nuno de Oliveira, montando Euclides, cavalo com ferro do Eng. Fernando Sommer d'Andrade. Pretende-se assinalar o papel de Mestre Nuno de Oliveira como um dos principais embaixadores do Cavalo Lusitano e da Equitação Portuguesa, após o reconhecimento desta como Património Cultural Imaterial da Humanidade, pela UNESCO.

Anexo II / 4 – Fontes Orais

N.º	Entrevistado	Data e Local	Biografia/Historial	Transcrição da Entrevista
001	Rui Augusto de Vasconcelos e Sousa	Pinheiro Grande Chamusca 16.05.2024	Mais conhecido como Rui "Sommer de Andrade", um dos representantes atuais da conceituada família Sommer de Andrade. O seu avô, Dr. Rui d' Andrade (1880-1967), deu início a um vasto e importante trabalho de criação e seleção de cavalos tendo-lhe sido entregue, pelo Estado português, a responsabilidade de criação da Coudelaria Nacional, e a tutela da Coudelaria de Alter. Para além das suas responsabilidades públicas, aplicou os seus vastos conhecimentos na seleção de cavalos a partir da qual fundou a sua coudelaria. O filho, Fernando Sommer de Andrade (1920-1991), herdaria este legado e veio ele próprio a distinguir-se como um grande impulsionador da raça Lusitana. Foi júri internacional do Cavalo Lusitano e nas modalidades de Dressage, Presidente da Associação Portuguesa do Puro Sangue Lusitano, Fundador do Stud Book, obteve muitos prémios e inúmeras distinções e criou grandes cavalos cujo sangue ainda perdura em muitas coudelarias em Portugal e pelo mundo. Nascido e criado neste meio, muito ligado ao mundo dos cavalos e touros, Rui Augusto de Vasconcelos e Sousa "Sommer de Andrade" é gestor agrícola, vive no Arripiado, concelho da Chamusca.	Rui Sommer de Andrade provem de uma das famílias mais conceituadas do mundo rural português e, em particular, do meio equestre. É um dos quatro filhos do Eng. Fernando Sommer de Andrade e de D. Josefina Maria de Vasconcellos e Souza de Andrade. Rui nasceu em Lisboa, no Campo de Santana. Aos seis meses foi morar para a Herdade de Font'Alva, no concelho de Elvas tendo aos 11 anos regressado a Lisboa, para liceu, que fez nos Jesuítas. Teve uma breve passagem por Direito, e cursou Sociologia em Évora. Fez tropa em África onde acumulou muitas histórias para contar. Durante a sua infância e juventude a família circulava entre as propriedades que possuía pelo país, sobretudo nas regiões de Lisboa, Ribatejo e Alentejo. A sumptuosa Quinta da Cardiga, na Golegã, pertencia-lhes. À época um grande centro de lavoura e uma das mais notáveis propriedades do país que chega à família através de herança de D. Branca Falcão de Sommer, esposa do Dr. Rui Andrade, pais de Fernando Sommer e avós de Rui. O entrevistado mantém uma grande proximidade com a Golegã e com os seus pares do meio equestre. É vice-presidente da Mesa da Assembleia da Associação Feira Nacional do Cavalo. Quanto à Quinta da Cardiga, ainda hoje é propriedade da família que a arrendou, em 2024 ao grupo Vila Galé. A Quinta vai agora ser requalificada e transformada em hotel dedicado ao universo equestre.

				Eu nasci em 1946 e do que está para trás, que me antecede, já é do tempo do meu pai. Nessa altura quem pontificava na Feira era a família Infante da Câmara, a família Veiga e nós, na Cardiga. Era o triângulo que no fundo sustentava a economia aqui da região. A família Veiga já tinha na sua posse a Broa, a família Infante da Câmara tinha, como tem, Alpompé e Castilho na zona de Vale Figueira, e tínhamos a Cardiga. Todos nós criávamos cavalos, além de toda outra gente que também tinha cavalos. Rui Sommer D' Andrade refere a importância da remonta [aquisição de cavalos e muares para uso militar, especialmente nos serviços de cavalaria e artilharia] para a Feira da Golegã. *No tempo em que o meu avô* [Dr. Rui d' Andrade] *era Presidente da Comissão da Remonta, transferiu-se para a Golegã a seleção e a compra de cavalos para o Exército. E é aqui que começa o interesse pelos cavalos na Feira da Golegã*. (…) C*om o meu avô à frente da Comissão, a remonta passa para a Feira da Golegã, nessa altura já com a Fonte Boa a funcionar. Alter não constava do mapa, veio a constar depois, já existia como Coudelaria mas estava entregue ao Exército, mas não tinha a importância que tem hoje. Mas a Fonte Boa não, era uma coisa civil, entregue ao Ministério da Agricultura. Era a Estação Zootécnica, da qual o meu avô foi diretor durante bastante tempo. Foi sob a sua égide que se compraram cavalos em Espanha, pondo a parte coudélica a funcionar.* *O meu avô e o senhor Emílio Infante da Câmara, sobretudo eles, são as pessoas que começam a juntar, na Golegã, a seleção dos cavalos para o Exército, através da Comissão de Remonta, por volta de 1912/1913. É a partir daqui que começa a Feira da*

				Golegã como hoje a conhecemos - os criadores vêm, montam nos seus cavalos, montam os seus pavilhões onde colocam os cavalos em exposição, para que os militares os vejam, não o povo em geral. Nessa altura o grande mercado era efetivamente o Exército, e a Guarda Republicana também. Basicamente eles queriam ver o que é que os criadores tinham, e era por isso que montávamos os pavilhões para eles poderem vir ver o que tínhamos para vender. Só se fazia isto uma vez por ano na altura da Feira, não havia cá aprovação de garanhões nem nada disso. Rui recorda uma Feira de São Martinho diferente da atual. *Eu ainda sou do tempo em que a Feira da Golegã eram três dias e o resto era carrinhos de choque e carrosséis. Era aí que as pessoas diziam que iam à feira, não era a dos cavalos. A feira dos cavalos era uma coisa muito rudimentar, havia um espaço encostado ao pátio dos Infantes e em frente havia uns paus cravados no chão onde se amarravam os burros e as bestas dos ciganos. O resto do largo era livre, nem manga tinha.* *Com o tempo fez-se então o circuito da manga da Feira. As pessoas andavam ali a mostrar o que tinham, os cavalos que eram para vender. Foi na altura que apareceram também os toureiros para ver o que havia em termos de cavalos semi-arranjados. Não nos podemos esquecer que nessa altura a Escola Prática de Cavalaria estava em Torres Novas, portanto, era aqui ao lado e vinham os Oficiais ver os cavalos que havia. Eu já sou do tempo da Feira moderna, em que saíam os cavalos e entravam os carrosséis*.

				A Feira de São Martinho era uma Feira essencialmente diurna. *Montávamos a cavalo durante a tarde e assim que caía a noite mandávamos os cavalos para a cocheira e íamos para os copos para qualquer lado que não ali. Algumas casas mostravam os poldros nos picadeiros fechados. Era o caso do Sr. Manuel Veiga, que o fazia na Quinta das Obras. Nós na Cardiga estávamos até à hora do jantar a ver os poldros novos no picadeiro. E depois normalmente convidávamos os amigos para jantar. Essa receção era completamente individualizada, acontecia nas casas de cada um.* *No último dia de Feira já não havia nada. As pessoas agarravam nos cavalos levavam para suas casas e a Feira morria ali. No dia seguinte desmontavam-se os pavilhões e entravam as barracas e os carrosséis. Já não havia cavalos. Isto foi assim até ao 25 de abril. Mais ou menos por volta de 1977 começa a Feira já nestes moldes*. O entrevistado refere o papel preponderante do pai, Eng. Fernando Sommer de Andrade. *O meu pai teve um papel preponderante. Ele estava como Presidente da Associação dos Criadores de Cavalos. O meu pai, o Fernando Graciosa e o Carlos Veiga é que são os responsáveis pela Feira Nacional do Cavalo. O Veiga porque era Presidente da Câmara, e os outros dois porque eram os responsáveis do Studbook e pela classificação dos cavalos. Os dois eram engenheiros agrónomos, nenhum deles era veterinário, mas estavam muito dedicados ao cavalo. E a Feira começa a ganhar os moldes de Feira Nacional do Cavalo, que acabou por alcançar em 1972. Já depois do*

				25 de abril, a partir de 1979, começam a vir espanhóis para comprar cavalos de toureio e franceses também. O seu filho mais velho, seu homónimo, nasceu em 1968 e tem uma história relativa à Feira da Golegã que demonstra o entusiasmo e o fervor com que a família vivia a Feira naqueles tempos. *O meu filho Rui nasceu em 1968 e foi à Feira pela primeira vez em 1969, ao meu colo, como é evidente. E ganhou o primeiro prémio do traje montado num garrano. Mandei fazer-lhe uma fatiota igual à minha, num alfaiate, mandei fazer uma sela igual à minha no Pombalinho, até botas de cano alto e esporas levou. Tinha um ano e meio. Já andava, mas mal. Eu tenho fotografias disso*. A história de vida da família é pautada pela condição financeira que determinou o modo como as sucessivas gerações foram vivendo. *Nós somos uma família de Lisboa que, por condições várias, nomeadamente políticas, viemos a ser proprietários rurais no Alentejo. O meu bisavô Luís* [Oliveira Von] *Sommer, em contrapartida é um homem ligado à CP. A pedido do Rei D. Luís e da Rainha D. Maria ele arranja um cargo como diretor financeiro da CP. Entretanto vem aqui a esta zona e compra Quinta da Cardiga à família Lamas* [a 5 de fevereiro de 1898]. *Ao comprar a Quinta da Cardiga, ele que é um rapaz relativamente novo, casa com uma sra. daqui, de Alpiarça* [Adelaide Sofia de Oliveira Falcão] *e mais tarde por morte da mulher casa com a irmã. Com o segundo casamento, e como o primeiro também, vêm uma série de propriedades, não só aqui, nomeadamente onde eu moro no Arripiado, como no Alentejo. Portanto isso vem*

				do lado da minha bisavó. A ligação aqui à zona vem daí, da minha bisavó. Após a morte do filho Luís Sommer, a propriedade passa para a posse das filhas: D. Branca, que casaria com o Dr. Ruy d' Andrade, e D. Fernanda que casaria com D. Jorge de Mello, Conde de Murça. *Nós tínhamos propriedades na zona do Pombalinho, que hoje são da Casa Coimbra e tínhamos a Cardiga, que era o grande centro da lavoura. O meu avô compra tudo o que pode de casais à volta, e uma propriedade que em si era pequena (a Cardiga dentro de muros era pequena), de repente, com os seus casais, passa a ser uma propriedade com 850 ha. Era a maior propriedade da região. Esta é a minha parte Sommer, a Andrade é uma geração anterior*. *O pai do meu bisavô Alfredo Andrade tinha ligações ao Brasil, tinha o monopólio do tabaco junto com o conde de Farrobo. A base dele era em Lisboa no Chiado, na Rua do Ferragial. Era aí a sede do meu avô António José Andrade. O meu avô tinha dinheiro, graças a Deus, porque a atividade dele era bancária. Quando a corte foge para o Brasil, o meu avô Andrade fica em Lisboa. Ele e o Conde de Farrobo são os dois homens mais ricos que havia naquela altura em Lisboa e, portanto, os mais taxados pelo Junot quando invade Portugal. Entretanto, a corte está no Brasil, a vida lá é cara e começam a pedir dinheiro. O meu bisavô como tinha um escritório no Brasil adiantou dinheiro a toda esta gente e quando a Corte regressa, não tem dinheiro para lhe pagar, e paga-lhe em terras. É assim que começa a fortuna agrícola da minha família. Nós, na realidade, somos Lisboetas,*

				Lisboetas mesmo. Eu próprio nasci no Campo de Santana. O entrevistado prossegue na descrição da história familiar, retornando novamente ao lado Sommer. *Do lado Sommer, a mesma coisa, é uma família que é do Porto. O meu antepassado Sommer desembarca no Mindelo com D. Pedro IV do Brasil, faz o cerco do Porto, é um dos heróis do Mindelo e vai casar com uma Sra. do Porto. A partir daí que ele começa a desenvolver a sua atividade comercial com uma firma que se chama "Sommer e Companhia" que ainda hoje existe, e que se especializa naquilo que ainda hoje faz que é a importação de ferragens especificas, ou seja, negócio de ferro. Esse meu antepassado era o homem que dominava a importação do ferro. Entretanto estabelece-se no Entroncamento e praticamente oferece ao reino a área necessária para contruir a estação do Entroncamento, mais os bairros operários, mais as oficinas. Por isso é que existe tanta rua com o nosso nome no Entroncamento. Vai-se dar a coincidência da ligação do seu filho Luís à CP*. A Quinta da Cardiga é um dos grandes ex-libris da família e marca determinantemente a geração anterior. *Até praticamente há 20 anos o grande contrapeso financeiro neste conjunto de freguesias – Entroncamento, Golegã e Barquinha – é a Cardiga. A Cardiga transformou-se num complexo agro-industrial único no país, ainda no tempo do rei D. Carlos. E faz um avanço tecnológico brutal, em adegas, em lagares, etc. Paralelamente tínhamos a Fontalva no Alentejo que estava construída desde 1910. Em 1910 já a Cardiga está a vir para cima. Até ao seu fecho, em 1990, a*

				Cardiga tinha 327 empregados a morarem na Quinta, e já a 3ª geração a trabalhar lá. Três gerações de patrões e três gerações de empregados. E esse é que é o grande segredo da Cardiga. *A Cardiga hoje ainda é a Cardiga, o espírito dos antigos empregados da Cardiga ainda hoje persiste. Morreu ontem o homem de confiança da minha mãe e do meu pai e que foi meu tratador de cavalos, o Zé Matias. A mulher era cozinheira e dama de companhia da minha mãe. A minha irmã dizia, e com razão, – morreu o último dos fiéis empregados da Cardiga que dedicou uma vida inteira à nossa família. Isso é uma coisa que atualmente já não existe. Quando estávamos na Cardiga ele estava, quando fomos para Lisboa ele foi para Lisboa, quando eu fui estudar para Évora ele foi comigo. Não se pode pedir mais a uma pessoa. O grosso dos empregados da Cardiga eram assim*. Rui Andrade observa uma grande diferença relativamente à Feira de hoje. *A Feira hoje é mais popular, praticamente desapareceram os senhores da terra. As grandes figuras da Feira já desapareceram. Já não vemos a montar a D. Maria do Carmo Infante da Câmara, que era uma figura espetacular, o Filipe Graciosa já morreu, eu já não monto a cavalo porque já não tenho idade, o meu irmão José Luís já morreu, o meu irmão Fernando também deixou de ir à Feira. Hoje a Feira está entregue à família Veiga*. Há um tema que a certa altura domina esta entrevista e que tem que ver com a questão das regras e dos regulamentos e que é um tema caro ao entrevistado.

				A malta mais velha, no meu caso concretamente, chateei Presidente de Câmara anterior, Dr. Veiga Maltez, para impor algumas regras que hoje estão em vigor, não tão ásperas como eu queria, mas é melhor alguma coisa do que nada. Por exemplo, recolher obrigatório, que é muito importante, para não andarmos com os cavalos em sobrecarga, física e mental. Na sua opinião há um grande desvirtuamento relativamente aquilo que era a Feira no passado e que é agora. *Como criador não vejo nada de novo na Feira, ao nível de melhoria da raça também não, os juízes levantam-me dúvidas e, portanto, a Feira deixou de ter interesse para mim. Tudo o que são competições desportivas onde não se pode fazer batota e não há compadrios são feitas no Hippo onde ninguém vê. E só se veem as finais*. *O que é que as pessoas ainda gostam de ver? A apresentação da Escola de Arte Equestre, tanto a de Alter como a da Lezíria Grande, e um ou outro grupo estrangeiro que se queira mostrar, como aqueles do volteio que eram muito bons. Isto basicamente é o que acontece em termos equestres. Em termos de Feira do Cavalo é isto. Antigamente o interesse era mostrar o que havia e hoje ninguém mostra o que há*. O dia mais importante da Feira, que era o Dia de São Martinho, passou a ser atualmente a 5af anterior, dia do Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela. *Muitos vêm na 5af antes do São Martinho, esse é o dia mais importante para os criadores. Já não é o Dia de São Martinho. A Feira Nacional do Cavalo passou a ser na 5af antes do Dia de São Martinho. E a partir das 17h*

				não se consegue andar na Feira. Está de tal maneira cheio que o Largo já não comporta. Agora a Câmara comprou um espaço, mas é para montar casetas, é para os cavalos. Hoje todos querem montar casetas, há imensa gente a querer. Mas a caseta antes justificava-se quando não havia infraestruturas. Hoje em dia há tudo. Nós deixámos de montar o pavilhão porquê? Porque para comer umas tapas e beber um copo de vinho vão lá a casa, é mais prático. E o entrevistado retoma a conversa sobre a Cardiga para relatar o ambiente que se vivia pela altura da Feira. *No tempo da minha mãe, e já no tempo dos meus avós, fazíamos sempre um jantar na Cardiga na véspera do Dia de São Martinho, onde reuníamos cerca de 300 pessoas. Nós éramos cinco filhos, e cada um de nós tinha dez amigos para convidar. Logo aí eram cinquenta pessoas. O meu pai levava mais cem amigos, portanto, facilmente havia duzentas/trezentas pessoas lá em casa para jantar. Depois à meia-noite, na Capela da Cardiga, rezava-se missa. Nós dizíamos ao Padre: - Padre Vaz, por amor de Deus, mais de 20 minutos não. Então o Padre Vaz rezava a missa em 20m, em latim. Dos convidados, só assistia quem queria. Porque tudo ao redor estava em animação. O José Cid estreou lá, veja lá aos anos que isso foi, o Quarteto 1111. Éramos todos crianças e adolescentes nessa altura. Depois cantava-se o fado. Lembro-me de o fazerem, nas escadas que vão para o primeiro andar onde é a cisterna. O João Braga, o Ferreira-Rosa. Eram festas inesquecíveis que aconteciam uma vez por ano. As outras famílias também vinham à Cardiga. Havia aquela coisa de convidarmos e*

				as pessoas dizerem – mas eu tenho cá gente. E nós dizíamos – venham todos! Era assim. *Quando casei a situação manteve-se. Nós morávamos em Lisboa, mas tínhamos os nossos aposentos na Cardiga. A Cardiga é um oito autêntico e cada família tinha um corredor com oito quartos. O nosso era o virado a Norte, depois era o dos meus avós, depois a Biblioteca e depois dos primos Murças. E depois ainda havia também umas camaratas onde dormiam os amigos*. Enquanto lavradores, a família Sommer d'Andrade era detentora, como referido, de muitas propriedades agrícolas. *O meu pai circulava muito pelas nossas propriedades, mas à 3f estava sempre na Cardiga. Ficava até 6af e, na 6af, mudava-se para Coruche, para a Agolada, onde hoje mora a minha irmã. Essa casa foi mesmo feita para nós. Cada um de nós tinha lá o seu quarto também. São cinco quartos, cinco casas de banho e mais os quartos para os netos no 1º andar. Nesse aspeto os meus pais eram impecáveis, e os meus avós também. Na Cardiga a minha avó era a dona da casa. O meu avô era só administrador, ela é que era a dona da casa. Mas ela morava no Estoril, não estava sempre lá. A minha avó vinha sempre em setembro para as vindimas e depois ficava até um pouco antes do São Martinho. Já mais velha a minha avó nunca ficava para o São Martinho. Ela entregava a casa aos índios pela altura da Feira e fugia. Em contrapartida estava no Carnaval e fazia partidas. A minha avó era o máximo. O meu avô estava sempre, esse esteve na Feira até morrer. O meu avô Rui morreu um mês depois da Feira, no ano de 1967. Apanhou uma pneumonia e morreu*.

				Rui Andrade já não possui pavilhão na Feira, mas os filhos mantêm essa tradição, não pela vertente equestre, mas pela vertente social. *Nós deixámos de ter pavilhão na Feira há dois anos, foi com a morte do meu irmão Zé Luís. Tínhamos feito um pavilhão novo para a família toda, porque o outro estava muito velho. O meu irmão Fernando nunca o usou, o meu irmão Zé Luís usou 2, 3 anos mas pouco, também deixou de vir. E eu aguentei aquilo sozinho, de maneira que não valia a pena. A Feira para nós deixou de ter sentido, completamente. Os filhos continuam a ir à Feira, continuam a montar o pavilhão deles, porque têm um pavilhão próprio, a meias com a minha irmã* [Maria Emília D' Andrade Oliveira e Sousa]. *Também já não montam a cavalo, mas pelo menos serve de ponto de reunião com os amigos, para beberem uns copos e estarem ali na conversa. Em relação aos netos, está a minha neta mais nova a começar agora a montar a cavalo. Tem 4 anos. E andar a trote é o que ela gosta mais.* Rui mantém a tradição de ir à Feira. *Ainda hoje todos os anos vou à Feira sim, ver os amigos e dizer que ainda estou vivo. Faz-me um bocado de confusão tanta gente. Na realidade isso é que descaracterizou a Feira. A Feira tornou-se numa coisa pior que a Romaria da Sra. da Agonia. Na Sra. da Agonia ainda se vê umas senhoras bem vestidas a mostrar as arrecadas, ali nem isso. O que vê é uma série de gente, urbanita como costumo dizer, mais ou menos depressivos que vão curar a depressão bebendo copos e embebedar-se*.

				Guarda na memória algumas situações que assistiu quando ainda possuía pavilhão na Feira. *Eu na minha caseta vi de tudo. Uma vez um tipo tirou a manta ao cavalo, embrulhou-se na manta e pôs-se a dormir aos pés do cavalo, dentro da boxe. Conseguiu abrir a boxe porque as minhas boxes eram chatas de abrir. Vá lá que fechou a porta, ou a porta fechou-se. No dia seguinte pôs-se a gritar que não conseguia sair, ainda estava embrulhado na manta. Eu vi de tudo.* O retrato que faz da Feira na atualidade não é o mais elogioso. *Eu cheguei à conclusão de que há pessoas que têm cavalos em centros hípicos e que só montam na Feira da Golegã. E os cavalos são usados para dar lições aos outros meninos que pagam. É com isso que sustentam os cavalos. E depois vão lá buscar o cavalinho pela Golegã. Vêm camiões cheios daquela brincadeira, para montarem só naquele dia. E depois montam até a exaustão. E há outros que trabalham até às 8h da noite e depois vêm montar. Eu só tive consciência disso uma vez que fui jantar a casa e uns amigos, depois houve uns fados e guitarradas e fiquei lá até às 4h da manhã. Quando saí, fui buscar o carro que estava parado ao pé da Biblioteca, lá no meio da vila e, de repente, às 4h da manhã abre-se uma porta de uma garagem, naquelas ruas lá para trás e sai um tipo a cavalo, vestido como deve de ser, o cavalinho impecável, acabadinho de arrear. E lá vai ele, no silêncio da noite, toc toc toc, numa rua deserta, nem queiram saber o barulho que aquilo faz. Para ir para o Largo do Arneiro aquela hora. E eu pensei – às 4h da manhã não pode haver cavalos na vila! Chateei a Guarda Republicana, chateei a Direção*

				da Feira. Tinha que haver uma disposição camarária, e agora já há, a dizer que os cavalos não podem andar na rua depois das 2h da manhã. E mesmo assim ficou às 2h da manhã, eu queria à 00h. A partir do decreto camarário, já a polícia pode atuar. Retoma a questão da regulamentação que, para si, é fundamental para salvaguardar a questão do bem-estar animal e do bem estar dos goleganenses, em geral. *Eu fiz parte da Direção da Feira uma data de anos e eu já tinha consciência disso. Se nós não fizéssemos alguma coisa, qualquer dia vinham aqueles do bem-estar animal por cobro a esta brincadeira. Era inadmissível, cavalos que andaram 24h com um cavaleiro as costas. Cavalos que morreram por exaustão. Isso admite-se num país civilizado? Se me dissessem que era para fugir de índios, mas não. Era para andar ali à volta, mais nada. Chatear os cavalos, só porque sim? Desde miúdo que eu ouvia dizer, à minha perceptora alemã, que isso era tortura animal. E era. No nosso tempo nós montávamos a cavalo um bocadinho depois do almoço, e às 19h estava tudo apeado, os cavalinhos na cocheira e pronto. Era assim. Ficávamos um tempo parados na caseta dos amigos, só para dizer – boa noite, estamos cá, que cavalos é que tens? E os que estavam mais ensinadinhos faziam um piaffe, uma passage, uma meia pirueta e pronto, mais nada.* *Se for à Feira de Jerez ou à Feira de Sevilha é uma coisa completamente diferente disto. São feiras com regras. Esta não tem regras. Quer dizer, agora já tem algumas regras sim, mas houve uma altura em que não. Tem algumas regras, mas foi preciso um refilanço que não queria saber. Eu tenho boa relação com o Presidente e*

				Vice-Presidente da Câmara e acho que temos que encontrar uma solução para o goleganense, que não tem nada a ver com a Feira e que vai trabalhar no dia seguinte, às 8h da manhã, para que possa circular livremente e fazer a sua vida livremente. Há que por regras e regulamentos. Se fosse fora da vila tudo bem, mas a Feira acontece no Centro da vila. Não dá.
002	Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas	Quinta de Santo António. Golegã 07.06.2024	Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas, nasceu em 1930 em Lisboa. Filha de Júlia Coimbra de Castro e do capitão Jorge Augusto Segurado de Castro. Neta do grande lavrador João Assunção Coimbra. Foi viver para a Golegã com 7 anos de idade. Viria a casar, em 1950, com o Eng. José António Jorge Canelas. É a atual matriarca da família Castro Canelas que está sedeada na Quinta de Santo António, na Golegã. D. Maria Fernanda é irmã de Maria Amélia Coimbra de Castro Veiga, viúva do Eng. Manuel Tavares Veiga, pai do atual proprietário da Quinta da Brôa e atual matriarca da família Veiga.	Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas é a matriarca da família Castro Canelas. Pertence, desde sempre, à comunidade equestre. O seu avô, João Assunção Coimbra, foi um dos maiores lavradores da Golegã e fundou, há mais de cem anos, a atual Coudelaria Manuel Assunção Coimbra. Nascida em 1930, refere que desde os 7 anos de idade que frequenta a Feira da Golegã. Aos 95 anos de idade D. Maria Fernanda ainda vai assiduamente à Feira. Diz o seu filho José que, no ano anterior, chegou a estar lá até às 2h da manhã. A entrevista permitiu fazer uma abordagem à sua história de vida, na relação com a Feira da Golegã e compreender os momentos chave da mesma. Em criança Fernanda acompanhava os pais, os avós, primos e restante família. *Sempre fui à Feira, sempre sempre todos estes anos. Só faltei 2 vezes. Quando era pequena, lembro-me que íamos de carro. O meu pai andava a cirandar, eu e a minha mãe e a minha irmã ficávamos dentro do carro, a ver. Púnhamos o carro mesmo dentro do largo do Arneiro e ficávamos ali, a ver o desfile. Mais tarde já montava.* Fernanda foi das primeiras meninas a montar escarranchadas na Feira da Golegã*. Não sei se fui a*

				primeira, mas fui das primeiras. Todas montavam à amazona, as minhas primas, a minha irmã também. O meu pai pôs-me à amazona mas eu não achei muito confortável. Eu disse, eu não quero montar assim, ou me deixam montar escarranchada ou eu não quero pronto, não monto. E eu que era a mais aficionada. Bom, fomos para Vila Franca, para o Horta, o alfaiate. Tinha aí 14 anos, 13, 12, não sei. Fizeram-me um fato completo com calças e uma saia por cima, aberta à frente e atrás que ele já tinha mais ou menos esse modelo, portanto, já haveria alguém que montava assim. Então eu passei a andar escarrachada com aquelas saias que ainda agora usam as senhoras. Algumas mais tarde copiaram. A minha saia andou tanto em copianço que eu até a perdi. Durante a sua infância e juventude Maria Fernanda sempre frequentou a Feira, sempre montando a cavalo. Quando casou, não tem ideia de ter voltado a montar a cavalo. *Depois de casada, não me lembro bem se montava, tinha os bebés e certamente andava mais de carro de cavalos. Não sei, não me lembro bem se montava depois de casada, mas antes, com certeza que montava. Até aos 19, 20 anos montava sempre.* Do seu tempo de solteira recorda-se de receberem muitos familiares e amigos em casa*. Era uma festa. Não havia restaurantes. Tínhamos muita convivência com pessoas de fora, com ganadeiros e criadores de cavalos também.* D. Maria Fernanda recorda que vinham pessoas de todo o lado: da *Quinta de Alorna, do Casal Branco, os Vasconcelos e Sousa, Família Palha, que já era muito grande, os Ervideiras que vinham do Alentejo, os Cabrais, Faustino da Gama, que vinham das Caldas da*

				Rainha, João Caldas, Picão Caldeira, de Elvas. E depois vinham quase todos os cavaleiros tauromáquicos, queriam cavalos para tourear ou queriam vender os que já não serviam. A matriarca da família Canelas recorda muitas figuras e tempos muito felizes vividos na Feira da Golegã. *O Engenheiro Manuel Veiga muito bem posto, com os colarinhos engomados no seu belo garanhão, com o seu Equitador Nicolau ao lado. Dom Luís Ervideira na sua parelha impecável. Também o grande mão de rédea Dom José de Siqueira, o Toureiro João Núncio, ia tudo vê-lo passar. Ele, não, não se mostrava muito tempo, estava sempre pouco tempo, mas parecia muito bem, os seus cavalos muito bem arranjados. Também por vezes aparecia a toureira Conchita Cintron. Faustino da Gama, David Ribeiro Telles no começo da carreira e mestre Nuno Oliveira. O David era um pouco mais velho que eu e já montava e tinha cá muitos amigos na Golegã.* D. Maria Fernanda recorda o Baile das Jaquetas e os serões dedicados ao jogo, no Clube*. Havia muito jogo aqui, perderam-se muitas fortunas.* Há noite, só os homens se reuniam*, o meu pai contava-nos do que falavam e falavam sempre de cavalos. Uns falavam de cavalos, outros jogavam.* A entrevistada recorda também o período da revolução do 25 de abril, em que a Feira sofreu um revés. *Nessa altura, a Feira estava quase acabada, éramos todos vistos como fascistas. O meu marido deitou mão aquilo e mais algumas pessoas, trabalharam muito para não deixar acabar a Feira.*

				Senhora Dona Maria Fernanda de Castro Canelas falou da família, dos seus descendentes, filhos e netos e da irmã, Maria Amélia Coimbra de Castro Veiga, mãe de Manuel Tavares Veiga que ainda mantém uma Casa no Largo do Arneiro e onde, por ocasião da Feira, ali passa grande parte do tempo. É-nos referido, pelo seu filho José que, muito recentemente, a matriarca da família permaneceu na Feira até cerca das 2h da manhã, tal a alegria e a diversão que se vive por esta ocasião. Os filhos e netos todos vivem a Feira, de forma idêntica, mas à sua maneira. Grande parte monta a cavalo, mas muitos já não o fazem. O filho José Castro Canelas e o que mantém maior ligação à Feira, da qual é diretor desde 1989.
003	José Coimbra de Castro Canelas	Quinta de Santo António. Golegã 07.06.2024	José Coimbra de Castro Canelas, filho de Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas e José António Jorge Canelas. Licenciado em Engenharia de Produção Animal pela Escola Superior Agrária de Santarém, é empresário agrícola nas áreas da Agricultura, Pecuária, Floresta e Vitivinicultura. É responsável pela Coudelaria Coimbra de Castro Canelas, cuja sede é na Quinta de Santo António, na Golegã, onde cria Cavalos Lusitanos e de Desporto. Membro, com funções diretivas, em diversas Associações profissionais agrícolas e do âmbito equestre sendo, entre outras, Diretor da Associação da Feira Nacional do Cavalo, desde 1989, Diretor da Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas, detentora de vários studbooks de raças de Cavalos, tendo sido Presidente do Studbook do Cavalo PSI. Foi Diretor e Presidente durante 13 anos, da Associação Portuguesa de Atrelagem. É Juiz Internacional de Atrelagem da Federação Equestre Internacional, disciplina em que também foi atleta.	A entrevista a José de Canelas foi repartida dada a importância e a riqueza deste testemunho. José Canelas é um dos diretores da AFNC. Entre outras ocupações dirige uma das três mais importantes Coudelarias da Golegã. É, sem dúvida, um dos mais importantes elementos da comunidade equestre local. Está envolvido em tudo o que diz respeito à Feira da Golegã e à AFNC, incluindo, para além da organização da Feira, a realização do CIAT de Outono, da ExpoÉgua e da Romaria a São Martinho. *Para nós a Feira sempre foi um ponto de referência anual. Pensamos sempre nela porque estamos aqui na Golegã. Fazemos até as coisas um bocadinho em função da Feira.* Na primeira parte da entrevista José Canelas traça uma perspetiva do que foi a Feira da Golegã no tempo das gerações que o antecederam. Sendo que não tem memórias dessa época, foi retendo, ao longo dos

				tempos, aquilo que pais, avós, tios e outros familiares e amigos lhe foram relatando oralmente acerca da Feira. *A nossa família sempre levou cavalos à Feira. Há 3 ou 4 gerações que estamos ligados à Feira como criadores de Lusitanos. O meu bisavô João Coimbra começou uma coudelaria ainda no século XIX, com base em éguas daqui, que eram éguas do Marquês de Castelo Melhor. O meu bisavô tinha uma exploração agrícola bastante grande entre a Azinhaga e a Golegã. O grande mercado desses cavalos era a Feira da Golegã E também a Feira do Ribatejo em Santarém, numa outra dimensão.* José Canelas recorda *que a* primeira referência à Feira da Golegã é do século XVI, quando o rei D. Sebastião a instituiu. Primeiro seria no dia de São Francisco, mas depois Penela queixou-se que havia também uma Feira na mesma data e então o Rei mudou para o São Martinho. José Canelas considera que foi *providencial porque naqueles dias à volta do São Martinho habitualmente temos bom tempo.* Refere que até aos anos 80 quem tinha cavalos para trazer à Feira eram os agricultores. A situação hoje é consideravelmente diferente. *Hoje já há pessoas especializadas em cavalos mas, naquela altura, eram só os agricultores. Os cavalos eram uma das áreas da exploração agrícola. Faziam parte dela. O meu bisavô teria à volta de 100 éguas E estas eram usadas para o trabalho. A seleção era essa.* José Canelas explica quais eram os cavalos que se colocavam à venda na Feira:

				Na minha família normalmente os cavalos de três anos eram os que se punham à venda. Normalmente, em novembro, estes já tinham um princípio de desbaste. Alguns até já estavam montados e, por isso, vinham para a Feira. Havia um pavilhão onde se mostravam os cavalos. O meu bisavô João Coimbra foi a primeira pessoa da nossa família a erguer esse pavilhão que depois foi continuado pelo meu tio Manuel Coimbra. Com a morte do tio, a Coudelaria foi dividida em quatro sendo que a parte que hoje pertence aos Castro Canelas quase se extinguiu. *Contudo, os nossos primos mantiveram sempre os pavilhões para trazer os cavalos à Feira, para serem vendidos.* Nessa altura e como recorda o entrevistado, a Feira era de três dias. A partir de determinada altura começou a ser uma feira não só comercial, mas também social. *A Feira começou a ganhar esse lado mais social eu penso que foi durante a Segunda Guerra Mundial. Nessa altura, quando se deu a limitação dos automóveis, muita gente começou a comprar de novo cavalos. Instalou-se a ideia de que os cavalos iam substituir novamente o automóvel. Eu penso que foi nesta altura que a Feira ganhou um lado mais social. Nos poucos pavilhões que existiam começou-se a receber os clientes e começou, aos poucos, a ser uma moda vir à Golegã. O dia 11 era o dia principal da Feira, o dia em que se mostravam os animais, mas no dia 12 é que se faziam os negócios*. *Vinham os cavaleiros tauromáquicos comprar cavalos mas também mostrar os seus. Nos anos 40 e 50 quem tinha pavilhões era os Andrade, Veiga, Coimbra e os Infante da Câmara que tinham um pátio grande onde estavam os cavalos e que era apenas usado para a*

				Feira. Depois havia mais uns quantos pavilhões de coudelarias da região ou outras. José Canelas salienta mais uma vez que esta não é a sua memória da Feira, é sim, informação que lhe chegou oralmente. A sua relação com a Feira começa efetivamente nos anos 60. Canelas conta que nasceu em setembro, em Lisboa, e que a sua primeira viagem foi à Feira da Golegã. *Daí para cá só falhei 2 vezes.* O entrevistado recorda o que sucedeu no ano de 1976, em consequência da Revolução de Abril. Note-se que a família Castro Canelas, não compareceu, tal como muitas outras. *Vieram os militares para garantir que havia Feira. Pela primeira vez houve um concurso de saltos. Era a maneira de garantir que havia cavalos na Feira. E era a única maneira de não chamar fascistas a quem vinha a cavalo, que eram os militares. Nunca tinha havido um concurso de saltos aqui na Golegã. os militares estavam a saltar e no meio lá parecia uma casaca vermelha. Ninguém tinha coragem de lhes chamar fascistas porque quem estava a saltar eram os militares. Esta foi a Feira de 1976 foi a forma de regressar, porque em 1975 não tinha havido*. José Canelas começou a montar a cavalo relativamente cedo na Feira. *O meu pai ia a cavalo e levava o meu com a arreata ao lado, um cavalo mais pequeno. Comecei por montar um garrano e depois outro cavalo já mais velho, que era muito grande, e no qual aprendemos todos a montar. Aos 5/6 anos eu ainda ia a arreata com 9 anos já montava sozinho.*

				Relata um outro episódio que também se contava no seio familiar *O meu avô chamou a atenção ao meu pai por levar aquele cavalo velho para Feira. O cavalo já teria os seus 25 anos, mas era um cavalo bom e bonito. A certa altura o doutor Rui de Andrade perguntou ao meu avô: - Quem é que é aquela rapariga que está a montar? Era a minha irmã. O meu avô respondeu, com algum embaraço, que era a sua neta. Mas ele disse: - Olhe é o cavalo com melhor esqueleto que aqui está. O cavalo era efetivamente velho mas era grande e muito bem feito. Essa graça também corria cá na família*. José Canelas recorda que a Feira era um descampado que tinha uns ferros à volta dos quais os cavaleiros circulavam. *As pessoas colocavam-se em volta a ver quem passava e a ver os cavalos. Os cavaleiros apresentavam-se fazendo as suas demonstrações, passagens de mão, os seus piaffes, as suas passages, Uns queriam vender, outros só queriam mostrar.* De acordo com o entrevistado, em 1972, a Feira adquire o estatuto de Feira Nacional do Cavalo, e começam a aparecer mais pavilhões. *Aparece um pavilhão do Manuel Quina que ainda hoje lá está e começam a aparecer mais criadores por exemplo Ortigão Costa que faz um pavilhão muito grande. É o criador que manteve sempre o pavilhão, mais ou menos no mesmo sítio, até hoje.* José Canelas fala sobre a organização da Feira com a qual a sua família esteve implicada e o próprio, desde muito cedo.

				Nos anos 70 começaram a organizar-se as provas desportivas, mas não havia Secretariado da Feira, como há hoje. Havia sim um Secretário-Geral, que era o Fernando Saldanha Mendes. Recordo-me que andava sempre com os papéis todos debaixo do braço. E havia uma barraquinha perto da tribuna onde ele estava. Entretanto começaram a organizar-se as provas desportivas, das quais os grandes mentores foram o Eng. Fernando Sommer de Andrade e o meu pai. Começaram a organizar os Concursos de Atrelagem, os Concursos de Raids, os Obstáculos, Concurso Completo. Lembro-me que, como não havia secretariado, as reuniões eram numa sala que tínhamos ali fora e começavam logo em setembro. Decorriam uma vez por semana. Foi aí que os criadores começaram a organizar tudo – isto nos anos 70. Mas era da Câmara que pagava tudo. José Canelas conta, na primeira pessoa, como é que a Feira ganha uma nova configuração com a entrada de um grupo de elementos mais alargado da comunidade equestre, que vão fazer a diferença na organização da Feira. É claramente neste momento que se faz a ponte para a realidade atual. *Começou-se a juntar um grupo, do qual eu fazia parte. O meu pai e o Eng. Fernando Sommer de Andrade começaram a envolver gente nova que era o Luís Vasconcellos e Souza, o José Castro Pereira, o Manuel Veiga e eu, pela parte desportiva. Tudo o resto continuava a ser Câmara que organizava. Nesta altura já começava a Feira a deixar de ser três dias. Passou para cinco dias. Começava a 7 ou 8 de novembro e ia até 11 ou 12. Jogava com os fins de semana, quando calhava ao dia 11. Depois foi nesta altura, quando se*

				organizavam os Saltos de Obstáculos e os Raids, que passou a haver um segundo fim de semana. Mas isso foi só depois de 1989 um ano importantíssimo para a Feira, porque foi o ano da peste. Foi muito importante porque não houve Feira nesse ano. Só podiam vir os cavalos que eram do Concelho. Vieram os cavalos da Coudelaria Ortigão Costa, os outros criadores achavam que não deviam vir e não vieram. Canelas salienta como esse ano foi providencial. *Não houve concursos nem houve nada. Foi muito importante para a Câmara perceber algumas coisas. Porque nós criadores andávamos a insistir com a Câmara para profissionalizar a Feira. Queríamos pôr as coisas a funcionar melhor, não só em termos de concursos, mas também em termos desportivos. Queríamos uma coisa mais a sério, que não fosse só o Secretário-Geral, que organizava tudo.* Segundo o entrevistado, a Câmara, sentiu isso como posição de força. *Não houve Feira, mas houve uma grande reunião de criadores, em casa do Manuel Veiga, em que se juntaram umas 70 ou 80 pessoas A reunião foi convocada para dizer o que é que queríamos da Feira. Foi quando a Câmara, com o Presidente José Melancia, passou a dar abertura para que as coisas se fizessem de outra maneira. Fez-se o Secretariado, onde todas as reuniões se faziam. Nessa altura, para não fazer coincidir as provas desportivas com a Feira propriamente dita foi quando se decidiu fazer o primeiro fim de semana desportivo na altura chamava-se o prólogo desportivo. Faziam-se os Obstáculos, o Raid e mais nada. Depois passou a ser o Concurso Completo, mas isso já era durante a semana.*

				À época, a organização já passa pelo Secretariado. Tudo se fazia aqui no Secretariado, chamávamos tudo o que era gente jovem aqui da Golegã para ajudar. Éramos uns carolas. Nós é que fazíamos tudo, *pro bono* claro, tal como ainda hoje. José Canelas destaca a figura do então Presidente de Câmara, José Elias Melancia Godinho. *Foi realmente com ele que a Feira deu a grande volta. Ele estava muito agarrado à Feira, naqueles moldes, mas percebeu que precisava dos criadores para fazer uma boa Feira. E a partir de 1990 houve um dinamismo muito grande. Convidámos uma série de pessoas, de criadores, a fazerem pavilhões.* A Feira adquire os moldes que hoje ainda conserva. *Foi quando vieram os pavilhões todos, Casal Branco, Casa Cadaval, Lagoalva, Graciosa. Os Ervideira já cá tinham pavilhão anteriormente, tal como os Picão Caldeira. Já tinham tido pavilhões nos anos 60 e 70, mas voltaram todos. Os Veiga Maltez nessa altura fizeram um pavilhão, que nunca tinham tido e os Sommer de Andrade voltaram também a fazer um pavilhão que já não tinham*. Neste ponto José Canelas fala do Arquiteto Arsénio Cordeiro o qual teve muito importância no desenho do espaço da Feira. *O Arsénio Cordeiro fez um esboço para fazer um pavilhão a meias com o Manuel Abecassis, esboço este que depois divulgou por toda agente. O resultado foi que passou a haver um tipo de pavilhão que era mais ou menos igual para todos, feito com base nesse desenho, claro, cada um com as suas particularidades.*

				Nesta ocasião a Feira da Golegã ganha uma notoriedade sem precedentes. *A partir de 90 foi o grande boom. Então começou a haver concursos regularmente. Na realidade, multidões já havia. Lembro-me que na tal Feira de 89 já havia multidões de pessoas e havia somente 20 cavalos na Feira.* José Canelas prossegue na descrição da história recente da Feira: *As pessoas (os criadores) empenharam-se muito. A seguir veio a criação da Associação. Efetivamente conseguimos convencer o Presidente seguinte, Manuel Madeira, a constituir uma Associação em que o Presidente da Câmara seria o Presidente da Feira por inerência de cargo. Desde aí que somos diretores eu, o Manuel Veiga, o Luís Vasconcellos e Souza.* Num segundo momento da entrevista José Canelas volta um pouco atrás, para recordar de novo, aquilo que lhe foi contado. *A minha mãe começou a montar na Feira com 13, 14 anos. Vinha com os tios a cavalo. A minha mãe foi das primeiras senhoras a montar e escarranchada. O meu tio, Manuel Coimbra, estava à frente da parte pecuária. Ele na altura era solteiro e os sobrinhos montavam com ele a cavalo, nos dias 10 e 11 que era quando se montava. Não se montava mais dia nenhum.* José Canelas destaca a importância do papel da mãe, Maria Fernanda Coimbra de Castro Canelas. *A minha mãe foi das primeiras senhoras a montar escarranchada na Feira, além da Marquesa da Graciosa, que era um bocadinho mais velha. A minha mãe gostava muito de montar a cavalo. Ela era relativamente desembaraçada*

				e montava sempre nessa altura. Tinham também um pavilhão onde estavam os poldros. *O meu pai nada tinha a ver com a Golegã. Era de Lisboa e quando se casou começou a montar também na Feira. Meus irmãos mais velhos, eu e o meu Irmão mais novo montávamos sempre na Feira. Havia aqueles dias em que montávamos. Entrávamos nas cavalhadas e noutras provas engraçadas que já havia. Eu já não montei tanto como os meus irmãos porque depois veio o 25 de abril e houve um interregno. Mas os meus irmãos montavam muito havia sempre grandes grupos a cavalo. E depois havia grandes festas à noite*. Canelas recorda o ambiente na sua casa. *Recebíamos muitas pessoas em casa, nessa altura sobretudo portugueses, estrangeiros nem tanto, só por vezes alguns espanhóis. Recebíamos amigos e conhecidos porque um amigo trazia mais dois ou três. Na altura não havia nada na Feira, havia apenas aqueles dois ou três restaurantes tradicionais da Golegã onde as pessoas caíam todas a almoçar. Naqueles dias tínhamos sempre almoço e jantar para quem viesse*. Recorda de ouvir que antigamente, as pessoas iam ouvir os ciganos a cantar o fado e faziam-se bailes nos pátios em redor do Largo da Feira. *Também havia o Baile da Jaqueta que era feito no Clube da Golegã que era onde se juntavam todas as pessoas de um determinado grupo*. Contudo, no seu tempo, a realidade já era outra. *Quando eu tinha 18 anos a realidade já era outra. Trazíamos os amigos, dávamos aqui grandes almoços e grandes jantaradas, depois íamos para a Feira. Às vezes íamos*

				para casa de um, para casa de outro, havia uma concertina a tocar, Juntávamo-nos e dançávamos. Isto, claro, fora da Feira. Às vezes chovia, fazia mau tempo e nós queríamos era divertir-nos e andar à noite. Lembro-me que o meu pai ralhava imenso. Dizia que tínhamos que nos levantar cedo para irmos mostrar os cavalos porque o negócio era o mais importante para os mais velhos. Os mais novos queriam divertir-se. Canela considera que nos anos 80 a Feira passa a ter um lado mais social. *Claramente muito mais social.* Uma das preocupações da AFNC nos anos 90 foi ter representadas na Golegã todas as disciplinas equestres. *Sendo a Feira Nacional do Cavalo não fazia sentido que fosse de outra maneira. Tentámos que houvesse representada não só a raça lusitana, que é principal, mas também as outras raças. E passou a haver concursos de outras raças reconhecidas em Portugal, árabe, anglo-luso e puro sangue inglês com um pouco de menos expressão. No fundo era isto. De concursos havia o ensino, os obstáculos, os completos, as provas de cavalhadas – que foi o Eng. Fernando Sommer de Andrade que impulsionou e que tinham sempre imenso sucesso. Ainda hoje se fazem com o nome de Trofeu Fernando Andrade. Mais tarde apareceu a Equitação de Trabalho,* A Equitação de Trabalho é uma disciplina importantíssima atualmente. As pessoas gostam e é fácil para quem tem um cavalo Lusitano. *É também uma maneira de participar sem ser em alta competição. É uma disciplina apta para os nossos cavalos, os quais brilham nisso. A prova disso é que Portugal continua a ser redundantemente campeão mundial.*

				Por este motivo houve necessidade de alargar o período de Feira. Aquilo que era um prólogo desportivo à Feira passou a integrar a Feira, e agora a Feira são 10 dias. Já não se distingue o prólogo desportivo. *As pessoas já vêm no primeiro fim de semana.* José Canelas fala sobre o fenómeno imobiliário na Golegã que decorre da existência da Feira. *As pessoas começarem a comprar casa na Golegã. Antigamente os goleganenses saíam das suas casas iam para um barracão ou para outro local improvisado, e alugavam as suas próprias casas. Era uma fonte de rendimento para os locais. Era uma população bastante rural. Atualmente já não é bem assim mas antigamente era e esse dinheiro era uma grande ajuda para a economia familiar*. Curiosamente hoje ainda acontece. Segundo o nosso entrevistado, a Feira são dez dias e muitas pessoas ainda saem de sua casa para alugar. Algumas vão para um anexo que tem ao fundo do quintal, por exemplo, ou concentram-se num quarto e alugam o resto da casa. *Ainda acontece e é um fenómeno importante*. *Outra coisa diferente é, o facto de, a partir de certa altura, as pessoas começarem a comprar casa e terem aqui na Golegã uma segunda casa, propositadamente para a Feira. Imensa gente que está ligado ao mundo do cavalo tem cá casa. Há um mercado enorme. Para termos uma ideia a Golegã tem o m2 mais caro do Ribatejo. Explica-se por causa deste fenómeno. E isso teve uma importância enorme para a Golegã porque as pessoas já cá vêm fora da Feira, como têm cá casa vêm durante o ano. Sempre que há algum evento equestre as pessoas vêm. Vêm na ExpoÉgua, vêm num fim de*

				semana em que há uma prova de Equitação de Trabalho, de Dressage ou de Obstáculos e vêm passar férias e fins de semana. Há pessoa que vão para a praia, outros vêm para aqui. Na atura da Feira estão cá dez ou quinze dias. São as férias deles. Nem toda agente gosta de praia. Estas pessoas vêm de todo o país, do Norte, da margem sul do Tejo, do Montijo, Alcochete, Setúbal, do Alentejo também. *Mas sobretudo do Norte e cada vez mais. E depois utilizam a casa para outros fins. Às vezes precisam de tratar de assuntos em Lisboa e vêm ficar à Golegã, em sua casa. Umas casas pequenas, outras maiores, casa de classe média mas também casas melhores, onde fazem grandes loucuras, grandes investimentos. Todas estas casas têm uma ou duas boxes para cavalos. Antes era baias, agora já têm boxes. Houve essa evolução recentemente. Quase todas as casas já têm boxes. Muitas destas casas, a pessoa entra pela porta principal com o cavalo, tem um corredor que desagua num pátio onde estão duas ou três boxes. Isso é vulgaríssimo, sobretudo ali perto do largo da Feira. É porta sim porta sim*. José Canelas tenta descrever quem são essas pessoas. *Essas pessoas não são tantos profissionais dos cavalos mas sim pessoas que fazem disso o seu hobby. Quem tem a sua vida profissional dos cavalos e precisa de vir à Golegã geralmente não faz tanto investimento. Esses estão muito habituadas a alugar uma boxe para o cavalo e alugam um quarto para si. Há imensos, mas esses não fazem investimentos em imobiliário. Há muitas coudelarias que têm casa e têm os seus cavalos, mas há um mercado muito grande de gente que faz esse*

				investimento porque tem um cavalo para lazer. Isso é o que há mais e é o que movimenta mais o mercado imobiliário da Golegã. Canelas refere um pormenor interessante que nos últimos anos se verifica. *Uma coisa engraçada que acontece e que às vezes nem damos muito conta disso. Quando a Feira está mais morta ou logo no início, essas pessoas juntam-se e vão dar passeios para o campo. E são às centenas. Isto antes da Feira começar ou logo nos primeiros dias. Quando há provas desportivas e pouco se passa na Feira. São encontros organizados de forma completamente informal. Passam completamente ao lado, mas acontecem.* Por fim, José Canelas refere-se à existência dos Romeiros de São Martinho, contando a história de como nasceram. *Eu a certa altura comecei a pensar que, sendo Feira de São Martinho era importante haver alguma coisa que juntasse as pessoas em torno do São Martinho. Coincidiu com uma ideia do Professor Gorjão Clara que queria fazer uma Confraria do Traje. Que no fundo tinha algumas coisas em comum, que era o facto de as pessoas irem vestidas de igual. Então fizemos a irmandade dos Romeiros de São Martinho que é mais abrangente e não tão limitante em termos de traje. Eu fiz um rascunho dos estatutos que apresentei à Direção da Feira, o que depois foi melhorado, corrigido, aumentado. Conseguimos cativar o Prof. Gorjão Clara para esta ideia, que a abraçou e que se envolveu muito. E atualmente temos centenas de pessoas que são Romeiros de São Martinho e que vibram com isto. Fazemos em maio porque em novembro o tempo é*

				incerto para fazer passeios. Assim decidimos fazer pelo ExpoÉgua quando o tempo já está melhor. Foi uma maneira de dinamizar e unir as pessoas à volta de qualquer coisa que não existia. Na Feira faz-se uma cerimónia, com a bênção dos Romeiros. Começa com um cortejo que se realiza no próprio Dia de São Martinho. Chegamos à igreja e o padre procede à bênção. Depois entramos todos pela Feira. Não se faz muito mais porque as pessoas, nesta altura, estão envolvidas com outras coisas e dispersam. Em maio, pela ExpoÉgua fazemos questão de fazer a grande festa dos Romeiros.
	José Coimbra de Castro Canelas	Quinta da Boavista. Vale de Figueira 12.03.2025		Esta entrevista é uma continuação da anterior que decorre, como referido, da importância do testemunho, e do conhecimento acerca da Feira, do Eng. José Canelas. A entrevista foi realizada na Quinta da Boavista, em Vale de Figueira, por ocasião da entrevista efetuada a Madalena Abecassis e, na qual José Canelas também participou. Foi uma excelente oportunidade para abordar alguns assuntos que ficaram por esclarecer ou aprofundar outros já mencionados na grande entrevista que José Canelas havia concedido em sua casa, na Quinta de Santo António, em junho de 2024. José Canelas retoma a ideia de que a principal função da AFNC é a organizar da Feira. O Presidente da Câmara é o Presidente da Feira por inerência de cargo. *Os órgãos sociais integram ainda alguns membros ligados à estrutura da Câmara que é, no fundo, quem monta tudo. Tem depois uns diretores, mais tradicionais, que é o Manuel Veiga, o Luís Vasconcelos e Sousa e eu*

				que atualmente temos um papel menos ativo, ou seja, somos mais opinion makers. José Canelas refere que atualmente a organização da Feira é mais profissionalizada relativamente aquilo que era nos primeiros anos de constituição da AFNC. *Há pessoas que se contratam para organizar os concursos e as apresentações. A parte comercial é muito coordenada por esses funcionários da Câmara. Uma coisa que não acontecia dantes e agora acontece, é que o aluguer dos espaços durante a Feira reverte a favor da mesma. Antes não era assim, o dinheiro ia para a Câmara, depois a Câmara subsidiava a Feira. Agora, tudo o que é fonte de rendimento, aluguer de espaços, licenças, etc., passou a reverter para a AFNC. Temos já uma grande autonomia. Para além dos patrocinadores.* José Canelas retoma o tema da escolha da data para a realização da Feira dando o exemplo desse ano (2024): *A data de realização da Feira é decidida pela AFNC e tem de se jogar sempre com o dia 11 de novembro. Este ano, o dia 11 calha a uma 2af e 2af é um dia péssimo. Portanto a Feira vai terminar no próprio dia 11. Quando o dia 11 calha à 2af e à 3af a Feira termina sempre à 2af e à 3af respetivamente. Entre 4af e domingo joga-se com o dia 11. A questão é que temos que pensar no tempo. Ou seja, quando o dia 11 calha à 4af, a Feira acaba a 15. Mas, é sempre um risco climatérico muito grande a partir daí. Há sempre tendência para haver mais frio e chuva. Tentamos, dentro do possível, que a Feira decorra sempre no início de novembro para tentarmos salvaguardar as condições climatéricas.* Segundo o entrevistado, os dias fortes da Feira são de 4af a domingo. *Tentamos sempre que 5af seja o dia do*

				Modelo e Andamentos, que é o Concurso principal da Feira. O ideal é que este dia não coincida com o dia 11. Porque nós queremos que o dia de São Martinho seja o dia em que as pessoas vem montar a cavalo, e em que haja, por isso, o mínimo de atividades programadas no Largo do Arneiro para que as pessoas possam montar à vontade. Continua salientando que há concursos que tem que se realizar obrigatoriamente aos fins de semana, como é o caso dos Obstáculos e dos Raids, caso contrário não têm participantes. *As pessoas que participam neste tipo de concursos têm outras vidas, são amadores, pelo que só conseguem participar se a prova for ao fim de semana. No caso da Equitação de Trabalho, que tem muitos profissionais desta área, já se pode fazer durante a semana.* José Canelas volta a destacar que o primeiro fim de semana surgiu da necessidade de preencher o calendário com todas as provas Equestres, de todas as modalidades. *É que não podíamos fazer tudo naqueles 4 dias. Era impossível. Começámos por fazer um fim de semana só desportivo: Obstáculos, Raids, Concurso Completo e Atrelagem. E não havia Feira, passava se tudo no campo. Só que aos poucos a Feira foi conquistando esse espaço também. Tinha de ser ao fim de semana porque quem pratica este desporto, por norma, trabalha durante a semana. Agora o segundo fim de semana é que é o importante, sem dúvida. Porque é o São Martinho.* A questão liga-se, de acordo com o entrevistado, com a questão do alojamento. Sendo atualmente uma Feira com dez dias significa que a população aumenta exponencialmente neste período. *Nós temos uma população de 5.000 pessoas e recebemos 400 ou 500*

				mil, já chegamos aos 600 mil, o que é uma mudança muito radical para as estruturas da terra. Todas as casas que vê à sua volta, no Largo do Arneiro, têm relação com a Feira, à exceção de uma ou outra. Canelas retoma a questão do alojamento: *há muita gente que tem casa na Golegã, segundas casas, e que tiram 8 ou 15 dias de férias para estarem na Golegã durante a Feira. Durante o ano tiram uns dias e vão para lá. Um mês antes já se começa a ver a movimentação, as pessoas a abastecer as casas, a arranjar, a limpar. A movimentação começa logo em setembro. As pessoas começam a vir aos fins de semana. Trazem tudo o que necessitam, para si e para os cavalos, arreios, etc.* José Canelas coloca-se no lugar do outro e conclui que tem imensa admiração por estas pessoas*. Porque repare, eu vivo na Golegã, e não sei se era capaz de me deslocar para qualquer lado assim, como estas pessoas se deslocam para aqui, para estar 8 dias a viver uma Feira. No meu caso acho que iria lá apenas um dia, não me mudava para lá. A Feira tem uma componente social brutal. Não se vê noutros países, as pessoas ficarem a conviver oito ou dez dias seguidos. A parte social é importantíssima na Feira.* Quisemos saber se esse lado social da Feira também acontece dentro dos pavilhões num ambiente mais intimista*. Os pavilhões têm muito movimento durante o dia. À noite fecham. Quase todos os pavilhões fecham entre as 19h e as 21h. Há um ou outro que se mantém aberto, mas, a maioria fecha. A maior parte dos criadores que está ali para vender cavalos fecha cedo. Os cavalos recolhem por volta das 17h/18h. Há que acautelar o bem-estar dos animais.*

				Colocámos ao entrevistado a questão acerca da relação da Feira com os negócios, ou seja, se esta se mantem como entreposto de compra e venda de cavalos. *Sim, ainda se fazem muitos negócios na Feira. Há imensa gente a comprar e a vender cavalos na Feira. Nós não sabemos bem, mas há. O que acontece é que muitos compradores veem os cavalos na Feira e depois vão vê-los em casa, mas sim, fazem-se muitos negócios na Feira.* Esta segunda entrevista ao Diretor da AFNC termina com o tema dos Romeiros de São Martinho, acrescentando-se algumas informações relativamente aquelas que já haviam sido dadas na primeira entrevista. *Como já tinha referido anteriormente, era uma ideia que já havia surgido há algum tempo* (note-se que a primeira Romaria teve lugar a 17 de maio de 2002). *Sentíamos que havia a necessidade de reunir as pessoas à volta de algo, para além da Feira. Sendo que decorre nesta data especifica, pareceu-nos que deveria ser em torno do próprio São Martinho. E assim surgiram os Romeiros de São Martinho. Já tínhamos apresentado a ideia à AFNC, mas estava um pouco parado. A certa altura o Professor Gorjão Clara aparece com uma proposta para se fazer algo do género dos Cavaleiros de Tradição, ligados ao traje, em que todos se deveriam vestir de preto. Contudo, dissemos-lhe que já tínhamos previsto os Romeiros de São Martinho, em que as pessoas se deveriam vestir à portuguesa. Na altura já tínhamos um draft com as regras que gostaríamos de implementar. Não eram estatutos ainda apenas um draft. Na realidade eu tinha feito um draft relativamente simples, que depois foi adensado pelo Professor Gorjão Clara, que também*

				fez os símbolos dos Romeiros. Eu tinha pensado num medalhão e ele pensou, e muito bem, na meia capa. José Canelas, muito envolvido na constituição da Irmandade, recorda: *A ideia era criarmos um grupo que todos os anos fizesse um passeio. Cada ano o grupo visitaria uma capela diferente do concelho. A ideia foi agarrada e beneficiou dos contributos do Professor Gorjão Clara que viria a associar-se. O nome da Irmandade passou a integrar os - Cavaleiros de Tradição – por sugestão do próprio. Uma coisa que eu sugeri é que não se fizesse o passeio por ocasião da Feira, está mau tempo, chove. Além disso, no dia 11 de novembro as pessoas querem é andar na Feira, não querem sair da Feira, portanto, era impensável fazê-lo nessa altura. Assim decidimos de fazer a Romaria de São Martinho em maio, por ocasião da ExpoÉgua. Depois, no dia de S. Martinho, fazemos só a bênção dos Romeiros para marcar a data*. José Canela fala da estrutura da Irmandade: *há um Romeiro-Mor, que é o Presidente da AFNC por inerência de cargo, que por sua vez é o Presidente da Câmara Municipal da Golegã. Depois há um Conselho de Romeiros, que são 10 pessoas, que administram a Confraria que é uma entidade jurídica que está debaixo do chapéu da Feira. Todos os anos é nomeado um Romeiro-mestre que é responsável por organizar a Romaria do ano seguinte. A função do Romeiro-Mestre é pensar na Romaria de maio, onde vai ser, como vai ser o almoço e escolher o percurso. O Romeiro-Mestre é escolhido pelo Conselho que é composto pelo grupo de fundadores. No início éramos quatro ou cinco agora somos dez uma vez que integrámos os primeiros*

				Romeiros-Mestre. Todos são ligados aos cavalos. Numa reunião que realizamos antes da Romaria escolhemos o novo Romeiro-Mestre. Nessa reunião aceitamos também as candidaturas que existem de novos Romeiros. A propósito dos Romeiros: *As pessoas são candidatas, e têm de ser sobrescritas por dois Romeiros. Até hoje nunca recusámos ninguém. São pessoas de todo o lado, desde o Minho ao Algarve. Do estrangeiro também temos alguns Romeiros, nomeadamente espanhóis. Por vezes criamos um Romeiro de Honra, alguém que queremos homenagear. Nem sempre há, é um estatuto especial*. Acerca da Romaria José Canelas conclui: *isto é uma coisa que mexeu com imensa gente e atualmente temos umas centenas largas de Romeiros. Em maio são entronizados os novos Romeiros. Todos os anos há, mas não são muitos. Nesta cerimónia tentamos agilizar as coisas para que não se torne maçador para quem está a cavalo. A existência da Romaria foi muito importante para a ExpoÉgua.*
004	Manuel de Castro Tavares Veiga	Quinta da Brôa, Azinhaga, Golegã 07.06.2024	Manuel de Castro Tavares Veiga, proprietário agrícola, criador de cavalos e ganadeiro, é o atual responsável da Casa Veiga cuja sede se situa na histórica Quinta da Broa, na Azinhaga, concelho da Golegã. Filho de Maria Amélia Coimbra de Castro Veiga e de Manuel Tavares Veiga, grande impulsionador da criação de cavalos lusitanos e da sua expansão internacional. É membro da linhagem iniciada por Rafael José da Cunha (1792-1868), fundador da Coudelaria e conhecido como o "Príncipe dos Lavradores Portugueses". Manuel Veiga,	O testemunho de Manuel Veiga foi fundamental para conhecer o lastro histórico, não apenas da família, mas também da evolução da própria Feira, dos seus acontecimentos e daqueles que os protagonizaram. *A minha família teve sempre um papel muito importante, desde o tempo do meu bisavô, de quem não me lembro pois morreu em 1950. Mas lembro-me ainda do tempo dos meus avós paternos, que recebiam muita gente pela Feira e tinham sempre a casa cheia. Muitos eram amigos do meu pai e do meu tio Carlos, do tempo em que andaram a estudar em Lisboa. Desses amigos, uns*

			como é conhecido entre os seus pares, assumiu a Coudelaria e a Quinta por herança familiar. Casado com Assunção Veiga, é pai de quatro filhos. É uma verdadeira referência entre os criadores do cavalo Lusitano e os ganadeiros de toiros de lide. Tal como o havia feito seu pai, presta um valioso contributo na valorização e dignificação da Feira Nacional do Cavalo, da qual é diretor há muitos anos. O filho mais velho, Manuel Borba Veiga, é o previsível sucessor, destacando-se, nos últimos anos, na vertente desportiva na disciplina de Dressage.	*eram já mais ligados ao cavalo. À minha avó não lhe fazia confusão nenhuma receber. Nessa altura, claro, não havia restaurantes. Portanto comia-se em casa, de uns e de outros. Naturalmente eram as famílias da Golegã que recebiam, das mais modestas às mais abastadas.* A casa dos avós era muito movimentada*. A minha mãe costumava dizer que à sogra não lhe fazia confusão nenhuma receber porque tinha sempre uma casa cheia de pessoas. Desde o Manuel Conde, que era cavaleiro tauromáquico e que era muito amigo do meu pai e do meu tio Carlos, ao meu sogro que também ia para lá. Tinham uma camarata, já na altura, só para receber os amigos. As pessoas almoçavam jantavam e dormiam cá em casa.* A Feira tinha caraterísticas diferentes das que tem hoje. *Era uma Feira muito pequena, era o dia 10, o dia 11 e o dia 12. Eram esses 3 dias e nada mais. Montava-se o pavilhão dos cavalos, não havia muitos pavilhões. Os que havia era a Casa Coimbra, a nossa, os Ervideiras, Sommer de Andrade. Era só essas Casas, depois mais tarde vieram outras. Por exemplo, eu lembro-me perfeitamente da família Ortigão Costa vir à Feira pela primeira vez. Foi há 50 anos. Eu tenho 68, portanto eu tinha 18 anos.* Manuel Veiga considera que, na altura, já havia o ambiente social que há hoje nos pavilhões. *Se vir fotografias antigas do pavilhão da Casa Sommer, ou do nosso, vê-se isso. Os donos estavam ali a receber as pessoas e a mostrar os cavalos.* No entanto, para o entrevistado, é por volta de 1965/66 que a Feira se tornou verdadeiramente mais social. O

				pavilhão era uma espécie de prolongamento da casa. *Na altura nós ainda não vivíamos aqui na Quinta da Broa, vivíamos na Golegã numa casa para onde os meus pais foram viveram quando se casaram. E nessa casa os meus pais davam sempre um jantar. Havia um celeiro, que o meu pai tinha bem arranjado com os carros de cavalos e as coisas ligadas aos cavalos, diplomas, arreios, etc., e era ali que dava o jantar, onde recebia amigos e outras pessoas, sempre com grande preocupação de receber e valorizar a Feira.* *O meu pai, e o meu tio Carlos, tinham um trabalhão enorme com Feira nessa altura, ficavam estafados. Lembro-me que o meu pai fumava bastante e enervava-se imenso, porque queria receber bem. A intenção deles era, no fundo, de promover a Feira, fazer da Feira uma coisa mais importante, isso já tinha sido pensado pelo avô deles, o meu bisavô. E então eles convidavam certas pessoas, pessoas ilustres, de Lisboa. Por exemplo havia um grande amigo do meu pai, que foi Ministro da Economia, que era o Dr. Correia de Oliveira, que ajudou muito o meu pai a valorizar a Feira.* A família revela-se influente, ocupando distintos cargos nas instituições locais. *O meu pai era o patriarca da família e motivou para que o meu tio Carlos fosse Presidente da Câmara. O meu bisavô também já havia sido, foi o primeiro Presidente da Câmara no tempo da República. O Relvas foi o último no tempo da Monarquia e o meu bisavô o primeiro no tempo da República.* Há um acontecimento que marca a vida da família Veiga, no início dos anos 70. *O meu pai teve um desastre de avião, em 1972, com 42 anos e ficou com muitas limitações. Mas era uma pessoa*

				que brilhava e toda a gente gostava dele, era uma pessoa muito considerada. Era novo, bem parecido, vestia-se bem. Não me fica muito bem dizer isto, mas havia aqui um senhor na Golegã que me dizia – Manuel, o seu pai foi criado e educado para ser o chefe desta terra. Não calcula, quando foi o desastre do meu pai, o que foi o desgosto desta gente. As pessoas tinham uma loucura por ele, por ele e pelo meu tio Carlos, mas principalmente pelo meu pai. Ele já era, nessa altura, Provedor da Misericórdia, fez obras muito grandes no Hospital. Era, de facto, uma pessoa muito considerada. E eles [pai e tio] *sentiam-se um bocado na obrigação de dar categoria a esta terra. Tinham de arregaçar as mangas, os tempos eram outros. Um era Provedor, o outro foi Presidente da Câmara.* Manuel Veiga considera, pela importância que os seus antecessores tiveram localmente, que fossem pessoas exteriores à família a poder confirmá-lo. *Eu gostava mesmo que fossem outras pessoas, que já cá não estão a explicar a importância e o papel deles.* Do desastre de aviação, o pai de Manuel Veiga ficou com inúmeras complicações. *O meu pai não falava, mas estava no seu perfeito juízo. O braço direto não mexia, mas andava. Percebia tudo lindamente, mas não conseguia intervir. Viveu até aos 70 anos sempre com uma vontade enorme de fazer coisas e de colaborar. Não desanimava, apesar de tudo. Até nisso foi um exemplo de vida para todos nós.* Manuel Veiga falou sobre a época em que a Feira de São Martinho alcança o estatuto de Feira Nacional do Cavalo.

				Fomos sempre umas pessoas muito dedicadas, e a grande preocupação da minha família foi sempre, no fundo, a de promover esta Feira. O meu pai era muito amigo desse Dr. José Gonçalo Correia de Oliveira, e ele ajudou muito. Passava a Feira em nossa casa, vinha para aqui nos três dias. Ele gostava muito de cavalos. Tinha três, um deles era o Concorde. Há coisas que não se esquecem. E ele, de facto, ajudou imenso o meu pai. O meu tio Carlos depois continuou, foi formidável, depois do desastre do meu pai. E foi ele, como Presidente da Câmara, em 1972 que conseguiu que a Feira passasse a ser Feira Nacional do Cavalo. À época, já existia a ideia de que a Feira deveria ser o promotor económico-social da Golegã e que não apenas uma estrutura para divertimento entre amigos. A Feira Nacional do Cavalo nasce com o propósito e o fundamento de promover o desenvolvimento económico da Golegã. *Eu estou a falar da minha família, mas não foi só a minha família a trabalhar para esse fim. Temos também o Dr. Rui Andrade e o filho, o Eng. Fernando Sommer de Andrade, que era muito amigo do meu pai. Embora fosse um pouco mais velho, mas entendiam-se maravilhosamente. No fundo as coisas estavam nas mãos deles, no caso do Sommer a Quinta da Cardiga, e no nosso caso a Quinta da Broa*. Manuel Veiga conhece muitas histórias da família e conta um episódio engraçado que se passou entre os amigos Fernando Sommer e Carlos Veiga. *O meu tio Carlos tinha mais génio, já o meu pai era mais ponderado. O Eng. Fernando Sommer também tinha o seu feitio e uma vez zangaram-se no meio da Feira da Golegã. Desentenderam-se. O Eng. Sommer perdeu a estribeira, atirou os papéis do Concurso dos cavalos*

				para o meio do chão e foi-se embora para a Cardiga, nunca mais apareceu no resto da Feira. Eram amicíssimos, mas o meu tio é que era o Presidente da Câmara e daquela vez algo não correu bem. O Eng. Sommer tinha também um papel importantíssimo, que era a parte toda muito ligada ao cavalo e mais a parte técnica. Assim como teve também um papel importante nesta matéria o meu tio José Canelas, pai do José Canelas, quando, mais tarde, agarrámos a organização da Feira. Manuel Veiga reflete sobre a geração antecedente, o papel importantíssimo que tiveram na Feira e onde foram buscar inspiração para implementar importantes transformações. *Não havia que inventar muito, eles iam lá fora, viajavam e viam como as coisas se faziam. O que mais os terá inspirado foi mesmo a Feira do Cavalo, de Jerez de la Frontera, onde eles iam todos os anos. Iam ver. O que eles pensaram, foi que para tornarem a Feira de São Martinho na Feira Nacional do Cavalo, tinha que haver as várias modalidades da equitação, o Concurso Completo de Equitação, os Saltos de Obstáculos que foram muito importantes porque traziam muita gente. E também os Raids… Portanto era fazer as várias provas. Isso não existia antes e com eles passou a acontecer. A única coisa que havia e que era muito antigo, já tinha tradição do meu tempo meu bisavô, era o Concurso dos poldros.* Manuel traz à conversa o tio, Rafael José da Cunha, um dos maiores empresários agrícolas de Portugal, do século XIX, que ficou conhecido pelo "Príncipe dos Lavradores de Portugal" e que foi o fundador deste

				império familiar*. Ele está sepultado aqui na Quinta da Broa, nós somos a 6a geração. E, já na altura havia um prémio que o meu tio recebeu, juntamente com o Conde Sobral. Portanto, já nesse tempo havia o Concurso dos cavalos apresentados à mão, que agora chamamos Modelo e Andamentos.* Esse Concurso nunca deixou de se realizar e foi subindo sempre de importância e credibilidade. Manuel Veiga prossegue falando sobre os desafios que se colocaram à geração seguinte, a sua. *O 25 de abril atrasou cerca de 15 anos o progresso e o desenvolvimento da Feira da Golegã. Quando as coisas acalmaram já estávamos nós, a geração seguinte, ainda novos, com vontade, e agarrámos a Feira. Eu, o Luís Vasconcellos e Sousa e o José Canelas. O meu tio Zé Canelas, pai, tinha tido também um papel importante na parte desportiva. A primeira coisa que fizemos, quando começámos a organizar a Feira, foi o Raid. E teve piada porque tudo começou por aí. Todas as famílias estavam um pouco aflitas. Queriam fazer alguma coisa pela Feira e incentivou-se muito a parte social e não apenas para as pessoas dos cavalos. Mas o meu pai já tinha tido essa preocupação.* Este pequeno grupo de indivíduos da Golegã, elementos da comunidade equestre da geração de Manuel Veiga, empenhou-se, de forma amadora e voluntariosa, na (re)organização da Feira da Golegã nos anos 80 e 90. *Nós tínhamos muita preocupação de divulgar a Feira, de fazer propaganda, cartazes, muitos panfletos pelos cafés e por todo o lado. Mas, a certa altura eu até disse, - isto já chega. Na altura gastávamos 750 contos, era muito dinheiro. - Mas nós vamos aqui gastar 750 contos*

				que se calhar faziam mais falta para outras coisas, isto está quase como a Nossa Senhora de Fátima, quando chega ao dia 11 é uma multidão. Não era preciso investir muito mais na divulgação. Esse trabalho estava feito. Depois, como tudo na vida, a Feira melhorou muito. Há um momento que Manuel Veiga garante que foi decisivo nesta história recente da Feira. *Do ponto de vista social, houve uma coisa muito importante e onde a Feira deu um pulo. Na altura, eu era Diretor da Associação de Agricultores do Ribatejo onde estava também o Eng. Manuel Campilho, o Pedro Seabra, os Prudêncio, de Almeirim, entre outros. E eu lembrei-me, uma vez que a Associação não tinha dinheiro, porque não abrirmos um bar na casa que eu tinha (que herdei o lado da minha mãe) mesmo no Largo do Arneiro. E fizemos isso e foi um pleno sucesso. Era efetivamente a única coisa que havia na Feira, não havia mais nada, a não ser uma tascazeca ou outra. Isto nos anos 70 e princípios dos anos 80. Não havia nada. Houve, entretanto, também um restaurante que era da mãe da Madalena Abecassis e de umas amigas que tinham um restaurante em Lisboa, na Lapa, que se chamava o Chef e onde se comia lindamente. Então ela veio explorar um restaurante na Feira da Golegã que era ótimo. E então as pessoas vinham de Lisboa, para comer aqui. Voltou-se então a dar uma certa categoria à Feira.* De acordo com Manuel Veiga, a Feira passa a receber outro tipo de visitantes. *Começaram a vir pessoas que não eram só dos cavalos, que vinham para comer e que vinham para o social, para se verem e serem vistos*.

				Nessa altura ainda não havia pavilhões mas a situação está prestes a alterar-se com o contributo importantíssimo do Arq. Arsénio Cordeiro. *Havia um pavilhão comunitário que tinha sido erguido pelo José Melancia que foi um ótimo Presidente da Câmara. As coisas começaram a mudar por si até que apareceu o Arsénio Cordeiro, então Presidente da Associação do Cavalo Lusitano, um homem inteligente, desembaraçado, bom arquiteto, foi quem convenceu o Presidente da Câmara a montar os pavilhões. Ele fez um croqui de um pavilhão e nós organizámos um jantar no Café Central em que convidámos as pessoas para as entusiasmar, pagando um preço irrisório para terem os seus pavilhões na Feira. Isto nos anos 80. Reorganizou-se o espaço da Feira, fizeram-se os pavilhões e distribuíram-se. Não foi fácil para nós, foi uma altura de amizade, mas também de muito trabalho. As coisas foram feitas com muito carinho e de uma maneira muito familiar. Não havia empregados da Câmara não havia ninguém para trabalhar, nós é que fazíamos praticamente tudo.* Se a Feira da Golegã deve muito à geração antecedente representada, entre outros, pelos irmãos Manuel e Carlos Tavares Veiga e pelo Eng. Fernando Sommer de Andrade, também deve muito a essa nova geração, de seus descendentes, que herdaram um património fragilizado, pela conjuntura política. *Soubemos efetivamente continuar. Foi uma altura complicada, em que não tínhamos ninguém que nos defendesse. Havia muita influência do Partido Comunista e era complicado, mesmo a nível governamental. Depois é que as coisas começaram a ter o outro caminho.*

				Mas, tem piada que, onde tudo começou, foi na tal Associação dos Agricultores do Ribatejo. Chegámos a tapar o pátio e já lá servíamos almoços. Mas com bom gosto. Aí a minha mãe ajudou. A minha mãe teve um papel importantíssimo, desde toda a vida. Viu-se atrapalhada com o meu pai, porque ele queria muita coisa, ele queria dar o tal almoço todos os anos e ela nunca deixou de o fazer, mesmo depois do desastre do meu pai. Ainda hoje. Trazemos a nossa organização lá da Broa, que é cozinheira e o pessoal e recebemos lá naquela casa, um dia é a feijoada, noutros dia o cozido à portuguesa. A minha mãe estipulava tudo, tinha uma lista e convidava as pessoas para cada dia. Com o decorrer dos anos mudou. A família Veiga, na figura do seu atual patriarca, não faz convites para a Feira. *Hoje já não convido ninguém, as pessoas sabem e aparecem para almoçar de uma maneira muito natural. Todos os dias temos cerca de 40 pessoas a almoçar. E aquela casa é ótima para aquele efeito. Ponho lá os cavalos todos - cabem lá vinte e tal cavalos - e, de uma forma muito simples, recebo os amigos ali, todos os dias, de uma maneira também muito simples, mas simpática*. A Feira atualmente. *Começamos a programar com antecedência. Há aqui um elemento fantástico atualmente, que é o meu primo José Canelas que é mais novo, começou mais tarde, mas que é um elemento fantástico porque adora e tem um jeito especial para a Feira. Já o pai dele, o meu tio Zé, também tinha. Ele interessa-se, e gosta e na Câmara*

				também o aceitam muito bem, também é importante ser bem aceite na parte política. É impossível dissociar a Feira da Golegã, nos tempos mais recentes, da figura de José Veiga Maltez. *A seguir, aparece o meu primo Zé Maltez, que foi uma descoberta fantástica. Adorou ser Presidente da Câmara, da qual foi 20 anos. Foi uma descoberta mesmo fantástica, se nós já tínhamos feito qualquer coisa, ele então fez muito mais. Claro que foi muito mais fácil para ele porque era Presidente de Câmara, tinha os dinheiros, tinha o poder, tomava as decisões. Nós, na nossa altura, tínhamos de nos impor como podíamos. Nessa altura antes do Zé Maltez é bom lembrar uma coisa - é que éramos vários, o Filipe Graciosa, o Luís Vasconcellos e Sousa, o António Camilo, que agora é Presidente de Câmara, o Arsénio Cordeiro, e era preciso arranjar dinheiro para a Feira. Na altura ainda não havia Associação. Quando começamos a pensar nela, tínhamos receio de não sermos bem atendidos. De não nos compreenderem bem. Mas fomos sempre bem acolhidos. Mas, não havia dinheiro. Então o que fizemos foi distribuir por cada um a tarefa de angariar patrocínios, dentro das amizades que cada um tinha. E conseguimos arranjar bom dinheiro e fazer a Feira sem depender da Câmara, que isso é que foi formidável. Como a Câmara não tinha dinheiro eles percebiam que precisavam da nossa ajuda que nós, se calhar, éramos uma mais-valia. E isso foi bom. Apareceu o meu primo Zé Maltez e nós ficamos descansadíssimos. Já estávamos cansados e percebemos que estava ali um profissional, que trataria da terra como se fosse o seu jardim. Cheguei a vê-lo à noite e andava com uma chave de fendas no carro porque havia um sinal que estava torto e ele ia dar um*

				jeitinho. Fantástico. Ele tinha o exemplo da família, o meu pai, o meu tio Carlos, e ele ambicionava isso. E ele era médico, mas no fundo não era isso que ele gostava, e saiu-se maravilhosamente. Com ele a Feira cresceu imenso, ele estava completamente dedicado a isto. As grandes melhorias que se fizeram na Feira foi tudo no tempo dele. Claro que o meu tio Carlos já tinha feito os esgotos na altura não havia esgotos. As coisas evoluíram naturalmente como tinha de ser e ainda bem. E nós na Golegã tivemos a sorte de ter este Zé Maltez. Ele era do meio e achamos que a Feira ia ficar bem entregue. Ficámos descansados. Teve talvez um inconveniente, é que ficou uma Feira muito ligada à Câmara, mais institucional. Por outro lado, ainda bem que foi assim pois facilitou e melhorou. Compreende-se, no entanto, que o facto de a Feira ter crescido tanto, recebendo milhares de pessoas, também justificava uma estrutura e uma organização mais institucional. Manuel Veiga acrescenta que *Tinha mesmo de ser porque nós não conseguiríamos nunca passar dali. É que nós fazíamos outras coisas, tínhamos outras vidas, não vivíamos só para aquilo. Tivemos sorte, mas a sorte que tivemos foi aquela que efetivamente outros tiveram noutras alturas com outras pessoas nomeadamente alguns dos quais da minha família - meu pai, meu tio, meu bisavô – que, cada um no seu tempo, foram pessoas extraordinárias. Uma coisa é certa todos tiveram a mesma preocupação, é que a Feira tivesse categoria. E conseguiram, completamente.* *Há uma coisa que é preciso e que eu defendo muito, é que nós* [comunidade equestre], *precisamos sempre de*

				estar por trás. É preciso que, para determinadas decisões ainda sejamos ouvidos. *E agora é a hora de pôr a geração mais jovem, o filho deste e o filho daquele.* É a vez deles.
005	Carlos Santana	Golegã 27.06.2024	Carlos Manuel Santana Martins, é o atual Presidente da Junta de Freguesia da Golegã. Goleganense, é filho de Manuel António Martins, antigo feitor da Casa Veiga. Nasceu, cresceu, trabalhou e sempre viveu na Golegã. Apaixonado pela sua terra, desempenhou, durante 30 anos, funções de bancário ao serviço das três freguesias goleganenses. É conhecido localmente pelo seu envolvimento ativo no tecido social e cultural local. Desde os 11 anos que se dedica à preservação dos usos e costumes das gentes da Golegã, integrando o Rancho Folclórico da Golegã, do qual foi Presidente da Direção. Ganhou as eleições autárquicas integrado um movimento de cidadãos apartidários denominado “2021éoAno”.	A entrevista ao Presidente da Junta foi dividida para abranger, por um lado, a sua experiência pessoal na relação com a Feira da Golegã, enquanto goleganense, e, por outro, a sua experiência enquanto autarca. No que respeita à sua vivência pessoal, Carlos Santana, atualmente com sessenta anos, refere que vive a Feira da Golegã desde os seus três anos de idade. Ainda mantem recordações dessa época. Diz-se um apaixonado, primeiro pela Golegã, depois pela Feira. *O São Martinho era para onde confluíam as casas agrícolas todas, os criadores de cavalos, era onde se encontravam os patrões, os criados, todos. E eu, miúdo, já tinha esta paixão por saber das coisas e então andava sempre com eles, aprendia tudo, e tenho esses registos na memória. Vivi sempre intensamente a Feira.* Recorda-se da visita de Américo Tomás em 1967. Nas suas palavras, *foi uma festa*. Decoraram o Pavilhão da Caridade para receber o Chefe de Estado. O Pavilhão da Caridade era explorado pelas senhoras da Golegã para ajudar os pobres. Também dava trabalho a muitas mulheres da Vila, que lavavam a loiça, etc. Carlos Santana faz referência à Feira dos três dias, aquela que durante a sua infância e juventude vigorava e que dava lugar à feira das barracas que se estendia até ao final do mês de novembro. *A Feira terminava no*

				dia 11 ou 12 e nessa noite era tudo desmontado porque no dia seguinte começava a feira das barracas. Foi o Presidente da Câmara Manuel Madeira (1989-1997) *que iniciou o processo de requalificação da Feira. Alcatroar estradas, fazer passeios. Depois veio o Dr. Veiga Maltez e deu continuidade.* O entrevistado refere que foi na década de 80 do século XX que a Feira se foi alargando. Começou a ser organizado um primeiro fim de semana para a realização de provas desportivas. A Feira começava na 4af seguinte. Os criadores nunca estavam nesse primeiro fim de semana, só chegavam a meio da semana seguinte. É basicamente aquilo que ainda hoje sucede com grande parte dos criadores. Não com a população em geral que, no primeiro fim de semana acorre logo à Golegã, provocando as primeiras enchentes. Carlos Santana retorna à infância para recordar a alegria das crianças quando se aproximava a azáfama da Feira. *Sentávamo-nos nas portas a ver passar as camionetes e os reboques com os cavalos*. *Tudo passava e para nós era uma festa. Os cavalos vinham dispostos nas camionetes com as cabeças de fora. Os cocheiros vinham sempre sentados cá atrás e diziam adeus aos miúdos. Era uma festa para nós.* Destaca que havia uma preocupação enorme, por parte dos criadores, com a apresentação dos cavalos. Os campinos eram os responsáveis pela deslocação dos animais, alguns vinham de camionete, outros de comboio, mas muitos vinham a pé, chamando a atenção dos habitantes das provações por onde passavam. O cuidado na apresentação dos animais era o mesmo imposto à apresentação das pessoas. Os cavaleiros

				mostravam-se na Feira vestidos a rigor. O entrevistado faz a analogia com aquilo que hoje se passa e, com a notória falta de rigor, com que muitos se apresentam atualmente na manga da Feira. Havia, nesse período da Feira dos três dias, quem tentasse entrar no Arneiro com uma mula ou um macho, que muitos tinham para trabalhar no campo. *Apresentavam-se, com o seu traje domingueiro, mas a GNR não os deixava permanecer. Tem que se compreender que, à época, era uma Feira dos grandes lavradores e das grandes Casas*. Carlos Santana identifica alguns protagonistas da Feira dessa época, família Veiga, Sommer de Andrade, Dr. Fernando Salgueiro, João Núncio e todos os outros cavaleiros tauromáquicos: *Toda agente conhecia os toureiros, mesmo as mulheres eram aficionadas às corridas.* Fala da presença dos ciganos na Feira e dos negócios que realizavam e fala do Concurso da Rainha Cigana, criado pelo Dr. Carlos Veiga. *Era uma festa ver passar as ciganas na rua, sempre a cantar e a bailar*. A segunda parte da entrevista a Carlos Santana foca-se na sua atuação como Presidente da Junta de Freguesia e nas responsabilidades que detém no âmbito da Feira. A Junta é parceira da Câmara Municipal, dando o seu contributo opinativo relativamente a várias matérias. A Junta é também responsável pela implementação dos altifalantes pelas ruas da Golegã, os quais dão animação ao espaço, recriando um pouco daquilo que outrora foi a importância do som: *era os perdidos e achados e à hora da partida das camionetes das*

				excursões ouvia-se – atenção senhor x da camionete de Coimbra, esperam por si junto à camionete – ele andava bêbedo, por aí. Nos anos 50, 60 vinham excursões de todo o lado. Eu faço parte do Rancho Folclórico e a todas as povoações que vou, há sempre gente com histórias da Feira da Golegã. Alguns embebedavam-se, perdiam a carreira e tinham de voltar de comboio. Tudo se anunciava ao altifalante da Feira – atenção aos visitantes, que são do lado de lá do Tejo é favor ir embora que vai saltar ao dique dos vinte. Vinha uma cheia do Tejo, do lado da Chamusca e de Alpiarça e tinham de ir embora porque deixavam de passar. Atenção senhor x o seu amigo do Porto está à sua espera junto à cabine de som; crianças perdidas, anúncios de restaurantes, tudo se anunciava ao altifalante da Feira.
006	José Veiga Maltez	Golegã 27.06.2024	Nascido a 7 de outubro de 1956, é filho de Maria Mercedes Tavares Veiga Maltez e de José Barra da Silva Maltez, médico, lavrador e criador de cavalos, cujo grupo de equinos lusitanos deu origem à atual Coudelaria Veiga Maltez. Licenciado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Clássica de Lisboa, fez internato no Hospital de Santa Maria e, em 1985, ingressou como clínico geral no Centro de Saúde de Torres Novas, fixando-se depois na Golegã, onde exerceu clínica privada. Foi Presidente da Câmara Municipal da Golegã entre 1998 e 2013, interrompendo posteriormente devido à limitação legal de mandatos. Foi então eleito Presidente da Assembleia Municipal. Regressou à presidência da Câmara Municipal em 2017, desta vez com maioria absoluta, até 2021. Em 2021, perdeu para o movimento independente	José Veiga Maltez começa por falar do seu entendimento relativamente à designação de Feira Nacional do Cavalo que o levou, em 1999, como autarca, a acrescentar a esta qualificação a de Feira Internacional do Cavalo Lusitano. *É o meu tio Carlos Veiga, irmão da minha mãe que, como Presidente de Câmara, institucionaliza a Feira Nacional do Cavalo, em 1972. Veio cá o Américo Tomaz. Depois em 1999 eu acrescento-lhe Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Eu dizia que a Feira é a Feira Nacional do Cavalo, não é só a Feira do Cavalo Nacional, que é diferente. Portanto, eu entendi que era a Feira Nacional do Cavalo mas tinha de se fazer também uma feira autóctone do cavalo nacional, o Lusitano*.

			"2021éoAno" liderado por António Camilo tendo optado por não tomar posse como vereador. Sob a sua liderança, a Golegã sofreu uma profunda transformação. No que respeita ao domínio equestre contam-se inúmeras e importantes iniciativas: proclamou a Golegã como "Capital Portuguesa do Cavalo"; criou, em 1999, o primeiro picadeiro público coberto e o Centro de Alto Rendimento Hippos (2013). Foi responsável pela fundação do Equuspolis em 2003, espaço que combina interpretação equestre, ciências e artes. Foi responsável pela criação da ExpoÉgua, da Feira Internacional do Cavalo Lusitano, e da Romaria de S. Martinho. O médico-autarca introduziu a equitação como componente curricular nas escolas. Foi ainda co-fundador da rede europeia EuroEquus, conectando Golegã com outras "regiões equestres" da UE. Recebeu vários prémios e honrarias: "Autarca por Excelência", "Ribatejano Ilustre", "Comendador da Ordem Internacional de Mérito Pedro Álvares Cabral", Medalha de Ouro da Liga dos Bombeiros. Atualmente é Presidente da Associação Nacional de Turismo Equestre (ANTE) e da Direção da Associação Portuguesa de Criadores de Raças Selectas (APCRS).	De seguida dá a conhecer a sua iniciativa para o aprofundamento do contexto histórico da Feira de São Martinho. *O que havia sempre era a ideia, desde o tempo do nosso rei D. Luís em que se fez aquele Concurso oficial do Estado, que esta Feira era do século XIX. Falava-se sempre na Feira do século XIX. Então eu pedi a um historiador para investigar de onde é que veio esta Feira. A Feira foi efetivamente institucionalizada pelo Rei D. Sebastião, em 1571, no ano do quadro de D. Sebastião* [atribuído a Cristóvão de Morais] *em que está o D. Sebastião com o cão. É efetivamente com o D. Sebastião que a Feira de São Martinho se institucionaliza. É uma Feira do século XVI, não é brincadeira. Tem uma data de causas: em primeiro lugar é a situação geoestratégica da Golegã na estrada real Lisboa-Porto (mais tarde vão afastar a estrada para oeste, para a zona de Leiria); em segundo lugar e, sobretudo, as suas terras eram férteis. Havia aqui pecuária com fartura. Portanto, a génese da Feira é seiscentista, que eu acho que é importantíssimo*. A sua história de vida foi sempre indissociável da Golegã. *Eu saí do Hospital de Santa Maria, concorri a um lugar de clínico geral e venho para Torres Novas, como médico de família. Mas nós vínhamos sempre à Feira. Aliás, vínhamos todos os fins de semana, e nas férias, à Golegã. O meu pai era cardiologista e fazia consultas aqui todos os sábados e domingos. Saía no seu carro de cavalos para dar consultas. Nunca largou a Golegã. O meu pai estava até às 2h da manhã no consultório ao sábado (começava às 21h) e ao domingo de manhã*

				entrava às 9h e depois saía à hora do almoço. E depois íamos à noite para Lisboa e ele ia vendo doentes pelo caminho. Parava no Joaquim Custódio da Silva, parava em Alpiarça no Eng. Ferreira de Andrade e a última paragem era geralmente na Quinta das Areias, o Fernando Palha. Deitávamo-nos às 2h da manhã. Vínhamos ao sábado para a Golegã e regressávamos ao domingo. Vínhamos ao sábado, e não à 6af, porque eu tinha liceu ao sábado de manhã, em Lisboa. Só saíamos depois das aulas terminarem. Nós só estávamos cinco dias em Lisboa. A primeira ida à Feira do Dr. José Veiga Maltez está documentada por uma fotografia que se tornou icónica na sua vida. Tinha três anos e está retratado, a cavalo, a receber um prémio. *Eu julgo que vim pela primeira vez à Feira com quatro anos. Eu tenho fotografias na Feira, a receber um prémio do Presidente da Câmara Patrício Cecílio, eu montado num garrano. Tinha quatro anos* [confirma-se que a foto é de 1959, portanto tinha 3 anos] *e estou na fotografia a receber o Prémio atribuído pela Sociedade Lebreira* [Sociedade Hípico-Lebreira do Ribatejo]*, diploma e taça, das mãos do Presidente, montado no garrano*. O prémio é recebido das mãos do então Presidente da Câmara, Patrício Cecílio, figura que fica ligada à Golegã não apenas pelo seu papel de autarca mas pela sua ligação à tauromaquia sendo que foi proprietário de uma das mais conceituadas, à época, escolas de toureio nacionais. Patrício Cecílio não imaginaria que aquela criança, aos três anos de idade, seria um dos seus sucessores ao comando da autarquia.

				O Mestre Patrício Cecílio era Presidente de Câmara nesta altura, 1959, depois vem o sr. Vasconcelos, ainda vem um Dr. Galvão e depois é que vem o meu tio Carlos. O meu tio está dois anos como Presidente de Câmara, entra em 1972 e sai em 1974 quando se dá a Revolução do 25 de abril. Fizeram-no descer as escadas nos Passos do Concelho. José Veiga Maltez está convicto que os anos 70 do século XX foram fundamentais para o fortalecimento da Feira, pese embora se tenha dado a Revolução do 25 de abril em 1974, com consequências negativas para a Feira da Golegã. *Eu acho que é em 1972 que a Feira começa a ter uma expressão mais forte. É na altura* [1973] *que vêm os Domecq's e o Pantera* [grande colecionador espanhol de carros de cavalos]. *É mais o pai Álvaro Domecq que começa a vir à Feira, aos Infantes da Câmara, porque eram muito amigos. Eu lembro-me perfeitamente deles aqui. Sempre ouvi dizer que o pai Domecq vinha a casa do mestre João Núncio e o filho também, o Alvarito. Vinham cá ver a equitação portuguesa do mestre João Núncio. O que é certo é que os espanhóis deixaram de tourear a cavalo mas hoje montam bem, montam lindamente, aprenderam bem, tem bons cavalos, e vêm cá muito buscar o Lusitano. É aqui que eu acho que a internacionalização da Feira começa a ser importante.* *O Mestre Nuno de Oliveira também teve a sua importância, trazendo estrangeiros à Golegã. Eu vi-o por cá com estrangeiros, trazia alemães e suíços. O grande surto da Feira foi nesta altura, anos 70 talvez ainda em finais dos anos 60. Surto no sentido de começar a ser*

				mais internacionalizada, de começar a ser um verdadeiro entreposto comercial do cavalo Lusitano. Para José Veiga Maltez, estas décadas da história da Feira são marcadas pela importância dos poldros. *Nessa altura a Feira era uma Feira para poldros. O poldro estava no campo e até aos três anos não entrava numa cavalariça. Quando vinham do campo, vinham para a Quinta do Salvador e para a Quinta das Obras. E estavam os campinos, os cavalariços, com uma verdasca na mão a recebê-los. Os cavalos ficavam cheios de medo, nunca tinham entrado numa cavalariça, não havia boxes, era baias. O cavalo estava cheio de medo do campino e o campino cheio de medo do cavalo. Eles entravam diretamente do campo para a cavalariça com três anos. Isto passava-se na primavera, eles vinham à cavalariça 3 ou 4 meses antes da Feira. Quando vinham à Feira já tinham este tempo de cavalariça. Tinham de ser mostrados nos três andamentos e isto devido aos militares, para eles poderem vê-los e comprá-los. Dizem que a Escola Prática de Cavalaria de Torres Novas é feita aqui precisamente por estar próximo da Golegã por causa da remota* [é criada em 1887 com sede no Convento de Mafra e em 1902 muda-se para Torres Novas]. *O cavalo nessa altura era um subproduto da lavoura e depois começou a ser produto principal. Aqui em Casa diz-se que o meu bisavô nunca fez isso, que as nossas éguas nunca trabalharam. Eram só vistas pela sua morfologia. A Casa Veiga nunca fez isso, mas os outros faziam, as éguas trabalhavam. O meu avô não ligava à funcionalidade das éguas, só à morfologia. A*

				funcionalidade que ele conhecia das éguas era só aquela que os campinos montavam. *A Feira é o debute do poldro dos três anos, para todos os efeitos. Na génese está também o cavaleiro tauromáquico que vem comprar poldros aos três anos e, dois anos depois, aparece com o poldro já em ares altos para mostrar a evolução. Mais tarde, os próprios cavaleiros tauromáquicos começaram a ter as suas próprias Coudelarias e a ter os seus próprios cavalos. Assim sendo, quem é que hoje quer comprar cavalos de três anos? Ninguém, as pessoas querem cavalos já completamente desbastados, tratados e montados*. Na sua opinião é este salto que marca a passagem de um tipo de Feira – ligado ao poldro e à efetiva venda de equinos, para um outro tipo de Feira onde o poldro deixa de ter protagonismo na medida em que o potencial cavaleiro está interessado num cavalo já trabalhado. Aqui dá-se efetivamente, na opinião de Veiga Maltez, o advento do Lusitano. *A Feira, durante este tempo todo e até quase ao ano de 2000, vive muito do poldro de três anos. No final dos anos 90 começa a desaparecer o debute do poldro. Não tenho dúvida que essa é a fase da Feira, em final dos anos 90, em que a Feira se começa a transformar em entreposto comercial, sobretudo do Lusitano. É a fase em que toda agente vem, toda agente pergunta quando é a Feira. Às vezes enganam-se no fim de semana importante*. O seu espírito de autarca deixa compreender que há uma ideia que subsiste no seu entendimento, relativamente à Feira da Golegã e de cujo exemplo, pela negativa, se observou com a Feira de Santarém, com a

				qual a Golegã “rivalizou” em termos de protagonismo no Ribatejo durante alguns anos. Esta ideia assenta no facto de a Feira de Santarém se ter desvirtuado quando passou a realizar-se num grande espaço de exposições, abandonado as ruas da cidade. *A Feira da Golegã é um espetáculo espontâneo e obrigatório. Desde que nunca a tirem daqui, como fizeram em Santarém, a Feira enche sempre. Veja o que era a Feira da Agricultura, Feira do Ribatejo, quando era no Campo Emílio Infante da Câmara, e o que é agora desde que passou para o Cnema. Pode estar em Paris, só não está em Paris porque há oliveiras lá ao fundo. Pode estar num sítio qualquer. Portanto a Feira da Golegã vive muito da sua localização, do seu espaço, do seu cenário. É um palco extraordinário, multissecular, daí ter toda a pertinência a questão do património*. José Veiga Maltez retoma a recordação da Feira antiga dessas décadas de 60 e 70. *A Feira antigamente era uma Feira de três dias, dia 10, 11 e 12. A seguir era a feira dos carrinhos de choque e das quinquilharias. Era vivida durante três dias e era vivida sobretudo pelas pessoas daqui, que tinham cavalos. E alguns que vinham de fora porque as famílias já eram conhecidas, não havia esta enchente, de forma alguma. As nossas casas estavam sempre abertas e durante esses dias eram almoços e jantares permanentes. Sentados à mesa podíamos ter trinta ou quarenta pessoas, isto à mesa porque podíamos receber mais. Cada casa recebia sempre o amigo do amigo do amigo. Era uma coisa única. Para os anos 70 já começam a vir muitos estrangeiros, sobretudo franceses, a nossa casa. Os franceses têm esta loucura*

				na altura, era também um sítio para onde mais exportávamos. E depois os belgas. Só mais tarde é que vieram outros. Esta é a ideia que eu tenho. Vinham à procura de cavalos para comprar. A Golegã também vai um pouco atrás do mestre Nuno [Oliveira], *que vai à Suíça, etc. E eles vêm ver o berço do cavalo Lusitano. Lembro-me do mestre Nuno andar pela Feira com um cavalo à mão, mas não se via muito, é certo. Vinham muitos estrangeiros à Póvoa de Santo Adrião e ele trazia-os aqui*. *Nos anos 70 ainda são muito as pessoas do Ribatejo que frequentam a Golegã. Um ou outro que vem de fora porque é tradição na família, os seus avós já vinham e os pais também. Vêm essas pessoas que eram da praxe e que eram de famílias conhecidas. Não vinham muito mais*. Há uma medida que o ex-autarca destaca como sinal de democratização do cavalo e da equitação. *Quando entrei como Presidente de Câmara, acumulava o pelouro da Educação e Cultura. Sabia que o goleganense puro não era muito pelo cavalo. Na altura via-se um cavalo na rua de vez em quando, não havia. Éramos só nós e os nossos primos que montávamos. E a primeira coisa que eu fiz no âmbito das minhas funções com o pelouro da Educação foi institucionalizar, como AEC - atividade de enriquecimento curricular, que todas as crianças das escolas básicas do concelho passassem a ter Equitação como atividade extracurricular. De modo que estas crianças todas montam a cavalo, o cavalo é de todos e para todos*.

				Veiga Maltez não esconde que a sua vida, e dos seus familiares, foi efetivamente privilegiada. *Dantes o cavalo era só para alguns, aqueles que tinham sorte dos avós terem cavalos e os pais também. Ou para alguns que os pais tinham a possibilidade de adquirir um cavalo. O cavalo era elitista, para todos os efeitos. E nós vivemos sempre nesse elitismo, quer queiramos quer não. Era um estatuto muito próprio que nós nem sequer dávamos muito valor. Era uma coisa natural. Nessa altura nós achávamos que era a coisa mais natural do mundo. A cavalariça estava cheia de empregados, hoje para arranjar um é uma dificuldade. Já eram os pais deles eram e os avós também. Era uma coisa de família. A nossa casa tinha quase duzentos funcionários. Era uma vivência muito própria.* Para Veiga Maltez há uma força, na Feira, que a torna indestrutível e a traz, com muito vigor, até aos dias de hoje. *Vale a pena marcar essa diferença entre finais dos anos 50, 60 e 1972, que foi a primeira fase da grande força. Não podemos esquecer que dois anos depois veio o 25 de abril, com todas as suas consequências. É interessante ver como é que, com pessoas filosoficamente e ideologicamente tão contra a Feira e contra o cavalo, ainda assim a Feira reafirma-se, per si. É uma coisa extraordinária. Foi a força dela que a tornou indestrutível. O doutor João Costa Ferreira sabe muito bem disso porque acompanhou, por parte dos serviços oficiais, que foram sempre uma proteção. A Feira também sobreviveu graças a isso. Muito mais com o Estado do que com a Academia. As faculdades só hoje*

				é que estão a virar-se para o cavalo nessa altura isso não existia. *O que é certo é que a Feira sobrevive pela sua força também. Em 1975 a Feira é morta, é um ano em que não se realiza. Em 1974 a Feira ainda se faz, é uma confusão de todo o tamanho, mas ainda se faz e depois em 1975, só há um homem a montar na Feira*. Essa força que Veiga Maltez atribui à Feira também está naqueles que a viveram e que tiveram a capacidade de a entregar às gerações seguintes. O próprio José Veiga Maltez, como autarca, deu um enorme contributo. *A Feira para nós era ingénita e congénita, nós já nascemos disso, os nossos avós, os nossos bisavós. Quando cheguei à Presidência da Câmara da Golegã, aquilo que quis foi dignificar a Feira, sobretudo para que a Golegã ocupasse um lugar no mapa Internacional do mundo equestre. O que eu queria, antes de mais, era fazer da Golegã a Capital do Cavalo. E não fazia sentido chamar-lhe Capital do Cavalo se não tivesse infraestruturas que sustentassem o mundo do cavalo durante o ano. Não podia ser a Capital do Cavalo só no dia 11 de novembro, Dia de São Martinho. Era isso que eu criticava. Tudo foi feito, começando pelo Centro de Alto Rendimento e acabando no Equuspolis, para sustentar a Golegã durante o ano, como Capital do Cavalo. Isso foi conseguido. Mas, a Feira é que é o pivô disto tudo, não tenhamos dúvida. A Feira é que faz desenvolver a Golegã, onde o cavalo é rei e senhor, precisamente por haver a Feira. Repare o que a Golegã cresceu nestes últimos vinte e tal anos. Em termos de pessoas que vêm à Feira, que compram casa para virem passar a Feira, em vez de irem uma semana para as*

				Caraíbas, que deve ser mais barato. Além de fazerem a casa, trazem a empregada, trazem a prima e o primo. Tudo fica caríssimo. Uma semana aqui na Golegã, pela Feira, não fica a menos de 3000€ ou 4000€. É certo que a Feira inflacionou muito o mercado imobiliário na Golegã. O ex-autarca gosta de referir que, se não fosse médico, teria sido arquiteto. Essa sua veia ajudou à reorganização do espaço envolvente da Feira. *(…) gosto muito da arquitetura tradicional portuguesa, sobretudo da rural. Uma das coisas que fiz quando cheguei à Câmara foi mandar pintar as casas porque o Largo do Arneiro tinha cada casa de sua cor. As casas tinham de ser brancas, mas depois podiam pôr um azulão, um sangue de boi ou um ocre. E só calcários nada de mármore nas cantarias. As pessoas perceberam isso, estavam numa fase culturalmente mais evoluídas, a perceberem que a casa dos avós tinha valor, apenas precisavam de fazer mais casas de banho e reabilitar a casa. Neste aspecto, houve aqui uma sorte na Golegã que foi de não ter havido muita emigração. Se formos daqui a 20 ou 30 km, por exemplo, para Ourém, está cheio disso*. Houve uma preocupação sempre presente na mente do então Presidente da Câmara Municipal da Golegã. *Não queira saber o quão é difícil fazer coabitar tradição, identidade, história e cultura com a modernidade - eu chamo de modernidade ao contemporâneo. É que a Feira depois também virou uma feira de bares. E isso preocupou-me imenso. E por isso foram bater à minha*

				porta uns cem cavaleiros no ano em que eu fechei a Feira às 2h da manhã. *Mas tinha de ser, os cavalos estavam a noite toda a circular, depois iam para casa dormir de manhã e à noite voltava tudo outra vez. Era preciso regrar a Feira. Uma vez à noite vinha uns jovens atrás de mim e diziam - que Feira bestial, só é pena é ter cavalos.* *Houve uma série de situações muito chatas que aconteceram, pelo que eu impus o horário de circulação dos cavalos e impus também que os bares não fechassem. Porque essa malta quando está dentro dos bares não provoca desacatos, só provocam quando saem cá para fora.* *A Feira tem um carácter próprio, tem uma personalidade própria. Se personificarmos a Feira diríamos que ela tem um ADN próprio e é isso que a vai salvaguardando. É a força que foi adquirindo ao longo de séculos. Hoje, não há quem não venha a Golegã, e sobretudo o estrangeiro quer muito vir à Feira da Golegã. Não queira saber, não há lugar onde ficar, nem na Golegã nem num raio de 50 km à volta. Quando muito vai para Santarém ou para Abrantes. A Feira da Golegã tem um peso, a nível local que é enorme, a nível regional, a nível nacional e a nível Internacional. Toda agente quer vir à Feira da Golegã. É brutal*. Veiga Maltez termina apontando aqueles que considera serem os três grandes produtos portugueses da atualidade. *Eu acho que há três coisas extraordinárias que evoluíram muito nos últimos 30, 40 anos (não falo da cortiça porque a cortiça não evoluiu nada nestes últimos*

				anos, e há sobreiros a morrer): o cavalo, o vinho e o azeite. Todos estão a ser trabalhados muito bem e de uma forma muito mais científica. São os nossos três grandes produtos e que, curiosamente, se juntam bem.
007	Manuel António Martins	Golegã 11.09.2024	Manuel António Martins foi, durante algumas décadas, encarregado e feitor da Casa Veiga. Representa, neste conjunto de entrevistas, a classe dos trabalhadores rurais goleganenses que trabalhavam para as grandes Casas Agrícolas entre as décadas de 40 a 70 do século XX. A sua história de vida cruza-se com a história da Feira da Golegã por inerência das funções que desempenhou ao serviço de duas gerações da família Veiga. Na passagem para a terceira geração, Manuel não quis continuar e largou a Casa onde se fez homem e onde colecionou tantas histórias que ainda hoje gosta de contar. Manuel Martins tem dois filhos, um deles é o Presidente da Junta de Freguesia da Golegã, Carlos Santana, a quem considera que passou o entusiasmo pela cultura popular e tradicional que, há muito, lhe suscita o interesse. Homem interessado pelas coisas do passado, é entusiasta pelas coisas do presente. Aos 87 anos de idade mora próximo do Largo do Arneiro, no coração da Golegã, e ainda vai à Feira todos os dias (de manhã e de noite). Adora!	*Eu não sou da Golegã, sou do Pombalinho.* *Nasci na aldeia do Pombalinho em setembro de 1937. Aldeia rural ladeada por três rios, rio Tejo, Alviela e Almonda. Também alvercas, campos, vinhas e olivais abundavam. Diferentes espécies de gados, cavalares, eguadas, muares, caprinos, ovinos estavam à responsabilidade dos seus proprietários – Barão de Almeirim, Manuel Sabino Duarte, José Menezes, João d'Assunção Coimbra e tantos outros. Trabalhadores e crianças eram às centenas. O Pombalinho na altura tinha 1300 habitantes, agora tem 300. Em tempo de escola ouvíamos falar no São Martinho. Nesse ano, teria eu aí os meus 11 anos e era a primeira vez que chegavam ao Pombalinho parelhas de gado cavalar que vinham da Fonte Boa, Vale de Santarém. Grande alegria, ver homens fardados com roupa de ganga azul, botas castanhas protegidas por polainas. Os nossos gritos eram constantes – epá são cavalos da remonta! Era uma festa para nós. Diziam-nos que iam para a Feira de São Martinho, que era na Golegã. Também por ali passavam, vindos de Vale de Figueira, gado cavalar e empregados devidamente montados de véspera a caminho da Golegã, para a Feira dos cavalos (era assim que a apelidávamos), de dois grandes proprietários de renome, José e Emílio Infante da Câmara.* Manuel Martins distingue a Feira de São Martinho da Feira dos cavalos e dá nota de que, apesar de ser no mesmo concelho, não era comum as pessoas do

				Pombalinho, que fica a escassos Km de distância da Golegã, se deslocarem à Feira. *Feira de São Martinho para mim era só a de quinquilharias que não se realizava ao mesmo tempo da Feira dos cavalos, que era só três dias. Para chegar à Golegã era pelo nosso pé e, por vezes, descalços. Com a idade de escola nunca fui à Feira dos cavalos. Eu só vim à Feira de São Martinho, das quinquilharias, duas vezes durante o tempo que morei no Pombalinho. Vinha com a minha mãe a pé, o meu pai vinha numa bicicleta. Um dia atravessamos a parte baixa ali junto à Quinta da Broa, a pisar meia canela de água. Tinha havido uma cheia. A nossa vida era assim.* A vida da família muda quando o pai arranja um novo emprego e mudam-se para a Azinhaga, outra freguesia do concelho. *O meu pai tinha a profissão de cocheiro, cavaliceiro e em certa altura arranjou um emprego na Quinta do Marquês de Rio Maior, na Azinhaga. Foi quando saímos do Pombalinho. E foi uma grande satisfação para mim. Eu tinha nessa altura 14 anos e nós quatro filhos. O meu pai gostava de beber o seu copinho e eu, sendo o mais velho, via o sofrimento que a minha mãe passava. O meu pai nunca lhe bateu, mas coitado era assim. Por isso eu queria que o meu pai tivesse outro lugar. Quando apareceu a oferta de lugar para a Quinta de Miranda, para mim foi uma maravilha, fiquei encantado. O meu pai ia contratado, tinha já um bom ordenado, com outras condições, nomeadamente com casa e não pagava renda.*

				Manuel recorda como surge a oportunidade de trabalhar para a Casa Veiga. *Fiz a minha vida militar, cerca de sete anos e quando saí da tropa tive de arranjar um emprego. Ainda andei a trabalhar na Quinta de Miranda com um trator, sem carta. Mais tarde tirei a carta de pesados e um dia houve um amigo que me disse que a Casa Veiga precisava de um motorista. Eu quando soube aquilo meti-me logo ao caminho e arranjei o emprego e trabalhei ali uma quantidade de anos. Fui motorista, fui escriturário, fui feitor, encarregado. Fui tudo isso.* *Muitos anos depois, a Casa Veiga fez partilhas, já o Senhor Manuel Veiga tinha tido o acidente, o Sr. Dr. Carlos Veiga já tinha falecido e a Casa Veiga ficou desmembrada com aquelas perdas, de duas pessoas extraordinárias. Manuel e Carlos Veiga foram dois homens extraordinários para mim, com quem eu tive um grande relacionamento. Os empregados foram distribuídos e a mim calhava-me ou a Senhora Maria Emília que era uma irmã dos Senhores Manuel e Carlos Veiga, ou o Dr. Maltez e não quis, não gostava, não gostava de um homem que era quero, posso e mando. E não fui. Olhe, fiz trabalhos em part-time, na Quinta da Labruja, na Quinta da Melhorada, na Quinta do Meirinho, que eram de pessoas todas minhas amigas*. *Na Casa Veiga fui motorista dos pais do Manuel e do Carlos Veiga, da Senhora Dona Mercedes, andei por Espanha, por Portugal, por Lisboa. Entrei na Casa Veiga no dia 3 de dezembro de 1962 e saí em 1982 ou 1983. Quando deixei de trabalhar na Casa Veiga, comprei um terreno, com um cunhado meu, com cerca de 4ha. Não tínhamos dinheiro, pedimos um empréstimo e a própria*

				terra, com as culturas que fizemos, é que se pagou. E depois também arrendei terras para trabalhar, eu e a minha mulher. Searas de melão, de tomate, de milho, para arranjar dinheiro. Para quê? Para comprar a casa onde vivo que me custou 450 contos. Eu só tinha 250. Eu ainda trabalhava na Casa Veiga, ainda com o Dr. Veiga Maltez como Presidente. Falei com ele se me emprestava dinheiro, ele não quis, fui à procura de outros. Eu e a minha mulher fizemos muitos sacrifícios e conseguimos pagar a casa em três anos. A minha mulher que foi toda a vida uma mulher de campo, aos 11 anos já andava a trabalhar no campo com um preço de mulher, trabalhou muito comigo. Manuel orgulha-se daquilo que conquistou ao longo da sua vida: *Vim para a Golegã em 1962, em 1964 entrei no Grupo Associativo da Golegã. Estive nos Bombeiros, na Misericórdia da qual fui Vice-Provedor, na Câmara Municipal, fui Presidente da Assembleia Municipal, fui político, fui sei lá o quê. Fui uma máquina.* E volta ao início para falar da sua relação com a Feira. *A primeira vez que eu vim ao São Martinho eu tinha 16 anos, salvo erro, e vim com o empregado de escritório da Quinta de Miranda, que era o Manuel Jorge Gaião. Viemos aqui à noite. Havia aqui uma tasca, ouvimos um rapaz a cantar fado, bebemos um copo e estivemos ali um bocadinho. Foi a primeira vez que eu vim à Feira do cavalo. Íamos à feira da quinquilharia, isso sim, comprar a samarra e uma ou outra coisita, mas à Feira do cavalo não íamos. Por causa da samarra, a minha mãe teve uma discussão com o meu pai. O meu pai vinha para comprar uns safões mas como apareceu ali uma*

				samarra feita por um sr. de Vila Franca de Xira de um tecido castanho o meu pai gostou muito e comprou. Aquilo foi um bocadinho mais caro e a minha mãe zangou-se. Mas quando se vinha para a Feira tinha que se trazer dinheiro. Manuel nunca foi à Feira dos cavalos, como lhe chama, com os seus pais. *Eu nunca vim à Feira da Golegã com os meus pais, quando entrei na Feira dos cavalos a sério foi quando vim para a Golegã trabalhar, para a Casa Veiga.* A sua atividade profissional na Casa Veiga começa ao serviço do casal Mercedes e Carlos Veiga, pais de Manuel Veiga e Carlos Veiga. *Eu trabalhava na Quinta do Salvador com um casal, já de idade, que eram os pais do Sr. Manuel Veiga e do Sr. Carlos Veiga, D. Mercedes Veiga e Sr. Carlos Veiga. Os meus patrões eram eles, a D. Mercedes e o Sr. Carlos Veiga. Contudo, eu tinha sempre a chamada dos filhos se era preciso ir aqui ou acolá e tinha sempre de ajudar naquilo que fosse necessário. Eu era motorista particular da Sra. e então um dia estava eu a mudar o óleo ao carro que era um Peugeot 403 matrícula BL-32-42. A alcunha do carro era – Beira Linda – porque a Sra. era da Beira Baixa, da Covilhã. BL de Beira Linda. Então estava a mudar o óleo ao carro e chega o Sr. Manuel Veiga – Manuel preciso de um favor, tens de ir ao Mouchão levar o trator. Com o Dr. Carlos Veiga era a mesma coisa, chamava-me para isto e para aquilo. Mas o Dr. Carlos era outro homem. Era bom homem também, era extraordinário, mas para o Sr. Manuel Veiga não há palavras. Era excecional. Eram feitios diferentes.*

				Manuel volta atrás para esclarecer que *aos 16 vim à Feira, mas logo deixei de vir, ainda trabalhava na Quinta de Miranda. Só comecei a frequentar a Feira quando passei a trabalhar na Casa Veiga. Dos 14 aos 18 trabalhei na Quinta de Miranda. Na Quinta de Miranda eu trabalhava no campo, trabalho pesado, andava a meter bacelo nas vinhas. Aquilo era pesadíssimo. Eu andava a trabalhar ao lado de um homem que um dia me disse assim – Manuel tu tens a 4ª classe, deixa isto, procura outra coisa. E então o que é que eu procurei? Aos 18 anos fui voluntário para a tropa, fui militar. Estive em Vendas Novas na EPA, Artilharia. Estive lá cerca de 7 anos. Depois tive um problema com um 1º Sargento, brigámos, e eu vim para fora trabalhar. Quando vim da tropa, ainda fiquei a trabalhar na Quinta de Miranda. A minha especialidade na tropa tinha sido condutor auto. Tinha carta de lista branca, vim cá para fora, tirei a carta púbica, e foi depois disso que vim para a Casa Veiga.* O entrevistado recorda a surpresa que teve quando, pela primeira vez, passou na Golegã. *Eu vinha de uma aldeia com 1300 pessoas, na minha rua não havia uma casa vaga, crianças por todo o lado, eu até aí tinha vindo uma vez à Golegã, de passagem. Ia com os meus avós para um casamento. Quando passei, havia ali uma mercearia e eu fui comprar uma maçã porque eu tinha fome, nunca mais me esqueço. Mas, não vi a Golegã, foi só de passagem. Quando vim trabalhar para a Golegã, ao 2º e 3º dia comecei logo a conhecer a Golegã e eu pensei – Isto é uma aldeia grande, porque a Golegã não era nada disto que vemos hoje. Via cabras, ovelhas e bois, mulas por todo o lado. Via gente descalça por todo o lado. Era só um bocadinho*

				maior que a minha aldeia. De resto, aquilo que o Pombalinho tinha era o que eles tinham aqui. O casamento. *Eu vim solteiro. O Sr. Manuel Veiga vivia numa casa que era a Quinta da Obras, e a D. Mercedes, sua mãe, na Quinta do Salvador. Num lado como noutro tinham muitas raparigas a trabalhar, tinham costureiras, cozinheiras, etc.. O meu irmão mais novo tinha casado em outubro, mas dinheiro para os casamentos não havia. E a minha mãe teve despesas com ele. A D. Mercedes um dia disse-me – O Manuel António, olhe que tem de pensar em casar. Porque está aqui a trabalhar, há muitas meninas. E eu pensei – Ai Jesus, a minha mãe casou o outro em Outubro e vai-me casar já. Contei a história aos meus pais, e os meus pais disseram – Ó filho tem de ser! Já tinha 26 anos, eu casei em 1963. Fizemos o casamento na igreja, um casamento humilde, como não podia deixar de ser. A minha mulher não trabalhava na casa Veiga, até ser solteira trabalhou sempre no Pombalinho. Eu já tinha este namoro, que já vinha escola. Quando fomos para casa fomos fazer as contas. Tínhamos alugado uma casa a pagar 280 escudos por mês, que já era muito*. Ao falar do casamento Manuel Martins fala sobre o salário que auferia e como lhe foi benéfica a mudança para a Casa Veiga neste aspeto. *Eu vim ganhar um ordenado extraordinário, porque andava a ganhar na Quinta de Miranda 15 escudos por dia e vim trabalhar para a Casa Veiga ganhar 40. Quando eu fiz o contrato com o Sr. Manuel Veiga, eles tinham tido um motorista que tinha saído, e quando chegou à hora do ordenado, ele disse-me assim – Eu só*

				lhe posso dar o ordenado que dava ao José que eram 40 escudos por dia. Quando ele me falou 40 escudos por dia, pensei – Ó minha mãe Deus é grande. Tinha vindo de bicicleta, vou para Miranda ter com a minha mãe e quando lhe digo dos 40, a minha mãe meteu mão à cabeça e disse – Ai meu filho! As prendas que nos deram de dinheiro, eram dois contos e quinhentos, pagámos 40 escudos ao acordeonista por ter animado a festa. A Casa Veiga deu uma ovelha para a boda. E foi assim, casámos e viemos para a Golegã. Manuel Martins, sendo funcionário da Casa, acompanhava toda a movimentação por ocasião da Feira. *Nos anos de 1950 começou a vir muita gente. A assistir, porque a cavalo eram sempre os mesmos. Havia aqui uma grande figura, que era da minha aldeia, o Sr. Manuel Veca, que era um grande animador da Feira. O Sr. Nicolau Pernes também era uma grande figura, era o equitador da Quinta da Broa. Os cavaleiros tauromáquicos não falhavam aqui, também não eram muitos como hoje, o sr. João Núncio, o Manuel e Alfredo Conde, o David Ribeiro Telles, o Luís Miguel da Veiga, o Gustavo Zenkle entre outros. Esses cavaleiros ficavam em casa de amigos. O Sr. João Núncio ficava na Quinta da Obras, onde veio a morrer, e eu assisti à morte dele, estava na Quinta nesse dia*. Questionado acerca das mulheres e do seu papel na Feira, Manuel Martins refere que: *Na altura as mulheres não montavam a cavalo. A D. Mercedes não montava, nem tão pouco vinha à Feira, estava sempre em casa e lá recebia os amigos, e de que maneira! Ficava em casa, a orientar a cozinha e a*

				supervisionar tudo, à Feira nunca vinha; a Dona Mariazinha, mulher do Sr. Manuel Veiga, ia nas carruagens; a Dona Fernanda Castro Canelas, também não montava (terá montado na Feira em solteira, mas em casada não); a Dona Isabel, esposa do Dr. Carlos Veiga também vinha à Feira mas não montava. Quem montava, e que eu vi montar, era filha do Sr. José Infante da Câmara, a Maria do Carmo. Podemos dizer que só mais tarde, depois do 25 de abril, é que as mulheres começaram a aparecer mais a montar a cavalo. Ao contrário dos patrões, que ansiavam pela Feira dos cavalos, os trabalhadores ansiavam pela Feira das quinquilharias. *A seguir à Feira dos três dias era a Feira das quinquilharias. Comprava-se ali tudo o que era necessário. Num canto estava o material todo para as azeitonadas, os panais, os varejões, as varas, escadas, tudo. Ao lado havia as mantas, as de Minde e as lobeiras. Depois, encostado à parede eram as samarras, os safões, polainas e os fatos. As barracas das quinquilharias vendiam de tudo: almotolias de chapa, baldes, brinquedos para as crianças de madeira, de barro, de chapa, camionetes de chapa, carrocinhas de chapa, bonequinhas, uns pifarozinhos em madeira, piões, aviões. Uma família ali de Vale Figueira vendia as loiças. Os grandes clientes eram famílias que tinham bodas casamentos que compravam para oferecer aos noivos. Tudo o que era necessário vendia-se aqui, não havia lojas. O dinheiro todo que podiam juntar ao longo do ano juntavam, para poderem chegar ao São Martinho e virem gastá-lo. Aí já não era os cavalos, não tinha nada a ver com os cavalos. As pessoas diziam – Vamos ao São Martinho. O São Martinho já era depois dos cavalos.*

				Depois começaram a entrar também os carrosséis, a animação. Manuel Martins relembra o período difícil vivido na Golegã após a Revolução do 25 de abril de 1974. *Foi um período muito difícil. O Dr. Carlos Veiga era Presidente da Câmara e deixou de ser, há uma comissão administrativa, há brigas aqui e acolá. Quem teve muita influência nessa altura foi o Eng. Fernando Sommer de Andrade e o Sr. Manuel Veiga. Foi o Eng.º Fernando Sommer, como o apoio e voluntariado, do Sr. José Melancia, e do Dr. João Costa Ferreira com toda a disponibilidade também do sr. Manuel Veiga que se foi reorganizando e recuperando a Feira. Isto entre 1977 e 1979. As coisas começam a recuperar com este grupo de pessoas depois da instabilidade. Houve um ano que, inclusive, não se realizou mesmo a Feira.* *Entretanto o Sr. José Melancia é Presidente da Câmara, depois perde as eleições para o Madeira. Mais tarde, o Dr. Veiga Maltez como Presidente da Câmara fez coisas muito boas.* Manuel já era, na ocasião, feitor da Casa Veiga. *Eu a certa altura passei a encarregado da Casa, feitor. Quando Sr. Manuel Veiga comprou a ganadaria ao Sr. Eng. Rafael Calado eu já manobrava tudo, cavalos, touros, tudo. Quando fomos buscar a Ganadaria ela estava quase toda tuberculizada, foi um grande problema. O Sr. Manuel Veiga e eu acompanhámos tudo. Há uma história engraçada, um dia, andávamos os dois a acompanhar o transporte, a carregar, a descarregar, nas viagens, tudo. E levávamos sempre almoço. Naquele dia o almoço era bacalhau com batatas*

				que tinha sido feito pelo Artur que era o cocheiro do Sr. Manuel Veiga que estava na Quinta das Obras e que nestas alturas também cozinhava. Às tantas vem lá um Alentejano, todo pachorrento, e pergunta – Ouça lá quem é esse Sr. que está aí? Então - disse o Artur – este Sr. é o meu patrão. Resposta do homem - Mas olhe que os patrões não comem com agente. Recorda, com emoção, o desastre de avião que, por pouco, ia vitimando Manuel Veiga e que o incapacitou para o resto da vida. *Lembro-me muito bem do dia do acidente do Sr. Manuel Veiga. Estava eu no escritório nessa altura. Ele tinha ido para o Algarve ter com a esposa, a casa do pai do José Canelas que tinha lá uma casa. Tínhamos comprado um aparelho de corte daqueles já modernísimos, na altura e que era pago com letras que tinham que ser amortizadas. Eu estava sozinho no escritório porque os outros dois empregados estavam na Nazaré, de férias e antes dele ir, eu digo para ele – Sr. Veiga olhe que na 2af nós temos a amortização do auto-condicionador, assim se chamava o aparelho. E eu ele disse – Não tenha problemas que eu na 2af estou cá. Não esteve. E foi uma manhã terrível para mim. Quer dizer, terrível foi depois. Eu estava em casa, de manhã cedo e a minha mulher tinha ido ao padeiro ao pão e chega a casa e diz – olha lá, sabes uma coisa? O Sr. Veiga está muito mal. Foi um acidente de avião. Um cunhado do Dr. Carlos Veiga, que era um Pinto Basto, era um tontinho por aviões e tinha um avião e o Dr. Carlos Veiga andava muito com o cunhado no avião. E eu disse – Eu disse esse não é o Sr. Manuel Veiga, é o Dr. Carlos Veiga e a minha mulher disse – não, não. E era mesmo ele. Eu tive um choque muito grande com aquilo, porque era um*

				grande amigo meu. O irmão, que tinha tido uns problemas com ele, chorou muito. Nessa altura, estava eu no escritório, e eu tinha que ir com ele a todo o lado. No primeiro dia que fomos ao Mouchão (Mouchão dos Coelhos, que era uma grande propriedade, com cerca de 600 ha na margem esquerda do Tejo que fica na freguesia de Vale Cavalos, concelho da Chamusca), assim que chegou ao Mouchão o Dr. Carlos largou-se a chorar. E eu também, chorámos os dois. O Sr. Manuel Veiga era uma pessoa extraordinária, era querido de toda agente. Para Manuel Martins, a Feira hoje *é um mundo. E vai ser mais. A Câmara comprou um terreno e vai ampliar a Feira. Vai trazer uma melhoria enorme à Feira.* *Todos os dias e todas as noites venho à Feira. Adoro. Adoro ver as pessoas, adoro ver andar a cavalo, adoro tudo.*
008	João Vicente Saldanha de Oliveira e Sousa	Golegã 11.09.2024	D. João Vicente Saldanha de Oliveira e Sousa, 7.º Marquês de Rio Maior. Nasceu a 23 de julho de 1930, em Lisboa, no berço de uma das mais antigas casas da nobreza portuguesa. Detinha os títulos de 7.º Conde de Rio Maior, 4.º Marquês de Rio Maior e 3.º Conde da Azinhaga. Licenciado em Agronomia, foi funcionário do Ministério da Agricultura em Santarém e foi diretor da Estação Nacional de Fruticultura de Vieira Natividade, em Alcobaça, de onde se reformou na década de noventa. Viria a estabelecer-se na casa senhorial da família, na Azinhaga, concelho da Golegã. Foi Presidente da Assembleia da Agrotejo – União Agrícola do Norte do Vale do Tejo e também Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Azinhaga.	Aos 95 anos de idade o Marquês de Rio Maior começa por afirmar que tem saudades de tertúlias, considerando que a entrevista se encaixa nesse tipo de encontro. *Gosto muito de tertúlias e agora não tenho. Tinha amigos como o Nuno Siqueira, o Sebastião Pombal e outros que eram meus contemporâneos e com quem organizava tertúlias no Turf* [clube privado lisboeta]. *Entretanto já todos morreram*. Quando questionado sobre a Feira da Golegã afirma que pode discorrer muito sobre o assunto, embora nunca tenha sido muito aficionado. E convoca a questão da ancestralidade da família. *Não me lembro da primeira vez que fui à Feira. Repare, o meu não sei quantos avô está enterrado na Capela de*

			Foi vereador da Câmara Municipal da Golegã no antigo regime sendo nomeado Presidente da primeira comissão administrativa da Câmara após a Revolução de abril de 1974. Fica na História como o primeiro Presidente da Câmara da Golegã após o golpe militar. Esteve em funções entre junho e dezembro de 1974, altura em que foi nomeada nova administração que geriu a Autarquia até às primeiras eleições autárquicas em 1976. Faleceu em 2025, pouco tempo depois de ter dado esta entrevista.	*S. João da Ventosa, aqui a 2km, portanto eu estou cá há 500 anos. O que é que eu sei da Feira em 500 anos?* O Marquês de Rio Maior relata um episódio que o conecta historicamente com a Golegã e com a Feira de São Martinho, mas também com a Revolução do 25 de abril de 1974. *O que eu sei da Feira é que acontece no concelho da Golegã e também sei que do dia 19 de junho a 4 de novembro de 1974 o Presidente da Câmara da Golegã era eu. E era sobre isso que eu gostava de falar porque tenho várias coisas, do mais engraçado que há, para contar.* *Fui nomeado pelas hostes revolucionárias. Saiu no PREC uma Lei a dizer que as Câmaras Municipais e os terrenos iam ser ocupados. Eu, por exemplo, nunca fui ocupado porque eu tinha uma pista de aviação na minha propriedade. O que é que sucedia? Sempre que havia prevenções, a Escola Prática de Cavalaria usava a minha pista. E a Escola Prática foi a instituição principal do 25 de abril. Eu tive sempre a minha propriedade protegida. Mandavam para aqui carros da Escola, de G3. Para os comunistas, a Escola Prática de Cavalaria era o máximo.* *Os indivíduos do PCP daqui eram "moirais" ou campinos, de importância. Um deles era o meu maioral principal, no tempo do meu avô! Cuidado! Os maiorais eram pessoas da elite deles, do povo. Eles estavam informados, com o PCP de Santarém, de quando havia prevenções. De maneira que eu fui guardado por eles.* *Como estávamos num período complicado, o Fernando Saldanha Mendes que era o Secretário Geral da Câmara*

				achou que eu deveria pertencer à NP [Nomenclatura da Paróquia]. Reestruturou-se a Câmara e quem vai para Presidente da Câmara é o Carlos Veiga. Eu disse que era funcionário público, que andava por fora, a maioria das vezes em Alcobaça nos pomares. Mas o tal Fernando Saldanha Mendes insistiu que me queriam lá, e eu fiquei como vereador. Ia de vez em quando às reuniões da Câmara com o Carlinhos Veiga. Isto tudo antes do 25 de abril. *Dá-se o 25 de abril e eu era amigo do Pinto Pereira, capitão de abril. E eu era também amigo do Palma, casado com a Eng.ª Dúnia, professora dos meus filhos. O Palma e a Dúnia vinham na primavera/verão, aos sábados, almoçar comigo para o Palma ensinar os meus filhos a andar a cavalo. Portanto, tornámo-nos amigos. O Palma acabou por morrer, mas a Dúnia continuei a encontrá-la no Centro de Investigação Veríssimo Serrão.* *Portanto, eu era amigos dos capitães de abril e, sobretudo, dos operacionais. Com o Salgueiro Maia também conversava muito.* *Eu nunca fui muito ligado à Feira, mas sucedeu a tal decisão do 25 de abril de que as Câmaras fossem ocupadas, e que seria o vereador mais velho, mais antigo, a exercer a função até data oportuna. Calhou-me a mim.* Historicamente é um facto relevante que coloca a Feira da Golegã no centro da preocupação revolucionária, no Ribatejo, em abril de 1974. *A ideia que se instalou, naquela altura, era que o povo gostava da Feira mas os cavalos eram dos fascistas.*

				Ora isto era um grande problema. O que é certo é que no Ribatejo, no dia 19 de junho de 1974, houve uma Câmara que não foi ocupada, que foi a Câmara da Golegã. A ideia que eu tenho é que o PCP estava dividido entre os cavalos dos fascistas e o não fazer a Feira. Julgo eu que foi assim. Ao Marquês não interessava o cargo de Presidente da Câmara, o qual lhe caiu nos braços durante uns meses no âmbito da criação de uma Comissão Administrativa destinada a gerir interinamente o Município após o golpe militar que derrubou a ditadura. De tal modo, que nunca fez questão de constar da galeria dos Presidentes da CMG. *Então no dia 19 de junho apareceu no Diário do Governo a referência que o exercício de funções do Presidente da Câmara Municipal da Golegã passa a ser feito por João Vicente Saldanha Oliveira e Sousa.* *Eu sabia da Lei, mas nunca me passou pela cabeça que o PCP não ocupasse a Câmara. Veja-se que a Feira era de tal maneira importante, a nível nacional, que não se esperava uma situação destas. Que por causa da Feira o PCP não ocupasse a Câmara.* *Mas isto passou-se de tal ordem que no dia 19 de junho era eu que estava lá. Eu não tenho retrato nenhum como Presidente da Câmara porque eu não fui Presidente da Câmara, eu apenas exerci funções. Quando o José Maltez uma altura quis fazer um retrato meu, eu não deixei porque efetivamente não fui Presidente. Eu exerci funções de Presidente*.

				No âmbito dessas funções interinas João Vicente Saldanha Oliveira e Sousa recorda, com entusiasmo, uma situação vivida. *Vou contar uma história deliciosa. A Câmara não estava ocupada, mas o Carlos Veiga e outros desapareceram todos, fiquei eu, não havia vereador nenhum. Eu estava na Presidência e aparece o Secretário, que já não me lembro o nome, e diz-me – está ali um senhor, que é dono de um circo e quer falar com o Sr. Presidente. Eu mandei-o entrar. Lá vem do dono do circo e diz – sou fulano de tal (esqueci o nome) e como o povo gosta de circo, eu vou armar o circo no Largo da Feira. Ele não vinha pedir licença, ele vinha comunicar que ia armar o circo no Largo da Feira.* *E eu, que já sabia o que se passava na Escola Prática de Cavalaria, pedi ao Secretário que me fizesse a chamada para lá. Com a maior tranquilidade deste mundo. Pedi então ao Secretário para ligar à Escola Prática de Cavalaria e dizer que o Presidente da Câmara Municipal da Golegã tinha necessidade urgente de falar com o Comando da Escola Prática. Quem é que vem do lado de lá? O Segundo Comandante que era o Ricardo Durão. Ele era amigo do meu irmão, o pai dele era amigo do meu pai e ele sabia perfeitamente quem eu era. Então eu apresento o caso – Senhor Segundo Comandante tenho um senhor à minha frente com um problema que não diz respeito à Câmara, mas sim à Escola Prática. O senhor diz que, na medida em que o povo gosta de circo e ele é dono de um circo, vai armar o circo no Largo da Feira. Ora eu sei que vocês têm um Programa da Feira. Eu estou a falar consigo e o dono do circo está-me a ouvir. É que eu sei que vocês têm um Programa e que, de acordo com esse Programa vocês*

				ocupam, durante vários dias, o Largo da Feira. Como não sou eu que disponho do Largo da Feira vocês é que têm de dizer como é. O outro repetia, o povo gosta de circo, o povo gosta de circo. *Então o Ricardo Durão disse – João Saldanha, como há-de calcular temos um Programa e precisamos do Largo da Feira.* O Marquês de Rio Maior afirma e reafirma - *Isto é rigorosamente verdade. Isto aconteceu em Portugal no dia não sei quantos de outubro de 1974. Isto é uma coisa inimaginável e eu fiquei espantosamente grato de a história ser minha.* *Final da conversa, o tal Ricardo disse-me para comunicar ao senhor que o Largo da Feira estava ocupado e pediu-me para arranjar um recinto para ele montar o circo. Foi bem respondido julgo eu. O senhor do circo calou-se definitivamente. Saiu sem dizer bom dia ou boa tarde. Eu falei sempre com ele com o ar mais tranquilo e sem gozar nada, mas por dentro nunca devo ter gozado tanto na vida*. O Eng. João Vicente Saldanha sugere que se consultem as atas do tempo em que esteve em exercício destas funções. *Se querem ver as atas há-de lá estar, não com esta conversa, claro, mas a dizer que eu no dia tal recebi este senhor com o assunto tal*. E prossegue na história. *Ainda consegui arranjar um terreno para o circo mas a verdade é que o homem nunca mais apareceu, nem o*

				circo se montou. Isto não está assim nas atas, certamente, mas foi verídico. O que é público, da Feira da Golegã de 1974 é que efetivamente aconteceu por interferência dos militares. *Nesse ano* [1974] *foi a maneira de trazer cavalos à Feira foi essa. Foi o MFA que veio, a cavalo, à Feira. Eu julgo, e isto é histórico, que não houve nenhuma Câmara não ocupada no Distrito de Santarém. E isto porquê? Por causa da Feira de São Martinho. Porque os cavalos eram dos fascistas mas o povo queria os cavalos.* Nesse ano de 1974, e uns dias antes da realização da Feira de São Martinho, foi nomeado aquele que ficou historicamente identificado como o primeiro Presidente da Câmara nomeado pelas forças revolucionárias. António Poço da Silva Tó ocupou o lugar durante o PREC até às primeiras eleições autárquicas que decorreram a 12 de dezembro de 1976 e onde foi eleito democraticamente o Presidente José Melancia Godinho (que se manteve no cargo até 1989). *O Tó* [António Poço da Silva Tó, Presidente da Comissão Administrativa] *foi o Presidente da Câmara nomeado pelo Partido Comunista mas só apareceu depois. Ele foi nomeado Presidente nas vésperas da Feira e, como era um agricultor da Golegã foi ele próprio para o Largo do Arneiro, que era em terra batida, com o trator e a grade preparar o terreno para os cavalos saltarem. Politicamente foi nomeado, mas o que ele sabia fazer essa isso, andar com o trator. Não tinha experiência política*. *Sabe o que me aconteceu uns anos depois com o Tó? Note-se que ele foi Presidente da Câmara, o mais*

				simpático e amável possível comigo. A mim os comunistas tratavam-me nas palminhas. Então uns dez anos depois andava eu na Feira com o Luís Norton, que era meu amigo de infância e a mulher, Isabel Costa Cabral, e vem um senhor que pára. Era o Tó. Cumprimentou-me muito efusivamente – Então Sr. Eng. Como está? Eu apresentei-o aos Norton e ele vai-se embora. Mas volta a trás e diz – Oh Sr. Eng. nós é que fizemos alguma coisa por isto! Queria dizer pela Feira, é curioso. Não sendo a pessoa mais aficionado à Feira, o Marquês de Rio Maior tinha dois grandes amigos que o eram. *Eu estava muito ligado ao José Lupi e ao José Núncio porque eram todos agrónomos. O José Lupi era ferrenho da Feira. Arrendava a casa do Lucas que tinha dois ou três cavalos. Para ele era ótimo, andava nos copos e ainda tinha um cavalo. Era só atravessar a Feira. Depois arrendou uma outra casa ao pé do Hotel e mais tarde ainda arrendou outra na Feira. Já o José Núncio era adorável, era primo do Dr. Núncio Fragoso, o veterinário, e filho do cavaleiro tauromáquico João Branco Núncio. Eram os meus amigos com quem eu estava na Feira*. E relembra algumas figuras do seu tempo que montavam a cavalo. *Lembro-me do João Núncio a cavalo, e do David* [Ribeiro Telles] *e do Chico Mascarenhas, e do meu amigo Manuel Conde. O João Núncio tinha o cunhado Patrício Cecílio. Tinha aqui a família e morreu aqui. Eles para Alcácer para fazer arroz mas depois enriqueceram foi com os leitões. Mas nunca deixaram de fazer arroz. O*

				João Núncio pai, o toureio, a parte agrícola dele foi sempre o arroz. O entrevistado desvia o assunto da Feira para assinalar alguns factos curiosos da sua história familiar. *Eu não morava cá, eu só vim para a Azinhaga com trinta anos. Eu morava em Lisboa, nas Portas de Santo Antão. Agora está lá um hotel, na casa onde eu nasci. Vivíamos num local fabuloso, havia o Ateneu Comercial de Lisboa, a Sociedade de Geografia, o Coliseu, o São Luís dos Franceses, a Casa do Alentejo (que era dos Alverca), a Associação Comercial Portuguesa, de uma importância enorme, e lá no fim era o Palácio dos Almar. Era a chamada Rua dos Condes. Durante o tempo que vivi em Lisboa, não vínhamos à Feira, ou muito raramente.* *O meu avô tinha em casa as contas de 1600 e qualquer coisa. E uma delas era o ordenado do "moiral" do gado bravo, ali à roda de 1700. E ele praticamente não ganhava dinheiro, ganhava favas, aveia, tinha direito a hora e dinheiro muito pouco. Mas é o único documento que existe em Portugal sobre uma ganadaria com essa data. Tudo o resto é muito posterior. Quem estudou isso também foi o Chico Palha. O que é que o meu avô fez, foi a um senhor que tinha gado bravo aqui perto e comprou. E pô-lo aqui. E ficou éguas do Serrão de Faria. O João Gregório (agricultor local que fez grande fortuna) dava de comer ao gado bravo e às éguas e o meu avô não perdia dinheiro. O José Ferreira Fazenda e o João Gregório ganharam mais dinheiro com o contrabando do arroz. E o comandante da Polícia de Segurança Pública de Santarém que foi preso! Isto é histórico.* *A primeira coisa que eu fiz em 1963, quando vim para cá, foi vender éguas. Tínhamos 22 e eu vendi 17, fiquei*

				com 5, por isso deixei de ir à Feira. Mas antes disso íamos à Feira sim, o meu avô vendia cavalos para a remonta. O Marquês de Rio Maior recorda a figura do então Ministro Correia de Oliveira de cujo contributo a Feira da Golegã muito beneficiou, nomeadamente por ocasião da elevação a Feira Nacional do Cavalo. *Num dos topos da Feira, a certa altura, fizeram um pavilhão* [Pavilhão da Caridade] *e eu aí fui muitas vezes. Lembro-me de ter cá estado aquele indivíduo que depois se suicidou em Paris, o José Gonçalo Correia de Oliveira. Ele era o Ministro da Economia e esteve cá na Feira. A minha filha foi a cavalo ao lado do Américo Tomaz. Julgo que foi na mesma altura. Tenho fotografias disso. Foi graças a ele* [José Gonçalo Correia de Oliveira] *que a Feira passou a ser Feira Nacional do Cavalo, em 1972. Ele vinha à Feira com uma parelha de cavalos e outro cavalo engatado. Era o Ministro querido do Salazar. Ele era grande amigo do meu Bernardo António da Costa de Sousa de Macedo, Governador Civil de Santarém, teve oito anos em Paris e quem o pôs lá foi o José Gonçalo.* *Lembrei-me desta situação porque me lembrei que o José Gonçalo foi decisivo para a Feira*. Aquando da entrevista, meses antes de falecer, o Marquês revelou nunca falhar uma Feira da Golegã e recorda uma ligação, quase inusitada, com artistas e indivíduos do meio televisivo. *Hoje ainda gosto de ir à Feira, tento nunca falhar. O José Lupi morreu mas os filhos continuam-me a dizer – o tio apareça. Tínhamos um grupo que basicamente era*

				copos e conversa. Havia fados e guitarradas, mas não eram grandes noitadas como é agora. Naturalmente era outra fase. Nunca me deitei tarde na Feira. *Havia aí um tipo da televisão, de nome Parente, que tinha uma casa cá. Eu estava com os Norton e a neta, Bárbara Norton de Matos, telefonava para irmos para lá. Então nós íamos e estávamos lá com a malta da televisão. Às vezes aparecia o José Cid. Há imensas figuras públicas que vêm à Feira. O Herman José tinha um sócio que tem uma casa na Golegã e que juntava imensa gente pela Feira, incluindo o próprio Herman.* *O que eu vejo agora, pelo Bernardo e outros, é que não param um segundo, estão sempre a circular, pelos pátios e por todo o lado. Eu posso dizer que fui muito pouco frequentador, ia quando tinha aqueles amigos, para estarmos juntos, tanto fazia ser em Lisboa, como em Coruche, como em São Martinho do Porto, como na Golegã.* *Atrás dos tempos, tempos vêm. O que virá?*
009	José Serrão de Faria	Golegã 11.09.2024	José Francisco Quelhas Serrão de Faria (1937–2025), nasceu a 21 de fevereiro de 1937, em Azinhaga do Ribatejo, Golegã. Membro de uma família cujas origens nesta localidade remontam ao século XVI. Cresceu em contacto com cavalos e desenvolveu, desde cedo, uma ligação íntima ao cavalo lusitano. Frequentou a Cooperativa de Gravadores Portugueses, onde se especializou em gravura, litografia, serigrafia e xilogravura. Tornou-se célebre como “pintor do cavalo lusitano”. Na sua obra contam-se mais de 200 exposições individuais e coletivas em Portugal e no estrangeiro. Foi presidente do	A entrevista a José Serrão de Faria tinha um alinhamento definido em torno da sua ligação à arte e aos cavalos, ligação esta que o artista privilegiou e explorou ao longo da sua carreira. Infelizmente não foi possível conduzir a entrevista e obter os resultados esperados. Fica a nota para a amabilidade do próprio, e da sua família, em receber o grupo de trabalho responsável pelo presente pedido de inventário. A conversa foi circunstancial respeitando o artista e a sua frágil condição de saúde.

			Stud-Book da raça Lusitana e também criador, com mais de 30 éguas de ventre; a sua coudelaria foi afetada pelo período revolucionário de 1974. Teve um papel ativo, como criador e artista, na Feira da Golegã, tendo sido o responsável pela sua organização em 1974. Colaborou com jornais e revistas, nomeadamente A Capital, e dirigiu a revista Rédea Curta. A Câmara Municipal da Golegã homenageou-o com uma rua no seu nome. Faleceu pouco tempo depois de nos ter dado esta entrevista. Fica como um dos maiores artistas e defensores do cavalo lusitano e da cultura rural portuguesa, cujo trabalho continua a inspirar criadores, artistas e admiradores — sobretudo na Golegã, Terra do Cavalo.	
010	José Núncio Fragoso	Golegã 07.11.2024	José Núncio Fragoso, nasceu em Alcácer do Sal, no Alentejo tendo sido criado num ambiente familiar ligado à tauromaquia, com destaque para o seu tio-avô, o famoso cavaleiro tauromáquico João Branco Núncio. Ingressou no curso de Medicina Veterinária em 1962, na Faculdade de Medicina Veterinária de Lisboa. Após a licenciatura, integrou o serviço militar em Angola onde foi, durante dois anos, médico veterinário de um grupo equestre militar que detinha um efetivo de cerca de 400 cavalos. Especialista em medicina veterinária equina, com destaque para o campo de criação e preservação do cavalo lusitano. Figura amplamente respeitada em círculos taurinos e equestres, graças ao seu legado profissional e relações familiares com a tauromaquia.	José Núncio Fragoso é sobrinho de uma das figuras mais incontornáveis de sempre do toureio nacional, o cavaleiro tauromáquico João Branco Núncio (1901-1976). A família Núncio é originária da Golegã, mas desde o século XIX que uma parte da família está radicada em Alcácer do Sal. *Contava-se, na minha família que, pelo ano de 1872 ou 1873 um senhor da Golegã tinha ido de comboio ao Porto e quando vinha do Porto ouviu uma conversa entre dois indivíduos a dizerem que se arrendava em Alcácer uma propriedade que era francamente boa, num sítio com muita água e que era um bom negócio. O homem ouviu a conversa, fez-se despercebido e em vez de sair no Entroncamento e vir para casa, foi até Lisboa, adiantou-se aos outros e arrendou a propriedade. O homem tinha dois afilhados,*

				um deles o meu bisavô e o outro, um jovem da família Lynce, e disse-lhes – Vocês são novos e vocês é que vão para lá explorar a propriedade. Segundo se conta, deu um saco de libras a cada um (que era muito dinheiro na altura) e mandou-os para Alcácer. Ao princípio os dois foram sócios e depois, mais tarde, separaram-se. O projeto foi muito bem sucedido e os dois jovens ali fizeram a sua vida. *No fundo eles eram lavradores residentes o que não era habitual dado que ninguém ali queria ficar, tal era a quantidade de mosquitos e a dificuldade de ali viver.* *Esse senhor, que era o meu bisavô, teve dois filhos e quatro filhas. Um dos filhos, também Joaquim, que era o meu avô, teve quatro filhos, duas senhoras e dois cavalheiros. Um deles foi o João Branco Núncio e outro um irmão chamado também Joaquim. A minha mãe vem a casar com um senhor da Chamusca e a irmã mais velha casa com um senhor aqui da Golegã, muito conhecido, que era o Patrício Cecílio, que foi Presidente da Câmara e fundou, na Golegã, uma Escola de Toureio*. A família, pai e mãe, estabelece-se na Chamusca e José, como era hábito na altura, foi para Lisboa, para estudar em colégio interno. *Só vinha a casa nas férias, mas ia mais para Alcácer do que para a Chamusca, mas sempre mantive ligação à terra.* A família Núncio juntava-se, religiosamente, duas vezes por ano, uma pelo Natal, em Alcácer e a outra na Golegã, pela Feira de São Martinho. *Não falhávamos a Golegã. Juntávamo-nos todos na casa da tia Leonarda. Os meus avós vinham para casa da filha e os meus tios e a minha mãe vinham para casa da irmã. E aqui passávamos a Feira. Só que a Feira da Golegã, naquela*

				época, não é nada daquilo que é hoje. Estamos a falar dos anos 50. José descreve o que se recorda da Feira dos anos 50. *Eu tinha 10 anos (nasci em 1941) mais lembro-me perfeitamente. O espaço era muito mais pequeno. No livro do Manuel dos Santos há fotografias disso. E a Feira era só 3 dias, era a véspera do São Martinho, o Dia de São Martinho e o dia seguinte. Já havia os pavilhões Veiga, José Infante da Câmara, o Dr. Emílio tinha um pátio, não um pavilhão. Havia também o pavilhão Coimbra e o pavilhão Sommer, que era da Cardiga.* *A Feira era muito simples, era praticamente o quadrado onde se faz as exibições, havia a manga e os pavilhões. Era uma coisa muito restrita, embora viessem multidões de gente de fora. Qual era a mentalidade da época? Nada que tivesse a ver com desporto. Era tudo ligado ao que veio a ser mais tarde a raça Lusitana e que na altura era conhecido como a raça peninsular. Vinham os toureiros ver os poldros.* *A Feira era simples, tinha uma barracazinha com um microfone, e uns discos com uma música muito foleira. Davam-se os recados ao microfone – Sr. fulano de tal tire o carro daqui que está a impedir o trânsito. Havia cavalos, mas não era esta loucura que é hoje.* *Naquela zona perto de onde era o pátio do Dr. Emílio Infante, estavam normalmente os cavalos dos ciganos e de outros comerciantes. Onde é agora o pavilhão dos Veigas havia comércio, escadas de madeiras, varas para varejar a azeitona, panais, etc. Havia os homens das castanhas e havia uma coisa que eu achava*

				maravilhosa naquela altura que era uma espécie de um terço, mas de pinhões. O grande objetivo da Feira, à época, era efetivamente o negócio. *Os campinos é que apresentavam os poldros, não havia cá homens de jaqueta. Se alguém queria comprar um poldro era fácil - os campinos vinham mostrar o poldro a manga, os outros afastavam-se um bocadinho e mostrava-se o poldro. Algumas casas também tinham equitadores que mostravam os animais, alguns muito conhecidos, como o Serrão ou o Nicolau. Esses já traziam os cavalos mais arranjados*. Os lavradores também montavam a cavalo, *lembro-me muito bem do Dr. Emílio montar a cavalo, o José Infante da Câmara também montava, o Dr. Rui de Andrade também, mas o filho, o Eng. Fernando Sommer, montava mais, também o Luís Ervideira. Há uma célebre fotografia do Eng. Fernando Sommer a montar um cavalo que era o Cofre, um cavalo russo que depois foi vendido para o meu tio João Núncio e dele foi para o México. Foi um dos cavalos importantes na padrição lá no México.* *As casetas não tinham nada, era só para terem os cavalos. Não havia comes, nem bebes, quando muito uns cómodos para sentar.* José Núncio Fragoso refere aquele que, no seu entender, foi um momento importante na história da Feira e onde se constata uma primeira evolução. *A Feira vem a desenvolver-se muito com o Dr. Carlos Veiga, quando ele é Presidente da Câmara da Golegã, entre 1971 e 1974. É quando a Feira passa a ser Feira*

				Nacional do Cavalo. É uma época em que o país estava a funcionar bem, apesar da guerra colonial. E na Golegã houve um grande incremento. Começou a haver gente, sem ser os toureiros, interessados em fazer equitação à portuguesa. A Feira começou a ter outra dinâmica e, resultado também da inspiração que foram buscar lá fora, a Sevilha e Jerez. É nesta altura que começa a entrar na Feira de São Martinho a parte desportiva, que até aí não havia. Era só os cavalos e mais nada. Começou por haver os raids (provas de endurance), começou a haver lá na Quinta da Labruja umas provas de Concurso Completo e depois começou-se a fazer uns Obstáculos também. Isto para dar aqui algum movimento à Feira. Aí a Feira é alargada e passa a durar cerca de oito dias. O Dr. Núncio Fragosos destaca o papel importante do Eng. Fernando Sommer. *Era o grande impulsionador de tudo. Dedicou toda a sua vida ao cavalo. Era um homem muito simples. Tinha uma navalhinha com a qual fazia coisas de arte maravilhosas. O Eng. Sommer vestia sempre uma camisa Lacoste e um casaco quadriculado e umas botas de sola de pneu. Tinha uma figura rústica, mas era um homem finíssimo, falava muitas línguas, alemão, inglês, francês, espanhol, italiano. Era um homem muito erudito e muito interessante. Era um homem intransigente também nas apreciações e nas avaliações que fazia enquanto Presidente de Júri em múltiplas provas*. O entrevistado foca a questão dos constrangimentos provocados pela Revolução do 25 de abril no que se refere à Feira da Golegã. Ao contrário de muita gente, o

				Dr. Núncio Fragoso esteve presente nos dias 11 de novembro de 1974 e 1975 e dá o seu testemunho. *Eu vim à Golegã nos dias 11 de novembro de 1974 e 1975. O Dia 11 de novembro de 1974 foi aparentemente normal. Não esqueçamos que houve uma data importante, que foi o 28 de setembro, pouco antes da Feira, que foi quando o General António Spínola quis fazer uma manifestação da "Maioria Silenciosa" e que foi o princípio da Guerra entre o MFA e os que pretendiam uma democracia institucionalizada. Nessa altura a Feira ainda foi realizada um bocadinho como habitualmente. No ano seguinte a Feira já acontece depois do célebre 11 de março de 1975, em que há nacionalização da terra e muitas terras foram ocupadas. Não foi o caso da Golegã. Em novembro de 1975 só havia três cavalos na Feira que eram da Quinta da Labruja. De resto, ninguém trouxe cavalos, ninguém montou pavilhões, nada. Embora não tivesse havido aqui ocupações, as pessoas estavam com dificuldades, com pouco pessoal e todos os dias havia chatices. Foi um dia de temporal desgraçado. Mas também havia um ambiente de cortar à faca. Eu vim à Feira como Oficial da Guarda Republicana, era lá veterinário, e comprávamos alguns animais na Feira de São Martinho. Nesse ano de 1975 não vínhamos com o objetivo de comprar nada, não comprámos, nem vimos nada, mas apenas de marcar presença. Também só havia, como disse, os tais três cavalos da Labruja e três cavaleiros, três, que tiveram coragem de andar a cavalo no Largo do Arneiro, o Dr. Alfredo Conde, o Dr. Fialho Leonardo e o célebre Veca. Foram os únicos que tiveram coragem de vir, deram uma volta e foram embora. Havia muito poucas pessoas a ver e as que havia eram fações de um lado e de outro. Era*

				um ambiente muito tenso. Bom foi que veio a chuva e as pessoas desmobilizaram, porque não havia sítio nenhum onde se abrigarem. Segundo o entrevistado, a partir daí, o país foi-se começando a organizar e a Feira também. *No início dos anos 90 começam a vir as multidões. Os portugueses começam a ter mais dinheiro, a terem carro, outros a virem de excursão. Eram camionetes da carreira a despejarem aqui gente que era uma loucura. Vinham de todo o lado e não tinham nada a ver com os cavalos*. *As pessoas vinham passear*. O Dr. Núncio Fragoso faz a descrição dessa transição, de uma Feira da Golegã antiga para uma Feira renovada: *os comerciantes começaram a vir, a loja dos chapéus, a loja dos sapatos, a loja dos arreios, a loja das pantufas, as ginjinhas. Depois montaram um restaurante, o Pavilhão da Caridade, onde se serviam almoços e jantares. Aos poucos começaram a alugar casas nas periferias do recinto. Depois conseguiram comprar um quarteirão e a Feira alargou grandemente e começaram a aparecer novos criadores com Pavilhões, como o do João Lince, o do Brito Pais, o próprio Filipe Graciosa e Ferraz da Costa são recentes, dos anos 80 ou 90. O pavilhão do Ortigão Costa é anterior. É uma grande casa agrícola cujos cavalos se distinguem pela cor preta. Quando fundaram a Coudelaria tinham um feitor que era Joaquim Feitor, que era o pai do Manuel Jorge de Oliveira, o toureiro, que estava incumbido de comprar todos os cavalos pretos que existiam*. A relação da família Núncio com a Feira foi-se mantendo.

				A família continuou sempre a vir à Feira. Os meus avós entretanto morreram, mas mantivemos a tradição da Golegã. A minha tia Leonarda, que era daqui, dizia sempre - eu hei de morrer num dia de São Martinho, e assim foi. Enquanto a tia foi viva vínhamos sempre, mas a seguir à sua morte, os primos ainda abriram a casa um ano ou dois para nos receber, mas já não era a mesma coisa. Eu nunca deixei de vir à Feira, exceto quando estive no Ultramar. Mesmo no Ultramar, em Angola, eu estava num regimento de cavalaria, portanto, no dia de São Martinho eu fazia questão de andar sempre a cavalo. O Dr. Núncio Fragoso termina falando acerca do seu tio, João Branco Núncio, conhecido como o Califa de Alcácer e considerado, pelos entendidos, como um dos maiores toureiros portugueses de sempre. Fala também acerca da forma como a família, nomeadamente o avô, lidava com a consagração do filho. *O meu tio João era efetivamente um grande cavaleiro, era um homem muito ponderado. O meu avô, pai dele, que era um grande aficionado, adorava que o filho fosse toureiro, mas nunca falava dos êxitos ou dos fracassos do filho. Ia ver, adorava, mas proibia a família de se manifestar em público. Não podíamos bater palmas. A única vez que bati palmas ao meu tio João Núncio foi na festa dos 50 anos de carreira. É notável, foi o único toureiro, a nível mundial, a festejar 50 anos na função. Deu-se uma festa no Campo Pequeno, uma corrida onde estiveram o Américo Tomaz e o Marcelo Caetano, muito bem organizada e eu fui o único que disse – Hoje vou dar palmas. Foi a única vez que o fiz. O meu avô não permitia mesmo. As famílias hoje fazem uma grande algazarra, levam flores e batem palmas, mas nós não,*

				eramos discretos. Se alguém dizia alguma coisa ao meu avô, ele agradecia, mas não passava disso. O meu avô era um grande aficionado, ia a todas as corridas. Já velhinho, quando já tinha entregado os negócios aos filhos e netos entretinha-se assim, tudo onde houvesse corno ele aparecia, fosse o filho ou não. O meu tio João foi um homem que deu nas vistas desde muito novo. Núncio Fragoso termina revelando porque é que havia uma relação tão próxima entre o tio, João Branco Núncio, e a família Veiga. *O cavalo de eleição para a tauromaquia era o cavalo Veiga, produto do trabalho genial, do bisavô do Manuel Veiga, que eu ainda conheci, e que era um homem genial. O meu tio João teve 14 cavalos Veiga. E porquê? Primeiro porque era um homem genial e segundo por o Sr. Veiga lhe interessava que ele fosse o cavaleiro dos cavalos dele, e dava-lhe uma garantia de qualidade e sucesso. De maneira que o meu tio quando era a Feira de São Martinho trazia sempre um cavalo novo e um consagrado, que era para ir mostrando trabalho feito e para mostrar às pessoas que estavam expectantes acerca da próxima temporada. O meu tio não andava muito aqui na Feira, era só aos bocadinhos com os seus amigos, o José Infante, que também vinha a cavalo, o Rui Sommer e depois de vez enquanto fazia ali umas exibições de equitação, de uma equitação muito própria, típica dos toiros. Era sempre um aperitivo a sua vinda aqui à Golegã. Como vinha o meu tio também vinha o Manuel Conde, o Dr. Fernando Salgueiro e outros, que também eram bons equitadores. Mas como ele era a figura cimeira, havia maior expectativa sobre ele, até porque era o mais velho de todos.*

011	António Lopes Aleixo	Golegã 07.11.2024	António Lopes Aleixo é proprietário do Centro Hípico António Lopes Aleixo e da Coudelaria António Lopes Aleixo, com sede no Cabeção, freguesia do Concelho de Mora. É filho do Eng. João Lopes Aleixo (23.01.1940 – 18.08.2021), agricultor de profissão e reconhecido mestre de equitação, professor e criador de cavalos árabes, campeões em várias disciplinas equestres e a quem a Feira Nacional do Cavalo prestou homenagem na edição da Feira de 2021, ano do seu falecimento. O mestre ainda viveu a felicidade de ver um antigo aluno seu, Rodrigo Torres, obter a melhor classificação portuguesa de sempre nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, na modalidade equestre de Dressage.	António Lopes Aleixo começa por se referir ao pai, figura de referência no mundo rural e em particular no meio equestre. *O meu pai era criador de Puro-sangue árabes, infelizmente já não está entre nós. Foi com ele que comecei a vir à Feira. Não me lembro da primeira vez que vim. Lembro-me da Feira de sempre*. *Era aqui se se encontravam as pessoas dos cavalos, era aqui que se mostravam os cavalos ensinados. O meu pai era um grande mestre de equitação, mas curiosamente aqui na Feira não montava. Nunca montou. Ele vinha todos os anos à Feira para ver os cavalos e estar com os amigos*. António é membro da comunidade equestre por herança familiar mas, ao contrário do pai, vem à Feira a cavalo. *Eu sim, sempre montei na Golegã. Eu venho a cavalo à Golegã desde os meus 14 anos. Há duas fases da minha vida em relação à Feira, antes e depois do casamento. Antes do casamento eu vinha mostrar o cavalo na mesma, mas a Feira era mais para a diversão. Depois do casamento coincide também com outra fase da minha vida, e com o facto de, em 2003, ter criador a minha própria Coudelaria. A vinda à Feira passou a ter também esse lado mais profissional, para tratar de negócios. O meu pai era criador de cavalos árabes e nesse campo, não havia grande negócio. Mas eu sou criador de Lusitanos, a minha paixão é o Lusitano e aí estamos sempre à procura de um possível negócio*. António e a esposa tomaram a decisão de comprar casa na Golegã.

				Hoje em dia temos casa na Golegã, comprámos propositadamente para a Feira. Antes alugávamos sempre, casa para nós e espaço para por os cavalos. Eu conheço todos os cantos da Golegã à conta de ter ficado cada ano num sítio. Não é fácil arranjar uma casa com cocheira, portanto, habitualmente ficávamos num sítio e os cavalos noutro. Entretanto começou a ficar muito caro e optámos por comprar. Já nessa altura ficávamos todo o tempo da Feira, vínhamos no início da Feira e ficávamos até ao fim. Agora que temos a casa, é igual. E já passámos isso aos filhos. Os nossos filhos querem vir logo, estão ansiosos pela Golegã, ela tem 18 anos e ele 17. Os filhos, jovens adolescentes, encaram a Feira da Golegã como forma de diversão e convívio. *Os meus filhos começaram a vir à Golegã como eu, logo em bebés. Não se lembram da primeira vez que vieram. Os meus filhos (felizmente) não montam. Eles gostam, montaram até aos onze anos, sabem montar, sabem o maneio, sabem tudo, mas são muito bons alunos e a escola começou a ser mais exigente. Mais exigência, mais responsabilidade e eles acabaram por se focar naquilo que é mais importante para eles que é a escola. É assim com todos os que querem ser bons. Mas nunca deixaram de parte a Golegã, não tanto pelo cavalo, mas pela diversão. É que aqui na Golegã há duas situações, há quem venha para ver o cavalo e tudo o que tenha a ver com o cavalo e há quem goste do cavalo, mas venha para se divertir. E é esta fase que os meus filhos estão a viver. Trazem os amigos do Cabeção, dos grupos católicos e ficam todos na nossa casa. São à volta de trinta miúdos. Dormem em camaratas, rapazes e raparigas. Vão para a cocheira, preparam eles as*

				refeições e ali ficam até de manhã. É só de 6af a domingo. Para a próxima semana talvez venham à 5af. A minha filha agora está na faculdade e então pode faltar tanto. Lá para 4af ou 5af já cá a esperamos. O negócio continua a ser o grande objetivo dos criadores na vinda à Feira da Golegã. *No meu caso, a vinda à Feira foi sempre com o objetivo de mostrar o animal que trago para efeitos de venda. Até hoje, sempre que trouxe um cavalo ensinado aqui à Feira, vendi-o sempre. Se trouxesse um cavalo ensinado vendia. Cavalos atrasados não é tão fácil de vender. Um cavalo que faça passage, piaffe e passagens de mão vende-se bem. Fazemos isso na manga para mostrar os dotes do cavalo mas também, e especialmente, no Picadeiro Central. Essa é que é a grande montra do cavalo. E também temos o Picadeiro do Lusitanus. Quem está interessado em comprar cavalos corre todos estes espaços*. António dá conta que nem todos os cavaleiros estão na Feira para fazer negócios, nem todos os cavalos estão à venda. *Há quem não venha com este objetivo e que venham apenas com vontade de montar a cavalo para se divertir, com cavalos próprios ou emprestados e sem qualquer intuito de negócio. Isto também é uma feira de vaidades e alguns vêm apenas para se mostrar, a cavalo*. António e a esposa revelam preocupação e cuidado na sua apresentação pública. *Em termos de traje, à uma enorme preocupação. Trajamos à portuguesa. Estamos uma semana só a tratar disso, antes da Feira. Só eu e a minha mulher é*

				que trajamos. Os miúdos não. Eles não montam, portanto, não vale a pena o investimento. António manifesta o desejo que os filhos possam dar continuidade ao negócio que criou, sozinho, em 2003. *Eu gostava que um dele um dia continuasse a Coudelaria, que me deu tanto trabalho criar. Eu sempre tive éguas, cruzadas, mas em 2003 é que comecei com os lusitanos. Eu montava e ensina cavalos e a determinada altura achei que fazia sentido criar um cavalo para aquilo que eu pretendia. Para mim seria mais simples, para atingir os meus objetivos, ir buscar a égua e o cavalo e conseguir fazer essa ligação entre dois animais. É melhor do que ir comprar o cavalo fora porque às vezes é muito mais caro. O mais fácil era criá-los.* A Feira da Golegã é o ex-libris para a comunidade equestre, embora haja outras momentos do calendário que já se tornaram também imperdíveis. *Hoje em dia, é impensável um criador de cavalos não vir à Golegã, mas já não é só a Golegã, é a ExpoÉgua também, que tem uma dinâmica grande em termos de animais. Já tem muitos animais a concurso e nós trazemos sempre os nossos. Daí também o termos comprado a casa. Em maio e em novembro, pelo menos, vimos sempre cá*. A Feira da Golegã é uma grande montra que reflete, para exterior, a nossa comunidade equestre. António Lopes Aleixo defende que, para isso, é importantíssimo salvaguardar o bem-estar animal. *Na minha altura de jovem montávamos a cavalo até à1h ou 2h da manhã, depois os cavalos iam descansar e nós*

				ficávamos a pé. Entretanto passou a haver um descontrole, havia pessoas que montavam a noite toda e isso era péssimo para os animais. Em boa hora se regulamentou essa questão. O bem-estar animal deve estar acima de tudo. A Feira da Golegã é uma Feira internacional, vem gente de toda a parte do mundo e temos que dar o exemplo!
012	Luís de Sousa Cabral	Golegã 07.11.2024	Luís de Sousa Cabral, proprietário da longeva e distinta Coudelaria Ervideira, sedeada na Herdade da Fonte Boa, em Évora. Criada em 1888 é uma das Coudelarias de maiores tradições na Península Ibérica, reconhecida pela sua grande importância na seleção do cavalo PSL. Bisneto do Conde de Ervideira, fundador da Coudelaria original, entretanto dividida, é herdeiro do núcleo de éguas oriundo da fundação da coudelaria o que permite considerar que a Coudelaria Ervideira é, desde o final do século XIX, um ícone da criação do Lusitano em Portugal. O projeto familiar é mais amplo e integra uma grande exploração vitivinícola e enoturística, focada em qualidade e sustentabilidade, sob gestão moderna, familiar e ambientalmente responsável.	A família ligou-se institucionalmente à produção cavalar em 1888. *Na altura não havia automóveis e o meio de transporte era à base de cavalos. Já haveria éguas na Casa, com certeza, mas registadas só a partir dessa data. Estamos convictos de que já haveria criação cavalar porque as pessoas utilizavam os cavalos de maneiras diferentes, não só com intuito de cavalo de sela. A partir de 1888 começou então a criação cavalar mais a sério e hoje temos, na Casa, os livros todos desde a fundação até aos dias de hoje. Os primeiros livros foram ainda todos escritos à mão, com letra do meu avô e com desenho de uma árvore genealógica pintado pelo meu bisavô. Atualmente estamos na 4ª para 5ª geração*. Luís Cabral é o único proprietário da Coudelaria Ervideira desde 1967. *Eu herdo a Coudelaria em 1967 por força das circunstâncias de o meu avô ter partilhado, ainda em vida, dos bens dele. Das três filhas que tinha, só a minha mãe é que quis ficar com éguas. Calhou-me a mim que sou o filho mais velho e o mais interessado por esta matéria.* Luís Cabral revela a influência da Coudelaria Ervideira sobre todas as outras.

				Posso dizer que a nossa Coudelaria teve, e tem, influência nas outras coudelarias, hoje terá menos porque as pessoas vivem de modas, atualmente há as internets, as redes sociais e os livros e, portanto, as modas são mais fáceis de se transmitir, não querendo dizer que sejam boas. Houve uma altura em que usámos cavalos de Alter e passado cem anos passa a ser a moda dos Alter outra vez. Os nossos cavalos foram, durante anos e anos, mães e pais de muitas coudelarias, há muito poucas que não têm sangue nosso. Das que não têm nenhum sangue nosso será Sommer de Andrade, embora eu tenha sido muito amigo do Eng. Fernando Sommer e tenha convivido muito com ele. De resto estou convencido que 99% das outras coudelarias têm sangue nosso. Acerca da Feira e daquele que foi, à sua época, um dos mais afamados pavilhões da Golegã. *A minha família sempre teve pavilhão na Feira, considero que possa ter havido alguns interregnos, mas sim, tivemos pavilhão na Feira durante muitos anos. Eu pessoalmente comecei a ter a meias com o Eng. Fernando Sommer. Hoje está lá um bar mas era um pavilhão da Casa Sommer e Ervideira. Isto de 1967 para cá. Antes havia um pavilhão do meu avô e o meu tio, irmão do meu avô também tinha. A Casa foi fundada pelo meu bisavô, foi dividida em três partes e estas foram também divididas.* O entrevistado recorda as (poucas) memórias da Feira de quando era criança. *Lembro-me muito vagamente da Feira de quando era pequeno. Lembro-me das luzes, que eram lâmpadas penduradas nos fios. À noite não havia nada,*

				praticamente. Não havia restaurantes, as pessoas que vinham de fora eram recebidas nas casas daqueles que eram de cá e que tinham possibilidades de receber as pessoas. Os cavalos também ficavam lá. Sendo que a família Cabral, proprietários da Coudelaria Ervideira, sempre esteve sedeada em Évora quisemos saber como se instalavam nos dias da Feira. *Durante muitos anos eu tive os cavalos na Quinta da Cardiga, depois passei a ter os cavalos aqui numa cavalariça que o Eng. Fernando Sommer tinha aqui relativamente perto da Feira. Mais tarde, o pavilhão passou a ser a meias com a família do Dr. Maltez e eu ficava com os cavalos em casa dele. Nós nunca tivemos casa na Golegã. O máximo de tempo que estive foi sempre na Cardiga. Toda a família lá ficava instalada*. *Nessa altura a Feira era uma coisa completamente diferente. Eram três dias de Feira e a Feira existia basicamente para se fazer negócios de cavalos. Era o seu grande intuito. Hoje já não é tanto assim. Naquela época é que era uma Feira, as pessoas vinham para fazer negócios*. *Em 1967 lembro-me que fiquei em segundo lugar numa prova do cavalo de sela, em que fiquei atrás do Manuel Veiga que ganhou, e à frente do Carlos Veiga, de modo que tenho uma fotografia dos três e eu metido no meio dos dois manos.* *As pessoas que frequentavam a Feira eram pessoas ligadas aos cavalos e que queriam cavalos. Na época o consumo de cavalos era diferente do consumo de cavalos hoje. Hoje o cavalo é um instrumento de lazer e para passar o tempo, mas naquela época não era só*

				isso. Também havia, mas era uma época em que as pessoas compravam cavalos para os porem a fazer transportes, para trabalharem no campo, alguns para tourear, etc. Os cavaleiros tauromáquicos faziam aqui muitos negócios. Aliás era difícil aqui na Feira da Golegã, na época, não ver 90% dos toureiros profissionais aqui. Hoje há um ou dois. No que nos diz respeito, nós não vendíamos muitos cavalos para toureio, vendíamos alguns. A minha relação com os cavaleiros tauromáquicos era, sobretudo, de amizade, não de negócio. O entrevistado fala da forma como a Feira era imperdível para a comunidade equestre. *A Feira para nós, na altura, era imperdível. Mais do que hoje. Nós, e todos os criadores em geral vivíamos para isto. Ou seja, vivíamos para preparar os cavalos para virem à Feira da Golegã. Hoje em dias, eu tenho cavalos e, não só não tenho já pavilhão, como trago um cavalo, num sábado, que é montado por um profissional. Ele monta o cavalo num reboque, chega aqui de manhã, monta o cavalo durante o dia e no final do dia mete o cavalo no reboque e vai para casa. É totalmente diferente*. O que mudou na Feira? *Há muita coisa diferente na Feira. A principal é que a Feira passou a ser uma vivência mais de noite do que de dia. Não era rigorosamente nada assim. Às 21h30 nada se passava aqui. Nos anos 70, a seguir à Revolução, começaram a aparecer uns ciganitos à noite, a fazer umas cavalhadas, mas foi tudo depois do 25 de abril. Antes não havia nada à noite. Com o tempo tudo isto foi crescendo, até altas horas da madrugada e*

				passou a ser uma enchente de pessoas de Lisboa, em vez de irem para a 24 de julho vinham para a Golegã. Pessoas que não têm nada a ver com isto. *Não posso dizer que a Feira esteja desvirtuada, nada disso. Acho que as pessoas que têm estado à frente da Feira têm tentado criar condições para melhorarem uma série de circunstâncias. Por exemplo, a pista de hoje não tem nada a ver com a pista daquela época. A infraestrutura no Largo do Arneiro está toda requalificada, passou a ter um piso melhor, arranjaram umas sebes, fizeram o calcetamento das ruas em volta, etc. Há boas infraestruturas não apenas no Largo do Arneiro como na própria volta em geral. Tudo isso atrai mais pessoas à Feira. Há coisas boas e menos boas, evidentemente. Aquilo que eu acho é que isto deixou de ter o mesmo significado. Passou a ter um significado mais internacional. Naquela época havia um ou outro estrangeiro, porque o mestre Nuno Oliveira era uma pessoa que tinha muitos contactos no estrangeiro e trazia algumas pessoas.* Luís Cabral relembra a figura do mestre dos mestres, Nuno Oliveira com quem teve muita proximidade. *O mestre Nuno Oliveira teve muitos cavalos nossos, o maior fã da nossa Casa era ele. E, à custa dele, vendemos muito muito cavalo. Eu lembro-me do último cavalo que lhe vendi, foi aqui na Golegã, em 1967 ou 68. O cavalo chamava-se Lidador e ele depois passou a chamar-lhe Nabuco, porque ele mudava sempre o nome dos cavalos e punha-lhes sempre nomes ligados à ópera porque ele era fã. Ele chegou aqui à Golegã, deu a volta aos pavilhões todos e encantou-se com aquele. E disse-me - Luís, tens de me vender este cavalo. E eu disse –*

				Mestre o único cavalo que eu não tenho aqui à venda é este. O meu pai não me deixa vender o cavalo. E dizia – não pode ser, este cavalo é para mim. Não havia cavalos na altura e eu disse – Mestre Nuno, só há uma hipótese, os cavalos vão amanhã para Évora, o Senhor fala com o meu pai. O meu pai não sabia nada de cavalos. Era veterinário, ainda toureou quando era novo, gostava muito de cavalos, mas gostava muito mais de dinheiro. Eu entretanto peguei no telefone aqui de casa de um amigo e liguei para o meu pai e disse-lhe o que se passava, que o Mestre Nuno queria o cavalo, portanto eu disse-lhe - Veja lá não me deixe ficar mal. No dia seguinte o Mestre Nuno ligou ao meu pai e o meu pai manteve o discurso, que o cavalo não estava para venda e que provavelmente ficaria para as éguas. O Mestre Nuno tanto chateou o meu pai que ele disse que sim e lá acabou por comprar o cavalo. Foi uma história engraçada porque ele deu aqui umas dez voltas ao Arneiro, todo zangado comigo porque eu não lhe vendia o cavalo de maneira nenhuma. Mas sempre nos demos muito bem. E continua porque as histórias com o mestre Nuno sucedem-se. *Uma vez, tínhamos casado há pouco tempo, a minha mulher e eu, e toca o telefone às 6h da manhã. A minha mulher perguntou quem seria aquelas horas e eu respondi-lhe que deveria ser o Mestre Nuno, bem dito, bem feito. Nunca andou de automóvel, andava sempre de táxi, nunca conduziu. Veja bem que a fé que ele tinha na criação que chegou-me a dizer – não vendas nenhum cavalo, antes de falares comigo. Metia-se no táxi, 1h30/2h estava em Évora. Andava para todo o lado de táxi, até para Paris, se fosse preciso*.

				A vinda dos estrangeiros à Feira da Golegã deve-se a Nuno Oliveira. *Foi através dele que começaram a vir os primeiros estrangeiros à Feira. Europeus fundamentalmente, belgas e franceses do norte de França. Eram alunos dele, que vinham à procura de cavalos*. Por fim Luís Cabral reflete sobre a sua descendência e o futuro da Coudelaria Ervideira. *O nosso futuro, enquanto Casa, está assegurado. Eu posso dizer que estou no ativo, mas os meus filhos são donos de tudo, na verdadeira aceção da palavra. Tenho quatro filhos, três rapazes e uma rapariga. A minha filha é casada com um criador também. Eu não tomo decisão nenhuma sem consultá-los. Todos os meus filhos montam a cavalo, todos gostam de cavalos e há um deles que está muito preparado para continuar, no aspeto genético. Conhece as linhas todas, as famílias e ainda por cima como é artista, faz escultura, ele é uma pessoa que domina as três dimensões muito melhor que eu. Pega num cavalo que vê pormenores que eu não consigo ver. Eu fiz questão de transmitir aos meus filhos toda a informação acerca da parte genética, como também tenho feito classificações de cavalo em casa à frente deles para os ir preparando. Sei que eles estão perfeitamente capazes disso, agora o futuro vamos ver.*
013	Inês Beirão Correia	Golegã 07.11.2024	Inês Beirão Correia é colaboradora da Coudelaria de Alter coordenando a área do Turismo e acompanhamento de visitas. É prestadora de serviços e tem uma equipa a trabalhar para si na realização das visitas guiadas à Coudelaria. Durante a Feira, Inês desloca-se para a Golegã com a responsabilidade de manter aberto o pavilhão/caseta da	Inês Beirão Correia vem à Feira da Golegã em funções. Presta serviços à Companhia das Lezírias na Coudelaria de Alter há 27 anos. *Comecei a trabalhar na Coudelaria de Alter em 1997, no tempo do Dr. João Costa Ferreira.* Inês é responsável, desde sempre, pela área do Turismo e acompanhamento de visitas.

			Companhia das Lezírias, entidade que tutela a Coudelaria de Alter.	Na Feira da Golegã tem a responsabilidade de manter aberta a caseta da Companhia das Lezírias que se encontra no topo sul do Largo Marquês de Pombal – Largo do Arneiro, próximo do Secretariado da Feira e com vista privilegiada para a manga e para o Picadeiro Central. *A caseta da Companhia das Lezírias é fixa, o que significa que não é montada e desmontada para a Feira. Esta cá todo o ano. Pode acolher alguns eventos da Companhia das Lezírias durante o ano mas o forte é em novembro, pela Feira*. Para além de ser responsável por manter aberta a caseta, Inês encarrega-se de receber os visitantes. *Sou eu que recebo as pessoas, presto informações, vendo o merchandising ou os produtos da Companhia das Lezírias e da Coudelaria que temos expostos para venda.* *O Eng. Francisco Beja e o Dr. António Pinto estão sempre presentes. Eles são os responsáveis da criação cavalar da Companhia das Lezírias e são eles que recebem os clientes e os visitantes mais especializados. São eles também que orientam toda a logística relativamente aos cavalos que trazemos para exposição.* No primeiro andar da caseta recebem-se amigos, colaboradores, clientes e uma ou outra visita mais ilustre. É um espaço reservado, preparado para receber. A janela, defronte para o grande palco dos acontecimentos, é local privilegiado para se estar. Permite observar tudo, tranquilamente, fugindo das multidões e da confusão que vai lá fora. A grande maioria das casetas não tem primeiro andar e, como tal,

				não dispõe da vista privilegiada sob a Feira que a caseta da Companhia das Lezírias proporciona. Acresce, que há sempre o que comer, ou pelo menos o que beber. O ambiente é verdadeiramente convidativo. Inês recebe, no rés-do-chão, todos aqueles que entram para conhecer a Companhia das Lezírias, as respetivas Coudelarias e o trabalho que desenvolvem. *Quase todos são estrangeiros, americanos, italianos. espanhóis, franceses, alemães e outros. A maioria são seniores, pessoas com mais de 65 anos e todos estão ligados com os cavalos. São pessoas que têm cavalos, que montam a cavalo por lazer. Muitos vêm atrás do cavalo Lusitano. Adoram a Feira e vêm todos os anos. Alguns já os conhecemos de anos anteriores, todos os anos nos visitam para levar os nossos produtos. O nosso azeite por exemplo tem muita saída, é um dos produtos muito procurados por eles. Por norma, esgotamos o stock.* Muitos destes estrangeiros, com interesse e paixão pelo cavalo Lusitano vão à caseta da Companhia das Lezírias para agendar uma visita à Coudelaria de Alter. A estadia na Golegã inclui, para muitos estrangeiros a participação na Feira e um dia de visita a Alter. *É muito frequente. Durante a Feira recebemos, em Alter vários grupos de visitantes que vêm precisamente da Golegã. Uma das minhas grandes ocupações na Feira é fazer essas marcações. São grupos pequenos de pessoas que fazem turismo equestre e querem conhecer o berço do cavalo Lusitano. Por norma marcam as visitas entre terça a sexta-feira para assistirem à saída da eguada, que acontece por volta das 15h30 e que é o momento em que as éguas partem para a pastagem onde vão passar a noite. As éguas muitas vezes estão*

				acompanhadas pelos poldros e é muito bonito de ver. Os estrangeiros adoram. *E adoram também ver o maneio diário dos animais. É sempre um dia muito agradável para eles.* A Coudelaria de Alter está preparada, durante a Feira, para receber este público. *É assim há anos. Eu estou na Feira, trato das marcações e encaminho as pessoas. As minha colegas estão em Alter e recebem-nas. Temos uma estrutura montada na altura da Feira, que na realidade não difere muito do serviço que prestamos habitualmente. Mas sabemos que nesta altura há este público específico. Não fazemos divulgação, ou pelo menos, diferente daquela que é hábito. As pessoas tomam conhecimento porque falam umas com as outras, é uma informação que corre entre eles. Há muitos estrangeiros que vêm há muitos anos, inclusive alguns já têm casa cá, e passam a palavra aos outros. Recebemos, todos os anos, pessoas que vêm pela primeira vez, mas também outros que repetem a visita. Para muitos, faz parte da sua estadia na Golegã a ida a Alter. Por norma escolhem um dia mais morto da Feira e vão. Assim como há outros hábitos que têm, que não tem a ver connosco, mas sabemos que o fazem porque nos contam, que é numa outra ocasião mais morta da Feira organizam-se em grupos e fazem passeios a cavalo pelo campo. São dias maravilhosos para estas pessoas.* A Coudelaria de Alter acolhe, nas suas instalações a Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão – EPDRAC. A Escola, que começou por ser Escola Agrícola de Alter do Chão, existe desde 1989 e oferece cursos profissionais de Técnico de Gestão Equina e Técnico de Produção Agropecuária. A sua

				gestão estava inicialmente sob a tutela da Escola Básica de Alter e da Câmara Municipal de Alter do Chão, funcionando as aulas no anexo daquela escola. Passou a estabelecimento público de educação pelo Ministério da Educação em 2001. A EPDRAC utiliza as instalações da Coudelaria de Alter, onde tem a sua sede. Ali dispõe de infraestruturas necessárias desde salas de aula, picadeiro coberto, dois picadeiros exteriores, campo de obstáculos, campo de cross, cavalariças para 90 cavalos, horta e pomar. *São condições únicas que poucas escolas têm. Temos uma relação muito próxima com os alunos, são os nossos meninos e meninas. E com os Professores também. É uma ligação diária. Todos os anos eles vêm à Feira, em visita de estudo, os do curso de Técnico de Gestão Equina. É uma alegria para eles. Esperam todo o ano por este momento. Nesse dia vêm sempre à caseta cumprimentar-me. Aliás, a caseta é ponto de encontro, porque a visita é livre, mas tem horas marcadas, ao longo do dia para se encontrarem. É um gosto vê-los assim tão felizes. É mesmo um dia extraordinário para eles. E acho muita graça porque eles fazem muitas compras e vêm aqui mostrar-me, todos satisfeitos. As meninas compram coisas muitos giras para os cavalos, sempre para os cavalos. Muitos ainda voltam depois com as famílias. Há uma grande tradição de virem à Feira da Golegã. Alguns voltam mais tarde, depois de acabarem o curso, já em trabalho. Quem trabalha com cavalos vem sempre à Golegã.* Inês Beirão Correia aprecia o ambiente da Feira da Golegã. *Dantes ia e vinha todos os dias para Alter. Agora já fico cá e consigo apreciar mais a Feira. Há dias mais calmos e outros muito movimentados. O Dia do*

				Concurso e o Dia de São Martinho são verdadeiras enchentes. Quando o tempo está bom, pior ainda. Mas mesmo com chuva e frio, há sempre movimento. Eu estou sempre dentro da caseta, raramente saio, mas estou no centro da Feira e vejo tudo o que se passa lá fora. Há dias de loucura. Há muitas pessoas que vêm de excursão, passam cá o dia e andam por aí eufóricas, alguns trazem concertinas e é uma festa. Gosto muito também de ver os meninos dos infantários, todos os anos vêm à Feira com as educadoras. Muito pequeninos, passam aqui à porta, todos vestidos de igual e com chapeuzinho na cabeça. Vêm à Feira ver os cavalos, é muito engraçado. Inês, vem à Feira da Golegã, em serviço, há muitos anos. Considera que a Feira tem cada vez mais gente, durante o dia e à noite. São, na sua opinião, tipos de pessoas diferentes. *Durante o dia há as excursões, os jovens, as crianças, pessoas que vêm das povoações vizinhas e, claro, muitas pessoas ligadas aos cavalos que circulam por aqui porque passam cá a Feira*. *E depois há muitos estrangeiros. Os estrangeiros gostam de vir de manhã, quando não há confusão. Há noite vem outro tipo de pessoas, muitos não querem saber dos cavalos, vêm só para os copos. À noite o ambiente é diferente, sobretudo ao fim de semana. Há pessoas que vêm de Lisboa e de outros sítios que não tem nada a ver com os cavalos e que vêm só pela diversão*
014	Filipe Pimenta	Golegã 07.11.2024	Nuno Filipe Vieira Pimenta, 49 anos, é uma figura central no mundo equestre, sobretudo da região norte do país. É Diretor Executivo da Feira do Cavalo de Ponte de Lima e fundador e Diretor do Centro Equestre Vale do Lima (CEVL), localizado naquela Vila do Alto-Minho.	Filipe Pimenta é uma figura incontornável da comunidade equestre do norte do país, mais propriamente da região de Ponte de Lima, onde está sedeado e onde organiza a Feira do Cavalo que se

			Cresceu imerso no ambiente equestre, tendo recebido, aos 10 anos de idade, o seu primeiro cavalo, uma garrana oferecida pelo pai. Fundador do CEVL, Filipe Pimenta tornou-o uma referência nacional e internacional, destacando-se na formação, criação do cavalo lusitano e organização de eventos. As infraestruturas incluem 45 boxes, pistas exteriores, picadeiro coberto e o restaurante Picadeiro, um espaço de referência na região. Empreendedor, apaixonado pelo mundo equestre, participa ativamente na criação e no crescimento de vários projetos equestres na região. Defende com firmeza o posicionamento de Ponte de Lima como "Destino Equestre Internacional", fruto de eventos como a Feira do Cavalo, concursos internacionais de saltos e o Mundial de Horseball. Estes atraem visitantes de todo o mundo, com impacto positivo no turismo, economia e imagem cultural da região.	tornou, depois da Feira da Golegã, um dos maiores acontecimentos equestres nacionais. A entrevista decorreu na Golegã, durante a Feira, sendo que o entrevistado começa por referir que vem à Feira da Golegã há sensivelmente trinta anos, sendo que há vinte anos comprou casa na Golegã, para poder desfrutar, em pleno, da Feira. Fala da importância do Cavalo e de toda a componente social e económica que lhe está associada, em particular ao Lusitano. Utiliza o conceito de *transversalidade* para abarcar todos os que se relacionam com a Feira: *do trabalhador rural, homem do campo, ao citadino, do avô ao neto. São muito poucos os grandes acontecimentos onde a família está presente.* O entrevistado refere que a sua família não estava ligada aos cavalos mas que despertou a paixão e a partir daí vinculou-se a este meio. Não só o próprio como, entretanto, se foram mobilizando outras pessoas da região Norte. Do distrito de Viana do Castelo há 14 famílias que compraram casa na Golegã com o intuito de desfrutar na Feira. *Quase todos os anos há casas novas de pessoas lá de cima* (do norte)*. Este ano inaugurou-se mais uma e para o ano há duas ou três que vão ser construídas*. *São pessoas que têm cavalos, são apaixonados por cavalos e adoram vir à Golegã*. Na sua opinião, *o ativador disto é o cavalo Lusitano.* Há uma componente social na Feira que estes indivíduos procuram. *Eu todos os dias recebo na minha casa cerca de 200 pessoas, todos os dias. Em pé, descontraídos, mas são centenas de pessoas diariamente. Amigos, amigos dos amigos…*

				Na opinião do entrevistado, o cavalo tem essa força. A força que advém de ser uma raça nossa, registada em Portugal mas que está a ser criada e expandida lá fora. *É uma marca nacional, de prestígio, como não há outra.* Fala das nacionalidades que se encontram pela Feira, amantes dos cavalos que vêm da Suíça, de Espanha, dos Estados Unidos, da Colômbia, do Brasil, etc. *Muitos têm cá casa também, há quem tenha três e quatro casas. Investiram.* Filipe Pimenta destaca o facto de que grande parte do que está associado ao cavalo é ainda 90% do foro do lazer. Contudo, a parte desportiva, de competição está muito desenvolvida. Por isso refere que tem de haver, da parte do Governo, uma atenção especial a este sector. *É preciso haver apoios: para organizar eventos com qualidade, para ter estruturas com qualidade*. *Há cavaleiros a gastar cinco mil euros para ir a um concurso internacional. Temos que combater isso.* Pimenta destaca a importância da inscrição da Arte Equestre na Lista da UNESCO para apoiar neste desígnio. *Precisávamos que o cavalo fosse apresentado como a nossa grande marca nacional.* Relativamente à Feira, Filipe Pimenta revela o quanto é importante como forma de se desligar do seu dia-a-dia: *estou cá dez dias, e deixo os meus negócios, em standby, quer dizer estão delegados, mas é a única altura do ano em que consigo efetivamente desligar de tudo.* A Feira é, para si, classificada como um local de encontros. Encontros de amigos, encontros de pessoas de todos o lado, de Portugal e do estrangeiro. *Há*

				pessoas com quem me encontro com frequência, em eventos equestres, mas há muitíssimas pessoas que só encontro na Golegã. É um local não só de encontro de amigos, como de encontros de negócios. As pessoas estão descontraídas, o que causa um bom ambiente para tratar de negócios. Isso acontece quase todos os dias aqui, mesmo relativamente a negócios que não têm que ver com cavalos. As pessoas estão mais soltas. É propício à troca de ideias, à idealização de projetos. Nas casetas, à volta de um cavalo está muito gente criativa, com ideias, empreendedores, grandes empresários. Há uma dinâmica positiva e interessante. O entrevistado refere qual a sua rotina de Feira, ou seja, o que faz durante os dez dias que passa na Golegã*: circulo entre a minha casa, uma tertúlia que tenho, vou aos outros pavilhões, vou ver os cavalos a ser trabalhados, todos os dias, vou mostrar os cavalos a algum cliente que queira ver, tiro fotografias aos cavalos. E depois há outra coisa interessante, quando se sai de casa de manhã, não dá para planear o dia, ele é imprevisível. Tudo acontece de uma forma natural. Não sabe quem vai encontrar, não sabe o que vai acontecer. Isto acontece todo o dia, todos os dias de Feira. E não me acontece só a mim, já falei com outros a quem acontece o mesmo.* Há outra questão que destaca que tem que ver com amigos e conhecidos que convida para virem à Feira, alguns estreantes e que, de repente, se apaixonam. São pessoas que nada têm a ver com cavalos. É assim que a Feira se desenvolve a cada ano e que traz mais e mais gente. *As pessoas ficam apaixonadas porque veem algo*

				diferente. Algo que nunca viram. Não há nada igual a isto. Filipe Pimenta, sendo o responsável da criação e organização da Feira do Cavalo de Ponte de Lima abordou o assunto clarificando que não se queria, de todo, fazer uma réplica da Feira da Golegã. sabendo que, à partida, estaria destinada ao insucesso. Então optaram por outros moldes: *organizar um evento cultural, associado à cultura e à história do cavalo e aos criadores, mas que fosse essencialmente um evento desportivo. E a Feira do Cavalo de Ponte de Lima é isso mesmo. A competição é a essência da Feira.*
015	Patrícia Espadinha	Golegã 07.11.2024de	Patrícia Espadinha é Professora de Química no curso de Técnico de Gestão Equina na Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão – EPDRA.	Patrícia Espadinha leciona a disciplina de Química aos alunos na Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão – EPDRA. *Todos os anos fazemos uma visita de estudo à Golegã. Só trazemos os alunos do Curso de Técnico de Gestão Equina e apenas os que frequentam o 3 º ano. É como que um presente por serem finalistas. Todos os alunos anseiam por chegar ao 3º ano para poderem ir à Golegã.* A Professora Patrícia vem com uma colega, no caso, Professora de Inglês. *Geralmente vêm os Diretores de Turma ou as Professoras da Componente Sociocultural ou Científica. Os professores das áreas técnicas, nomeadamente da Equitação não têm tanta possibilidade de vir porque precisam de ficar na Escola, além terem as outras turmas, têm a responsabilidade do maneio diário dos animais o que torna muito difícil as suas ausências*. O grupo de alunos é pequeno e a sua idade já tranquiliza as Professoras. *Trazemos um grupo pequeno porque são apenas os mais velhos, muitos já têm 18 anos ou*

				estão a fazer. É pacífico, nunca tivemos nenhum problema. Assim que chegamos o grupo dispersa-se normalmente juntam-se em grupos mais pequenos e cada grupo vai para seu lado. Como vimos sempre na 5af do Concurso, assim que chegam, a maioria, dirige-se para o Picadeiro Central para assistir. Outros vão dar uma volta. São autónomos, não temos preocupação porque sabemos que não se afastam nem fazem disparates. É muito tranquilo. Também pomos as nossas regras, por exemplo, ao longo do dia vamos marcando pontos de encontro a várias horas só para confirmarmos se está tudo bem. Por norma, nunca falham, aparecem sempre. Entretanto almoçam por aí e dão as voltas deles. A ida à Feira da Golegã é sagrada para os finalistas do Curso de Técnico de Gestão Equina e qualquer contrariedade pode causar aborrecimento. *Uma vez houve um aluno que se portou mal na Escola, nas vésperas da visita, e o castigo foi precisamente não vir à Feira da Golegã. Foi um drama, foi difícil de lidar, mas até serviu de exemplo. Acho que hoje todos se tentam portar bem para não correrem o mesmo risco.* *A visita de estudo à Feira da Golegã com a Escola é uma oportunidade. Alguns também vêm com a família, fora da Escola, mas nem todos, a maioria não vem. Alguns têm cavalos próprios e aproveitam para fazer compras. As meninas compram coisas giras. Gostam de fazer combinações e compram acessórios muito giros para os cavalos. Por lá não existe este tipo de comércio, portanto, é a grande oportunidade que têm de comprar artigos equestres. Por norma nunca compram artigos pessoais, fazem compras sim, muitas, mas para os*

				cavalos. À ida gostam de mostrar a todos aquilo que compraram. *É engraçado.* A relação da Escola Profissional de Alter do Chão com a Feira da Golegã já teve outra dinâmica. Em tempos, a EPDRAC a organizava espetáculos equestres na Feira. *A Reprise dos alunos da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão apresentou-se, alguns anos na Feira. Aí toda a dinâmica era outra. Envolvia alguns alunos, os professores de Equitação e implicava muitos ensaios e a deslocação dos cavalos para a Golegã. Foram alguns anos, depois isso terminou*.
016	Geraldo Roberto Lefosse Junior	Golegã 07.11.2024	Geraldo Lefosse, advogado e criador brasileiro de cavalos Lusitanos. Começou a criar cavalos em 1992, em Haras das Mangueiras uma fazenda situada na cidade de Itapira em São Paulo e que constitui atualmente uma das mais destacadas coudelarias brasileiras de Cavalos Lusitanos. Em 2009-2010 foi Presidente da Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano.	Os cavalos entraram na vida de Lefosse aos seis anos de idade. Nas férias escolares ia com a família para as cidades paulistas de Águas de Lindóia, Serra Negra e Campos de Jordão. O seu pai gostava de cavalos e montava muito bem e incentivava-o a fazer amizade com os donos dos cavalos de aluguer com quem passava os seus dias ajudando no maneio e acompanhando os clientes nos seus passeios. Advogado de profissão, os cavalos voltaram à sua vida em 1970 quando o escritório onde trabalhava foi contratado para assessorar o King Ranch do Brasil. *Eu comecei com cavalos relativamente cedo. E não foi com o Lusitano. No início foi com Quarto de milha. Eu era advogado, trabalhava num escritório muito grande no Brasil que se chamava Pinheiro Neto, em S. Paulo. Um dos clientes era o King Ranch Brasil* (KRB)*, que era uma empresa texana muito antiga* [1850] *que trouxe o Quarto de milha para o Brasil, em 1953.*

				Eu era o advogado designado para tratar da conta deles. A atividade deles era uma atividade que me agradava muito. Era a criação de gado e de cavalos. Tínhamos 45.000 cabeças de gado e 650 cabeças de cavalos Quarto de milha na fazenda de Presidente Prudente, que era uma das maiores do Estado de S. Paulo, tinha 10.000 alqueires (o alqueire é equivalente a 2.4 ha). Era uma coisa muito grande. *Depois de alguns anos eu saí desse escritório e montei o meu que hoje está entre os três maiores do Brasil, Lefosse Advogados. E esse cliente foi junto comigo. De modo que uns anos depois, quando o Presidente americano da KRB se aposentou e voltou para os Estados Unidos os acionistas, que era a família Kleber, pediram para eu tomar conta do empreendimento. E eu tomava conta do empreendimento nos fins de semana. Trabalhava no meu escritório a semana toda e no final da semana eu ia apara a fazenda. Aquilo durou sete anos, até ao momento em que eles decidiram vender fazendas que tinham no mundo inteiro.* *Porque o objetivo deles era levar o gado, que era uma criação deles - gado Santa Gertrudis - para outros países e levavam junto o cavalo Quarto de milha. Quando eles me falaram que iam vender o Brasil, que era a última propriedade deles fora dos EUA a ser vendida, eu comecei-me a preocupar e a pensar que não ia aguentar ficar sem cavalos. Já tinha a paixão. Aí eu fui procurar uma raça que não o Quarto de milha. Como eu estava incumbido de vender a propriedade e os ativos, eu ia viver uma situação de conflito de interesse. Portanto, fui procurar outra raça e encontrei, na época chamava-se no Brasil, de Andaluz. Fomos os pioneiros na utilização do Lusitano, à época conhecido como*

				Andaluz. Tinha mistura do espanhol e Lusitano. Isto em 1992. Primeiro comprei um cavalo, de sangue cruzado, com 18 meses, eu acertei na mouche porque o cavalo excecional. Eu nunca perdi uma prova com ele, eram provas morfológicas e provas funcionais. Até os juízes pediam um documento porque achavam que ele era um sangue puro, mas ele era cruzado. *A minha fazenda hoje situa-se no Bairro Ponte Nova, na cidade de Itapira/SP. Eu adorei esse cavalo de modo que eu pensei começar a criar cavalos. Em 1993 comecei a montar a minha propriedade. Formei o Haras das Mangueiras, tenho árvores de mangueiras centenárias na minha propriedade. E comecei a criar cavalos. Hoje eu devo estar com 65 animais em casa. Já tive mais, entretanto eu diminuí. Já tive 120. Hoje eu tenho uma qualidade muito grande. Eu fui dos primeiros criadores a colocar o cavalo para competir na Dressage.* *Coincidências da vida, conheci uma equitadora, Ana Maria Soares Amora, filha de portugueses que montava só cavalos alemães e queria montar lusitanos antes de se aposentar. E encontrou lá em Casa um garanhão, Luar das Videiras, muito bom que era o filho do Venturoso III aqui de Portugal. O cavalo era excecional. Levou o cavalo para treinamento e em dois meses o cavalo entrou na prova mais importante que tem no Brasil, que se chama Copa Amil, vencendo a categoria Média II. E aí você sabe como é, vai-se animando, animando. Entrei em muitas provas de morfologia mas cheguei num ponto em que achei que podia fazer só provas funcionais. Então deixei de fazer modelos e andamentos e concentrei-me no Dressage e na Equitação de Trabalho. Hoje eu estou muito focado na Equitação de Trabalho, mas no Dressage e também por*

				isso criamos uma equipa, eu e o Carlos Gomes da Coudelaria Abbatiale [coudelaria portuguesa], que se chama Lusitanus Dressage Team. No ano passado ganhamos Ponte de Lima, o cavalo foi um grande campeão em Ponte de Lima. Este ano o meu cavalo está com a Mafalda Galiza Mendes, na Dressage, e estamos bem. *Eu venho à Feira da Golegã no mínimo há 20 anos, talvez até mais. Eu vim porque quis conhecer a Golegã porque é uma coisa mística, muito muito falada no Brasil. Em 2009-2010 fui Presidente da ABPSL* [Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano]. *Nessa altura eu vim resolver um problema de registos e assinamos até um protocolo aqui na Golegã. Em cerca de um mês eu consegui, com o Veiga Maltez, geminar uma cidade próxima da minha fazenda que se chama Águas de Lindóia, com a Golegã. A minha simpatia pela Golegã já era grande e aí ficou maior ainda.* *Praticamente todos os anos eu venho. E geralmente fico de 10 a 15 dias. Eu adoro a Feira. Eu vou ser sincero consigo aquilo que eu acho é que há poucos anos a Feira era mais autêntica, agora está muito turística e turismo que nem tanto é do cavalo. Tem muitaaa gente. Mas ainda tenho muitos amigos, a grande maioria dos criadores eu conheço por isso eu me sinto muito bem aqui. Eu não tenho casa aqui, eu costumo ficar alojado no Hotel Lusitanus ou nos arredores da Golegã, por exemplo, agora eu estou em Tomar.* *Eu venho normalmente duas a três vezes por ano a Portugal, fora da Feira. Eu tenho um poldro que é da Casa Cadaval e que está fazendo dois anos e eu*

				acredito que, no ano que vem, agente vem com ele para cá. E tem os cavalos do Carlos que vêm sempre. *O que eu gosto na Feira é realmente visitar os amigos, passar nas casetas. Ver os amigos e ver as provas é o que eu mais gosto aqui. Tenho muita amizade com o pessoal da Equitação de Trabalho, o Gilberto Filipe, a Mafalda Galiza Mendes. É isso, eu me sinto em casa.*
017	Neuza Bernardo Silva	Golegã 07.11.2024	Neuza Bernardo Silva é Presidente do Centro Equestre de Santo André, em Santiago do Cacém. Tirou o Curso Técnico De Gestão Equina na Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Alter do Chão (EPDRAC).	Neuza tem 31 anos e foi aluna da EPDRAC, entre 2010 e 2013. Atualmente dirige um Centro Equestre em Santo André, Santiago do Cacém, onde dá aulas. Também participa em provas desportivas. A sua vida é inteiramente dedicada aos cavalos. Neuza falou-nos da sua ligação com a Feira. *No meu 3º ano do Curso fomos à Golegã apresentar a Reprise da Escola. Foi em 2012. Fazia-se com os alunos do 3º ano e não ia a turma toda, éramos selecionados. Não era brincadeira, era uma grande responsabilidade. Tivemos muito trabalho, ensaiámos muito e contámos com a grande ajuda do Dr. Luís Lupi. Ele é que nos treinou juntamente com o nosso Professor de Equitação*. *Correu muito bem, foi uma ótima experiência. Entretanto a Escola deixou de vir à Golegã com a Reprise alguns anos depois, mas eu ainda tive a sorte de vir*. Neuza testemunha o quão importante é a Feira da Golegã para todos aqueles que estão envolvidos no meio equestre. *A Feira é imperdível, é o momento mais aguardado do ano. Eu todos os anos venho, nunca falho. Apesar de trabalhar no Centro Equestre, venho sempre em lazer*. *Juntamos uns amigos e alugamos uma casa. Passamos cá a Feira toda. Convivemos muito e montamos muito. É para isso mesmo que serve a Feira.*

				Apesar de trabalhar no meio, Neuza não vem à Golegã em trabalho. *Vimos à Feira mesmo para desfrutar. É umas férias que tiramos. Trazemos os cavalos, alugamos boxes e passamos cá o tempo todo*. *A Feira é isto, cavalos, amigos e diversão*. A Feira é também o ponto de encontro dos alunos da EPDRAC. *Durante o ano nunca vejo os meus antigos colegas, cada um seguiu a sua vida e não temos contacto mas, na Golegã, encontramo-nos sempre. A Escola era relativamente pequena, conhecíamo-nos, os todos, os mais velhos, os mais novos, todos. E na Feira encontro sempre imensos colegas, do meu ano e dos outros anos. Quem é dos cavalos está cá sempre. Muitos, como eu, preferem vir em lazer, tiram uns dias de férias e vêm para se divertir. Outros, vêm em trabalho. Há colegas que trabalham em coudelarias, ou em centros equestres e vêm à Golegã em representação. Há outros que participam em provas desportivas. Há um pouco de tudo. Eu prefiro vir à Golegã em modo de férias, estou com os meus amigos de forma descontraída, sem obrigações, nem responsabilidades.*
018	Maria do Carmo de Castro Infante da Câmara	Cruz do Campo, Cartaxo 05.03.2025	Nascida em 1943, Maria do Carmo Infante da Câmara é filha de José Ribeiro da Silva Infante da Câmara e de Maria Rita Morales de Los Ríos de Castro. É uma das mais apreciadas e distintas figuras femininas do Ribatejo. Casada com Manuel Santos Lima, são os atuais proprietários da Quinta do Gaio de Cima, situada no coração do Ribatejo, a 2.5 km do Cartaxo. Datada de 1759 diz-se ser uma das paragens mais antigas de Portugal. Por aqui passava a Estrada Real que, durante séculos e séculos, ligou Lisboa ao Porto.	Sendo Maria do Carmo Infante da Câmara uma das figuras mais carismáticas do Ribatejo, em geral, e da Feira da Golegã em particular, a entrevista foi conduzida em torno da sua experiência e relação pessoal com a Feira, a qual frequenta assiduamente desde tenra idade. A família Infante da Câmara – seus pais, avós, tios, primos – integram a comunidade equestre e pertencem ao grupo que protagoniza a Feira da Golegã desde as primeiras décadas do século XX.

			Neta do abastado lavrador ribatejano José Infante da Câmara, as suas origens estão na localidade de Vale Figueira. Figura de destaque na sociedade ribatejana, Maria do Carmo é, presença constante e muito apreciada em eventos de relevo no Ribatejo onde se destaca pela sua postura elegante. Participa ativamente em tertúlias e encontros sociais. É uma das figuras mais carismáticas, vistosas e elegantes da Feira da Golegã. No âmbito da Feira foi homenageada em 2005 no Largo do Arneiro e no Baile da Jaqueta em 2014. Fundou, em 2023, a Ganadaria Maria do Carmo Infante, fiel à tradição ganadera conservada na sua família desde 1856 e cujo representante é o seu neto Manuel Santos Lima.	Maria do Carmo começa por dizer que, na sua infância e juventude, a Feira da Golegã era o grande acontecimento do ano*. Era mais importante que o Natal. Esperávamos ansiosamente por ela. O Natal vinha em segundo, primeiro a Golegã.* A entrevistada faz uma incursão pormenorizada pela Feira da sua infância relatando o ambiente que se vivia na Quinta do Castilho, em Vale de Figueira, onde a família estava sedeada. *A Casa do Castilho estava sempre cheia, recebíamos inúmeros amigos do meu pai. Ao contrário dos outros que ficavam na Golegã, nós estávamos perto e por isso vínhamos sempre jantar e dormir a casa. A festa continuava lá em casa. Era diversão de manhã à noite. O meu pai tinha muitos amigos espanhóis e esses vinham sempre passar a Feira da Golegã lá a casa.* Maria do Carmo conta como era essa vivência da Feira da Golegã com convidados espanhóis em casa, também eles ligados ao mundo equestre e tauromáquico. *Uma vez um deles, Perico Domecq, trouxe um carro de cavalos engatado com 6 cavalos castanhos. Parou a Feira nesse ano. Foi extraordinário, uma coisa lindíssima*. A entrevistada aborda a questão dos negócios que se faziam que, na sua opinião eram mais efetivos do que atualmente. *Vendiam-se muitos cavalos na Feira, era esse o grande objetivo. Atualmente não sabemos bem. Toda agente diz que sim, mas eu acho que hoje em dia é mais antes e depois, não tanto na Feira.* A presença das figuras tauromáquicas era bastante relevante no seu tempo de infância e juventude e recorda uma história que se passou com o mestre João

				Branco Núncio. *Era muito amigo do meu pai. Era uma pessoa muito engraçada, muito inteligente e com muito sentido de humor.* (Em 1959) *havia uma prova de equitação toureio. Atenção que não se compara as provas que havia antigamente com as provas que há agora - antigamente era a séria mas comparando com as de agora era uma brincadeira, agora sim é à séria - eu tinha uma égua rabo cortado, uma lazã, meio sangue inglês. Eu tinha aí os meus 15, 16 anos e, nesse ano, o meu pai inscreveu-me nessa dita prova que se chamava "Equitação de toureio". Encontrámo-nos o Sr. Núncio e ele disse "Maria do Carmo ouvi dizer que vai participar". E eu disse – "Sim, sr. Núncio". "E o que vai montar?", e eu lá disse que ia montar a minha égua. "Não vai nada, vai montar o meu cavalo. Como é o único cavalo que toureia só pode ser o vencedor, porque a prova é de equitação de toureio. O único cavalo de toureio é o meu, portanto vai ganhar. E lá fui eu com o Quo Vadis. Acha normal? Eu montar o Quo Vadis que, na altura, era o cavalo dele top! Ganhei e fiquei tão contente…* Esta participação foi noticiada no jornal *Vida Ribatejana* do dia 21.11.1959, conforme documento que consta desta tabela de anexos. Maria do Carmo recorda como eram as casetas no seu tempo e a função social que já detinham, à época: *tal como hoje era um sítio para conversar, para sentar para descansar um bocadinho. Nós entrávamos em qualquer caseta e conhecíamos toda agente, a não ser evidentemente algum cliente. Agora já não é bem assim, vou à Feira e quase não conheço ninguém.* Maria do Carmo fala no período de afastamento que teve com a Feira, de 15 anos, enquanto esteve emigrada no Canadá. Esse período de ausência absoluta de

				participação da Feira fez a transição de um antes para um depois na sua relação com a Feira da Golegã. Quando regressou, a Feira estava diferente, mais desenvolvida, *muita coisa tinha mudado desde logo as pessoas não eram as mesmas.* A Feira cresceu, modernizou-se, ganhou novos rostos, novas gerações que surgiram, incluindo no seio da comunidade equestre. Contudo, mantém-se a participação dos mais antigos protagonistas da Feira, como é o caso da própria Maria do Carmo Infante da Câmara que não falha uma Feira da Golegã: *Vou sempre à Feira no último fim de semana. No primeiro não vou. Adoro a Feira, Deus queira que nunca acabe. Aí há uns 4 anos deixei de montar na Feira. O meu avô dizia sempre que, seja quem for, faça o que fizer tem de saber retirar-se. Eu concordo e assim fiz. Eu tinha um cavalo lindo, lindíssimo. E nesse ano eu soube que era a minha despedida, nunca mais montei. Agora vou espreitar os cavalos, que adoro. Depois há uma coisa que me dá tanta ternura: é que as pessoas conhecem-me. Param-me na rua, para falar comigo. As minhas a amigas, ou a minha família, quem quer que vá comigo deixa-me e segue caminho. Fico sozinha porque vou andando e parando. As pessoas metem-se comigo, param e conversam. Eu acho isto muito ternurento.*
019	Madalena Abecassis	Vale de Figueira 12.03.2025	Madalena Sacadura Botte Abecassis, distinta figura do panorama equestre português. Proprietária da Coudelaria Madalena Abecassis, sedeada na magnifica Quinta da Boavista, em Vale de Figueira. Conhecida entre os seus pares como Meni, é uma apaixonada por cavalos e pela Golegã onde é presença assídua, possui pavilhão próprio durante a FNC em parceria	Madalena Abecassis é, na atualidade, uma das figuras mais respeitadas da comunidade equestre e uma das mais emblemáticas da Feira, Curiosamente a sua relação com a Golegã é tardia. Começa por referir que a sua mãe, falecida recentemente com 107 anos de idade, dizia sempre ter ido à Feira de São Martinho. A mãe era da Beira,

			com a Coudelaria Coimbra de Castro Canelas e a Coudelaria Félix da Costa. Destaca-se a sua paixão pela Atrelagem. É sócia fundadora da APA - Associação Portuguesa de Atrelagem, sendo atualmente Presidente da Direção. Em 2024 foi-lhe atribuído o Prémio Femina 2024 pelas suas prestações enquanto juiz internacional e vencedora em provas internacionais de Atrelagem.	aparentemente não tinha relação com a Golegã, mas sempre dizia que era frequentadora da Feira. Foi uma questão que Madalena não terá aprofundado com a mãe mas a verdade é que há fotografias da mãe a montar à amazona na Feira, bem como trajes que Madalena ainda preserva. As suas primeiras memórias da Golegã são dos anos 80 do século XX. Madalena e o marido, Manuel Abecassis, eram grandes amigos de Arsénio Cordeiro, Arquiteto e criador de cavalos, fundador, sócio número um e primeiro presidente da Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano (APSL). Arsénio Cordeiro, a quem a Feira prestou homenagem póstuma em 2014, foi quem apresentou a Golegã ao casal Abecassis que se havia estabelecido, entretanto em Vale de Figueira, na deslumbrante Quinta da Boavista. É efetivamente em meados dos nos 80 que Madalena e Manuel se introduzem neste meio, primeiro na Feira do Ribatejo, em Santarém, e depois na Feira da Golegã. *A partir daí nunca falhei um ano, e a Feira da Golegã tornou-se uma referência anual e imperdível*. Nos anos 90 o casal passou a erguer um pavilhão no Largo do Arneiro, o qual Madalena ainda hoje mantém. *O desenho do nosso pavilhão foi do Arsénio Cordeiro. Ele fez o nosso e depois os outros replicaram. Desse desenho original o nosso pavilhão deve ser dos poucos que ainda existe. Caracteriza-se por um corpo central, baias para os cavalos de um lado e de outro, e entrada por trás. Este tipo de pavilhão privilegia mais a área social.*

				Madalena recorda a intensidade com que passou a viver a Feira: *Eu inicialmente vivia a Feira muito intensamente montava a cavalo, montava eu, a Maria do Carmo Infante da Câmara e vários da minha geração. Tinha sempre muita admiração pelas famílias tauromáquicas que faziam questão de vir em família, muito bem-apresentados, os Ribeiro Telles, os Conde, etc*.. E relativamente ao traje, acrescenta: *No início vestíamos à espanhola, mas aprendemos o que era o traje português de equitação e passámos a usá-lo. E acho que faz toda a diferença. Hoje em dia, quando começo a ver aquela gente mal trajada, com t-shirt e ténis fico completamente doente*. Madalena teve um papel muito importante no que respeita à Atrelagem Desportiva em Portugal: *Estivemos bastante implicados, eu e o meu marido, e mais um grupo de amigos. Nós trouxemos a Atrelagem Desportiva para Portugal.* Madalena foi Presidente da APA – Associação Portuguesa de Atrelagem, deixou de ser durante um período e agora voltou a ser novamente. *A APA nasceu em 1986 e esteve sempre muito ligada à Golegã. Não posso esquecer isso. Os primeiros concursos fizeram-se na Golegã. A Atrelagem é indissociável da Feira da Golegã*. A Presidente da APA considera que a Feira da Golegã *tornou-se um local perigoso para quem quer levar grandes carros, carros antigos. O que acontece ultimamente é que a Feira tem muita gente, muitos carros, muitos cavalos e não se pode levar grandes carros*. A pensar nesses carros bons, de coleção, a APA, em conjunto com a AFNC implementaram, em 2023, o

				Prémio Conde de Fontalva: *A Feira está reservada só para os carros de cavalos e só circulam carros de cavalos, não há outros cavalos, nem cavaleiros. Criámos esse dia só para carros antigos em que se exibem, sem classificação especial. Podem ser carros antigos ou réplicas de carros muito bons só para mostrar às pessoas. Há um comentador, o José Folque - que para mim, é atualmente a maior autoridade em carros de cavalos -, que explica tudo o que vai sucedendo na pista. No fundo é um bocadinho didático*. De acordo com a entrevistada, era preciso fazer-se uma regulação porque quem tinha os melhores carros já não se atrevia efetivamente a levá-los. *Percebeu-se que misturar estes carros com aquela quantidade de cavalos e cavaleiros não dava bom resultado.* Atualmente Madalena Abecassis já não monta a cavalo na Feira e também já não traz carros de cavalos. Mantem o pavilhão porque gosta efetivamente da Feira e sabe que os seus amigos e conhecidos têm ali um local por onde passar e descansar. *Nós mantemos o pavilhão por uma questão de gosto, para recebermos os nossos amigos e clientes. Hoje em dia não levo cavalos mantenho o pavilhão pelo convívio. No dia que largar o pavilhão acho que não volto lá mais. Os criadores mais antigos que já não têm pavilhão, como os Infantes, sabem sempre que têm o nosso. Têm onde ir.* O pavilhão que Madalena Abecassis reparte com as outras duas Coudelarias é dos poucos que abre durante a Feira toda. *Hoje em dia já há imensa gente no primeiro fim de semana, uma loucura de gente. O segundo e terceiro dia são de descanso e, a partir do quarto dia, é a perfeita loucura.*

				Madalena fala da dinâmica social da Feira: *Há muita gente que só vemos nesta altura, estamos à espera da Feira para nos reencontrarmos. Raramente convidamos pessoas para o pavilhão, as pessoas aparecem. Há muitos estrangeiros que já conhecemos e que aparecem "just to say hello". São completamente fãs da Feira da Golegã vêm todos os anos não falham uma Feira. De Inglaterra vem todos os anos um grupo, são à volta de 50 pessoas. Não falham. Os que vêm de novo gostam tanto que passam a vir sempre.* Madalena refere que não há muito tempo para os criadores frequentarem os pavilhões uns dos outros. Mas há um grande convívio social. É que, *para além do pavilhão depois há sempre almoços ou jantares na casa uns dos outros, para além do espaço da Feira. Ou na casa do Manuel Veiga, ou na casa do José Maltez. Há sempre almoços ou jantares aqui, ali e acolá. São 10 dias divertidos, mas muito intensos.* Madalena faz parte dos Romeiros de São Martinho. Foi entronada a convite de José Veiga Maltez e foi convidada para desempenhar o cargo de Romeira-Mestre na Romaria de 2013, que decorreu a 17 de maio. *Organizei a Romaria, nesse ano fui de carro de cavalos - por vezes vou a cavalo – chovia que Deus dava mas foi muito bonito. É um momento muito especial. Vou sempre, nunca falho. Já na Feira da Golegã por norma não vou. Há tanta coisa para fazer que não tenho tempo*.
020	Isabel Palha Figueiredo	Lisboa 28.03.2025	Isabel Palha Figueiredo é uma figura proeminente no mundo equestre português. Reconhecida pela sua dedicação à equitação clássica e pela preservação das tradições tauromáquicas.	A entrevista decorreu no Jockey Club e permitiu percorrer a vida de Isabel Palha Figueiredo, uma das mais emblemáticas figuras femininas da comunidade equestre.

			É filha de Fernando Palha, fundador da prestigiada ganadaria homónima. Foi casada com Filipe Figueiredo Graciosa, médico veterinário, e um dos fundadores da Escola Portuguesa de Arte Equestre (EPAE), a qual dirigiu desde a sua criação em 1979 até 2012. Juntos, foram responsáveis pela coudelaria Marquês da Graciosa, sedeada na Herdade da Toula, em Idanha-a-Nova. Isabel Palha Figueiredo é fundadora da Associação das Amazonas de Portugal, uma organização dedicada à promoção da equitação feminina e à preservação das tradições equestres, que tem como principal objetivo defender e dignificar a antiga tradição portuguesa de montar à amazona. Após o falecimento de Filipe Figueiredo Graciosa, em fevereiro de 2019, Isabel Palha Figueiredo continuou a ser uma presença ativa no mundo equestre, mantendo viva a tradição e o legado da sua família.	*Eu tenho mais ou menos 55 anos de Feira de Golegã. Vou fazer 60 anos de idade e a primeira vez que me lembro de ir à Feira da Golegã, com o meu pai, tinha uns 5 anos. A Feira naquela altura era completamente diferente. Eram menos dias e eram poucos os criadores que lá expunham. Lembro-me perfeitamente do meu pai alugar uns pátios que transformava, com baias feitas de paus de eucalipto, para dividir os cavalos. Os cavalos vinham de trator, uns virados para um lado outros para outro e faziam umas 4h da Quinta da Foz para a Golegã. Às vezes fazia mau tempo, chegávamos a apanhar as cheias. Por vezes os tratores passavam e os carros já não passavam. Havia de tudo. Ali na zona do Dique dos 20 chegámos a sair do carro para empurrar porque ele simplesmente não andava.* Isabel recorda-se perfeitamente desses tempos. *Os cavalos ficavam 3, 4 ou 5 dias na Golegã, se tanto. Nunca ficavam mais do que isto. Era o Dia de São Martinho, dois dias antes, apanhando o dia do Concurso e, no dia 12 vinham-se embora*. A Casa Palha Blanco tinha os seus campinos que tratavam dos cavalos na Feira e que os apresentavam. Os criadores ali da zona é que apareciam a montar. Isabel refere que, por norma, não se levavam cavalos para a Feira para montar. *Efetivamente a montar viam-se os toureiros, os ganaderos e algumas pessoas que levavam os cavalos para a véspera e Dia de São Martinho. No dia a seguir os cavalos recolhiam a casa. Não havia mais, não havia razão de ser. Até porque depois começava aquela feira, julgo que se chamava Feira de S. Miguel, onde se vendia tudo e mais alguma coisa*.

				Isabel é a mais nova de sete e, como mais nova de sete, considera que talvez tenha sido aquela que mais conviveu com o pai, Fernando Palha. *No tempo do meu pai não tínhamos casa na Golegã. Íamos e vínhamos, todos os dias, porque a Feira eram só três dias. Ficavam os cavalos e os campinos, os quais dormiam praticamente ao lado dos cavalos.* *Eu vinha com o meu pai e mais um irmão, de madrugada, para termos a certeza de que, de manhã, os cavalos eram todos limpos, que eram passados a ferro e à brussa e a banhos, para poderem estar impecáveis no dia do Concurso. A Coudelaria Palha Blanco, no tempo do meu pai, nunca teve pavilhão, nem casa na Golegã. Até aos meus 16 anos*. Aos 16 anos o pai comprou uma casa, *a cair de velha*, *a vizinha deu-lhe um corredor e fizemos uma casa modesta, pequena, que ainda lá está, com uma laranjeira, e que deu para acolher, como o meu pai chamava, os romeiros de São Martinho. Não os Romeiros de agora, mas sim pessoas que vinham em romaria, que vinham ver a Feira, incluindo estrangeiros. Franceses e espanhóis em grande quantidade, porque era o nosso grande mercado do cavalo lusitano*, *Espanha e França. Não era muito Inglaterra, nem Suíça e Suécia nem pensar nisso*. O pai adorava receber e recebia sobretudo amigos, que se tornavam clientes, ou não. *Fazíamos muitos negócios na Feira. Fazíamos negócios no campo, mas na Feira também. Umas vezes os negócios começavam na Feira outras vezes começavam em casa e depois de verem os cavalos na Feira reconheciam a docilidade do animal e a sua apresentação. Às vezes até por ganhar ou não*

				ganhar no Concurso. Nem sempre era para aí virado, mas às vezes acontecia. Os negócios dependiam das duas linhas de coudelarias das quais Fernando Palha tomou conta mais de 50 anos. *Uma delas um pouco mais virada para o trabalho, animais mais robustos, mais fortes, de uma linha diferente da Coudelaria Palha Planco, que eram animais um pouco mais finos, com uns cruzamentos diferentes, mais virados para atrelagem e para serem montados e não para o trabalho e rusticidade de uma casa agrícola*. Isabel explica como se preparavam os cavalos para a Feira. *O meu pai só recolhia os poldros depois do verão, em setembro/outubro. Tínhamos ali dois meses para trabalhá-los, em que se começavam a limpar das lamas e dos campos de onde eles vinham, a selecionar minimamente (por alguma tara que pudessem ter apanhado no campo, uma pancada, um coice, ou apenas da vivência em manada), aparar a beleza, a trabalhar e treinar. Até chegar à Feira, eram dois meses intensivos.* Quando o pai adquiriu a Casa, Isabel passou a ficar alojada na Golegã. *As janelas eram fechadas com umas tábuas de madeira, para não chover e eu ficava lá, naquelas condições, porque queria lá estar no dia seguinte. Dormia em frente à lareira, punha um colchão no chão porque eu queria efetivamente estar lá no dia seguinte.* Quisemos saber como era a Feira para Fernando Palha *Para o meu pai a Feira era um encontro, acima de tudo de criadores. Era importantíssimo para ele, uma oportunidade para ver novas vertentes do cavalo,*

				diferentes linhas e também para puder observar a funcionalidade de outros criadores, conhecendo ele como ninguém, porque trabalhou na seleção do cavalo Lusitano – fez parte da Comissão do Livro e Registo do Studbook - as linhas dos cavalos lusitanos. Havia linhas que ele não queria na Casa dele, porque não queria, outras que ele conhecia bem e que queria ver. O meu pai gostava de ver como era o comportamento dos cavalos uns com os outros e o seu comportamento nas provas que havia (não havia tantas como hoje). O meu pai também trazia cavalos engatados e montava na Feira. Tenho algumas fotografias, infelizmente muito poucas, com ele a montar cavalos da Casa. Das últimas fotografias que tenho foram cavalos montados e desbastados por mim, que foi o campeão dos campeões da Feira de 1988, que se chamava Conspirado. Sempre o vi montar com cavalos da Casa, nunca o vi montar com cavalos de fora. Esse cavalo Conspirado, que Isabel desbastou, montou e apresentou era filho de um cavalo do Eng. Sommer de Andrade, chamado Criptogâmico. *Esse cavalo tinha umas linhas diferentes. O meu pai, por graça, dizia – monte lá o cabeçudo. Porque o cavalo tinha uma cabeça diferente. Na fase dos dois para os três anos, os cavalos ainda estão assim desengonçados. O Eng. Sommer de Andrade, grande amigo e grande pessoa, ao nível físico, dizia – deixa-te estar calado Fernando e espera para ver. Esperou para ver e realmente o cavalo comportou-se bem e teve uma evolução bastante boa. E depois vi, mais tarde e o que me deu um grande gozo, o meu pai montar esse cavalo na Feira, eu, ele e a minha irmã Nica. A minha irmã mais velha, a Nica que aparecia a cavalo na Feira mas que, no dia-a-dia, não montava.*

				Montou como todos nós, os sete, montámos mas montava de passeio. O ambiente social da Feira da Golegã já existia claramente no tempo dos pais de Isabel e era muito proporcionado pelos criadores da Golegã. *Nós já sabíamos, todos anos, que um dia, ou dois, íamos almoçar a Casa do Senhor João Coimbra, no outro dia tínhamos um almoço na Casa dos Veigas.* *A minha mãe também trazia pic-nics. Era à base dos pic-nics que as famílias grandes sempre viviam. Não esquecer que éramos sete. Claro que nem todos vinham à Golegã, porque nem todos eram agarrados, mas o que vinham tinham de estar preparados. Desde o momento que conseguimos ter essa casinha e, ainda com essa casinha meio casebre, já a minha mãe adorava receber os amigos e os conhecidos do meu pai. A minha mãe estava sempre preparada, trazia de Vila Franca coisas meias feitas e havia sempre comida. Às vezes pensávamos que vinham cinco e apareciam dez, mas não havia problema nenhum. Estávamos preparados*. Sobre a mãe, Isabel refere que sempre montou a cavalo, desde miúda, por isso, *esse bichinho do cavalo não foi imposto pelo meu pai. Note-se que o meu pai conheceu a minha mãe a saltar a cavalo. Portanto esse bichinho já existia. A única coisa que o meu pai fez pela minha mãe foi deixar de tourear quando a minha mãe começou a ter alguns filhos.* Acerca da apresentação da família em público, na Feira da Golegã Isabel Palha Figueiredo assinala a exigência dos pais. *Se íamos montar, então tínhamos de ir bem vestidas, bem trajadas. Quando ainda não tínhamos casa na Golegã vínhamos mais ou menos vestidas e*

				depois terminávamos na casa de algum amigo. Esses amigos eram os criadores, claro. Faziam parte do círculo de amigos íntimos dos meus pais, daí chamarmos de tio e tia. Eram aquelas pessoas que, não sendo família, era como se fossem. Eram os amigos íntimos dos pais, pessoas de super confiança. *Se queríamos montar, então pois, tínhamos de vir mesmo bem vestidas. O meu pai era rigorosíssimo nesse aspeto. Por exemplo, se eu não tivesse luvas, o meu pai não me deixava montar. Tinha de as desencantar onde fosse, caso contrário não montava mesmo. Mais: chapéu, cabelo apanhado sempre e os fatos, claro, numa família de sete irmãos iam passando de uns para outros. As calças às vezes podiam ter algum remendo, mas debaixo do arreio não se viam. As botas também iam passando de uns para os outros. Cheguei a usar muitas botas com os calcanhares já torcidos, mas o gosto era tanto, que eu não me importava. Todos esses pequenos pormenores, até chegar ao dia de ser mais velha, mais adulta, e de mandar fazer o primeiro fato para mim aos 17 anos*. Há um pormenor, na história da família Palha, que Isabel destaca e que tem a ver consigo. *Dos sete filhos do meu pai, fui a única que fiz um contrato escrito para trabalhar com os cavalos. Para os meus irmãos foi quase ofensivo. No entanto, era um contrato de trabalho como outro qualquer eu tinha as minhas obrigações e o meu pai tinha as dele. Até me inscrevi na Segurança Social. Tinha eu 17 anos. Naquela altura podia-se começar a trabalhar aos 16.* *No âmbito desse contrato eu tinha várias obrigações, entre elas a Feira da Azambuja, a Feira de Santarém e*

				a Feira da Golegã. E os cavalos eram-me entregues e tinham de ser apresentados. Eu sabia que tinha de os preparar para isso, logo tinha de ter o trabalho. Numa apresentação, não conta só o cavalo, conta o cavalo, o arreio, o fato e apresentação completa. Ora, eu considero que, qualquer pessoa que tem paixão por aquilo que faz, se preocupa com tudo isso. Os 17 anos de Isabel ficam marcado pelo seu primeiro fato. *Foi a altura que fiz o primeiro fato para mim. As botas felizmente foram presente de anos (e ainda as tenho!). Foram feitas em Almeirim e o fato foi feito no Patrício, em Vila Franca de Xira, que era uma alfaiataria de renome. Havia um alfaiate que também se chamava Palha, onde eu cheguei a fazer umas saias. Isto uns anos mais tarde, aí já independente.* *Os meus primeiros fatos foram feitos a partir dos modelos da minha mãe e das minhas tias da parte do meu pai, que todas montavam, e montavam à amazona. Daí também a minha grande paixão pelo monte à amazona.* Nessa altura, *a Feira* tinha, para si, quase um carácter profissional. *Eu ia para lá uns dias antes, autorizavam-me a isso porque eu estava entregue aos cavalos. Levar um cavalo a uma feira, um animal novo, causa estranheza. Até o fumo das castanhas, que às vezes é o pior. Habituar um animal a esse ambiente de Feira tinha que se fazer pelo menos um dia ou dois antes. Os cavalos eram passados à guia, eram trabalhados logo de manhã e havia muitos clientes, pessoas que passavam cedo, os tais romeiros, que começavam a vir uns dias antes porque gostavam de ver os cavalos antes do Concurso. Gostavam de ver os cavalos a ser*

				preparados, mas também gostavam de ver os cavalos nas baias, porque não havia boxes nem stands. Nós tínhamos conseguido arranjar ali perto uns pátios que davam para a Feira e as pessoas vinham ver os animais. Mas, para isso, os animais tinham de estar prontos por volta das 11h/12h, porque os estrangeiros vinham sempre cedo. Tudo devia começar a trabalhar às 8h/9h da manhã. As suas rotinas era, de facto, outras, mais responsáveis e mais conscientes para a importância daquilo que ali estava a fazer. *Eu nunca fui uma pessoa de copos, e sei que é difícil uma pessoa deitar-se tarde e estar ali de manhã cedo. Ou então faz como se diz no campo - o deitar não tem nada a ver com a hora do acordar. A pessoa tem que se deitar a horas normais para no dia seguinte estar capaz. Até mesmo, para mim isso é essencial, para ser um exemplo para com quem se trabalha. Se eu tenho os meus funcionários a começar a trabalhar às 8h, a limpar boxes, manjedouras, cocheiras, baias, eu tenho que dar o exemplo e estar lá ao pé deles. Às vezes, para saber mandar, é preciso saber fazer.* *E também porque o meu pai vinha pelas 11h e tudo tinha de estar preparado.* O pai chegava a essa hora quando trazia a mãe e mais algum dos irmãos *porque, já se sabe, que se empata sempre um bocadinho a hora de saída. Ao final do dia também saíam sempre tarde, embora o final do dia na Golegã não fosse como hoje. Os cavalos recolhiam mais cedo, não era propriamente pelo sol pôr. Por essa altura já se começavam a pôr umas luzes modestas na Feira. Eu penso que, por volta das 22h, já não havia cavalos. Quando não tínhamos*

				casa metíamo-nos no carro e vínhamos embora. A família tinha cerca de 2h de viagem, por estradas nacionais, na medida em que não havia autoestrada. Salienta Isabel que nunca se chegava à casa antes das 22h/23h para, no outro dia, voltar. *Quando houve a possibilidade de eu poder ficar, mesmo a casa não estando acabada, o meu pai sabia que, quando lá chegava por volta das 10h/11h as coisas já estavam todas a funcionar.* Na altura, a noite na Golegã tinha pouca história. *À noite, na Feira, não acontecia nada. A certa altura apareceu uma roulotte muito pequenina, no canto onde termina a Rua de S. Martinho e onde começa o ambiente da Feira. O Senhor, a quem chamávamos de "calça azul" punha a música para a Feira e, por especial favor, conseguíamos que ele não fosse embora, e conseguíamos fazer um bailarico até as 23h/24h. Em terreno de areia conseguíamos fazer um pequeno bailarico, entre aqueles que já lá ficavam para o dia seguinte. É que, entretanto, já havia algumas pessoas a alugar quartos, para poderem no dia seguinte estar lá. Mas não havia, de todo, bares. Restaurante havia um no topo da feira, onde está hoje instalado mais ou menos o pavilhão de Alter, a que chamávamos, Pavilhão da Caridade.* Na altura montavam algumas senhoras na Feira. *Lembro-me de ver montar a dona Maria do Carmo Infante da Câmara, sem dúvida, lembro-me de ver montar as minhas cunhadas Graciosa – a Joana, a Teresa não. Lembro-me de ver a D. Maria Sardinha de Oliveira que era aluna do mestre Nuno. Lembro-me de ver montar a D. Conchita Cintron, que na altura estava numa fase de estrelato. Chamavam-lhe a "rubia de sol" e vinha como uma verdadeira estrela. Lembro-me de ver*

				montar, num passado mais recente a D. Madalena Abecassis. A mãe nunca montou na Feira. Sempre entrou na Feira em carro de cavalos. *O meu pai trazia os carros de cavalos e a minha mãe acompanhava-o, mas nunca montou na Feira. Montava nas lebres, montava no campo, fazia passeios, saltou muito a cavalo em nova, mas nunca montou na Feira da Golegã. A minha mãe era de Cascais, outro ambiente, em nova saltou muito a cavalo, mas depois teve que passar a montar a amazona por casamento, quase por imposição da sogra. Até que a certa altura ela disse ao meu pai - Fernando desculpa eu casei contigo, não casei com a tua mãe. Eu toda a vida montei escarranchada e vou voltar a montar escarranchada. Deu o chamado grito do Ipiranga. Montava escarranchada no campo e nunca veio à Feira porque não se sentia enquadrada. Adorava receber as pessoas isso sim, foi uma coisa que a minha mãe sempre adorou fazer. Para ela era perfeitamente indiferente ser cinco, quinze ou vinte pessoas.* As mulheres montavam escarranchadas, mas Isabel lembra-se de algumas montarem à amazona, por exemplo, Maria Aurélia Sardinha de Oliveira. *Hoje é uma conversa impensável, mas naquela altura ir à Feira e montar a cavalo ainda era coisa de homens. Quem montava era realmente quem andava no campo no dia a dia, e que também gostava de vir à Feira. A minha sogra, por exemplo que sempre montou nas lebres e vestida à portuguesa, nunca montou na Feira. O meu sogro Fernando, Marquês da Graciosa, montou muito, muito na Feira, mas ela não. Nem nunca tive fotografia nenhuma dela na Feira, a cavalo. Nas lebres, no campo sim, mas na Feira não. E as minhas tias velhas, a minha*

				avó, da parte da minha mãe, todas montavam, mas na Feira não. De seguida, Isabel falou do marido, Filipe Figueiredo "Graciosa", recordando saudosamente a sua relação com a Feira. *O meu marido fazia parte da organização da Feira, sempre esteve envolvido e tinha pavilhão. Do mesmo modo, pertencia à organização da Feira de Santarém. Nós casámos em setembro de 2000, portanto, em novembro de 2000 já fui à Feira como casada. Já ia e já frequentava o pavilhão deles há imensos anos, fazia parte do meu círculo de amigos. A família dele sim tinha uma casa mais antiga na Golegã. Uma casa também pequenina, onde ficavam muitos amigos dos filhos que dormiam em camaratas, conforme a cama que estivesse livre. Porque era um ambiente tão familiar que era indiferente, queriam era estar no dia seguinte e puder montar.* *Nessa altura era um ambiente totalmente diferente, para mim. No ano em que me casei o meu pai achou que eu não tinha de me responsabilizar mais pela Coudelaria Palha Blanco. Mas eu ainda trabalhava para o meu pai. Eu tinha essa responsabilidade e ainda durou mais dois anos. Depois o meu pai deixou o pavilhão, deixou de ter tantos cavalos, e dentro do ambiente familiar deixou de haver disponibilidade, da parte dos outros, para poderem vir com os cavalos à Feira.* *Entretanto aproximei-me mais do Filipe, montávamos juntos na sociedade hípica, os cavalos deles, mas eu continuei sempre a trazer à Feira um cavalo nosso, gostava sempre de trazer um cavalo Palha Blanco. Embora estivesse dentro de outra organização, fazia*

				muita questão nisso, queria continuar a aparecer com um Palha Blanco. Mas, com o Filipe, a organização era completamente diferente. *Tínhamos de ter o pavilhão aberto para receber pessoas, com todos os preparativos que envolve: o pavilhão limpo, aperitivos, petiscos que é preciso ter, é o saber estar, ou a cavalo ou a pé, com clientes ou não clientes, é poder acompanhá-lo em toda essa envolvência de receber as pessoas. E mais, acresce que ele fazia parte da Escola Portuguesa de Arte Equestre, como Diretor Artístico e Mestre-Picador, e que tinha também a apresentação dos cavalos da Escola. Era toda uma envolvência, mas, nessa altura, chegava às 20h e os pavilhões fechavam, houvesse espetáculos no picadeiro, ou não. As festas faziam-se na rua, não dentro dos pavilhões. Aí já havia muita diversão. Estamos a falar dos anos 2010/2015. Como recebíamos muitos clientes, o facto de fecharmos o pavilhão era também uma forma de podermos recolher à nossa família, de descansarmos se assim quiséssemos, ou de nos podermos divertir também, o que durante o dia nem sempre sucedia. Era uma forma também de podermos apreciar a Feira.* Quisemos saber o que significaria a Feira para o Dr. Filipe, caso pudéssemos colocar-lhe a ele a questão (note-se que o Dr. Filipe Figueiredo faleceu em fevereiro de 2019). *A seguir à Escola Portuguesa de Arte Equestre, era para o que ele vivia o ano inteiro. Era efetivamente para aquilo que ele vivia o ano inteiro. Para poder apresentar os seus produtos bem, receber os seus amigos, futuros clientes ou não, poder ter a sua família com ele – que às*

				vezes tinha, outras vezes não tinha. Para ele não havia horas de descanso. Tivesse ele de estar na Feira até às 2 da manhã, encostado ao varão do corrimão da Feira, com amigos a conversar, com o capote pelas costas, a ver quem passava e não passava, com um sentido de humor mordaz que ele às vezes tinha. Era mordaz, mas sem ofender, era pela graça. Conhecia os cavalos todos, porque conhecia todas as linhas para trás. Tenho fotografias dele, encostado com a Maria do Carmo Infante, os dois a conversarem, sabe Deus do que estavam a conversar. Podiam estar a conversar sobre tudo. Ele tinha tanto à vontade que era capaz de dizer a alguém, entredentes, não faças assim não faças assado, por exemplo um miúdo que passasse por ali a cavalo. Nunca diria em voz alta para que não ofendesse, mas se entendesse dizer, dizia. *Se alguém tinha alguma queixa do Concurso, pelo qual ele era responsável, ele tinha que responder e respondia. Chegou a responder, por escrito, ao meu pai, a alguma reclamação que o meu pai fez. Chegou a responder ao irmão. Se tinha de enfrentar alguma situação, na posição em que estava, ele fazia.* *Às vezes tinha de puxá-lo, lá para as 2 da manhã, e relembrá-lo que no dia seguinte tínhamos que estar cedo. Vinha para casa ligeiramente contrariado, mas vinha. Chegava ao fim da Feira da Golegã sem voz, que era o que nos acontecia a quase todos nós, de tanta humidade, de frio, de conversa.* Como casal nunca falharam uma Feira da Golegã. *Quer dizer, eu sim, eu falhei uma Feira, mas não falhei toda. Sofri um acidente com um cavalo e fiquei a Feira toda internada no Hospital de Abrantes, com costelas*

				partidas e outras mazelas. Mas consegui sair na véspera. O médico mandou-me para casa, para Lisboa, e eu fui dormir a casa da Golegã e, no Dia de São Martinho, apresentei me no pavilhão, toda entrapada. Não podia perder. *Socialites? Acho que não éramos. A figura do Filipe era uma figura marcante, o seu cabelo branco, com os seus bigodes, sempre de chapéu e de samarra. Eu também nunca me vesti mal. Julgo que por isso as pessoas nos viam como referência. Não gosto de usar a expressão socialite, mas sim como referência na apresentação pública, enquanto casal.* Reportando à Feira da Golegã, na atualidade, Isabel considera que *a Feira está, a meu ver, extremamente longa, tem dois fins de semana. Antes também tinha dois fins de semana, mas parava ali dois dias durante a semana e depois recomeçava com o Concurso. O primeiro fim de semana metia raids, provas de saltos, metia todas as provas atléticas mais ligadas ao desporto, e o segundo fim de semana começava com o Concurso de Modelo e Andamentos e tinha as provas mais ligadas ao cavalo Lusitano e às provas equestres de tradição portuguesa. Atualmente já nada se desliga. Dão muita importância aos restaurantes e bares, mais do que a possibilidade dos criadores poderem apresentar os seus cavalos.* Segundo a entrevistada, a organização, ligada à Câmara quer rentabilizar a Feira e isso faz-se com os bares e restaurantes e com a vida noturna. *Há jovens que chegam às 23h aos magotes e dizem – que horror, cheira a cavalo. Essas pessoas dos copos são selvagens, assaltam os pavilhões, mais do que uma vez,*

				e destroem. No primeiro fim de semana vêm as grandes multidões que provocam grande confusão. Toda agente quer aparecer com os cavalos. No segundo fim de semana, como é do São Martinho, já vem uma seção de cavalos com mais calma, com uma certa qualidade, com um carisma e uma paixão pela Feira de São Martinho diferente. Isabel está hoje, numa fase diferente. *Eu, nesta idade, já perdi um bocadinho a pachorra da noite, mas também nunca fui muito da noite. Como tenho um sócio, no meu pavilhão que adora a noite, eu deixo o pavilhão e ele fica e fica responsável para que no dia seguinte, quando regresso, tudo esteja em condições. A confusão hoje é tanta que os cavaleiros ganharam o hábito, de às 21h irem montar a cavalo. Em vez de montarem na manga, vêm montar para os corredores, à frente dos pavilhões. Eu concordo que este ambiente é ótimo, estão em frente ao pavilhão, serve-se um copo, um aperitivo, e vão de pavilhão em pavilhão. E depois, de repente, do nada, afastam-se e há um cavalo que faz a típica equitação marialva: vem um faz uma pirueta, vem outra e faz outra pirueta, juntam-se três a fazer piruetas de garupa. O ambiente é bonito, esses momentos são bonitos, mas, podiam ser vividos noutro horário. Mas depois, noutro horário, tem tanta afluência de público que eles não conseguem, depois também não gostam de estar no meio da confusão. Há ali umas horas, entre as 21h e a 24h em que, na realidade, há ali um ambiente muito giro em frente aos pavilhões.* Por esse motivo algumas pessoas passaram a ter os pavilhões abertos à noite. *Não há dúvida de que são ambientes tipicamente portugueses. Os estrangeiros ficam loucos e não percebem, como é que 10 garanhões ou 15 estão ali*

				todos juntos, às vezes com éguas à mistura. Não entendem como se consegue que o cavalo se comporte "civilizadamente". Associação das Amazonas de Portugal *No Dia de São Martinho a Associação das Amazonas de Portugal faz um desfile a cavalo, chamamos nós "um quadro vivo". Não temos pretensão de retratar nenhuma academia equestre, nem de fazer um desfile equestre, nem uma representação académica. Prefiro juntar todas as cavaleiras que puderem, façam ou não parte da Associação, sendo que tentamos convidar sempre estrangeiras. Este ano (2025) vamos ter México e Japão, que vão trazer os seus fatos e os seus arreios. Estamos a tentar, com a Associação de Criadores do Cavalo Lusitano, que nos emprestem cavalos, para elas experimentarem na véspera e fazerem o desfile connosco, com o seu traje. Isto para fazer o tal "quadro vivo" de senhoras a cavalo na Feira. Escolhemos ali a hora perto da hora do almoço, para podermos passar nos pavilhões todos - um dá o copo de vinho outro dá um croquete – e depois terminamos no recinto da Feira. Na hora do almoço é mais parado é melhor para o público em geral poder apreciar a beleza do cavalo Lusitano no montado por senhoras.* Isabel Figueiredo conta que antes de se formar a Associação já se juntavam e que a ideia partiu de uma conjugação de vontades, do pai, Fernando Palha, do marido Filipe e de um senhor, Alexandre Matos, o qual já havia feito parte de uma Associação de amigos da Escola Portuguesa de Arte Equestre. *Eu sempre montei toda a vida a amazona, a minha avó da parte da minha mãe também, da parte do meu pai também, eu desde*

				miúda que monto a amazona e uma das minhas irmãs também. E havia umas pessoas que montavam esporadicamente. A primeira apresentação foi no Hipódromo do Campo Grande, durante um Campeonato Internacional do Cavalo Lusitano. Nessa altura conseguimos juntar doze amazonas. E então começámos a pensar, porque não pormos a coisa um bocadinho mais oficializada, com estágios, com treinos. Tentar também que não se montasse de forma autodidata, porque dessa forma as amazonas podem fazer mal a si próprias e ao cavalo. Depois há questão dos arreios, que é muito difícil arranjar embora haja Casas e senhoras mais antigas que ainda tinham. Esses arreios antigos são lindíssimos, mas infelizmente só para exposição, parte deles não estão cuidados. Em 2017 formaram a Associação oficialmente e continuam a fazer vários estágios e várias apresentações. *Fomos, inclusive, com a Escola Portuguesa de Arte Equestre a Paris no ano em que houve a doença da Língua Azul e não puderam ir os cabrestos da Companhia das Lezírias com os campinos e fomos nós. Foi um sucesso. Atualmente, associadas somos perto de 30.*
021	João Gorjão Clara	Lisboa 07.04.2025	João Gorjão Clara é licenciado em Medicina, especialista em Medicina Interna e Cardiologia, e detém ainda a Competência em Geriatria atribuída pela Ordem dos Médicos. É Professor Catedrático de Medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Desde os oito anos de idade, é praticante e entusiasta da Equitação Portuguesa, paixão que o acompanha ao longo da vida e que o transformou numa figura de referência no estudo do Traje Português de Equitação. Durante uma	Reconhecido como o maior especialista nacional nesta matéria, João Gorjão Clara foi consultado, no âmbito deste processo de inscrição no INPCI, pela sua dedicação ao estudo do Traje Português de Equitação. Também pela sua relação com a Confraria dos Romeiros de São Martinho e, em geral, com a Feira da Golegã. Não sendo oriundo de famílias ligadas ao meio equestre, João Gorjão Clara frequenta, desde pequeno, a Feira da Golegã.

			homenagem prestada na Feira de S. Martinho, na Golegã, José Veiga Maltez afirmou: "Hoje Portugal desfila pelo Largo do Arneiro graças a Gorjão Clara, que reabilitou o traje português de equitação (…) O mundo equestre está-lhe grato." A ausência de cavaleiros trajados "à portuguesa", especialmente durante a Feira da Golegã, e a escassez de documentação sobre o tema, motivaram João Gorjão Clara a iniciar uma investigação aprofundada. Com o apoio da esposa, começou a publicar artigos na revista Equestre, os quais culminaram na publicação do livro "Traje Português de Equitação", lançado em 1995 na Feira. Esta obra continua, até hoje, a ser uma referência incontornável na área. O Professor Doutor João Pedro Gorjão Clara foi homenageado na edição da FNC de 2012, pela sua incomensurável paixão pelo cavalo, pela Golegã e pela sua Feira. O picadeiro central do Arneiro encheu-se de cavaleiros e amazonas, trajados a rigor, que quiseram associar-se à homenagem ao médico-cavaleiro cujo contributo à causa equestre é inestimável.	*Eu nasci em Torres Novas à saída para a Golegã. Nasci na Rua das Freiras, que é a rua que fica ao pé do cemitério e que dá saída para os Riachos e daí para a Golegã. E desde garoto que ia à Golegã de bicicleta porque tinha familiares lá. A minha tia, casada com o irmão do meu pai era da Golegã, tem apelido Veiga. Era Maria Luísa Veiga Clara, prima direita da mãe do Zé Maltez. Algumas pessoas julgam que o Zé Maltez é meu primo, mas não é, só a minha tia é que era, como digo, prima direita da mãe dele. Desde garoto que eu brincava e convivia na Golegã. Na altura da Feira os meus pais e os meus familiares mais próximos, como os meus tios, iam à Golegã e levavam-me com eles. E eu habituei me a ir a Golegã desde garotinho.* *O que me encantava na Golegã - e eu escrevi isso na introdução do livro do traje - eram os cavalos e as pessoas que andavam a cavalo.* Gorjão Clara conta como se distanciava da família, que tinha outros interesses, para ficar a ver os cavalos: *Os meus pais ou os meus tios iam para o sítio – creio que era a Baracha - onde havia as tendas que vendiam samarras, botas e etc., e eu ficava na manga, sozinho a ver os cavalos. Eu habituei-me de pequenino a isso e ali ficava até que eles viessem das compras. Ficava todo o tempo ali ao pé das varolas, que não eram mais do que uns tubos de ferro pintados de branco e vermelho e ali ficava agachado, pequenito, a ver passar os cavalos.* A sua história de vida altera-se quando se desloca para Lisboa, para estudar. *Vim para Lisboa, comecei a estudar Medicina e passei a ir muito menos à minha terra. A Feira da Golegã ficou no esquecimento*.

				João Gorjão Clara regressa à Golegã, alguns anos depois, já formado. *Acabei o curso de Medicina, já tinha filhos quando voltei outra vez à Golegã. Já depois do 25 de abril. E quando voltei a Golegã depois do 25 de abril fiquei estupefacto. Já nada daquilo tinha a ver com o que eu me lembrava de garoto. Havia barracas e tendas por todo o lado. Já não havia uma separação entre o mercado das coisas tradicionais e daquelas coisas que os meus avós, os meus pais e os meus tios compravam, era tudo no mesmo sítio.* E nesta ocasião surge a indignação relativamente à forma como as pessoas se apresentavam, a cavalo, na Feira. *A Feira era descaracterizada, as pessoas que eu lá via havia vestiam-se da maneira mais indescritível, blusão, jeans, ténis, punham as esporas nos ténis porque não tinham salto de tacão de prateleira, nem botas de prateleira. Era uma desorganização total à vista, que me incomodava imenso. Isto foi a minha experiência a seguir ao 25 de abril no regresso à Feira*. A sua ligação ao Traje começa então nessa fase em que revisita a Feira depois de um logo período de ausência. *Havia uma prova organizada na Feira que era a prova de Equitação à Portuguesa, pela qual era responsável o Eng. Fernando Sommer de Andrade, e que se chamava prova Rui de Andrade, que era o pai dele. Era uma prova de homenagem ao pai. No artigo 3 do Regulamento dizia assim:* "só podem concorrer os cavaleiros rigorosamente trajados à portuguesa, de chapéu de aba larga e colete", *julgo que era assim que dizia*. A constatação desta referência causa uma reação da parte de João Gorjão Clara - *Eu olhei para aquela malta e pensava: mas quem é que aqui está rigorosamente trajado à portuguesa? Eu só vejo aqui tipos mal vestidos. Então fui ter com o Eng.*

				Sommer e disse-lhe: - o senhor Engenheiro se calhar não me conhece - e identifiquei-me. Ele respondeu: - Não te conheço a ti, mas conheço o teu pai, o teu tio. Então mostrei a minha surpresa relativamente aquilo que era mencionado no Regulamento do Concurso - Estou aqui surpreendido porque o artigo 3 diz isto, mas eu não sei como é o traje, nem vejo aqui ninguém que cumpra. Nessa altura o Eng. Sommer de Andrade recomenda-lhe que procure mais informação junto de uma figura que vai fazer a diferença na sua vida, no que respeita ao seu interesse e investigação acerca do Traje Português de Equitação - *Ele então apontou-me para um senhor que estava ali rigorosamente trajado à portuguesa, que se chamava José António Torquato de Freitas, e diz-me assim: - olha vai falar com aquele (ele tratou-me por tu porque eu na altura podia ser neto dele) - Vai falar com aquele porque aquele é que sabe. E eu lá fui falar com o senhor, muito simpático, mas muito áspero: - olhe, o Eng. Sommer de Andrade mandou-me aqui para falar sobre isto assim assim. Ao que Torcato de Freitas respondeu - não há nada escrito e eu agora também não tenho tempo para lhe dizer nada. E eu insisti: mas nunca ninguém escreveu nada sobre o traje português de equitação? Não, nunca ninguém escreveu, qualquer dia eu escrevo, agora não tenho tempo.* Torcato de Freitas, aquele que é, por muitos, considerado o primeiro grande especialista no Traje Português de Equitação foi efetivamente pouco atencioso com o jovem médico João Gorjão Clara. *Ele foi mesmo muito áspero para mim. Então vim a saber que o senhor nessa altura era muito chateado e agredido pelas pessoas, lhe chamavam mascarado, palhaço,*

				porque se vestia assim. E depois apercebi-me, pouco tempo depois, que o Traje Português de Equitação era considerado fascista e reacionário. Gorjão Clara conta um episódio que se passou com o filho e que elucida este entendimento relativamente ao uso do Traje, à época: *O meu filho na Feira de Santarém veio ter comigo e disse-me: - ó pai estavam ali uns senhores, quando eu passei a cavalo, chamaram-me palhaço porque eu estava vestido assim.* Portanto este era o ambiente que se vivia nessa altura. A pesquisa sobre o Traje começa para Gorjão Clara, mais a sério, num momento especial da sua carreira médica: *Estava a fazer doutoramento na Faculdade de Medicina de Lisboa, e disse à minha mulher, que me acompanha nesta coisas: estou a fazer o doutoramento mas eu tenho que ter espaços livres na minha cabeça, porque o doutoramento é uma coisa de grande concentração e de grande esforço – não tem nada a ver com hoje, Hoje é completamente diferente - na altura o doutoramento era efetivamente uma coisa muito séria (tão séria que quando íamos para o doutoramento íamos de casaca, e eu assim fui, como era da lei). Era efetivamente uma coisa muito séria, dava muito trabalho, eu levei 10 anos a fazer a minha tese de doutoramento. Então, para me limpar a cabeça dessa obsessão, eu resolvi investigar o traje português de equitação. Estamos a falar de um período em que não havia Internet, toda a informação que existe - que é pouca- estava na Biblioteca Nacional, Eu não tenho tempo para lá ir e digo à minha mulher: fazes-me um favor, vais à biblioteca e vais procurar artigos passados que tenham a ver com o traje,*

				fotografias, referências, notas. E ela, coitadinha, fez isso, e trazia-me para casa. Eu, à noite, selecionava tudo e dizia – traz-me este, não me tragas o outro e ia discutindo com ela. Na altura começa a publicar alguns textos sobre o assunto: *Fui escrevendo numa revista que já acabou e que durou pouco tempo - que era do Jorge Gouveia Costa - chamada Equestre. E na Equestre fui escrevendo coisas, a camisa, as botas, os trajes, etc. Entretanto estabeleci uma relação de amizade com o Torcato de Freitas. A profissão dele era restaurador de arte, tinha um atelier no Bairro Alto. Ele não era da Golegã, vivia em Lisboa. Conversávamos muito e tínhamos algumas discussões sobre o traje, nomeadamente em relação a um pormenor em relação às calças de fantasia. Eu discordava dele. É que alguns trajes antigos tinham calça de risquinha cinzenta e preta e achava que essas calças de fantasia não tinham nada a ver connosco. Eram uma moda inglesa, os ingleses usavam isso de jaquetão. Os espanhóis copiaram-nos, mas nós não tínhamos essa tradição, como não tínhamos também dobra na calça, Nem dobra normal nem dobra branca, que isso ainda é outra história*. Por esta ocasião surge a ideia de escrever um livro: *Um dia tive esta conversa com a minha mulher: nós já escrevemos tanto sobre isto que podíamos fazer um livro. E assim foi, encontrei um designer excecional, que é o Jorge Rivotti, Encontrei um editor que escrevia livros sobre coisas de cavalos que era o Luís Vilaça e fomos trabalhando. No último dia combinamos uma reunião às 21:00, na zona do Terreiro do Paço, onde o Jorge tinha o Atelier. Passámos lá a madrugada toda, nasceu o Sol e nós ainda lá estávamos. E o livro finalmente saiu.*

				Gorjão Clara destaca um outro momento importantíssimo da história da sua vida no que se refere à ligação com o Traje Português de Equitação. É um momento que, para além de importante para a família Gorjão Clara, foi também importante para a história da fixação do Traje Português de Equitação em Portugal. *A malta, sobretudo os miúdos, tinham vergonha de se vestir à portuguesa. Então eu fiz um concurso do traje, O primeiro concurso no ano em que faleceu o Torcato de Freitas. Ele morreu aí em junho, julho e eu fiz o concurso em novembro, na Feira e chamei-lhe o Primeiro Troféu Torquato de Freitas. E, na tribuna, estava a viúva, com quem tinha, de facto, uma estreita a amizade, e estava a filha. Eu ofereci a viúva uma recordação desse primeiro concurso. Era um cavalo Lusitano que tinha saído da Vista Alegre e custava uma pipa de massa. Tinha-me sido oferecido por um dos sócios da Vista Alegre que é também equitador e que faz parte da Equitação de Santo Humberto, que o Zé Maltez um dia considerou que deveria ser Romeiro-Mestre da Romaria, que é o Bernardo Vasconcelos. O Bernardo Vasconcelos é que nos ofereceu o cavalo, que eu ofereci a viúva. E há uma fotografia de eu a oferecer isso a viúva do Torcato de Freitas. E esse foi o primeiro concurso. E o primeiro concurso definia como é que eram as regras do traje E tinha um troféu. E eu arranjava os troféus como? Escrevia para as casas relacionadas com a medicina veterinária, com os cavalos, e pedia patrocínios. Ia juntando o dinheiro e, em função do dinheiro, ia comprando os troféus. Os troféus eram pequeninas lembranças que dava como troféu de presença e depois tinha um prémio para o melhor cavaleiro e para a melhor amazona. E fui fazendo assim*

				ao longo dos anos. No primeiro concurso começámos logo a ver resultados. Nesse primeiro concurso, julgo que foi em 1991, estavam aí uns dez cavaleiros trajados. A partir daí os concursos foram crescendo. A miudagem aderiu muito rapidamente. *Mas eu não fiz concursos só na Golegã, fiz em Vila Franca, fiz na Azambuja. Fiz, e mais a minha mulher, concursos em Aveiro e em Almodôvar. Os concorrentes foram crescendo. Entretanto nós publicamos o livro em 1995 e, nesses 5 anos, houve imensos concursos de traje em que a minha mulher e eu éramos o júri. E depois convidávamos outras pessoas que achavam que não sabiam nada disso, mas que nós sabíamos que tinham noções de elegância, de arte, eram artistas, ou designers, ou mesmo artistas plásticos como era o Rui Fernandes. Convidámos também a Nica Palha, que achava que não percebia nada de traje mas nós sabíamos que ela conhecia a tradição, sabia o que era a elegância. É que aquilo não era um concurso de modelos. Não era alguém que se vestia à portuguesa para desfilar. Era alguém que soubesse montar a cavalo, que tivesse uma ligação ao cavalo porque aquilo era amazona e cavaleiro, não era nenhum desfile de moda. Bem, os concorrentes foram crescendo até que no último concurso havia mais de 100. Agora vocês imaginam como era, numa hora, classificar 100 pessoas, um sarilho. Eu, sem querer, acabava por ser injusto e depois no fim tinha reclamações. Então nesse último concurso eu percebi que era impossível. Então fizemos ainda mais um concurso onde eu dei a todos um estribo de prata, para pôr na corrente do relógio, que arranjei patrocínio nesse ano para conseguir e, ao ganhador,*

				ofereci-lhe o livro do traje que, entretanto, tinha sido publicado em 1995. E assim se aproximava o fim da realização dos importantes concursos do Traje impulsionados e realizados pelo casal Gorjão Clara. *Por essa ocasião já eu dizia: toda agente sabe como é o Traje à Portuguesa, vocês já têm gosto de se vestir à portuguesa e agora os concursos vão acabar, porque eu já não consigo classificar-vos de uma maneira justa porque vocês são muitos. E pronto, assim acabou. E eu pensei que, em definitivo, as características do traje estavam asseguradas.* Infelizmente não aconteceu assim. Segundo Gorjão Clara, *voltou tudo atrás, voltaram as aldrabices*. A família Gorjão Clara quis dar o exemplo e sempre se esmerou na pista da Golegã. *Eu fui sempre dando o exemplo com a minha família toda, os meus netos que, entretanto, cresceram e se ligaram aos cavalos, A minha mulher que montava, e agora já não monta, mas que se trajava sempre à portuguesa, fui dando conselhos às modistas e aos alfaiates que tinham a humildade de vir falar comigo porque eles achavam todos que já sabiam tudo*. O entrevistado refere a diferença entre os trajes femininos e masculinos e acentua as questões que então se colocavam e que diziam sobretudo respeito ao Traje de Amazona. Destaca também os profissionais de referência, à época. *Em relação ao traje dos homens não havia grandes dúvidas, porque ele foi sempre mantido ao longo dos tempos em vários alfaiates. O alfaiate de referência era em Vila Franca e chamava-se Horta. Quando o Horta morreu, as suas costureiras e os*

				seus alfaiates passaram para a alfaiataria Patrício. Não conheci o Horta, mas conheci o Patrício. A minha jaqueta que está no livro do traje, na capa, foi feita no Patrício, por um alfaiate que se chamava João. E o João disse-me assim: esta é a última jaqueta que eu faço na vida, porque ele já tinha na altura 80 anos. *No concurso que eu falei há pouco, do Sommer, lá dizia: todos os cavaleiros, não dizia lá amazonas, por que as mulheres na altura que montavam a amazona, contavam se pelos dedos, não havia mulheres a montar, o que havia eram homens. Então na monte à amazona não havia ninguém.* Gorjão Clara conta a forma como recuperou o Traje de Amazona. *Eu recuperei o traje de amazona propriamente dito, com as perninhas para o lado esquerdo do cavalo – pode ser para a direita mas a maioria das vezes é para a esquerda – então eu fui à Quinta da Broa. Fui recebido pelas tias deste Manuel Veiga, que é hoje o dono da Quinta da Broa, que eram duas senhoras solteiras, nunca se tinham casado, que receberam muito bem a minha mulher, e a mim, e eu disse que queria ver se era possível descobrir alguns trajes do passado, que estivessem no sótão, do tempo em que as senhoras montavam a amazona com as duas pernas para o lado esquerdo.* A resposta das irmãs Veiga foi ao encontro das pretensões de Gorjão Clara e da esposa -*Tem sorte que tenho no sótão o traje da minha mãe. E o traje da mãe tinha sido fotografado numa saída, que eu também tenho essa fotografia, mas não publiquei, hei-de publicar numa segunda edição do livro do traje que estou a preparar. Ela mandou então buscar o traje ao sótão e*

				nós fotografamo-lo todo. E depois deu-nos uma fotografia que até havia sido queimada por uma vela que estava junto da moldura, mas não causou estragos. Portanto nós temos uma fotografia da mãe, que se chamava Maria Bonacho dos Anjos Veiga - que era mulher do Eng. Manuel Veiga, o que fez a Coudelaria - numa caçada às lebres em 1903, a sair da Quinta da Broa. Vê-se o portão da Quinta e a senhora está a cavalo. E há indivíduos vestidos de várias maneiras. Ela tem o chapéu que a Senhora Dona Amélia imortalizou em fotografias na Herdade do Vidigal em Vendas Novas. *Depois de fotografar o traje fiz a sua reprodução ao pormenor. Quando as senhoras morreram, fizeram-se partilhas e o traje parece que desapareceu.* Gorjão Clara conta como a filha usou, pela primeira vez, um traje reproduzido, ao pormenor, a partir aquele que foi fotografado na Casa Veiga. *A minha filha, que tinha aí uns 10 anos, vestiu, na Feira de Santarém, esse traje que eu reproduzi ao pormenor. E concorreu a um Concurso que o Senhor Torcato de Freitas já tinha tentado fazer, mas que era muito incipiente, não tinha mais do que umas três ou quatro concorrentes. Uma delas era a Rola Palha e a outra, a minha filha. A única que estava vestida corretamente à amazona era a minha filha e foi ela que ganhou. Foi uma grande chatice para o Torcato, que era muito amigo do Palha.* Curiosamente o Senhor Torcato de Freitas conseguiu, pela primeira vez, algo inédito para si. *Ele descobriu nesse dia, pela primeira vez, que nunca tinha percebido antes, o que é que as senhoras levavam por baixo da saia. Era óbvio que ele via fotografias, assim como eu, mas as senhoras não levantavam as saias para mostrar.*

				O que as senhoras levavam por baixo das saias não eram calças à homem, estamos a falar de uma época em que as senhoras eram senhoras e não se confundiam com homens e os homens eram homens e não se confundiam com as senhoras. Essa distinção era tão fácil que, ao longe, nós percebíamos se quem lá vinha era homem ou mulher. Hoje não, é uma confusão. *E as senhoras eram tão defensoras destes princípios, em que uma senhora era uma senhora e um homem era um homem, que não usavam calças à homem. Usavam culotes, que são aquelas calças que nós vemos nos filmes antigos dos cowboys, ou que se vêm nas bailarinas do cancan. Basicamente é um calção que aperta por cima do tornozelo com botões. As senhoras nessa época não mostravam senão a cara e as mãos. O Torcato de Freitas nesse dia viu pela primeira vez o que é que as senhoras usavam debaixo das calças. Lembro-me perfeitamente de ele ter dito a Rita – Rita dá-me licença que eu levante saia? Coisa que eu depois também passei a fazer muita vez.* A questão do traje foi seguindo este percurso e Gorjão Clara, a partir de certa altura, passou a ser considerado pelo próprio Torcato, e por outros, como o expert na matéria. *E nunca mais deixei de ler coisas sobre o traje. E, claro, fui-me informando. Entretanto também tive acesso a uma coisa maravilhosa que não havia, que foi a Internet, sabendo, no entanto que há pouca coisa na Internet. Mas eu dei muitas voltas, fui ao Museu do Traje (é por isso que o prefácio do livro foi escrito pela antiga conservadora do Museu), fui ao Palácio de Vila Viçosa, mas fotografias de traje não há nada, fui a imensos alfaiates, fui também a Benavente que tem um museuzinho, fui a Vila Franca. Eu meti o nariz nessas*

				coisas todas. E fiz mais, entrevistei pessoas que ainda se pudessem lembrar desse tempo. Até um campino em Vila Franca que eu entrevistei perguntando-lhe pormenores sobre o Traje Português de Equitação. E assim nasceu o livro sobre o Traje Português de Equitação e assim eu fiquei ligado, para sempre, à História do Traje e da recuperação do Traje. Gorjão Clara fala do desconforto que sente ao ver os cavaleiros e amazonas trajados indevidamente na Feira. *Incomoda-me ver as pessoas utilizando incorretamente o Traje Português de Equitação. Não tenho tendência de abordar as pessoas, mas efetivamente incomoda-me. Incomoda-me até pelo contraste com aquilo que se passa em Espanha.* E relata um episódio que lhe sucedeu na Feira de Jerez de la Frontera, em Espanha. *Ia com a minha mulher, a cavalo, e quando entrámos no recinto fomos abordados por dois guardas, também a cavalo, que perguntaram: que traje é esse? Ao que eu respondi - Isto é o traje de Portugal, eu sou português e a minha mulher é portuguesa. E só assim nos deixaram entrar.* Questionámos o Dr. Gorjão Clara sobre o que defende então efetivamente para a Feira da Golegã? *Os defensores das Atrelagens de Tradição conseguiram convencer a Câmara Municipal para que houvesse um horário em que as atrelagens, as maratonas e os carros que não são de tradição, não pudessem circular. E publicaram isso no Programa da Feira. Quando as pessoas se vão inscrever dão-lhes o Regulamento e no Regulamento está lá isso. Ao princípio, os tipos queriam entrar com essas maratonas chegavam lá e não os deixavam entrar. – Mas eu paguei, tenho o direito de*

				entrar. Resposta: você comprometeu-se, está no Regulamento em como não podia entrar neste horário. Ao princípio, como calcula respingaram mas, a verdade, é que eles se tinham comprometido, ao assinarem e aceitarem o Regulamento. O que eu defendo é exatamente o mesmo, ou seja, deve haver um horário para as pessoas montarem como quiserem. Agora, a determinadas horas, só deve entrar na manga quem está devidamente trajado à portuguesa, ou pelo menos procura estar trajado corretamente à portuguesa. Todos podem montar na Golegã todos os dias, em todos os lados mas, na manga, naquele horário, só podia entrar quem estivesse rigorosamente trajado. Gorjão Clara apresentou, inclusivamente, a sua proposta. *Eu sugeri ao Presidente e Vice-Presidente, uma vez que a organização da Feira fica com o contacto de todos por ocasião da inscrição, incluindo endereços de e-mails, que fizessem circular uns dias antes um comunicado avisando das novas regras, nomeadamente, a obrigação de, em determinados dias e em determinadas horas ser obrigatório entrar na Feira devidamente trajado.* *A ideia é que, na altura em que se fossem inscrever, estava lá escrito tal como está para as atrelagens e para que ninguém dissesse que não foi avisado. É esta a minha proposta, nuns determinados dias e a umas determinadas horas só entra na manga da Feira quem estiver rigorosamente trajado. Que isso não impediria as pessoas de montarem pelas ruas todas da Golegã poderiam andar por todo o lado que quisessem, na manga é que não. Nunca obtive feedback da parte da Câmara. Nunca consegui ir às reuniões da Feira, porque estou sempre a trabalhar. Mas o que eu defendo é isto.*

				E como nunca pude ir às reuniões, eu até já escrevi. Não obtive feedback. Gorjão Clara aponta uma explicação para a ausência de feedback por parte da Câmara. *Eu julgo que têm receio de ser vistos como indivíduos muito rigorosos, considerando que podem ser muito sectários e que podem ser acusados de estarem a transformar a Feira em algo mais elitista, o que não é, de todo, verdade. Quem monta na Feira são pessoas de todos os estratos sociais. E, assim como tem dinheiro para ter o cavalo, que é caro, também tem dinheiro para comprar uma jaqueta, umas calças e um chapéu.* Neste ponto faz a equiparação entre a atitude dos portugueses e dos espanhóis. *Muitas vezes parece que não temos gosto pelas nossas tradições, os espanhóis não são nada assim, defendem tudo o que é deles, mas nós não. É um falso argumento de dizer que é elitismo ou selecionar as pessoas pelo poder de compra. É uma questão de educação. Se as pessoas se habituarem à ideia de que não dormem de botas nem tomam banho de pijama, também se deviam habituar que não montam a cavalo sem utilizar o traje próprio.* Voltando à história de vida do entrevistado, retomámos a questão acerca de como surgiu o entusiasmo e a ligação com a Feira, à parte do Traje. *Quando eu era muito garoto ia com os meus pais e tios, eu já montava a cavalo. Eu comecei a montar a cavalo aos 8 anos numa égua preta que se chamava Andorinha, que era de um amigo meu. E faltava à escola para ir montar. E levava tareia do meu pai por causa disso. Portanto eu sempre estive ligado aos cavalos, e sempre gostei de cavalos. O meu tio Guilherme, casado*

				com a Veiga, tinha cavalos. O meu pai não tinha. Então ele arranjou-me um cavalo, quando eu fiz o 2º ano ou o 5º ano, para eu ter cavalos em casa. Mas eu tive um cavalo, já o meu tio tinha vários. Mas, como vê, eu comecei a montar a cavalo muito cedo. Portanto, a minha ligação ao cavalo vem desde há muitos anos. Caí muitas vezes a cavalo, como todos nós, Não foi nada grave. *Os problemas graves que eu tive com os cavalos eu já era homem e foram estúpidos. Certa vez parti um braço porque montei um cavalo que se deitou sem eu perceber porquê. E eu desmontei, sacudi a roupa e virei costas para sair do picadeiro. O cavalo foi direito à porta. Quem lá estava, abriu os braços para o cavalo não sair. O cavalo assustou-se deu uma pirueta e bateu-me nas costas. Pregou comigo no chão, passou por cima do braço e partiu-me o braço. Foi um acidente estúpido, apeado.* *Eu comecei a montar a cavalo muito cedo, mas comecei a ir à Feira muito tarde. E o meu pai usava um argumento quando eu lhe dizia – Pai deixe-me comprar um traje. E ele respondia – não, que aquilo é só para os filhos de lavradores e o teu pai não é lavrador. E eu nunca fui à Feira da Golegã trajado, se não já adulto, pai de filhos e com cavalos meus.* A partir dessa ocasião, a ligação de Gorjão Clara, e da sua família, com a Feira da Golegã torna-se irredutível. *Acabei por concretizar esse sonho, de ir à Feira com cavalos meus, muito tempo depois, já em adulto, por volta de 1978 e depois, a partir daí, foi todos os anos. Acho que nunca faltei nenhum ano. Alugava quartos aqui e ali. Os quartos nessa altura eram mais caros do*

				que os quartos do hotel Ritz, e não tinha um pequeno-almoço! *Durante anos foi assim, até que um dia resolvi comprar uma casa na Golegã. E comprei o mais perto possível da manga. Fica a 30m. A casa tem apenas uma porta e uma janela. É uma casa registada em 1700 e tal como a casa de um campino. Como todas as casas da Golegã são muito compridas com uma frente estreita. A mesma porta que dava entrada das pessoas dava entrada do cavalo. O cavalo entrava para um corredor e ia até ao fundo para um pátio pequenino e passava em frente das portas dos quartos. Depois fiz obras lá dentro, modifiquei tudo.* Gorjão Clara recorda um episódio que ficou para sempre relacionado com a casa da Golegã. *Um amigo meu, que já morreu, o Joaquim Lucas, que tinha um programa na rádio de Alcanena que se chamava ao "Toque do Clarim", e que era meu doente, era quem vigiava as obras na minha casa. E então dizia-me insistentemente – Senhor Professor, o seu palacete lá vai andando. E dizia aquilo muitas vezes. E eu um dia disse lhe - você está sempre a gozar comigo, a chamar palacete a uma casa que tem 3m e meio de frente, com uma porta e uma janela. Resposta dele: não é por causa do tamanho, é por causa do dinheiro que você lá vai gastar. E então por graça chamo sempre a casa o meu palacete. Fica na rua João de Deus ao lado de um restaurante que toda agente conhece bem, o Rédea Curta. Tem um inconveniente enorme, é um barulho que vocês não queiram saber. Como tinha um restaurante de cada lado, os quadros da parede abanavam com a música.*

				E desta situação surge mais um pedido à Câmara Municipal (também ainda não atendido). *Eu pedi ao Presidente Camilo que se regulasse o som, e que às 2h da manhã, quando acabassem os cavalos, acabasse a música, a não ser nas discotecas oficializadas que também há.* Gorjão Clara fala, entretanto, da relação da sua família, filhos e netos, com a Feira. *A minha filha começou a montar a cavalo, tal como eu, aos 8 anos e depois teve filhos que já hoje são crescidos. O meu neto, que fez ontem 20 anos, é um miúdo que sabe muito de cavalos. A Feira para os meus netos é imperdível, é a referência do ano. Para eles as contas fazem-se assim - isso foi antes da Feira e depois da Feira.* *Os meus netos vivem no Alentejo, perto de Beja, um deles já está a estudar em Lisboa, em Agronomia. A minha neta está em minha casa a estudar Medicina, está no quarto ano e o mais novo vem agora para cá. Os três são dedicados aos cavalos e são tesos, são valentes. O meu genro cria cavalos desde garoto também porque o pai dele sempre teve cavalos.* O Professor não tem dúvidas de que, a *Amazona mais bonita da Golegã era a minha mulher. Infelizmente deixou de montar. A minha filha monta das duas formas, escarranchada e à amazona.* A entrevista ao Professor Gorjão Clara termina com a questão acerca dos Romeiros de São Martinho, na origem do qual esteve intrinsecamente envolvido. E explica como decorreu o processo, nomeadamente de adoção dos símbolos, pelos quais foi inteiramente responsável.

				Numa determinada altura, o meu pai estava muito doente, a morrer, e eu estava com a minha cabeça cheia de preocupações, e liga-me o Zé Maltez a dizer - Professor estou aqui com o José Canelas e tivemos uma ideia de fazer uma coisa parecida com o que os espanhóis têm em todos os pueblos, que é uma romaria e uma Associação de Romeiros. E eu disse-lhe – tem graça porque várias pessoas me têm pedido que eu fizesse uma associação dos cavaleiros da tradição de Portugal. Ao que ele me informou que queriam que eu fizesse os Estatutos dos Romeiros de São Martinho. Eu disse - ok, vou fazer e, tal como fiz no doutoramento, vou entregar-me a isso para limpar a minha cabeça da preocupação com a saúde do meu pai, que estava a morrer com cancro. *Como calcula, eu não sou jurista, então escrevi umas regras muito básicas sobre os Romeiros de São Martinho e, como tinha tempo, e queria limpar a cabeça, fui pensando noutras coisas: lembrei-me que os Romeiros tinham que ter uma cruz e pensei como deveria fazer uma que fosse diferente de todas as outras (eu tenho isto tudo escrito – na revista Equitação e naquele livrinho sobre os Romeiros).* *Fui então procurando justificação, fiz a cruz com cinco braços, com espigas por causa de ser na Golegã. No quinto braço inventei como se fosse a lança que trespassou Cristo e porque nas representações pictóricas e escultóricas, a chaga de Cristo é sempre do lado direito, por isso a cruz está no ângulo inferior do lado esquerdo (lado direito de Cristo). Pensei também numa cruz especial que tem um braço em prata, que é para o Romeiro de Honra e outra toda em prata que é para o Romeiro-Mor (que antes tinha o Zé Maltez e*

				agora tem o Presidente Camilo). Romeiro de Hora é, por exemplo, a Senhora do Rocio, de Espanha, que tem no andor a cruz dos Romeiros de Honra de São Martinho que nós lá fomos oferecer. *Depois fiz o hino, cuja história é a seguinte: uma vez estava numa conferência a ouvir um tipo muito chato e fui redigindo a proposta do hino. Assim que cheguei ao quarto do hotel onde estava com a minha mulher, lembrei-me de uma música e trauteei. Tinha de ser uma música que fosse metade um hino e metade religiosa. Depois, numa Páscoa, apresentei o resultado à família. Pedi para que todos cantassem o hino para vermos o resultado. E todos cantaram e assim ficou. Mais tarde foi devidamente aprovado pela direção da AFNC.* *Os símbolos fui criando à medida que me ia lembrando. O bastão, por exemplo, leva uma anilha todos os anos com a indicação do Romeiro-Mestre desse ano. Dá para cem anilhas. Daqui a 100 anos teremos de arranjar outro bastão. Já lá estão 20 anilhas porque a romaria já tem 20 anos. O bastão é para ser levado pelo Romeiro-Mestre durante a Romaria. Tem um símbolo que é o São Martinho a cortar a capa e a dar um pobre. Foi o meu filho que fez, a meu pedido. É o mesmo que está na capela que o Zé Maltez mandou fazer no Largo do Arneiro, naquele nicho.* *Depois inventei a capa, lembrei-me que a capa tinha que ser meia capa porque a outra metade foi a que Cristo deu. Por isso nós Romeiros, só usamos meia capa. E lembrei-me de outra coisa, é que o bordo que divide a capa não podia ser terminado para dar a ideia que foi cortado à faca. Por isso não é rematado, é esfiampado para dar essa ideia de que foi cortado. Depois pensei na*

				cor da capa, porque os romanos tinham capas vermelhas, azuis e brancas. Ficou aquela cor de sangue-de-boi. Arranjei um homem muito engraçado, com o meu nome João Clara, de Manteigas, que fez as capas e, ao mesmo tempo, fui contactando o fundidor que fez as cruzes e por aí fora. *Tudo isto me demorou imenso tempo e serviu para eu ocupar a cabeça enquanto o meu pai morria.* *Por fim, eu achei que os Romeiros não deviam ter estatutos, mas sim regras, como era na Idade Média. Como eu não percebo nada de leis, pedi a um advogado meu amigo, que é quase meu irmão, que é o Rogério Tavares, que escrevesse em linguagem jurídica aquilo que eu tinha na cabeça. E assim foi, as regras dos Romeiros existem estão assinadas por mim, e por todos que na altura eram Romeiros-Conselheiros. Inicialmente eu tinha proposto que fossem apenas 4 ou 5 mas o Zé Maltez alargou para dez e hoje são efetivamente dez.* *Quanto à pertença, qualquer pessoa pode propor-se a Romeiro e pedir ficha de inscrição ao Secretariado da Feira. Nunca recusámos ninguém, mas claro que convém ser alguém ligado aos cavalos. Nós podemos fazer convites, eu por exemplo já fiz. Neste momento são mais de cem Romeiros.*